

O CÉU E O INFERNO

ou

A Justiça Divina Segundo o Espiritismo

Allan Kardec

10ª. Edição — do 103º ao 122º milheiros
Dezembro—2002

Nota: A LAKE é uma entidade sem fins lucrativos, cuja diretoria não possui remuneração.
Capa: Celso Zonatto Composição: Alpha Design (Tel: 5585-9709)

LAKE — Livraria Allan Kardec Editora
(Instituição Filantrópica)

Rua Assunção, 45 — Brás — CEP: 03005-020
Tel.: (011) 229-1227 • 229-0526 • 227-1396
Fax: (011) 229-0935 • 227-5714
e-mail: lakelivraria@uol.com.br
http: //www.lake.com.br
São Paulo—BRASIL

ISBN: 85-7360-024-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kardec, Allan; 1804 — 1869

O Céu e o Inferno, ou, A Justiça Divina Segundo o Espiritismo — Allan Kardec; edição inteiramente revista segundo o original francês — por João Teixeira de Paula e J. Herculano Pires, introdução de J. Herculano Pires — 10ª edição — São Paulo, LAKE — 2002,

1. Espiritismo 2. Espiritismo — Filosofia; I. Paula, João Teixeira de Pires e II. J. Herculano, 1914 — 1979 III. A Justiça Divina Segundo o Espiritismo

98-5704 CDD-133.9013

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Allan Kardec

O Céu e o Inferno

OBRAS DE ALLAN KARDEC

- O Livro dos Espíritos - 1857**
- Revista Espírita - 1858 a 1869**
- Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas – 1858**
(Obra substituída pelo **O Livro dos Médiuns**)
- O Que é o Espiritismo - 1859**
- O Livro dos Médiuns - 1861**
- O Espiritismo na sua mais Simples Expressão - 1862**
- Viagem Espírita em 1862 - 1862**
- Resposta à Mensagem dos Espíritos Lioneses por Ocasião do Ano Novo - 1862**
- O Evangelho Segundo o Espiritismo – 1864**
- Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos, ou Primeira Iniciação – 1864**
- Coleção de Composições Inéditas - 1865**
- O Céu e o Inferno - 1865**
- Coleção de Preces Espíritas - 1865**
- Estudo Acerca da Poesia Medianímica - 1867**
- Caracteres da Revelação Espírita - 1868**
- A Gênese Conforme o Espiritismo - 1868**
- Catálogo Racional das Obras Para se Fundar uma Biblioteca Espírita - 1869**
- Obras Póstumas - 1890**

ÍNDICE

Notícia Sobre o Livro

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

O FUTURO E O NADA

CAPÍTULO II

A PREOCUPAÇÃO COM A MORTE

Causas da preocupação com a morte

Porque os espíritos não se preocupam com a morte

Causas da preocupação com a morte

CAPÍTULO III

O CÉU

CAPÍTULO IV

O INFERNO

Intuição das penas futuras

O Inferno cristão imita o pagão

Os Limbos

Quadro do inferno pagão

Quadro do inferno cristão

Evangelistas

CAPÍTULO V

O PURGATÓRIO

CAPÍTULO VI

DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

Origem da Doutrina das Penas Eternas

Argumentos a favor das penas eternas

Refutação

Refutação

Impossibilidade material das penas eternas

A doutrina das penas eternas passou do tempo

Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original

CAPÍTULO VII

AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

A carne é fraca

Fontes da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

Código penal da vida futura

CAPÍTULO VIII

OS ANJOS

Os Anjos segundo o Espiritismo

CAPÍTULO IX

OS DEMÔNIOS

Origem da crença nos Demônios

Os demônios segundo o Espiritismo

CAPÍTULO X

INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

CAPÍTULO XI

DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

SEGUNDA PARTE - EXEMPLOS

CAPÍTULO I

A TRANSIÇÃO

CAPÍTULO II

ESPÍRITOS FELIZES

Sr. Sanson

A Morte do Justo

Samuel Philippe

Van Durst

Sixdeniers

O Doutor Demeure

A Viúva Foulon

Um Médico Russo

Bernardin

A Condessa Paula

Jean Reynaud

Em Bordeaux

António Costeou

A Srta. Ema

O Doutor Vignal

Victor Leblufe

A Senhora Anais Gourdon

Maurício Gontran

CAPÍTULO III

ESPÍRITOS EM CONDIÇÕES MEDIANAS

Joseph Bré

Hélèn Michel

O Marquês de Saint Paul

Cardon, médico
Eric Stanísias
Senhora Atina Belleville

CAPÍTULO IV

ESPÍRITOS SOFREDORES

O Castigo
Augusto Michel
Exprobrações de um Boémio
Lisbeth
Príncipe Ouran
Pascal Lavic
Francisco Riquier
Clara

CAPÍTULO V

SUICIDAS

O Suicida da Samaritana
O Pai e o Conscrito
François Simon-Louvet
Mãe e Filho
Duplo Suicídio por Amor e por Dever
Luís e a Prespontadeira de Botinas
(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858)
Um Ateu
Feliciano
António Bell

CAPÍTULO VI

CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

Veger
Leamíre
Benoist
O Espírito de Casteinaudary
Jaques Latour
Capítulo VII

CAPÍTULO VII

ESPÍRITOS ENDURECIDOS

Lapommeray
Angela (nulidade na Terra)
Um Espírito Aborrecido
A Rainha de Ude
Xumene

CAPÍTULO VIII

EXPIAÇÕES TERRESTRES

Marcelo — o menino do n.º. 4

Szymel Slizgol

Max, o mendigo

História de um criado

António B

Letil

Um Sábio Ambicioso

Carlos de Saint-G... (idiota)

Instrução de um Espírito acerca de idiotas e loucos, dada na Sociedade de Paris

Adelaide Margarida Gosse

Clara Rivier

Francisco Vernhes

Ana Bitter⁷

Joseph Maitre — O cego

NOTÍCIA SOBRE O LIVRO

Lendo-se este livro com atenção vê-se que a sua estrutura corresponde a um verdadeiro processo de julgamento. Na primeira parte temos a exposição dos fatos que o motivaram e a apreciação judiciosa, sempre serena, dos seus vários aspectos, com a devida acentuação dos casos de infração da lei. Na segunda parte o depoimento das testemunhas. Cada uma delas caracteriza-se por sua posição no contexto processual. E diante dos confrontos necessários o juiz pronuncia a sua sentença definitiva, ao mesmo tempo enérgica e tocada de misericórdia. Estamos ante um tribunal divino. Os homens e suas instituições são acusados e pagam pelo que devem, mas agravantes e atenuantes são levados em consideração à luz de um critério superior.

A 30 de setembro de 1863, como se pode ver em **Obras Póstumas**, Kardec recebeu dos Espíritos Superiores este aviso: "*Chegou a hora de a Igreja prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim do estado de incredulidade a que conduziu os espíritos.*" Esse julgamento começava com a preliminar constituída pelo **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e devia continuar com **O Céu e o Inferno**. Dentro de dois anos, em seu número de setembro de 1865, a **Revista Espírita** publicaria em sua secção bibliográfica a notícia do lançamento do quarto livro de Codificação Espírita: **O Céu e o Inferno**. Faltava apenas **A Gênese** para completar a obra da Codificação da III Revelação.

Dois capítulos de **O Céu e o Inferno** foram publicados antecipadamente na **Revista**: o capítulo intitulado *Da Apreensão da Morte*, vigorosa peça de acusação, no número de janeiro de 1865, e o capítulo *Onde é o Céu*, no número de março do mesmo ano. Apareceram ambos como se fossem simples artigos para a **Revista**, mas o último trazia uma nota final anunciando que ambos pertenciam a uma "*nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente*".

Em setembro a obra já aparece anunciada como à venda. Kardec declara que, não podendo elogiá-la nem criticá-la, a **Revista** se limitava a publicar um resumo do seu prefácio, revelando o seu conteúdo.

Os capítulos antecipadamente publicados aparecem, o primeiro com o mesmo título com que saíra e o segundo com o título reduzido para *O Céu*.

Estava dado o golpe de misericórdia nos dogmas fundamentais da teologia do cristianismo formalista, tipo inegável de sincretismo religioso com que o Cristianismo verdadeiro, essencial e não formal, conseguira penetrar na massa impura do mundo e levedá-la à custa de enormes sacrifícios. Kardec reafirma o caráter científico do Espiritismo. Como ciência de observação a nova doutrina enfrenta o problema das penas e recompensas futuras à luz da História, estabelecendo comparações entre as idealizações do céu e do inferno nas religiões anteriores e nas religiões cristãs, revelando as raízes históricas, antropológicas, sociológicas e psicológicas dessas idealizações e denunciando os absurdos a que chegara a imaginação teológica na formulação dos dogmas cristãos.

O capítulo primeiro de **O Céu e o Inferno** intitula-se *O Futuro e o Nada*. Esse título coloca o leitor em face das duas alternativas fundamentais do espírito. Kardec se revela ao mesmo tempo cartesiano e shakespeariano. É cartesiano quando propõe esta premissa lógica, de agudo realismo: Vivemos, pensamos, agimos; isto é positivo; não é menos certo que morremos. É shakespeariano quando evoca o dilema: Ser ou não ser, e eis a alternativa. Mas ao mesmo tempo se opõe, com a antecedência de mais de um século, à tese do nada que surgirá ali mesmo, na França, com a filosofia existencial de Jean-Paul Sartre, o teórico da frustração e da nadificação do homem.

O que mais impressiona neste processo jurídico é a objetividade da acusação. Não estamos diante de um tribunal romano, onde as normas do Direito se subordinam às exigências imediatistas do Império, mas perante um tribunal grego do mundo socrático, onde o juiz implacável pergunta a todo instante: o que é isso? e exige definição precisa segundo as leis da maiêutica. Estas comparações não são retóricas, são simplesmente históricas. O processo lógico de Kardec segue as linhas dialéticas da busca socrática da verdade, segundo a exposição platônica. O juiz que pontifica neste tribunal não enverga a toga impura de Anito, mas a túnica de Platão.

A comparação do inferno pagão com o inferno cristão é um dos mais eficazes trabalhos de mitologia comparada que se conhece. A mitologia cristã se revela mais grosseira e cruel que a pagã.

Bastaria isso para justificar o Renascimento. O mergulho da humanidade no sorvedouro medieval levou a natureza humana a um retrocesso histórico só comparável ao do nazifascismo em nosso tempo. Os intelectuais materialistas assustaram-se com o retrocesso do homem nos anos 40 do nosso século e puseram em dúvida a teoria da evolução. Se houvessem lido este livro de Kardec saberiam que a evolução não se processa em linha reta, mas em ascensão espiralada. Os teólogos medievais estavam racional e moralmente atrasados em relação aos teólogos gregos porque representavam uma vasta camada de população ainda não atingida pelas luzes da cultura helênica. A evolução do homem na Terra está sujeita às vicissitudes da superposição periódica de camadas populacionais inferiores que precisam aflorar na superfície cultural para se beneficiarem. A queda do Império Romano foi um momento de superposição dos bárbaros, que precisavam abeberar-se na cultura clássica. No episódio aparentemente inexplicável do nazi-fascismo tivemos um novo afloramento dos instintos bestiais do homem. Esses instintos ainda estão presentes em nosso mundo de após nazismo, mas vão sendo caldeados na ebulição cultural dos nossos dias. Nenhuma imagem explicaria melhor essa situação que a do caldeirão medieval, formulada por Wilhelm Dilthey.

Vemos assim que este livro de Kardec tem muito para ensinar, não só aos espíritas, mas também aos luminares da inteligência neo-pagã que perdem o seu tempo combatendo o Espiritismo, como gregos e romanos combateram inutilmente o Cristianismo. O processo espírita se desenvolve na linha de sequência do processo cristão. A conversão do mundo ainda não se completou. Cabe ao Espiritismo dar-lhe a última demão, como desenvolvimento natural, histórico e profético do Cristianismo em nosso tempo. A leitura e o estudo sistemático deste livro se impõem a espíritas e não-espíritas, a todos os que realmente desejam compreender o sentido da vida humana na Terra.

Mesmo entre os espíritas este livro é quase desconhecido. A maioria dos que o conhecem nunca se inteirou do seu verdadeiro significado. Kardec nos dá nas suas páginas o balanço da evolução moral e espiritual da humanidade terrena até os nossos dias. Mas ao mesmo tempo estabelece as coordenadas da evolução futura. As penas e recompensas de após morte saem do plano obscuro das superstições e do misticismo dogmático para a luz viva da análise racional e da pesquisa científica. É evidente que essa pesquisa não pode seguir o método das ciências de mensuração, pois o seu objeto não é material, mas segue rigorosamente as exigências do espírito científico moderno e contemporâneo. O grave problema da continuidade da vida após a morte despe-se dos aparatos mitológicos para mostrar-se com a nudez da verdade à luz da razão esclarecida.

Como ciência de observação o Espiritismo nos oferece a análise de Kardec na primeira parte do volume. Como ciência de pesquisa nos oferece a segunda parte, em que vemos Kardec investigar objetivamente a situação dos espíritos após a morte. Como ele acentua incessantemente, as penas e recompensas, que são as consequências naturais do comportamento humano na Terra, não aparecem aqui como alegorias ou suposições elaboradas pela mente, mas como o resultado da pesquisa mediúnica, da investigação direta da situação dos espíritos através de suas próprias revelações. E essas revelações não são gratuitas nem colhidas ao acaso, mas provocadas pelo experimentador através de anos de trabalho árduo e paciente. Mais de um século depois de realizado, esse trabalho é hoje sancionado pelas investigações recentes, não só no meio espírita mas também no campo das investigações parapsíquicas.

A imparcialidade de Kardec e o seu amor pela pesquisa, a sua confiança na eficiência da investigação científica transparecem a cada instante. Charles Richet teve razão ao reconhecer a vocação científica do Codificador do Espiritismo. Dando ao inferno e ao céu os seus contornos reais, com base nos resultados de sua investigação, Kardec não repudia o dogma do purgatório, o mais suspeito da estrutura teológica arbitrária porque introduzido tardiamente no sistema dogmático católico, mas aceita-o e justifica-o. O purgatório é a Terra, o lugar determinado e circunscrito em que purgamos as nossas imperfeições, encarnados ou desencarnados.

A doutrina teológica dos anjos e demônios é submetida também à prova dupla da análise racional e da pesquisa científica. A conclusão é límpida e certa: somos demônios quando estamos saindo da animalidade para a espiritualização e somos anjos quando estamos saindo da humanidade para a angelitude. Mas isso não é uma ideia, uma hipótese, o produto de uma elucubração mental ou de uma interpretação arbitrária de textos sagrados. É o resultado da observação e da pesquisa. Milhares de criaturas espirituais observadas, interrogadas, submetidas à experiência mediúnica forneceram os tipos psicológicos e morais da escala espírita, numa verdadeira classificação psíquica aplicável não só aos espíritos, mas também à tipologia humana.

A importância deste livro é maior do que realmente se pensa. No tocante à Teologia, como procuramos demonstrar em várias notas ao texto, **O Céu e o Inferno** antecipou de mais de um século as transformações que ora se operam no seio das várias igrejas. Se os teólogos, que pretendem ser homens mais do que homens, como Descartes os classificou, pudessem ter a

humildade suficiente para consultá-lo, encontrariam nestas páginas a solução dos seus mais angustiantes problemas.

(São Paulo, 30 de julho de 1973)

J. Herculano Pires

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

O FUTURO E O NADA

1 — Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos — eis o que é positivo. E nós morremos — o que não é menos certo. Mas ao deixar a Terra para onde vamos? No que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ainda nós mesmos ou não mais o seremos? *Ser ou não ser* — essa é a alternativa. Ser para todo o sempre ou nunca mais ser. Tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo estará acabado para sempre. Vale a pena pensarmos em tudo isso?

Toda criatura humana sente a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Diga -se àquele que sabe que vai morrer que ele ainda viverá ou que a sua hora foi adiada. Diga-se sobretudo que ele será mais feliz do que já foi — e o seu coração palpitará de alegria. Mas de que serviriam essas aspirações de felicidade, se basta um sopro para dissipá -las?

Haverá alguma coisa mais desesperadora do que essa ideia de destruição absoluta? (1) Sagradas afeições, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo seria destruído, tudo estaria perdido! Que necessidade feríamos de esforçar -nos para ser melhores, de nos constrangermos na repressão das paixões, de nos fatigarmos no aprimoramento do espírito, se de tudo isso não iremos colher nenhum fruto? E, sobretudo, diante da ideia de que amanhã, talvez, tudo isso não nos sirva para nada? Mas, se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto. Porque este vive inteiramente no presente, na plena satisfação de seus apetites materiais, nada aspirando para o futuro. Uma secreta intuição nos diz que isso é absurdo.

2 — Acreditando que o fim de tudo é o nada, o homem concentra forçosamente todo o seu pensamento na vida presente. Com efeito, não seria lógico preocupar -se com um futuro que não se espera. Essa preocupação exclusiva com o presente o leva naturalmente a pensar em si antes de tudo. É portanto, o mais poderoso estimulante do egoísmo, e a incredulidade é consequente consigo mesma quando chega a esta conclusão: gozemos enquanto vivemos, gozemos o mais possível, desde que após a morte tudo está acabado, gozemos logo, pois não sabemos quanto tempo isso vai durar. E também quando chega a esta outra conclusão, bastante grave para a sociedade: gozemos de qualquer maneira, cada qual por si, que a felicidade neste mundo cabe sempre ao mais esperto.

Se o respeito humano consegue deter alguns, que freio poderia segurar aqueles que nada tem? Eles dizem que a lei humana só protege os mal intencionados, e por isso aplicam todo o seu talento aos meios de fraudá -la. Se existe uma doutrina *malsã* e antissocial é seguramente essa do nada, pois que rompe os verdadeiros laços da sociedade e da fraternidade, fundamentos das relações sociais.

3 — Suponhamos que, em alguma circunstância, todo um povo se convença de que dentro de oito dias, um mês ou um ano ele será aniquilado, que nenhum indivíduo sobreviverá, que não

restará mais nenhum traço de nada um após a morte. O que faria esse povo durante este tempo? Trabalharia para se melhorar, para se instruir, se esforçaria para viver? Respeitaria os direitos, os bens, a vida de seus semelhantes? Se submeteria às leis, a alguma autoridade, qualquer que seja, mesmo a mais legítima: a autoridade paterna? Haveria para ele qualquer espécie de dever? Seguramente não.

Pois bem: isso que não acontece para um povo que a doutrina do nada realiza isoladamente a cada dia. Se as consequências não são tão desastrosas como poderiam ser, é primeiro porque na maior parte dos incrédulos há mais fanfarrice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção, e porque eles são mais temerosos do nada do que podem parecer. O epíteto de espírito forte alenta-lhes o amor próprio. Em segundo lugar, os verdadeiros incrédulos constituem uma ínfima minoria, que sofrem a contragosto a pressão da opinião contrária e são contidos pelas forças sociais. Mas que a verdadeira incredulidade se torne um dia a opinião da maioria e a sociedade estará em dissolução. É ao que leva a propagação da doutrina do niilismo. (2)

Seja quais forem as consequências, se o niilismo fosse uma doutrina verdadeira teríamos de aceitá-la, e não seriam os sistemas contrários, nem a ideia do mal que ela pudesse produzir, que poderiam eliminá-la. Ora, não se pode negar que o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno cada dia, apesar dos esforços da religião em contrário. Isso, é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade é que lhe falta alguma coisa para comba tê-la, de tal maneira que, se ela se imobilizasse, em pouco tempo estaria inevitavelmente superada. O que lhe falta neste século de positivismo, onde se quer compreender para crer, é a sanção das suas doutrinas pelos fatos positivos. E é também a concordância de algumas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se ela diz branco e os fatos dizem negro, temos forçosamente de optar entre a evidência e a fé cega (3).

4 — Em face desta situação o Espiritismo vem opor um dique à invenção da incredulidade, servindo-se não somente da razão e da perspectiva dos perigos a que ela arrasta, mas também dos fatos materiais, ao permitir que se toque com o dedo e se veja com o olho a alma e a vida futura.

Cada qual é livre sem dúvida no tocante à crença, podendo crer em alguma coisa ou não crer em nada. Mas os que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, e sobretudo da juventude, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade, seu saber e na ascendência da sua posição, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da dissolução, incorrendo numa grande responsabilidade.

5 — Há uma outra doutrina que se defende da acusação de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente além da matéria. É a doutrina da *absorção no todo universal*. Segundo esta doutrina cada indivíduo absorve ao nascer uma parcela do princípio que lhe dá a vida, constituindo a sua alma, a sua inteligência e os seus sentimentos. Com a morte, essa alma retorna ao elemento comum e se perde no infinito como uma gota d'água no oceano.

Essa doutrina é sem dúvida um passo adiante em relação ao puro materialismo, pois admite alguma coisa, enquanto o outro não admite nada. Mas as consequências de ambas são exatamente as mesmas. Que o homem seja mergulhado no nada ou num reservatório comum, é a mesma coisa. Se no primeiro caso ele é transformado em nada, no segundo perde a sua individualidade, o que equivale a perder a sua existência. As relações sociais são igualmente rompidas. O essencial para o homem é a conservação do seu *eu*. Sem isso, que lhe importa ser ou não ser? O futuro para ele não existe, num e noutro caso, e a vida presente é a única coisa que lhe interessa e o preocupa. Do ponto de vista das consequências morais essas duas doutrinas são perniciosas, igualmente desesperadoras, esta última, excitando o egoísmo da mesma maneira que o materialismo.

6 — Além disso, pode-se fazer a essa doutrina a seguinte objeção: todas as gotas d'água de um oceano se assemelham e têm as mesmas propriedades, como partes que são de um mesmo todo. Porque as almas, se foram tiradas de um grande oceano de inteligência universal se assemelham tão pouco entre si? Como explicar a presença do gênio ao lado do idiota? As mais sublimes virtudes junto aos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansidão ao lado da maldade, da crueldade e da barbárie? Como as partes de um todo homogêneo podem ser diferentes umas das outras? Poderão dizer que é a educação que as modifica? Mas então de onde procedem as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e os maus instintos que independem de qualquer educação e frequentemente não estão em harmonia com o meio em que as criaturas se desenvolvem?

A educação, não há dúvida, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma, mas neste ponto outra dificuldade se apresenta. Quem deu à alma a educação que a fez progredir? Outras almas que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas? Por outro lado, a alma, voltando ao todo universal de que sairá, após haver progredido durante a vida, leva a ele um elemento de perfeição, de onde se segue que esse todo deve ser profundamente modificado e melhorado com o tempo. Como se explica que dele saiam incessantemente almas ignorantes e perversas?

7 — Nessa doutrina a fonte universal da inteligência que produz as almas humanas é independente da Divindade. Não se trata, pois, do panteísmo. A doutrina panteísta propriamente dita difere dela ao considerar o princípio universal da vida e da inteligência como integrando a Divindade. Assim, Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria. Todos os seres, todos os corpos da natureza constituem a Divindade, da qual representam as moléculas e demais elementos componentes. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas. Cada indivíduo, sendo uma parte do todo é em si mesmo Deus. Nenhum ser superior e independente comanda o conjunto, O universo é uma imensa república sem presidente, onde todos ou cada um é o seu próprio chefe com poder absoluto.

8 — Podemos opor numerosas objeções a esses sistemas. As principais são as seguintes:

Não se podendo conceber a Divindade sem perfeições infinitas, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de parcelas tão imperfeitas que necessitam de progredir? Cada parcela estando submetida à lei do progresso, disso resulta que o próprio Deus deve progredir, e se ele progride sem cessar, deve ter sido muito imperfeito na origem dos tempos. Como um

ser imperfeito, formado de vontades e ideias tão divergentes, pode conceber as leis harmoniosas, tão admiráveis, de unidade, de sabedoria e de previdência que regem o universo? Se todas as almas são parcelas da divindade, todas concorreram para a criação das leis da natureza, como se explica que elas mesmas protestem continuamente contra essas leis, que são a sua própria obra? *Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira sob a condição de satisfazer à razão e explicar todos os fenômenos que abrange. Se um só fato puder desmentir - ela é que ela não possui a verdade absoluta.*

9 — Do ponto de vista moral as consequências são também inteiramente ilógicas. A princípio, temos para as almas, como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Se admitirmos, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservem a sua individualidade, Deus não terá mais uma vontade única, pois será um composto de miríades de vontades divergentes. Depois, sendo cada alma parte integrante da divindade, nenhuma será dominada por um poder superior. Em consequência, não haverá nenhuma responsabilidade individual pelos atos bons ou maus, como nenhum interesse em fazer o bem, podendo fazer impunemente o mal, desde que ela é o soberano senhor de si mesma.

10 — Além desses sistemas não satisfazerem à razão nem às aspirações do homem, apresentam-se, como se vê, cheios de dificuldades insuperáveis, de maneira que são incapazes de resolver todas as questões de fato que levantamos. *O homem tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e após a morte*. É a esta última crença que a lógica nos leva invencivelmente. É ela também que constitui o fundo de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos leva à individualidade da alma, nos leva também a outra consequência, a de que a sorte de cada alma deve depender de suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem no mesmo nível que o do homem de bem e do sábio. Segundo a justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para que sejam responsáveis é necessário que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem o livre-arbítrio haverá fatalidade e com esta a alma não poderia ter responsabilidade.

11 — Todas as religiões admitiram igualmente o princípio do destino feliz ou infeliz das almas após a morte, ou seja, das penas e dos gozos futuros que se resumem na doutrina do céu e do inferno, que encontramos por toda a parte. Mas no que elas diferem essencialmente é quanto à natureza das penas e dos gozos e *sobretudo* quanto às condições que podem levar as almas a merecerem umas e outras. Daí resultam os pontos de fé contraditórios que deram origem aos diferentes cultos e os deveres particulares impostos por todos eles para reverenciar a Deus, por meio dos quais se pode ganhar o céu e escapar ao inferno.

12 — Todas as religiões deviam estar, em sua origem, em relação com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens. Estes, ainda muito materiais para compreender o valor das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos na prática de fórmulas exteriores. Durante algum tempo essas fórmulas satisfizeram à sua razão. Mais tarde, esclarecendo-se os seus espíritos, sentiram o vazio dessas fórmulas, e como a religião não mais os satisfazem eles a abandonam e se tornam filósofos.

13 — Se a religião, a princípio apropriada aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse sempre seguido o desenvolvimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos porque a necessidade de crer está na própria natureza do homem e ele sempre crerá desde que lhe deem o alimento espiritual em harmonia com as suas exigências intelectuais. Ele quer saber de onde vem e para onde vai. Se lhe mostrarem um alvo que não corresponde às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que a ciência lhe fornece, se além disso lhe impõem, para atingir Deus, condições que a sua razão considera inúteis, ele repele a tudo. Então o materialismo e o panteísmo lhe parecem mais racionais, porque neles se discute e raciocina, e embora o raciocínio seja falso, ele prefere raciocinar falso a ser impedido de fazê-lo (4).

Mas se lhe apresentarem um futuro em condições lógicas, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele abandonará o materialismo e o panteísmo, dos quais sente o vazio em seu próprio íntimo e que só havia aceitado na falta de coisa melhor. O Espiritismo lhe oferece o melhor e é por isso que se vê acolhido ansiosamente por todos os que se atormentam com a incerteza pungente da dúvida, não encontrando nas crenças e nas filosofias vulgares aquilo que procuram. Ele tem a seu favor a lógica do raciocínio e a prova dos fatos. É por isso que inutilmente tem sido combatido.

14 — O homem tem a convicção instintiva do futuro, mas não tendo até então nenhuma base certa para a sua definição, criou pela imaginação os sistemas que o levaram à diversidade das crenças. A doutrina espírita sobre o futuro, não sendo obra de imaginação concebida de maneira engenhosa, mas sim o resultado da observação dos fatos materiais que hoje ocorrem aos nossos olhos, ligará, como já está fazendo atualmente, as opiniões divergentes ou incertas, e conduzirá pouco a pouco, pela própria força das circunstâncias, a crença a uma unidade baseada na certeza e não mais na hipótese. Realizada a unificação no tocante ao destino das almas, será este o primeiro ponto de aproximação dos diferentes cultos, um passo considerável para a tolerância religiosa, a princípio, e mais tarde para a fusão (5).

NOTAS:

(1) Cem anos depois de Kardec a Filosofia em França quase se desfez nos sofismas do nada, com Jean Paul Sartre e sua escola. Mas Simone de Beauvoir, companheira e discípula de Sartre, confirma e ilustra as considerações de Kardec ao escrever "... detesto pensar no meu aniquilamento. Penso com melancolia nos livros lidos, nos lugares visitados, no saber acumulado e que não mais existirá. Toda a música, toda a pintura, tantos lugares percorridos — e de repente mais nada!" — **La Force des Choses**, final do último capítulo. — *A aproximação da morte, sob a ideia do nada, acarreta às criaturas mais cultas essa desesperança amarga.* (N. do T.)

(2) Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca que foi declarada incurável. O veredicto da ciência havia sido: *Pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não passará disso.* O jovem ficou sabendo e logo abandonou todo o estudo e se entregou aos excessos de toda a espécie. Quando lhe mostravam quanto essa vida era perniciosa para a sua situação, ele respondia: *"Que me importa, desde que só tenho dois anos de vida? De que me valeria cansar a mente? Gozo o tempo que me resta e quero me divertir até o fim."* Eis a consequência lógica do niilismo. Mas se esse jovem fosse espírita poderia responder: *"A morte só destruirá o meu corpo que abandonarei como uma roupa usada, mas meu espírito continuará a viver. Eu serei, numa vida futura, o que fizer de mim mesmo nesta vida. Nada do que tenha adquirido em qualidades morais e intelectuais se perderá, porque isso representa uma conquista para o meu adiantamento. Toda a imperfeição de que me houver livrado será um passo no caminho da felicidade, minha ventura ou minha desgraça futura dependem da utilização de*

minha existência presente. É pois de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, evitando tudo o que pudesse diminuir as minhas forças." Qual dessas duas doutrinas será preferível? (Nota de Kardec).

(3) Muitos esforços se fazem ainda hoje, particularmente no campo da Cibernética e do Estruturalismo, para demonstrar que o homem não tem liberdade. O Espiritismo é, por excelência, a doutrina da liberdade e da responsabilidade individuais. Mas o conceito de liberdade, no Espiritismo, não é absoluto. A liberdade humana é condicionada pelas condições corporais (hereditariedade, constituição etc.) pelo meio físico, pelas características raciais, pela cultura e pelas normas sociais e morais, bem como pela constituição psíquica de cada indivíduo e pelo determinismo do seu passado espiritual, do seu *karma*. Dentro de todas essas limitações, entretanto, subsiste a capacidade de optar, de escolher e de agir segundo a vontade. Essa capacidade permite mesmo à criatura abrandar ou romper algumas das limitações que lhe são impostas, até mesmo no plano *kármico*, onde a lei do amor lhe serve de instrumento para remover ou atenuar consequências nefastas. Assim, o determinismo está na *facticidade* (no conjunto de condições com que o homem apareceu feito no mundo) e a liberdade ou *livre-arbítrio* está na *ipseidade* (na individualização ou na essência do ser condicionado pela forma). É bom lembrar que não estamos no absoluto, mas no relativo, e que neste não existe liberdade onde não houver condições para que ela se exerça. Para melhor compreensão deste problema ler **O Ser e a Serenidade**, de J. H. Pires, edição "Nosso Lar". (N. do T.)

(4) O materialismo e a descrença são *flores de estufa*, criações artificiais das fases de desenvolvimento cultural. Nessas fases, o desequilíbrio entre as estruturas religiosas, que vêm do passado, e as exigências novas da evolução cultural provoca a defecção religiosa. Por isso os ateus e materialistas constituem sempre minorias. Essas minorias correspondem ao número de pessoas que puderam acompanhar a evolução cultural. A massa da população permanece apegada às fórmulas religiosas tradicionais, mas, na proporção em que a cultura se divulga, a descrença e o materialismo florescem. Kardec colocou o problema numa síntese admirável, como se vê na parte grifada do período acima. (N. do T.)

(5) Foi necessário mais de um século para que esta previsão de Kardec, não profética mas formulada em termos da moderna Futurologia, começasse a realizar-se. O atual Ecumenismo, que significativamente deixa de lado o Espiritismo, é um passo, apesar das dificuldades que o entram, para a futura fusão do pensamento religioso na Terra. Nos mundos superiores, segundo informam os Espíritos mais elevados, os cultos religiosos se fundem numa forma única, simplificada e racional. As tentativas de criação de teorias ecléticas e de construção de templos comuns para diversas religiões, em nosso tempo, são outros sinais da evolução religiosa do planeta. Em nosso país chegou-se a propor, no Congresso Nacional, a transformação da Catedral de Brasília num templo destinado a todas as religiões. A proposta foi apresentada pelo deputado Campos Vergai, de São Paulo (espírita) mas não teve o devido andamento. (N. do T.)

CAPÍTULO II

A PREOCUPAÇÃO COM A MORTE

Causas da preocupação com a morte —
Porque os espíritas não se preocupam com a morte

Causas da preocupação com a morte

1 — O homem, em qualquer situação social, desde o estado de selvageria, tem o pressentimento inato do futuro. Sua intuição lhe diz que a morte não é a última fase da existência e que aqueles que choramos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada que a ideia do nada. Como se explica, entretanto, que entre os que acreditam na imortalidade da alma ainda se encontre tamanho apego às coisas terrenas e tão grande preocupação com a morte? (6)

2 — A preocupação com a morte é determinada pela sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. É necessária, enquanto o homem não estiver esclarecido a respeito da vida futura, como um contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio o levaria a deixar prematuramente a vida terrena e a negligenciar o seu trabalho neste mundo, que deve servir para o seu próprio adiantamento.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro aparece apenas como vaga intuição, tornando-se mais tarde uma simples esperança, e finalmente se transformando em certeza, mas ainda assim contrabalançada por um secreto apego à vida corporal.

3 — À medida em que o homem compreende melhor a vida futura a preocupação com a morte diminui. Mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor a sua missão na Terra ele espera o seu fim com mais calma, resignação e sem medo. A certeza da vida futura dá novo curso às suas ideias e outra finalidade aos seus trabalhos. Antes de ter essa certeza ele só trabalha com vistas à vida presente. Com essa certeza ele trabalha com vistas ao futuro sem negligenciar o presente, porque sabe que seu futuro depende da orientação mais ou menos boa que der ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar as relações que tinha na Terra, *de não perder o fruto de nenhum de seus trabalhos*, de crescer sem cessar em inteligência e perfeição, lhe dá a paciência de esperar e a coragem de suportar as fadigas passageiras da vida terrena. A solidariedade que ele descobre entre os vivos e os mortos lhe faz compreender a que deve existir entre os vivos e desde então a fraternidade revela a sua razão de ser e a caridade o seu objetivo no presente e no futuro.

4 — Para escapar às preocupações com a morte ele precisava encarar a esta no seu verdadeiro sentido, quer dizer, penetrar pelo pensamento no mundo espiritual e fazer sobre ele uma ideia tão exata quanto possível, o que denota no espírito encarnado um certo desenvolvimento e uma certa aptidão para se libertar da matéria. Para os que não estão suficientemente adiantados a vida material ainda se sobrepõe à vida espiritual.

Apegando-se ao exterior, o homem só vê a vida do corpo, quando a vida real é a da alma. O corpo estando privado de vida, tudo lhe parece perdido e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar o seu pensamento nas vestes exteriores, ele o dirigisse para a verdadeira fonte da vida, para a alma, ser real que sobrevive a tudo, lamentaria menos o corpo, fonte de tantas misérias e dores. Mas para isso necessita de uma força que o Espírito só adquire amadurecendo.

A preocupação com a morte está ligada à insuficiência de noções sobre a vida futura. Por isso, quanto mais ela se liga à necessidade de viver, mais aumenta o temor da destruição do corpo como o fim de tudo. Ela é assim provocada pelo secreto desejo de sobrevivência da alma, ainda velada pela incerteza.

A preocupação se enfraquece à medida que se desenvolve a certeza e desaparece por completo quando esta se firma.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não perturbar o homem cuja razão ainda não esteja suficientemente forte para suportar a perspectiva demasiado positiva e sedutora de um futuro que poderia levá-lo a negligenciar o presente, necessário ao seu progresso material e intelectual (7).

5 — Esta situação é mantida e prolongada por causas puramente humanas que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sobre o qual se apresenta a vida futura, aspecto que poderia bastar para as inteligências pouco avançadas, mas não poderia satisfazer às exigências racionais de homens de reflexão. Desde que nos apresentam, dizem estes, como verdades absolutas, princípios contraditados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que não são verdadeiras. Daí resulta a incredulidade de alguns e para grande número a crença duvidosa. A vida futura é para eles uma vaga ideia, antes uma probabilidade do que uma certeza. Eles desejariam crer, quereriam que fosse verdade e malgrado isso dizem a si mesmos: *"Mas se não for assim? O presente é positivo. Ocupemo-nos primeiro dele, o futuro virá por acréscimo."*

"E depois, dizem ainda, o que é na verdade a alma? Um ponto, um átomo, uma centelha, uma flama? Como ela ouve, como vê, como percebe?" A alma não é para eles uma realidade positiva. É uma abstração. Os seus seres queridos, reduzidos à condição de átomos no seu pensamento, estão por assim dizer perdidos para eles, não tendo mais aos seus olhos as qualidades que os faziam amados. Não podem compreender o amor de uma centelha, nem o que se pudesse ter por ela, e eles mesmos não se sentem satisfeitos de ser transformados em mônadas. Daí o seu retorno ao positivismo da vida terrena, que lhes oferece alguma coisa mais substancial. É considerável o número dos que são dominados por esses pensamentos.

6 — Outra razão que amarra às coisas terrenas até mesmo as pessoas que acreditam firmemente na vida futura, liga-se à impressão que conservam de ensinamentos recebidos na infância.

O quadro apresentado pela Religião, a esse respeito, temos de convir que não é muito sedutor nem consolador. De um lado vemos as contorções dos danados que expiam nas torturas e nas

chamas sem fim os seus erros passageiros. Para eles os séculos sucedem aos séculos sem esperança de abrandamento nem de piedade. E o que é ainda mais impiedoso, para eles o arrependimento é ineficaz. De outro lado, as almas sofredoras e exaustas do purgatório esperando a sua libertação da boa vontade dos vivos que devem orar ou mandar orar por elas, e não dos seus próprios esforços para progredir. Essas duas categorias constituem a imensa maioria da população do outro mundo.

Acima dela paira a restrita classe dos eleitos, gozando pela eternidade uma beatitude contemplativa. Essa inutilidade eterna, sem dúvida preferível ao nada, nem por isso é menos fastidiosa. É por isso que vemos nas pinturas que retratam os bem-aventurados, as figuras angélicas que respiram mais o tédio do que a verdadeira felicidade.

Essa situação não satisfaz às aspirações nem à ideia instintiva de progresso que é a única compatível com a felicidade absoluta. É difícil conceber que o selvagem e o ignorante de senso obtuso, somente por haverem recebido o batismo, sejam colocados no mesmo nível daquele que chegou ao mais elevado grau da sabedoria e da moral, após longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, goze dos mesmos privilégios, somente por efeito de uma cerimónia a que foi submetida sem nenhuma participação da sua vontade. Esses pensamentos não deixariam de perturbar os mais fervorosos, por pouco que refletissem à respeito.

7 — O trabalho que os faz progredir na Terra não tendo nenhuma influência sobre a felicidade futura, a facilidade com que pensam conquistar essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, a possibilidade mesmo de comprá-la com dinheiro, sem uma reforma séria do carácter e dos costumes, fazem que os gozos do mundo conservem todo o seu valor. Muitos crentes dizem para si mesmos que, se o seu futuro está assegurado pelo cumprimento de certas obrigações formais ou pelas graças que os esperam após a morte, seria tolice fazerem sacrifícios ou sofrerem qualquer coisa em benefício dos outros, uma vez que se pede atingir a salvação trabalhando cada um para si mesmo.

Certamente nem todos pensam dessa maneira, pois há grandes e belas exceções. Mas não se pode negar que não seja esta a atitude da maioria, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que comumente se faz das condições para a felicidade no outro mundo não entretém o apego aos bens terrenos e por conseguinte o egoísmo.

8 — Acrescentemos que tudo, nos nossos costumes, concorre para fazer que lamentemos a perda da vida terrena e temamos a passagem da Terra para o Céu. A morte é cercada de cerimónias lúgubres que servem mais para aterrorizar do que para despertar a esperança. Sempre se representa a morte sob um aspecto repulsivo e jamais como um sono de transição. Todos os seus símbolos lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado. Nenhum nos apresenta a alma se despreendendo radiosa dos laços terrenos (8).

A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada das lamentações dos que ficam, como se houvesse acontecido a maior desgraça para aqueles que partiram. Dizem-lhe adeus eterno como se jamais eles pudessem ser vistos de novo. Lamenta-se que tenham perdido os prazeres deste mundo, como se não tivessem de encontrar prazeres maiores no outro. Que

infelicidade, dizem, morrer quando ainda se é jovem, rico, feliz e tendo pela frente, um futuro brilhante.

A ideia de uma situação mais feliz apenas passa pela mente, pois não tem raízes suficientes. Tudo concorre, pois, para inspirar o pavor da morte em lugar de despertar a esperança. O homem levará ainda longo tempo, sem dúvida, a se livrar desses prejuízos, mas o conseguirá na medida em que a sua fé se consolide, em que fizer uma ideia mais pura da vida espiritual.

9 — A crença vulgar, por outro lado, coloca as almas em regiões que são acessíveis apenas ao pensamento, onde elas se tornam de qualquer maneira estranhas aos que continuam vivos na Terra. A própria igreja coloca entre elas e estes últimos uma barreira intransponível: declara que toda relação está rompida e que toda comunicação é impossível (9).

Se as almas se encontram no inferno, toda esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos que a gente também vá para lá. Se elas se encontram entre os eleitos, estão inteiramente absorvidas pela beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os mortos e os vivos uma distância imensa que nos faz considerar a separação como eterna.

Eis porque preferimos ter junto a nós, sofrendo na Terra, os seres que amamos, a vê-los partir mesmo que seja para o céu. Além disso, a alma que se encontra no céu será realmente feliz ao ver, por exemplo *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos* queimando eternamente?

Porque os espíritas não se preocupam com a morte?

10 — A doutrina espírita muda completamente a maneira de ver-se o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade. A situação das almas após a morte não se explica por meio de um sistema, mas com o resultado da observação. O véu é levantado. O mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade viva. Não foram os homens que o descobriram através de uma concepção engenhosa, mas os próprios habitantes desse mundo que nos vieram descrever a sua situação.

Vemo-los ali em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da ventura e da desgraça, assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Está nisso a causa da seriedade com que os espíritas encaram a morte, da calma dos seus derradeiros instantes na Terra. O que os sustenta não é somente a esperança, mas a certeza. Sabem que a vida futura não é mais do que a continuação da vida presente em melhores condições, e esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascimento do sol depois de uma noite tempestuosa. Os motivos desta confiança estão nos fatos que testemunharam e na concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e a bondade de Deus e com as aspirações mais profundas do homem.

Para os espíritas a alma não é mais uma abstração. Ela possui um corpo etéreo que a torna um ser definido, que podemos conceber pelo pensamento. Isso é o suficiente para nos esclarecer quanto à sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros repousa, assim, sobre algo real. Não os representamos mais

como chamadas fugitivas que nada dizem ao nosso pensamento, mas como formas concretas que no-los apresentam melhor como seres vivos.

Além disso, em lugar de estarem perdidos nas profundezas do espaço, estão ao nosso redor: o mundo corpóreo e o mundo espiritual estão em constantes relações e mutuamente se assistem. A dúvida sobre o futuro já não tendo mais lugar, a preocupação com a morte deixa de ter razão. Esperamo-la tranquilamente, como uma libertação, como a porta da vida e não como a do nada (10).

NOTAS:

(6) A intuição inata da vida futura é um dos fatores básicos da origem das religiões. (N. do T.)

(7) A advertência de Kardec, neste pequeno trecho, exige a maior atenção do leitor. Muitas pessoas têm o anseio, justo mas imprudente, de converter todo mundo às suas crenças. O Espiritismo não tem necessidade de proselitismo. Kardec sempre acentuou que *ele não veio para os que estão satisfeitos em sua crença ou descrença*, mas para os que não o estão e procuram algo mais. Há pessoas que não se acham em condições de compreender os princípios espíritas. Fazê-las aceitar esses princípios pode ser prejudicial. Ao se convencerem, por exemplo, de que a vida espiritual é superior à material, elas poderão desprezar esta última e negligenciar as oportunidades que a atual encarnação lhes oferece para o progresso e a reparação do passado. E isto não se refere apenas às pessoas incultas ou de inteligência reduzida. Também pessoas inteligentes e cultas podem não estar em condições de compreender o problema, em virtude de longos estágios do passado em que insistiram no materialismo e na descrença. (N. do T.)

(8) Essa impressão negativa da morte foi intencional. O objetivo era atemorizar as criaturas a fim de se portarem bem na vida. Há uma relação evidente entre essa ameaça da morte e as ameaças de castigos nas escolas, para garantir o bom comportamento dos alunos. Mas esse recurso, que produziu resultados entre homens ignorantes e brutais, perderia o seu efeito na proporção em que a Civilização se desenvolvesse. Aconteceu com ele o que ensina uma lei da Dialética: o que hoje serve ao progresso, amanhã se torna obstáculo e deve ser removido. Mas, por outro lado, essas *cerimônias lúgubres* e toda essa ameaça passou para o plano dos costumes, criou raízes populares e se tornou ainda uma das fontes de renda para as organizações eclesiásticas. Tudo isso impediu, até mais da metade do século XIX, que as religiões organizadas, chamadas positivas, fizessem alguma coisa para acompanhar o progresso cultural. Ainda hoje, apesar das reformas em curso, o problema da morte continua na mesma situação analisada por Kardec. (N. do T.)

(9) "Na crença vulgar", diz Kardec, porque a Teologia católica já no seu tempo o colocava o problema em termos de *estado de consciência*. Não obstante, os clérigos continuavam a pregar dos púlpitos em termos de crença vulgar. A comparação que Kardec faz, mais adiante, entre o Inferno pagão e o Inferno cristão, esclarecerá bem este assunto. Quanto ao rompimento absoluto de relações entre vivos e mortos, devemos acentuar que havia e ainda subsiste uma atitude contraditória: a relação pode ser permitida por Deus, em casos excepcionais, mas somente no seio da Igreja. Assim, as comunicações espíritas são condenadas como demoníacas, mas as comunicações católicas, sejam de santos e anjos ou mesmo de almas sofredoras, são consideradas legítimas e até mesmo divulgadas em livros. (N. do T.)

(10) A ideia de que as almas dos mortos se tornam chamadas *fugitivas* penetrou fundamente na consciência coletiva dos povos. Vemos a sua sobrevivência até mesmo em pessoas esclarecidas que se tornam espíritas. Nas atas das sessões que realizava, por ele mesmo redigidas, o escritor Monteiro Lobato refere -se constantemente aos espíritos como *gases, chamadas flutuantes*, etc., o que levava alguns dos comunicantes a endossarem a concepção. Um deles lhe respondeu: *Sou agora uma chamazinha errante*. Referindo-se à sua própria morte, Lobato escreveu que iria *passar do estado sólido ao gasoso*. O Espiritismo nos mostra que a situação do homem após a morte é muito diferente disso. Conservando o corpo espiritual (de que tão precisamente trata o apóstolo Paulo em I Coríntios) o espírito desencarnado conserva até mesmo a forma corporal, as características físicas que o distinguem na vida terrena, e pode assim identificar -se em suas manifestações pela vidência, pelos fenômenos de aparição e pelos de materialização. Isso permite, ainda — o que estranha às pessoas que desconhecem o

problema — que o espírito se identifique pela sua própria voz nos fenômenos de audição mediúnica ou de comunicação por *voz direta*. Para melhor compreensão deste problema leia-se o livro de H. Dennis Bradiey: **Rumo às Estrelas**, tradução de Monteiro Lobato, reeditado pela LAKE. As teorias de Johannes são puramente pessoais e não têm valor doutrinário. O que importa nesse livro é a descrição das sessões de voz direta e a prova da sobrevivência espiritual. (N. do T.)

CAPÍTULO III

O CÉU

1 — A palavra céu se aplica geralmente ao espaço infinito que envolve a Terra, e mais particularmente à parte que se eleva sobre o horizonte. Ela vem do latim *coelum*, formada do grego *coilos*: côncavo, porque o céu apresenta o aspecto de uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, constituídos de matéria sólida e transparente, formando as esferas concêntricas que tinham a Terra por centro. Essas esferas, girando ao redor da Terra, arrastavam com elas os astros encontrados nos seus circuitos.

Essa ideia, decorrente da insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os diferentes degraus da escala da beatitude. O último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete céus. Dai a expressão: *Estar no sétimo céu* para exprimir uma felicidade perfeita. Os muçulmanos admitiam a existência de nove céus, em cada um dos quais a felicidade dos crentes era maior. O astrônomo Ptolomeu contava onze, sendo o último chamado Empíreo em virtude da grande luminosidade que o caracterizava.

Esse é ainda hoje o nome poético dado à região da glória eterna. A teologia cristã reconhece a existência de três céus: O primeiro é a região do ar e das nuvens, o segundo é o espaço em que se movem os astros, o terceiro está além da região dos astros e é a morada do Supremo Ser e dos eleitos que o contemplam face a face. É de acordo com esta crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

2 — As diferentes doutrinas referentes à morada dos bem-aventurados repousam todas no duplo erro de que a Terra é o centro do Universo e de que a região dos astros é limitada. É além deste limite imaginário que todas elas colocam a região afortunada e a morada do Todo Poderoso. Estranha anomalia que coloca o autor de todas as coisas, Aquele que a todas governa, nos confins da criação ao invés do centro de onde a irradiação do seu pensamento poderia estender-se ao todo.

3 — A Ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, iluminou com a sua luz as profundezas do espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. A Terra não é mais o centro do Universo, mas um dos seus menores astros girando na imensidade. O próprio sol é apenas o centro de um turbilhão planetário. As estrelas são inumeráveis sóis em torno dos quais giram inumeráveis mundos, separados por distâncias que são apenas acessíveis ao nosso pensamento, embora eles nos deem a impressão de se tocarem.

Nesse conjunto, regido por leis eternas que revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra aparece como um ponto imperceptível e um dos menos favoráveis à habitabilidade. Dessa maneira pergunta-se porque Deus a teria feito a única sede da vida e relegado a ela as criaturas de sua predileção. Muito ao contrário, tudo nos diz que a vida se encontra por toda parte e que a Humanidade é infinita como o próprio Universo. A Ciência tendo nos revelado a existência de mundos semelhantes à Terra, é evidente que Deus não os podia ter criado sem finalidade: ele os deve ter povoado de seres capazes de os governar (11).

4 — As ideias do homem estão sempre na razão dos seus conhecimentos. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos teve que influir nessas ideias mudando-lhes o curso. Sob a influência dos novos conhecimentos as crenças tiveram de modificar-se. O céu foi deslocado, a região das estrelas, sendo sem limites, não lhe deixa mais espaço. Para onde foi ele? Diante dessa pergunta todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la ao demonstrar o verdadeiro destino do homem. A natureza deste último e os atributos de Deus sendo tomados como ponto de partida, chega -se à conclusão. Quer dizer que, partindo do conhecido chega -se ao desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que permitem ao Espiritismo chegar a esse ponto.

5 — O homem se constitui de corpo e espírito. O Espírito é o ser principal, o ser racional, o ser inteligente. O corpo é o envoltório material que reveste temporariamente o Espírito para o cumprimento da sua missão na Terra, permitindo -lhe executar os trabalhos necessários ao seu adiantamento. O corpo se destrói depois de usado e o Espírito sobrevive a esta destruição. Sem o Espírito o corpo é apenas matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o movimentava. Sem o corpo, o Espírito continua integral: É vida e inteligência. Deixando o corpo ele volta ao mundo espiritual de que saíra para se encarnar.

Há portanto o *mundo corpóreo*, constituído pelos Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual*, constituído dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, em razão do seu envoltório material, estão ligados à Terra ou a qualquer outro globo. O mundo espiritual estende-se por toda parte, ao redor de nós e através do espaço. Nenhum limite podemos assinalar para ele. Em razão da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o constituem não se arrastam penosamente sobre o solo, mas atravessam as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

6 — Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dispoem de aptidão para todas as aquisições e para progredir, em virtude do seu livre -arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e por conseguinte novas possibilidades de prazer, desconhecidas dos Espíritos inferiores. Eles veem, ouvem, sentem e compreendem aquilo que os Espíritos atrasados não podem ver, nem ouvir, nem sentir e nem compreender.

A felicidade está na razão do progresso realizado. Dessa maneira, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz como o outro unicamente porque não é tão avançado intelectual e moralmente como ele, sem haver necessidade de cada um se encontrar numa região diferente.

Embora estando lado a lado, um pode se encontrar nas trevas enquanto para o outro tudo é resplandecente ao seu redor, da mesma maneira como um cego e um vidente podem se dar as mãos. Um percebe a luz que entretanto não impressiona o outro. *A felicidade dos Espíritos, sendo inerente às suas próprias qualidades, eles a gozam por toda parte, onde quer que se encontrem, na face da Terra, entre os encarnados ou no espaço .*

Uma comparação vulgar nos permitirá compreender ainda melhor esta situação. Se, num concerto se encontram dois homens: um bom músico de ouvidos exercitados, o outro sem conhecimentos musicais e de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimenta uma

sensação de felicidade enquanto o segundo permanece insensível. Isso porque um percebe e compreende o que não produz nenhuma impressão sobre o outro. Assim acontece com todas as alegrias dos Espíritos que estão na razão direta das suas aptidões para senti-las. O mundo espiritual está repleto de esplendores, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda sujeitos às influências da matéria, não podem sequer entrever, pois são acessíveis apenas aos Espíritos depurados (12).

7 — O progresso dos Espíritos é o resultado do seu próprio trabalho. Mas como eles são livres e trabalham para o seu adiantamento com maior ou menor atividade ou negligência, segundo à sua vontade, eles apressam assim ou retardam o seu próprio progresso, o que vale dizer a sua felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros se arrastam por longos séculos nos lugares inferiores. Eles são, portanto, os próprios artífices da sua situação feliz ou desgraçada, segundo estas palavras do Cristo: *A cada um segundo as suas obras*. Cada Espírito que fica atrasado só pode lamentar-se de si mesmo, como aquele que avança tem todo o mérito do seu progresso: A felicidade que conquistou tem assim mais valor aos seus próprios olhos (13).

A felicidade suprema é prêmio exclusivo dos Espíritos perfeitos, o que vale dizer dos Espíritos puros. Eles a atingem só depois de haver progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente andam juntos, mas o que o Espírito não consegue num determinado tempo, o consegue em outro, de maneira que essas duas formas de progresso acabam por atingir o mesmo nível. Essa a razão pela qual frequentemente se veem homens inteligentes e instruídos que são muito pouco avançados no terreno moral, e vice-versa.

8 — A encarnação é necessária ao Espírito para conseguir esse duplo progresso, intelectual e moral. O progresso intelectual é realizado pela atividade que é obrigado a desenvolver nos seus trabalhos. O progresso moral, pela necessidade das relações mútuas entre os homens. *A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades*. A bondade, a maldade, a mansidão, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por motivo, por alvo e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes. *Para o homem que vive só não há vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, também anula as possibilidades do bem* (14).

9 — Uma só existência corpórea é evidentemente insuficiente para o Espírito adquirir tudo o que lhe falta no campo do bem e se desfazer de tudo o que possui de mal. O selvagem, por exemplo, jamais poderia atingir numa só encarnação o nível moral e intelectual de um europeu dos mais avançados. Isso seria materialmente impossível. Deveria ele então permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos gozos que só o desenvolvimento das suas faculdades lhe pode proporcionar? O simples bom senso repele essa suposição, que seria ao mesmo tempo a negação da justiça e da bondade de Deus, bem como da lei de progresso que rege a Natureza. Eis porque Deus, soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas existências quantas forem necessárias para atingir o seu objetivo, que é a perfeição.

Em cada nova existência o Espírito se apresenta com o que adquiriu nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência é assim um passo dado no caminho do progresso (15).

A encarnação é inerente à condição de inferioridade dos Espíritos. Ela se torna desnecessária para aqueles que romperam esses limites e progrediram espiritualmente ou nas existências corporais dos mundos superiores, onde nada mais existe da materialidade terrena. Para esses a encarnação é voluntária, com o fim de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta no cumprimento das missões de que estiverem encarregados. Eles aceitam as suas vicissitudes e os seus sofrimentos por abnegação.

10 — No intervalo das existências corpóreas o Espírito volta por tempo mais ou menos longo ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que tenha praticado. O estado espiritual é a situação normal do Espírito, pois esse deve ser o seu estado definitivo, e porque o corpo espiritual nunca morre. O estado corpóreo é apenas transitório, passageiro. É sobretudo no estado espiritual que ele recolhe os frutos do progresso realizado durante a encarnação. É então que ele também se prepara para novas lutas e toma resoluções que se esforçará para pôr em prática no seu retorno ao seio da humanidade.

O Espírito progride igualmente na erraticidade. Nela adquire conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra. Suas ideias então se modificam. O estado corpóreo e o estado espiritual são para ele as fontes de duas formas de progresso que se desenvolvem solidárias. É por isso que ele passa alternativamente por esses dois modos de existência (16).

11 — A reencarnação pode se dar na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos há os mais avançados, onde a existência decorre em condições menos penosas do que na Terra, física e moralmente. Mas nesses mundos só são admitidos os Espíritos que chegaram ao grau de perfeição a eles correspondentes.

A vida nos mundos superiores já é em si mesma uma recompensa, porque ali estaremos livres dos males e das vicissitudes que enfrentamos neste mundo. Os corpos menos materiais, quase fluídicos, não estão sujeitos às doenças, às dificuldades e nem mesmo às necessidades dos nossos. Os maus espíritos estando excluídos deles, os homens vivem em paz, cuidando apenas do seu progresso pelo trabalho da inteligência.

Nesses mundos, reinando a verdadeira fraternidade, não existe o egoísmo. A igualdade é legítima, porque não existe o orgulho. A liberdade é verdadeira porque não existem desordens que exijam repressão, nem ambições tentando oprimir os fracos. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos e representam as diversas etapas da rota do progresso que conduz o Espírito ao seu estado definitivo. A Terra, sendo um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, é essa a razão por que o mal nela domina até que praza a Deus transformá-la em morada de Espíritos adiantados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente, à medida que se desenvolve vai chegando ao apogeu da felicidade. Mas antes de atingir o ponto culminante da perfeição ele já goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. É como a criança que gosta dos brinquedos nos seus

primeiros anos, mais tarde prefere os prazeres da juventude e finalmente aqueles mais verdadeiros da idade madura.

12 — A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como frequentemente se diz, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os seus graus, é pelo contrário uma atividade constante, mas livre de fadiga. A suprema felicidade consiste em desfrutar todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana poderia exprimir, que a mais fecunda imaginação não poderia conceber. Consiste ainda no conhecimento e na compreensão de todas as coisas, na ausência de qualquer sofrimento físico e moral, na satisfação íntima, na serenidade do espírito que nada altera, no amor que une a todos os seres e portanto na ausência de todo o aborrecimento proveniente da relação com os maus, e acima de tudo na visão de Deus e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos.

Mas ela está também no exercício das funções que felicitam o Espírito encarnado. Os Espíritos puros são os Messias ou mensageiros de Deus para transmissão e a execução de seus desígnios. Eles cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, incumbência gloriosa a que só chegam pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos que estão no segredo de Deus e se inspiram no seu pensamento, do qual são os representantes diretos.

13 — As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu progresso, ao seu esclarecimento, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que merecem do Soberano Senhor. Não existem privilégios nem favores que não decorram do próprio mérito. Tudo é medido pela mais estrita justiça. As missões mais importantes só são confiadas aos que Deus sabe que estão em condições de cumpri-las e são incapazes de falir ou de compromê-las na sua realização.

Enquanto sob o próprio olhar de Deus os mais dignos constituem o conselho supremo, aos principais Espíritos é entregue a direção dos turbilhões planetários e aos outros a dos mundos especiais. Vêm em seguida, na ordem do adiantamento e da disposição hierárquica, as atribuições mais restritas dos que são incumbidos da orientação dos povos, da proteção às famílias e aos indivíduos, de impulsionar cada ramo do progresso, das diversas operações da Natureza, até aos mais íntimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto há ocupações para todas as boas disposições. São ocupações aceitas com alegria e solicitadas com ardor porque representam um meio de adiantamento para os Espíritos que desejam elevar-se.

14 — Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há também as de todos os graus de importância entregues aos Espíritos de todas as ordens, o que nos permite dizer que cada encarnado tem a sua, ou seja: deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família a quem incumbe o cuidado de fazer progredir os filhos, até o homem de génio que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que frequentemente se verificam as falências, as prevaricações, as omissões, que entretanto só prejudicam ao próprio indivíduo e não ao conjunto.

15 — Todas as inteligências concorrem para a obra geral, qualquer que seja o seu grau de desenvolvimento, cada uma na medida das suas possibilidades. Umas como encarnadas, outras como Espíritos. Por toda parte depuramos com a atividade, desde o mais baixo ao mais alto da escala, todos se instruindo, se ajudando mutuamente, se apoiando e se dando as mãos para atingirem o alvo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo, ou seja entre os Espíritos e os homens, entre os Espíritos livres e os Espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e pela continuidade das relações, as verdadeiras simpatias e as mais sagradas afeições.

Por toda parte, pois, há vida e movimento. Não há um recanto do infinito que não esteja povoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão enche de admiração e de alegria as almas libertas da matéria. Por toda parte enfim, a felicidade relativa a todos os graus de progresso, por todos os deveres cumpridos. Cada um carrega consigo os elementos de sua própria felicidade, na razão da categoria em que o coloca o seu grau de adiantamento.

A felicidade decorre das próprias qualidades dos indivíduos e não da condição material do meio em que se encontram. Ela está, portanto, em toda parte onde existam Espíritos capazes de ser felizes. Nenhum lugar determinado existe para e la no Universo. Em qualquer lugar que se encontre, os Espíritos puros podem contemplar a grandeza divina porque Deus está em tudo.

16 — Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se somente a possuímos em nós mesmos, se não pudermos partilhá-la com os outros, ela será egoísta e triste. Ela está também na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraídos uns aos outros pela semelhança de ideias e gostos, de sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e se beneficia dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto. Os membros destes, ora se afastam para cumprir sua missão, ora se reúnem em algum lugar do espaço para se comunicarem os resultados dos seus trabalhos, ora se reúnem em redor de um Espírito de ordem superior para receber os seus conselhos e as suas instruções.

17 — Embora os Espíritos estejam por toda parte, os mundos constituem os lares em que eles de preferência se reúnem, em razão da sintonia existente entre eles e os que os habitam. Ao redor dos mundos adiantados a maioria dos Espíritos são superiores, ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo tem, portanto, de qualquer maneira, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, que se sustenta na maior parte pela encarnação e a desencarnação sucessivas. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e é mais flutuante nos mundos superiores. Mas dos mundos que são focos de luz e de felicidade partem Espíritos que se dirigem aos mundos inferiores para neles semear os germes do progresso, para levar-lhes a consolação e a esperança, reerguendo os

ânimos abatidos pelas provas da vida e às vezes neles se encarnando para cumprir com mais eficácia a sua missão.

18 — Nessa imensidade sem limites, onde está o céu? Está por toda parte, nada o cerca nem lhe serve de limites. Os mundos felizes são as últimas estações do caminho que a ele conduz, as virtudes favorecem a caminhada e os vícios impedem o seu acesso. Ao lado desse quadro grandioso que povoa todos os recantos do universo, que dá uma finalidade e uma razão de ser a todas as coisas da criação, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade num imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando num determinado instante para igualmente acabar um dia com o mundo que a carrega, tudo isso apenas num minuto dentro da eternidade!

Como é triste, fria e glacial essa doutrina quando nos apresenta todo o resto do universo, antes, durante e após a existência da humanidade terrena, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora ao figurar-nos um pequeno número de eleitos entregues à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas é condenada aos sofrimentos sem fim! Como é pungente para os corações amorosos a barreira que ela coloca entre os mortos e os vivos! As almas felizes, dizem, só pensam na sua felicidade e aquelas que são infelizes somente nas suas penas. É de admirar-se que o egoísmo reine sobre a Terra, quando no-lo mostram no próprio céu? Como, pois é estreita a ideia que ela nos oferece da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Mas como é sublime, ao contrário, a que o Espiritismo nos proporciona! Como a sua doutrina engrandece os conceitos, alarga o pensamento! Quem nos diz porém que ela é verdadeira. Primeiramente, a razão, em seguida, a revelação; depois, sua concordância com o desenvolvimento da ciência. Entre duas doutrinas, em que uma diminui e a outra amplia os atributos de Deus; uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; uma permanece no passado e a outra marcha para o futuro, o bom senso nos diz de que lado está a verdade. Que diante das duas cada um, no seu foro íntimo consulte as suas aspirações e uma voz interior lhe responderá. As aspirações são a própria voz de Deus que não pode enganar os homens. (17)

19 — Mas então porque Deus não revelou desde o princípio toda a verdade. Pela mesma razão que não se ensina às crianças o que se deve ensinar na idade madura. A revelação restrita era suficiente durante um certo período do desenvolvimento da humanidade. Deus a proporciona na medida da força dos espíritos. Estes recebem hoje uma revelação mais completa dada pelos *mesmos Espíritos* que já lhe deram uma revelação parcial em outro tempo, porque desde então desenvolveram-se em inteligência.

Antes que a ciência tivesse revelado aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, a verdadeira posição e o processo de formação da Terra, poderiam eles compreender a imensidade do espaço e a multiplicidade dos mundos? Antes que a geologia tivesse provado como a Terra se formou, teriam eles podido desalojar o inferno do seu interior e compreender o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a astronomia tivesse descoberto as leis que regem o universo, teriam podido compreender que no espaço não existe alto nem baixo, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Antes do

desenvolvimento das ciências psicológicas poderiam identificar-se com a sua natureza espiritual, poderiam conceber, após a morte uma vida feliz ou infeliz que não estivesse circunscrita a determinado lugar e sob uma forma material?

Não. Compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era demasiado vasto para essa compreensão, sendo necessário reduzi-lo a proporções menores para que pudesse caber na sua perspectiva mental, reservando-se para mais tarde a sua verdadeira compreensão. Uma revelação parcial tinha portanto a sua utilidade. Era prudente então, mas hoje é insuficiente. O erro está em se querer, não levando em conta o progresso da cultura, governar os homens amadurecidos com os preceitos que se aplicavam à infância. (Ver **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. III.)

NOTAS:

(11) A Terra é um dos mundos menos favoráveis à habitabilidade. Esta afirmação de Kardec é de grande importância, pois antecipa conhecimentos que só agora vão se firmando no mundo científico. A vida humana é breve e difícil, lutando o espírito e o corpo com hostilidades de toda espécie no solo planetário. Apesar disso, ainda há quem sustente a ideia de que somente a Terra deve ser habitada. Isso porque o homem se desenvolve aos poucos, penosamente, através dos milênios. Acostumado a encarar as coisas do ponto de vista humano, apega-se hoje ao homocentrismo, como antigamente se apegava ao geocentrismo. O Espiritismo antecipou a Era Cósmica, revelando a pluralidade dos mundos habitados. Consulte-se **O Livro dos Espíritos** a esse respeito e veja-se na coleção da **Revista Espírita** a maneira por que os Espíritos trataram desse problema com Kardec. (N. do T.)

(12) Assim, o Espiritismo confirma o adágio: *A felicidade está dentro de nós*, mas ao mesmo tempo desmente a suposição (da elite e não do povo) de que os ignorantes são mais felizes que os instruídos. Como pode uma criatura ignorante e grosseira sentir a verdadeira felicidade? Sujeita aos instintos animais, presa de interesses mesquinhos, apegada a prazeres passageiros a felicidade dessas criaturas é ilusória e está arriscada a decepções contínuas. Na proporção em que a criatura se eleva os seus sentidos se refinam, os seus prazeres passam do plano das sensações materiais para o das sensações íntimas, espirituais, a sua felicidade se amplia em perspectivas jamais suspeitadas. Ela atinge, então, aquele estágio da evolução em que a felicidade se torna permanente e invariável, não perturbada por nenhum fato exterior, pois para esses fatos ela possui também uma visão e uma compreensão que nos escapa, e recursos que não possuímos para prestar ajuda e socorro eficientes. Não devemos, porém, confundir criaturas ignorantes e grosseiras com criaturas pobres, nascidas em meio social obscuro, desprovidas da cultura do mundo mas providas da cultura e do refinamento da alma. As condições sociais da Terra não correspondem às condições evolutivas do espírito. (N. do T.)

(13) O mérito do progresso implica também o desenvolvimento da responsabilidade. O Espírito que fracassa numa encarnação não retrocede no plano evolutivo, mas sente enfraquecer-se moralmente. Isso aumenta a sua necessidade de esforço próprio para recuperação do tempo perdido. O Espírito vitorioso dá o que pode chamar um salto no tempo, o que aumenta a sua fé em Deus e a sua confiança em si mesmo. Ele se fortalece moralmente e eleva o seu senso de responsabilidade. Dali por diante as vitórias morais lhe serão mais fáceis. O progresso espiritual se verifica através dos sã/tos qualitativos de que trata Kierkegaard em seu ensaio sobre O Conceito de Angústia. Ao saltar no tempo o Espírito realiza também o salto interior da sua transformação moral. (N. do T.)

(14) Eis a razão por que o Espiritismo é inteiramente contrário ao misoneísmo, ao isolamento da criatura, mesmo a pretexto de consagrar-se a Deus. A dinâmica do desenvolvimento moral está sujeita à dinâmica do processo social. É na vida social que nos desenvolvemos moralmente. Se trabalhando a Natureza e as coisas, trabalhamos a nós mesmos, despertando nossa inteligência, por outro lado é no meio social que conseguimos o desenvolvimento moral, despertando a nossa atividade. Fugir da vida social é portanto fugir de nós mesmos, fugir da própria finalidade da nossa encarnação. As igrejas começam agora a compreender isso, tomando as

primeiras providências para acabar com os processos retrógrados de isolamento religioso a pretexto de *viver para Deus*. Só vivemos para Deus servindo ao próximo. (N. do T.)

(15) Temos aqui um princípio bem conhecido de Pedagogia. A Educação não tem por finalidade transmitir conhecimentos, mas preparar o educando para a aquisição de conhecimentos. O que se passa na reencarnação é precisamente isso. Podemos aprender muito numa existência, mas não são os conhecimentos formais que interessam ao Espírito, e sim o seu treinamento no aprendizado que desperta as suas faculdades cognitivas, a sua capacidade de aprender. Cada encarnação predispõe o Espírito a assimilar conhecimentos mais avançados na seguinte. Por isso é que não nascemos com a cabeça cheia de dados e informações, mas aparelhada com as intuições que nos determinam a vocação e a habilidade para diversos setores de atividades. A vida social é necessária porque só ela possui os estimulantes capazes de despertar no cérebro novo que vamos possuir as suas faculdades latentes. Isso explica o motivo por que as crianças abandonadas na selva ou isoladas do meio social não revelam desenvolvimento mental. Lembremos a *maieutica* de Sócrates, ou seja, o processo por ele usado para arrancar o conhecimento de dentro dos seus próprios discípulos, ao invés de aplicar-lhes o ensino didático. (N. do T.)

(16) Vê-se claramente, neste trecho, como a cultura terrena é ainda apenas uma meia-cultura. Função do Espiritismo é completar essa cultura, dando-lhe as dimensões da realidade espiritual. A alternância de vidas, na Terra e no Espaço, faz do homem, não o *existente* das Filosofias existenciais, mas um *interexistente*. Mesmo na encarnação essa condição *interexistencial* se revela de maneira inegável. Os homens vivem no estado de vigília, no estado de hipnose, ou de sono. Além disso, possuem a mediunidade que a Parapsicologia denomina de funções psi, e através dessas funções ele se coloca num intermúndio, vivend o ao mesmo tempo em dois planos diferentes, mas conjugados. Veja-se este problema em **O Ser e a Serenidade**, edição "Nosso Lar". (N. do T.)

(17) As aspirações humanas provêm dos desígnios de Deus referentes ao destino da humanidade. Todas as criaturas trazem no seu íntimo a intuição do sentido e da finalidade da sua existência. Foi isso que Descartes descobriu no famoso episódio do *cogito*, constatando que a ideia de Deus é inata no homem. Essa a razão de Kardec afirmar que as aspirações são a voz de Deus. (N. do T.)

CAPÍTULO IV

O INFERNO

Intuição das Penas futuras — O Inferno cristão copiado do Inferno pagão — Os limbos —
Quadro do Inferno cristão

Intuição das penas futuras

1 — Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura devia ser feliz ou infeliz segundo o bem ou o mal que se tivesse feito neste mundo. Mas a ideia que ele fez a respeito estava em relação com o desenvolvimento do seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que possuía do bem e do mal. As penas e as recompensas são reflexos dos instintos que nele predominavam.

Foi assim que os povos guerreiros colocaram as suas supremas felicidades nas honrarias tributadas à bravura; os povos caçadores na abundância da caça; os povos sensuais nos prazeres da voluptuosidade. Enquanto dominado pela matéria o homem só pode compreender imperfeitamente a espiritualidade. Foi por isso que ele fez das penas e dos gozos futuros um quadro mais material do que espiritual. Imaginou que se deve beber e comer no outro mundo, mas de maneira melhor do que na Terra e servindo-se de coisas melhores.

Mais tarde vamos encontrar nas crenças sobre o futuro uma mistura de espiritualidade e materialidade. É assim que ao lado da bem-aventurança contemplativa ele coloca um inferno de torturas físicas.

2 — Não podendo conceber se não o que via, o homem primitivo decalcou naturalmente o seu futuro da vida presente. Para compreender coisas diferentes das que tinha sob os olhos faltava-lhe o desenvolvimento intelectual que só devia realizar-se com o tempo. Da mesma maneira, o quadro que compôs dos castigos da vida futura é o reflexo das maldades humanas, mas em maior proporção. Reuniu todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou na Terra. É assim que nas regiões de clima quente imaginou um inferno de fogo e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde lhe permitiria compreender o mundo espiritual, ele só podia conceber penalidades materiais. Eis porque, com algumas pequenas diferenças formais, o inferno é semelhante em todas as religiões.

O Inferno cristão imita o pagão

3 — O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, é o modelo mais grandioso do género e se perpetuou, projetando-se como o dos cristãos, que teve também os seus poetas. Comparando-os podemos encontrar, salvo os nomes e algumas variações de detalhes, numerosas analogias entre eles. Num e noutro o fogo material é o elemento básico das torturas porque simboliza os mais cruéis sofrimentos. Mas, coisa estranha! os cristãos conseguiram, em diversos sentidos, exagerar o inferno dos pagãos. Se estes últimos tinham no seu o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, esses eram suplícios individuais. O inferno

cristão tem por toda parte caldeiras ferventes, cujas tampas os anjos erguem para verem as contorções dos condenados. Deus ouve sem piedade os gemidos desses últimos pela eternidade. Jamais os pagãos figuraram os habitantes dos Campos Elísios inspecionando os suplícios do Tártaro.

4 — À semelhança dos pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos que é Satanás, com a diferença de que Plutão se limitava a governar o império sombrio que havia recebido, mas sem praticar maldades. Ele retinha nesse império os que haviam praticado o mal, por que essa era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao mal pelo prazer de os submeter ao sofrimento. Satanás entretanto recruta as suas vítimas por toda parte e se alegra de fazê-las atormentar por legiões de demônios armados de tridentes para r evolvê-los nas chamas. Tem-se mesmo discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima sem cessar os condenados, sem jamais os consumir, chegando -se a perguntar se seria um fogo de betume. O inferno cristão não permite, pois, que o inferno pagão o exceda em nada.

5 — As mesmas razões que fizeram os antigos localizar a morada da felicidade, determinaram também que se localizasse a dos suplícios. Tendo localizado a primeira nas regiões superiores, era natural que colocassem a segunda nos inferiores, no centro da Terra, para o qual, segundo se acredita, certas cavernas sombrias e de aspecto assustador serviam de entrada.

Foi assim também que os cristãos, durante longo tempo localizaram o lugar dos condenados. Notemos ainda a esse respeito, outra analogia.

O inferno dos pagãos tinha de um lado os Campos Elísios e de outro o Tártaro. O Olimpo, morada dos deuses, dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a letra do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, ou seja, nos lugares baixos para tirar dali as almas dos justos que esperavam a sua vinda. Os infernos não eram, portanto, apenas um lugar de suplício. À semelhança do que acontecia entre os pagãos eles estavam também nas regiões inferiores. Assim como o Olimpo, a morada dos anjos e dos santos estava nas regiões elevadas, colocada para lá do céu das estrelas, que se considerava limitado.

6 — Essa mistura das ideias pagãs com as cristãs nada tem que nos deva surpreender. Jesus não podia destruir de repente as crenças enraizadas. Os homens não dispunham dos conhecimentos necessários para conceber o espaço como infinito e povoado de mundos em número infinito. A Terra era para eles o centro do universo. Não conheciam a sua forma nem a sua estrutura interior. Tudo lhes parecia limitado segundo a sua compreensão: as noções referentes ao futuro não poderiam exceder os limites dos seus conhecimentos.

Jesus se encontrava, pois, na impossibilidade de iniciá-los no verdadeiro conhecimento da realidade. Mas, de outro lado, não querendo sancionar com a sua autoridade os prejuízos dominantes, preferiu abster-se, deixando ao tempo o trabalho de retificar as ideias errôneas. Limitou-se a falar vagamente da vida de bem-aventurança e dos castigos que esperavam os culpados. Mas em parte alguma, nos seus ensinamentos, encontra-se o quadro dos suplícios corporais que os cristãos transformaram em artigo de fé.

Eis como a ideia do inferno pagão perpetuou-se até os nossos dias. Era necessária a difusão dos conhecimentos nos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para lhe dar a justa medida. Mas como nada de positivo pode ser colocado em lugar dessas velhas concepções, ao longo período dominado por uma crença cega sucedeu, como fase de transição, o período da incredulidade ao qual a nova revelação vem pôr um fim. Era necessário demolir para depois reconstruir, porque é mais fácil fazer aceitar as ideias justas pelas que em nada acreditam, em virtude de sentirem que apesar disso alguma coisa lhes falta, do que aos que já possuem uma fé robusta, embora absurda.

7 — Pela localização do céu e do inferno as seitas cristãs foram levadas a admitir que só existiam para as almas duas situações extremas: a perfeita felicidade e o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira, da qual elas passam sem transição para a região dos bem-aventurados. Nem poderia ser de outra maneira, dada a crença no destino definitivo da alma após a morte. Havendo apenas duas regiões, a dos eleitos e a dos condenados, não se pode admitir variação de graus em cada uma delas sem aceitar a possibilidade de as franquear, o que levaria como consequência ao progresso. Ora, se houvesse progresso não haveria sorte definitiva. Havendo sorte definitiva não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: "*Há muitas moradas na casa de meu Pai*".

Os Limbos

8 — É verdade que a Igreja admite para certos casos particulares uma situação especial. As crianças mortas em tenra idade, não tendo praticado o mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. De outro lado, não tendo praticado o bem, não possuem nenhum direito à felicidade suprema. São então, diz ela, enviadas aos *limbos*, situação mista e jamais definida, na qual, embora não sofrendo não gozam também da felicidade perfeita. Mas desde que a sua sorte já está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas da felicidade por toda a eternidade.

Essa privação, desde que não dependeu delas, equivale a um *suplício eterno imerecido*. Acontece o mesmo com o selvagem, que não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, pecam por ignorância, abandonando-se aos instintos naturais e não podem ter culpa nem mérito como os que agem em conhecimento de causa.

A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus. Porque esta justiça encontra-se toda nestas palavras do Cristo: "*A cada qual segundo suas obras*". Mas é necessário entender por isso as boas ou más obras que se praticam livremente, voluntariamente, pois são as únicas que acarretam responsabilidade. Não é esse o caso da criança, nem do selvagem ou qualquer outro cujo esclarecimento não tenha dependido da sua própria vontade.

Quadro do inferno pagão

9 — Só conhecemos o inferno pagão através das composições dos poetas. Homero e Virgílio nos deram a definição mais completa, mas devem os considerar as exigências formais da poesia nessas descrições. A de Fenelon no *Telêmaco*, embora originária da mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais precisa da prosa. Descreve o

aspecto lúgubre dos vários lugares e procura ressaltar sobretudo o género dos sofrimentos a que são submetidos os culpados, estendendo-se bastante sobre o destino dos maus reis, isso em virtude da instrução que dava ao seu aluno real.

Por mais popular que seja a sua obra, muitas pessoas não terão de memória essa descrição ou não puderam refletir bastante sobre ela para fazer uma comparação. Eis porque julgamos útil reproduzir os trechos que apresentam relação mais direta com o nosso assunto, ou seja, aqueles que se referem especialmente às penas individuais.

10 — Entrando, Telêmaco ouviu outros gemidos de uma sombra que não encontrava consolação. — Qual é, diz ele, — a vossa desgraça? O que fostes na terra? — Eu era, — respondeu-lhe a sombra, — Nabofarzan, rei da soberba Babilónia, e todos os povos do Oriente tremiam ao simples som do meu nome. Fiz-me adorar pelos babilônios no templo de mármore onde estava representado por uma estátua de ouro, diante da qual eram queimados dia e noite os mais preciosos perfumes da Etiópia. Ninguém jamais ousou me contradizer sem ter sido imediatamente punido. Eu inventava cada dia novos prazeres para tornar minha vida mais deliciosa. Era então jovem e robusto. Mas, oh! desgraça! embora muito ainda me restasse para gozar sobre o trono, uma mulher que amei e que não me amava me fez logo sentir que eu não era um deus: envenenou-me e hoje nada mais sou. Puseram pomposamente as minhas cinzas numa urna de ouro. Choraram, arrancando os cabelos ao redor. Ela ameaçou atirar-se nas chamas em que me incineravam, para morrer comigo e a ainda hoje vai chorar aos pés do soberbo túmulo a que lançaram as minhas cinzas. Mas ninguém me lamenta e minha memória causa horror mesmo na minha família, enquanto sofro aqui em baixo horríveis tratamentos.

Telêmaco, emocionado com o drama, lhe diz: foste verdadeiramente feliz durante o vosso reinado, sentíeis essa doce paz sem a qual o coração permanece sempre oprimido e abatido em meio das delícias? — Não, respondeu o babilônio, nem mesmo compreendo o que quereis dizer. Os sábios louvam essa paz como o único bem, mas de minha parte jamais a senti. Meu coração estava incessantemente agitado por novos desejos, por temores e esperanças. Eu procurava esquecer-me de mim na confusão das minhas paixões. Cuidava de entreter essa embriaguez para que não cessasse, pois o menor intervalo de raciocínio normal me teria sido demasiado amargo. Eis a paz que desfrutei. Qualquer outra me parece uma fábula ou um sonho. Eis os bens que lamento.

Assim falando, o babilônio chorava como um homem pusilânime que se deixou debilitar pelas comodidades, não se tendo jamais acostumado a suportar a desgraça. Tinha ao seu lado alguns escravos que fizeram morrer nas honras dos seus funerais. Mercúrio os havia entregue a Carente com o seu rei, dando-lhes um poder absoluto sobre esse rei que haviam servido na Terra.

Essas sombras de escravos não temiam mais a sombra de Nabofarzan, mas a mantinham acorrentada e a submetiam as mais cruéis humilhações. Uma lhe dizia: Nós também não éramos homens, tanto como tu? Como pudeste ser tão insensato para te considerar como um deus, não te lembrando que pertencias à mesma raça dos homens? — Uma outra o insultava dizendo: — Tinhas razão de não querer que te considerassem como um homem, porque eras um monstro sem humanidade. — Outra lhe falava assim: Muito bem! Onde estão agora os teus aduladores? Não tens mais nada a dar, infeliz! E não podes mais fazer nenhum mal; eis que te tornaste escravo dos teus próprios escravos; os deuses demoram a fazer justiça, mas por fim a fazem.

A essas duras palavras Nabofarzan se atirava com o rosto na terra, arrancando os cabelos numa explosão de raiva e desespero. Mas Carente dizia aos escravos: — Puxai-o pela corrente, erguei-o mesmo que ele não queira, pois ele não terá nem mesmo a consolação de ocultar a própria vergonha. É necessário que todas as sombras do Esfinge o testemunhem para justificar os deuses, que tão longamente suportaram o reinado desse ímpio na Terra.

Logo ele percebeu, bem próximo dele, o Tártaro negro. Subia deste uma fumaça escura e espessa, cujo odor empestado causaria a morte se ela se expandisse pela região dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de fogo com turbilhões de chamas, e o seu ruído, semelhante ao das mais impetuosas correntes, quando se lançam dos mais altos rochedos ao fundo dos abismos, fazia que não se pudesse ouvir com clareza nesses tristes lugares.

Telêmaco, secretamente influenciado por Minerva, entrou sem temor nesse bátrio. Percebeu de início um grande número de homens que haviam vivido nas mais baixas condições e que eram punidos por haverem buscado as riquezas por meio de fraudes, de traições e de crueldades. Notou ali muitos ímpios e hipócritas que fingindo amar a religião, dela se haviam servido como um bom pretexto para satisfazer as suas ambições, aproveitando-se da credulidade alheia. Esses homens que haviam abusado da própria virtude, embora sendo ela o mais valioso dom dos deuses, eram punidos como os piores entre os celerados.

Os filhos que haviam matado pais e mães, as esposas que haviam manchado suas mãos no sangue dos próprios maridos, os traidores que haviam entregue a pátria violando todos os juramentos sofriam penas menos cruéis do que esses hipócritas. Os três juizes dos infernos assim determinaram, e eis as suas razões: esses hipócritas, não se contentando de se r maus como os demais ímpios, querem ainda passar por bons e fazem por sua falsa virtude que os homens não mais queiram acreditar na virtude verdadeira. Os deuses, dos quais eles se serviram, tornando-os desprezíveis para os homens, sentem prazer ao empregar todo o seu poder para vingar-se dos seus insultos.

Ao lado desses estavam outros homens que o vulgo não considera culpados, mas que a vingança divina persegue impiedosamente. São os ingratos, os mentirosos, os vaidosos que se louvaram no vício, os críticos maliciosos que não temeram manchar a mais pura virtude. Por fim, os que julgaram temerariamente sem conhecer as coisas a fundo, com isso prejudicando a reputação dos inocentes.

Vendo os três juizes que estavam sentados e condenavam um homem, Telêmaco ousou perguntar-lhes quais eram os crimes do mesmo. No mesmo instante o condenado, tomando a palavra, exclamou: — Nunca fiz nenhum mal, sempre tive o maior prazer em fazer o bem, fui magnânimo, liberal, justo e compassivo. Do que me podem acusar? — Então Minos lhe disse: Não se te reprova nada em relação aos homens, mas não devias menos aos homens do que aos deuses? Qual, é, pois, essa justiça de que te vanglorias? Não faltaste com nenhum dever no tocante aos homens, que nada são. Foste virtuoso, mas refer iste toda a tua virtude a ti mesmo e não aos deuses, que a concederam a ti, por que querias gozar os frutos da tua própria virtude, vangloriando-te em ti mesmo: foste a tua própria divindade. Mas os deuses, que tudo fizeram unicamente por si mesmos não podem renunciar aos seus direitos. Tu os esqueceste, eles te esqueceram. Eles te entregaram a ti mesmo, desde que preferiste ser de ti mesmo e não deles. Procura, pois, agora, se puderes, o teu consolo em teu próprio coração. Estás agora, para sempre, separado dos homens aos quais querias agradar. Estás só diante de ti, que eras o teu ídolo. Compreende que não existe verdadeira virtude sem o respeito e o amor aos deuses, aos quais tudo deves. Tua falsa virtude, que por muito tempo ofuscou os homens fáceis de enganar, vai ser confundida. Os homens, considerando os vícios e as virtudes somente pelo que os toca

ou os agrada, são cegos para o verdadeiro bem e o verdadeiro mal. Mas aqui uma luz divina inverte todos os julgamentos superficiais. Frequentemente é condenado aquilo que eles admiram e justificavam o que eles condenam.

A essas palavras, o filósofo, como ferido por um raio não podia conter -se. A satisfação que havia tido outrora ao apreciar a sua própria moderação, a sua coragem e as suas tendências generosas transformou-se em desespero. A visão do seu próprio coração, inimigo dos deuses, tornou-se um suplício. Ele se via a si mesmo e não podia deixar de fazê -lo. Via a vaidade das apreciações dos homens, aos quais ele quis sempre agradar em todas as suas ações. Havia uma revolução geral em tudo o que se encontrava no seu íntimo, como se alguém revirasse todas as suas entranhas. Ele não era mais o mesmo. Seu coração negava -lhe todo o apoio. Sua consciência, cujo julgamento lhe havia sido tão favorável, voltou -se contra ele reprovando amargamente o desvirtuamento e o engano de todas as suas virtudes, que não tiveram o culto da divindade por princípio e por fim. Estava perturbado, consternado, cheio de vergonha, de remorsos e de desespero. *As fúrias não o atormentavam porque era bastante entregá -lo a si mesmo*, pois o seu próprio coração vingava suficientemente os deuses desprezados. Procurou os lugares mais sombrios para se ocultar dos outros mortos, já que não podia ocultar -se a si mesmo. *Procurou as trevas e não pode encontrá -las, pois uma luz importuna o seguia por toda parte*, os raios penetrantes da verdade vingam sem cessar a verdade que ele negligenciou ao invés de seguir.

Tudo o que ele amava se tornava odioso, como sendo a própria fonte de seus males, que não mais poderiam acabar. Disse a si mesmo: Oh insensato! então não conheci os deuses, nem os homens e nem a mim mesmo! Não, nada conheci, desde que nunca amei a única verdade e o verdadeiro bem. Todos os meus passos foram extraviados. Minha sabedoria não era mais que loucura. Minha virtude, um orgulho ímpio e cego. Fui o meu próprio ídolo.

Por fim Telêmaco viu os reis condenados por terem abusado do poder. De um lado uma Fúria vingadora *lhes mostrava um espelho em que viam a monstruosidade dos seus próprios vícios*. Viam e não podiam deixar de ver sua grosseira vaidade e sua avidez dos mais ridículos louvores; sua dureza para com os homens, que tinham o dever de fazer felizes; sua insensibilidade para a virtude; seu temor de ouvir a verdade; sua inclinação para as criaturas pusilânimes e bajuladoras; sua irresponsabilidade; sua indolência; sua desconfiança excessiva; seu fausto e demasiada magnificência baseadas nas ruínas dos povos; sua ambição que os levava a conquistar o mínimo de vanglória com o sangue dos cidadãos; enfim, sua crueldade de procurar cada dia novas emoções por entre as lágrimas e o desespero de tantos infelizes. Eles se viam nesse espelho permanentemente. Viam -se mais horríveis e mais monstruosos do que a Quimera vencida por Belerofonte ou a Hidra de Lerna abatida por Hércules, ou mesmo Céberes vomitando por suas três goelas escancaradas um sangue negro e venenoso capaz de empestar toda a raça dos mortais que vivem na Terra.

De outro lado e ao mesmo tempo outra Fúria lhes repetia de maneira insultuosa todos os louvores que os aduladores lhes fizeram em vida e mostravam -lhes outro espelho, no qual eles se viam tais como os aduladores os haviam pintado. A contradição desses dois quadros tão opostos constituía um suplício para a sua vaidade. Notava-se que os piores entre esses reis eram os que haviam recebido as homenagens mais magnificentes durante a vida, porque os maus são mais temidos que os bons e exigem sem pudor as mentirosas reverências dos poetas e dos oradores do seu tempo.

Ouviam-se os seus gemidos na profundidade das trevas, onde eles não podiam perceber outra coisa além dos insultos e das ironias que deviam sofrer. Nada tinham ao seu redor que não os

repelisse e contradissesse confundindo-os, enquanto na terra se aproveitavam da vida dos homens, supondo que todos existiam somente para os servir. No Tártaro eles são entregues aos caprichos de alguns escravos que os submetem por sua vez a uma servidão cruel. Têm de servir sofrendo e não lhes resta nenhuma esperança de poder abrandar jam ais o seu cativo. Ficam sujeitos aos golpes desses escravos, transformados em seus tiranos impiedosos, como uma forja sobre os golpes dos martelos dos Ciclopes, quando Vulcano os apresa no trabalho dentro das ardentes fornalhas do monte Etna.

Telêmaco viu então semblantes, pálidos, consternados e hediondos. É que uma tristeza negra corrói esses criminosos. Eles têm horror de si mesmos e não podem livrar -se desse horror como se ele pertencesse à sua própria natureza. *Não necessitam assim, de outro castigo para as suas faltas do que as suas próprias faltas que veem sem cessar em toda a sua enormidade, apresentando-se a eles como horríveis espectros que os perseguem*. Para se livrarem disso buscam uma outra morte mais poderosa que aquela que os separou dos seus corpos.

No desespero em que se encontram, esses reis clamam pelo socorro de uma morte que pudesse extinguir neles todo o sentimento e toda a consciência. Pedem aos abismos que os traguem para escaparem aos raios vingadores da verdade que os perseguem, mas estão condenados à vingança que se destila sobre eles gota a gota e que jamais cessará. *A verdade que e/es temiam ver é agora o seu suplício*. Eles a veem e só têm olhos para vê-la erguendo-se contra eles. Essa visão os trespassa, os destrói, os arranca de si mesmos. É como um raio que sem nada destruir ao redor penetra até o mais fundo das suas entranhas.

Entre essas coisas que lhe faziam eriçar os cabelos, Telêmaco viu muitos antigos reis da Lídia que eram punidos por terem preferido os deleites de uma vida folgazã ao trabalho para melhoria dos povos, que deve ser inseparável da realeza.

Os reis reprovavam uns aos outros a sua própria cegueira. Um dizia a outro que tinha sido seu filho: — Não te recomendei frequentemente, durante a minha velhice e antes de morrer, que reparasses os males que pratiquei na minha negligência? — Ah, infeliz pai! — Dizia o filho, — foste tu que me perdeste. Foi o vosso exemplo que me sugeriu o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a dureza de coração para com os homens! Vendo-te reinar com tanta displicência e cercado de covardes aduladores, habituei-me ao gosto da lisonja e dos prazeres. Acreditei que o resto dos homens eram para os reis o que são os cavalos e outros animais de carga para a humanidade em geral, ou seja, es ses animais aos quais não se dá importância, querendo apenas que prestem serviços e proporcionem comodidades. Acreditei nisso, e foste tu que me fizeste acreditar. Hoje estou sofrendo todos estes males por te haver imitado. A essas recriminações juntavam as mais horríveis maldições e pareciam prestes a se entredorarem de raiva.

Ao redor dos reis volteavam ainda, como morcegos noturnos, as mais cruéis suspeitas, os falsos receios, as desconfianças que são as vinganças dos povos contra a maldade de seus reis, sua insaciável fome de riquezas, a falsidade de sua glória sempre baseada na tirania e a covarde displicência que aumenta os males do povo sem lhes proporcionar jamais a compensação das necessidades satisfeitas.

Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não pelos males que haviam praticado, mas *por terem negligenciado o bem que deviam fazer*. Todos os crimes dos povos, que decorrem da negligência na observação das leis, eram imputados aos reis que deviam ter como seu ministério fazer que as leis reinassem. Todas as desordens provenientes dos excessos de fausto, do luxo e de todos os demais abusos que lançam os homens na violência e na tentação de desprezar as

leis para se enriquecerem, eram também imputadas aos reis. Eram tratados sobretudo com rigor os que em lugar de serem bons e vigilantes pastores dos povos só haviam pensado em devorar o rebanho como lobos insaciáveis.

Mas o que mais consternava Telêmaco era ver, nesse abismo de trevas e maldades, grande número de reis que haviam passado pela terra como soberanos muito bons e estavam condenados às penas do Tártaro por se terem deixado governar por homens maus e hipócritas. *Esses eram punidos pelos males que haviam permitido que fossem feitos sob a sua autoridade.* De resto, a maioria desses reis não haviam sido bons nem maus, tamanha era a sua fraqueza. Jamais haviam receado conhecer a verdade, pois não possuíam o gosto da virtude e nunca sentiram o prazer de praticar o bem.

Quadro do inferno cristão

11 — Resumimos nas citações seguintes a opinião dos teólogos sobre o Inferno. Essa descrição, tendo sido tirada dos próprios autores sacros e da vida dos santos, pode ser considerada, tanto melhor, como a expressão da fé ortodoxa nesse assunto, quanto é a todo instante reproduzido, com algumas pequenas variantes, nos sermões e nas instruções pastorais.

12 — Os demônios são espíritos puros, pois os condenados presentemente no inferno podem também ser considerados como espíritos puros, desde que somente a sua alma desceu até lá e os seus restos mortais, devolvidos à Terra, se transformam incessantemente em relva, plantas, frutos, minerais ou líquidos, passando inconscientemente pelas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia e retomar, para não mais os perder, corpos carnis, os mesmos corpos com que foram conhecidos quando vivos. O que distinguirá uns dos outros é que os eleitos ressuscitarão em corpos purificados e radiosos, enquanto os condenados em corpos imundos e deformados pelo pecado.

Assim, não haverá mais no inferno somente Espíritos puros, mas homens semelhantes a nós. O inferno é, portanto, uma região física, geográfica, material, desde que será povoado por criaturas terrenas com pés, mãos, boca, língua, dentes, orelhas, olhos semelhantes aos nossos, com sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

Onde está situado o inferno? Alguns doutores o colocaram nas próprias entranhas da Terra. Outros, em não sabemos que planeta. A questão não foi resolvida por nenhum concílio. Ficamos, nesse caso, reduzido às conjecturas. A única coisa que se afirma é que o inferno, onde quer que esteja situado, é um mundo constituído de elementos materiais, mas um mundo sem sol, sem lua, sem estrelas, mais triste, mais inóspito, mais desprovido de todo princípio e toda aparência de bem, como não acontece mesmo nas regiões mais inabitáveis deste mundo em que pecamos.

Os teólogos mais sérios não se atrevem a figurar, como faziam os Egípcios, os Indianos e os Gregos, todos os horrores desta região. Limitam-se a nos indicar, como uma amostra, o pouco que as Escrituras revelam: O lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que devoram eternamente os cadáveres do Tofel e os demônios atormentando os homens que conseguiram levar à perdição, e os homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos Evangelistas.

Santo Agostinho não concorda que essas penas físicas sejam simples imagens das penas morais. Ele vê num lago realmente de enxofre, vermes e serpentes verdadeiros apegando -se a todas as partes dos corpos dos condenados e juntando as suas mordidas às queimaduras do fogo. Ele pretende segundo um versículo de São Marcos que esse fogo estranho, embora material como o nosso, agindo sobre corpos materiais os conservará como o sal conserva a carne de animais sacrificados. Mas os condenados sentirão esse fogo que queima sem destruir e *que penetrará sob a sua pele*. Eles ficarão encharcados e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos e na pupila dos olhos, bem como nas fibras mais o cultas e mais sensíveis do ser. A cratera de um vulcão, se nela pudessem atirar -se, seria para eles um lugar de refrigério e descanso.

Assim falam, com toda segurança, os teólogos mais tímidos, mais discretos e reservados. Não negam, aliás, a existência no inferno de outros suplícios corporais. Dizem apenas que não possuem conhecimentos suficientes para deles falar de maneira positiva, pelo menos como podem fazer sobre o horrível suplício do fogo e dos vermes. Mas há teólogos mais espertos ou mais esclarecidos que descrevem o inferno com mais detalhes, mais variados e mais precisos. Embora não saibam em que lugar do espaço está situado o inferno, há santos que o viram. Não foram até lá com a lira nas mãos como Orfeu, ou de espada em punho como Ulisses, mas transportados em espírito. Santa Teresa pertence a esse número.

Tem-se a impressão, pelo relato da santa, que há cidades no inferno. Ela viu ali, pelo menos, uma espécie de rua comprida e estreita, como tantas que existem nas velhas cidades. Entrou na rua, andando com horror sobre um terreno pantanoso e fétido, cheio de répteis monstruosos, mas teve a sua marcha sustada por um muro que fechava a saída. Nesse muro havia um nicho ao qual Teresa se recolheu, sem saber como isso aconteceu. Era, diz ela o lugar que Ihe estava destinado se abusasse, durante a vida, das graças que Deus Ihe concedia em sua cela de Ávila. Logo que foi introduzida, com espantosa facilidade, nesse nicho de pedra, viu que não podia sentar-se nem deitar-se, e nem mesmo se manter de pé. Menos ainda poderia sair dali. Esse horrível mundo começou a fechar-se sobre ela, envolvendo-a, prendendo-a como se as faces do nicho fossem animadas. Parecia-Ihe que a asfixiavam, estrangulavam e ao mesmo tempo que a esfolavam viva e e a retalhavam em fatias. Sentia-se queimar e experimentava simultaneamente todas as formas de angústia. Nenhuma esperança de socorro. Tudo ao seu redor era trevas, mas através dessas trevas ela ainda percebia, com assombro, a horrorosa rua em que estava alojada, com toda a sua imundície, o que também Ihe era intolerável como o aperto da sua prisão.

Esse, não há dúvida apenas um cantinho do inferno. Outros viajores espirituais foram mais favorecidos. Viram no inferno grandes cidades inteiramente incendiadas: Babilónia e Nínive a própria Roma com seus palácios e seus templos abrasados e todos os habitantes acorrentados. Os traficantes presos aos seus balcões, os padres reunidos com as cortesãs nos salões de festas, urrando nas suas cadeiras das quais não podiam levantar -se e levando aos lábios para matar a sede, taças de que saíam chamas. Criados de joelhos em cloacas ferventes, de braços estendidos ante príncipes de cujas mãos escorria sobre eles, em forma de lavas devoradoras, ouro derretido. Outros viram no inferno planícies ilimitadas, onde camponeses famintos, nada colhendo das suas estéreis plantações nessas planícies regadas pelos seus suores fumegantes, e como nada podiam encontrar, se entredevoravam. Depois, tão numerosos como antes, magros e famintos da mesma maneira, eles se dispersavam em bandos no horizonte procurando inutilmente um lugar de terras mais felizes, e sendo imediatamente substituídos, nos campos que abandonavam, por outras colónias errantes de condenados. Há os que viram no inferno montanhas cercadas de precipícios, e florestas soluçantes, de poços sem água, de fontes de lágrimas, de rios de sangue, de turbilhões de neve em desertos de gelo, de barcos cheios de

desesperados vagando sobre mares sem praias. Viram-se, enfim, todas as coisas que os pagãos haviam visto: um reflexo tenebroso da terra, uma projeção desmesuradamente aumentada das suas misérias, dos seus sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, forcas e outros instrumentos de tortura criados por nós mesmos.

Existem lá, com efeito, demônios que para atormentarem os homens nos seus corpos, também se revestem de corpos. Esses corpos têm asas de morcegos, chifres, pele coberta de escamas, patas com garras e dentes aguçados. São mostrados armados de espadas, de tenazes, de pinças, de serras em fogo, de grelhas, de garfos, de foles, de martelos ardentes e trabalhando pela eternidade na carne dos condenados como açougueiros e cozinheiros. Às vezes, transformados em leões ou em enormes serpentes, arrastam suas vítimas para cavernas solitárias. Alguns se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e outros em dragões voadores para os carregar no seu dorso, aterrorizados e sangrentos, através de tenebrosos espaços e os lançar num lago de enxofre. Ali, há nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantesco cuja vista produz calafrios e cujo odor provoca náuseas, que o simples tocar com os dedos produz convulsões. Lá, monstros de muitas cabeças abrem para todos os lados goelas vorazes, sacudindo as disformes cabeças de crinas de serpentes, esmagam os condenados em suas mandíbulas sangrentas e os vomitam mastigados, mas vivos porque eles são imortais.

Esses demônios em forma humana, que lembram tão claramente os deuses do Amenti e do Tártaro, os ídolos adorados pelos Fenícios e pelos Moabitas e outros novos pagãos ao redor da Judéia, esses demônios não agem ao acaso: todos têm a sua função e o seu objetivo. O mal que fazem no inferno está em relação com o mal que inspiraram e levaram aos homens a praticar na Terra.

Os condenados são punidos em todos os seus sentidos e em todos os seus órgãos, porque ofenderam a Deus através desses sentidos e desses órgãos. São punidos da seguinte maneira: os gulosos pelos demônios da gulodice, os preguiçosos pelos demônios da preguiça, os sensuais pelos demônios da sensualidade e assim por diante, segundo a variedade dos pecados. Sentirão frio ao se queimarem e calor ao se enregelarem. Desejarão ao mesmo tempo o repouso e o movimento. E sempre famintos, sempre sedentos, mais fatigados que os escravos no fim da jornada, mais doentes do que agonizantes, mais maltratados e cobertos de chagas do que os mártires. E tudo isso sem que nunca se acabe.

Nenhum demônio se recusa nem se recusará jamais a executar a sua espantosa tarefa. São todos, nesse sentido, bem disciplinados e fiéis no cumprimento *das ordens de vingança que recebem*. Sem isso, no que se tornaria o inferno? Os pacientes ficariam em descanso se os carrascos andassem a discutir ou a se enfadarem. Mas nada de repouso para os primeiros, nem de discussões para os segundos. Por piores que sejam e por maior que seja o seu número, os demônios se estendem de um extremo ao outro do abismo e jamais se viu sobre a Terra uma organização de súditos mais dóceis aos seus príncipes, de exércitos mais obedientes aos seus comandantes, de ordens monásticas mais humildemente submissa aos seus superiores (18).

Quase nada se conhece dos demônios que formam a população do inferno, esses espíritos vis que constituem as legiões de vampiros e sapos, de escorpiões, de corvos, de hidras, de salamandras e outros animais sem nomes da fauna das regiões infernais. Mas se conhecem e sabem-se de muitos dos príncipes que comandam essas regiões, entre outros Belfegor, o demônio dos desejos impuros ou o senhor das moscas que produzem a corrupção; Mamum, o demônio da avareza; Moleque, Belial, Balgad e Astarote e muitos outros. E acima deles o seu

chefe universal, o sombrio arcanjo que tinha no céu o nome de Lúcifer e que tem no inferno o nome de Satanás.

Eis em resumo a ideia que nos dão do inferno considerado em sua natureza física e quanto às penas físicas que nele existem. Consultai os Pais da Igreja e os antigos Doutores. Interrogai as lendas piedosas. Olhai as esculturas e as pinturas das nossas igrejas. Ouvi com atenção o que dizem nos nossos púlpitos e aprendereis ainda mais.

13 — O autor acrescenta a essas descrições as reflexões seguintes, cujo alcance todos compreenderão:

A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda outro milagre ao dar a esses corpos mortais, já usados nas passageiras provas da vida e já uma vez aniquilados, a virtude de subsistir, sem se dissolverem, numa fornalha em que até os metais se evaporariam. Que se diga que a alma é o seu próprio carrasco, que Deus não a castiga, mas apenas a abandona no estado de infelicidade que ela mesma escolheu, isso a rigor se pode compreender, embora o eterno abandono de um ser extraviado e sofredor pareça pouco de acordo com a bondade do Criador. Mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode dizer; e de maneira alguma dos corpos e das penas corporais. Para perpetuar essas penas corporais não é suficiente que Deus afaste a sua mão, mas é necessário, pelo contrário, que ele a mostre, que intervenha, que haja, sem o que os corpos sucumbiriam.

Os teólogos supõem então que Deus opera, com efeito, após a ressurreição, esse segundo milagre de que falamos. Primeiro, ele retira do sepulcro, que os havia devorado, os nossos corpos de argila é os retira tal como foram enterrados, com suas antigas enfermidades e as deformações produzidas pela idade, pela doença e pelos vícios. Ele nos devolve a esse estado: decrepitos, gulosos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de insetos, cobertos pelas feridas que a vida e a morte nos impuseram, e é esse o *primeiro milagre*. Depois, nesses corpos miseráveis, prestes a voltarem à poeira de que saíram, ele insufla uma propriedade que eles nunca possuíram, dando-lhes a imortalidade, esse mesmo dom que na sua cólera, ou antes na sua misericórdia, ele havia retirado à Adão ao expulsá-lo do Éden, e eis o segundo milagre. Quando Adão era imortal, e portanto invulnerável, deixou de o ser, tornando -se mortal: a morte seguiu-se imediatamente à dor.

A ressurreição não nos devolve, pois, nem às condições físicas do homem inocente nem às condições físicas do homem culpado. *É uma ressurreição apenas das nossas misérias, mas com a sobrecarga de novas misérias, infinitamente mais horríveis. É em parte, uma verdadeira criação e a mais maliciosa que a imaginação já se atreveu a conceber.* Deus reconsidera, e para acrescentar aos tormentos espirituais dos pecadores os tormentos carnis que devem durar para sempre, muda imediatamente, por um efeito do seu poder, as leis e as propriedades por ele mesmo estabelecidas, desde o começo, para os organismos materiais. Ressuscita as carnes doentes e corrompidas, e reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, os mantém e perpetua contra a ordem natural, nessa podridão viva, e a lança no fogo, *não para a purificar, mas para a conservar tal qual é, sensível, sofredora, sempre queimando, horrível, exatamente como quer que ela se mantenha imortal.*

Por esse milagre se transforma Deus num dos carrascos do inferno, pois se os condenados só podem atribuir a si mesmos os seus males espirituais, não podem fazer o mesmo com os outros, só atribuíveis a Deus. Era aparentemente muito pouco abandoná-los depois da morte à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente haver perdido o bem

supremo. Deus, segundo os teólogos, irá buscá-las nessa noite no fundo desse abismo, trazendo-as por um momento à luz, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, queimante, imperecível, mais empestado que a túnica de Janira, e só então as abandona para sempre.

Mas a verdade é que não as abandonará, pois que o inferno subsiste, como a terra e o céu, por um ato permanente da sua vontade sempre ativa e tudo se desvaneceria se ele cessasse de os sustentar. Ele manterá, portanto, sem cessar, a sua mão sobre os condenados para impedir que o fogo se extinga e seus corpos se dissolvam, *querendo que esses infelizes imortais contribuam com o seu perene suplício para a edificação dos eleitos*.

14 — Dissemos com razão que o inferno dos cristãos havia superado o dos pagãos. No Tártaro, com efeito, viam-se os culpados serem torturados pelos remorsos, sempre em face dos seus crimes e das suas vítimas, acabrunhados por aqueles mesmos que eles haviam prejudicado em vida. Viam-se os culpados fugindo à luz e procurando em vão escapar aos olhos que os perseguiam. O orgulho era ali abatido e humilhado. Todos carregavam os estigmas do seu passado, todos eram punidos pelas suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, era bastante entregá-los a si mesmos, sendo inútil acrescentar-lhes outros castigos. Além disso eles eram *sombras*, quer dizer: *almas com seus corpos fluídicos, imagens da sua existência terrena*. Não se viam os homens retomarem seus corpos carnis para sofrerem materialmente, nem o fogo penetrar-lhes sob a pele e os saturar até a medula dos ossos, nem o requinte e o refinamento dos suplícios que constituem a base do inferno cristão. Havia juízes inflexíveis, mas justos, que proporcionavam a pena na medida da falta, enquanto no império de Satanás todos se confundem nas mesmas torturas e tudo se funda na materialidade, de maneira que a própria equidade não existe.

Há hoje, sem dúvida, na própria Igreja, muitos homens de bom senso que não mais admitem essas coisas ao pé da letra e as consideram como simples alegorias das quais é necessário apreender o sentido. Mas essa opinião é apenas individual e não constitui lei. A crença no inferno material, com todas as suas consequências, ainda permanece como artigo de fé.

15 — Pergunta-se como os homens puderam ver essas coisas em estado de êxtase, se elas não existem. Não é este o lugar de explicar a fonte dessas imagens fantásticas, que as vezes se produzem com a aparência de realidade. Diremos somente que devemos ver nisso uma prova do princípio de que o êxtase é a menos segura de todas as formas de revelação, porque esse estado de superexcitação nem sempre resulta de um desprendimento completo da alma, como se poderia crer, e nele encontramos muito frequentemente o reflexo das preocupações do estado de vigília. As ideias de que a mente se nutre e que o cérebro, ou melhor o invólucro perispiritual correspondente ao cérebro, conserva, se reproduzem e amplificam como numa miragem, sob as formas vaporosas que se desenvolvem e se misturam, compondo esse conjuntos estranhos.

Os extáticos de todos os cultos sempre viram as coisas em relação com a fé a que se apegam. Não é pois de surpreender que os que, como Santa Teresa se acham fortemente convencidos das ideias do inferno, segundo as apresentam as descrições verbais ou escritas e as pinturas, tenham visões que nada mais são, propriamente falando, do que a reprodução dessas ideias,

produzindo o efeito de um pesadelo. Um pagão cheio de fé teria visto o Tártaro e as Fúrias, como teria visto no Olimpo o próprio Júpiter tendo um raio na mão (19).

NOTAS:

(18) Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus no tocante ao bem, são de exemplar docilidade para a prática do mal. Nenhum deles se recusa ou se mostra de má vontade através de toda a eternidade. Que estranha metamorfose operou-se neles, que haviam sido criados puros e perfeitos como os anjos! É realmente estranho vê-los dar exemplos de perfeito entendimento, de plena harmonia, de inalterável concórdia, quando os homens não sabem viver em paz e se estraçalham na Terra. Ven do o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando a sua situação com a dos demônios, pergunta-se quais são os mais dignos de lástima: Os algozes ou as vítimas? (N. de Kardec)

(19) Kardec antecipa, nesta maravilhosa explicação, a *teoria do condicionalismo* à crença que Charles Richet formularia mais tarde na Metapsíquica e hoje revivida na Parapsicologia. Como se vê, as chamadas *novidades parapsicológicas* nada mais fazem do que confirmar teses espíritas de há mais de um século, e às vezes de maneira incoerente, contrastando com a explicação espírita, que é sempre clara e precisa. Veja-se este assunto no livro ***En los límites de la Psicología***, do prof. Ricardo Musso, Buenos Aires, 1960, no ***Tratado de Metapsíquica***, de Richet, e em ***Parapsicología Hoje e Amanhã***, de J. Herculano Pires. (N. do T.)

CAPITULO V

O PURGATÓRIO

1 — O Evangelho não faz nenhuma menção do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 563. Trata-se inevitavelmente de um dogma mais racional e mais conforme à justiça de Deus que o inferno, pois estabelece penas menos rigorosas e mais aceitáveis para as faltas de mediana gravidade.

A ideia do purgatório funda-se, portanto, no princípio da equidade, pois comparado com a justiça humana equivale à detenção temporária em relação com a pena de condenação. O que se pensaria de um país que só tivesse a pena de morte para todos os crimes, até os mais simples delitos? Sem o purgatório só há para as almas as duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nesse caso, o que seria das almas culpadas somente de faltas leves? Ou elas partilhariam a felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos sem os terem igualado no mal, o que não seria justo nem racional.

2 — Mas a noção do purgatório teria de ser necessariamente incompleta, pois só conhecendo o suplício do fogo procuraram diminuir-lo numa ideia atenuada do inferno. As almas ainda se queimam, mas de maneira menos intensa. Não conciliável o progresso com o dogma das penas eternas, as almas não podem sair do purgatório através do seu próprio adiantamento, mas sim pela virtude das preces que se fazem ou se mandam fazer em sua intenção.

Se a ideia inicial foi boa, não se deu o mesmo com as suas consequências, em razão dos abusos de que ela se tornou fonte. Em virtude das preces pagas o purgatório se transformou numa mina mais produtiva que o inferno (20).

3 — O lugar do purgatório nunca foi determinado, nem claramente definida a natureza das penas que nele são impostas. Estava reservado à Nova Revelação preencher esta lacuna ao nos explicar as causas das misérias da vida terrena, que somente o princípio da pluralidade das existências poderia justificar.

Essas misérias são necessariamente resultantes das imperfeições da alma, pois se a alma fosse perfeita não cometeria faltas e não teria de sofrer as suas consequências. O homem que fosse sóbrio e moderado em tudo, por exemplo, não se tornaria presa das doenças provocadas pelos excessos. Na maioria das vezes ele se torna infeliz neste mundo por sua própria culpa. Mas ele é imperfeito, já o devia ser antes de vir para a Terra. Aqui ele expia não somente as faltas atuais, mas também as anteriores que não pode antes reparar. Sofre nesta vida as provas que fez os outros sofrerem numa outra existência. As vicissitudes por que passa são ao mesmo tempo um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições de que se deve livrar para evitar desgraças futuras e progredir na direção do bem.

Elas são para as almas lições da experiência, às vezes rudes, mas tanto mais aproveitáveis quanto mais profunda a impressão que possam deixar. Essas vicissitudes proporcionam a oportunidade de lutas incessantes que desenvolvem as suas forças e as suas faculdades

morais e intelectuais, fortificando a alma na prática do bem. Saindo sempre vitoriosa, ela se beneficia se tiver a coragem de enfrentar a prova até o fim. O prêmio da vitória ela a receberá na vida espiritual, onde entrará radiosa e triunfante como o soldado que sai da refrega e vai receber o seu galardão.

4 — Cada existência representa para a alma a oportunidade de um adiantamento. Depende da sua vontade que esse adiantamento seja o maior possível, permitindo-lhe subir numerosos degraus ou permanecer no mesmo ponto. Neste último caso ela terá perdido a oportunidade, e como é sempre necessário que cedo ou tarde pague a sua dívida, terá de recomeçar numa nova existência as mesmas lutas em condições mais penosas, porque a uma nódoa que não apagou ela acrescentou outra.

É pois nas encarnações sucessivas que a alma se liberta pouco a pouco das suas imperfeições, *que ela se purga*, numa palavra, até que se torne bastante pura para merecer libertar-se dos mundos de expiação e ir para os mundos mais felizes, deixando esses mais tarde para gozar da felicidade suprema.

O Purgatório não é, portanto, uma ideia vaga e incerta: é uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos. Ele se encontra nos mundos de expiação e a Terra é um deles. Os homens expiam nela o seu passado e o seu presente e em benefício do seu futuro. Mas contrariamente à ideia que se faz a respeito, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua permanência neste mundo, segundo o grau de adiantamento e depuração a que possa chegar pelo próprio trabalho. Dela saímos, não por haver completado um certo tempo ou pelos méritos de outros, mas pelo nosso próprio mérito, segundo estas palavras de Cristo: *A cada um segundo suas obras*, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

5 — Aquele que sofre nesta vida pode dizer, portanto, que é por não estar suficientemente depurado e que, se não o fez na existência anterior terá ainda que sofrer na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, sofre-se por tanto tempo quanto, se for imperfeito, como se sofre de uma doença por tanto tempo quanto não se consegue extinguir as suas causas. É assim que um homem orgulhoso sofrerá as consequências do orgulho, da mesma maneira que um egoísta as do egoísmo.

6 — O Espírito culpado sofre primeiramente na vida espiritual em razão dos graus da sua imperfeição; sofre depois na vida corporal que lhe é dada como meio de reparação. É por isso que ele se reencontra com as pessoas que tenha ofendido, seja em situações semelhantes àquelas em que praticou o mal, seja em situações que representam o seu reverso, como neste exemplo: estar na miséria se foi um mau rico ou numa condição humilhante se foi um orgulhoso.

O fato de haver expiação no mundo espiritual e na Terra não representa um duplo castigo para o Espírito. É o mesmo castigo que se prolonga na vida terrena, com o fim de facilitar o seu adiantamento através de um trabalho efetivo. Dele depende tirar o proveito. Não é melhor para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o Céu, do que ser condenado sem remissão ao deixá-la?

Esta liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo aos seus esforços e seja o artífice do seu futuro*. Se ele for infeliz por maior ou menor tempo, não poderá queixar-se senão de si mesmo, pois o caminho do progresso está sempre aberto para ele.

7 — Se considerarmos como é grande o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, como é terrível a situação de alguns, de que angústias se tornaram presas, quanto essa situação se faz mais penosa pela impossibilidade de lhe verem o fim, poderíamos dizer que isso é para eles o inferno, se essa palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que eles nos ofereceram, sabemos que *a duração da expiação está subordinada ao melhoramento do culpado*.

8 — O Espiritismo não vem, pois, negar a existência das penas futuras, mas pelo contrário constatá-las. O que ele destrói é a ideia do inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Não nega o purgatório, desde que prova que estamos nele. Define e precisa o purgatório ao explicar a causa das misérias terrenas, e com isso reconduz à crença aqueles que o negavam.

O Espiritismo condena as preces pelos mortos? Bem ao contrário, pois os espíritos sofredores as solicitam. Faz delas um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os *conduzir ao bem*, abreviando dessa maneira os seus tormentos (21)

Falando à inteligência, o Espiritismo reconduz os incrédulos à fé, induzindo à prece os que dela se afastavam. Mas ensina que a eficácia das preces depende do pensamento e não das palavras, que as melhores preces são as que partem do coração e não apenas dos lábios, aquelas que são ditas por nós mesmos e não as que mandamos dizer por dinheiro. Quem ousaria reprová-lo por isso?

9 — Quer o castigo se verifique na vida espiritual ou na Terra, e qualquer que seja a sua duração, há sempre um termo para ele, mais ou menos longo ou curto. Não há, na verdade, para o Espírito mais do que estas alternativas: punição temporária e graduada segundo a culpabilidade, ou recompensa graduada segundo o mérito. O Espiritismo não aceita a terceira, ou seja a da condenação eterna. O inferno permanece apenas como figura simbólica dos grandes sofrimentos que parecem não ter fim. O Purgatório é a realidade em que nos encontramos.

A palavra *Purgatório* exprime a ideia de um lugar circunscrito. Eis porque se aplica mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao do espaço infinito em que erram os Espíritos sofredores, e também porque a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira purgação.

Quando os homens forem melhores só passarão ao mundo invisível como Espíritos bons, e estes, ao se reencarnarem trarão para a humanidade corpórea somente criaturas aperfeiçoadas. Então a Terra, deixando de ser um mundo de expiação, os homens não mais sofrerão nela as misérias que são hoje as consequências de suas imperfeições. *É essa a*

*transformação que está em marcha neste momento e que elevará a Terra na hierarquia dos mundos. (Ver **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. 3.) (22)*

10 — Mas porque o Cristo não falou do Purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra especial para representá-la. Ele se serviu da palavra inferno, que estava em uso, como um termo genérico para designar todas as modalidades das penas futuras. Se ao lado da palavra inferno tivesse criado um termo equivalente à *Purgatório*, não teria podido precisar-lhe o sentido sem tocar numa questão reservada ao futuro. Por outro lado, isso seria consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno na sua acepção geral, revelando a ideia de punição, implicava também a de Purgatório, que apresenta apenas uma das formas de penalidade. O futuro, devendo esclarecer os homens sobre a natureza das penas, teria, por isso mesmo, de reduzir o inferno ao seu justo valor.

Desde que a Igreja achou de seu dever, após seis séculos, suprir o silêncio de Jesus a esse respeito, decretando a existência do purgatório, foi por haver julgado que ele não havia dito tudo. Porque não será assim para outros pontos, como para esse? (23)

NOTAS:

(20) O purgatório deu origem ao escandaloso comércio das indulgências, com as quais se vendia a entrada no céu. Esse abuso foi a causa primeira da Reforma e foi por causa dele que Lutero rejeitou o purgatório. (N. de Kardec). — Este caso nos mostra o processo da evolução: o erro da concepção do inferno gerou a ideia do Purgatório, e esta determinou, por sua vez, a reformulação da Teologia cristã e a tentativa de volta ao Cristianismo primitivo, que preparou, com a Reforma protestante, o caminho ao Espiritismo. (N. do T.)

(21) Ver **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. 27, *Ação da Prece*.

(22) O grifo é nosso e sua finalidade é chamar a atenção do leitor para o fato de que as grandes transformações atuais que abalam o nosso mundo já estavam previstas nas obras da codificação espírita. A Terra está sofrendo uma *crise de crescimento* para se tornar um *mundo maduro* e portanto melhor. As desordens atuais, que tanto nos assustam, são os prenúncios de uma nova ordem que fará a Terra elevar -se na escala dos mundos. (N. do T.)

(23) Kardec propõe a questão relativa ao esclarecimento que o Espírito da Verdade devia trazer para os homens, segundo a promessa evangélica de Jesus, na hora histórica em que estivessem maduros para recebê-lo. As igrejas cristãs condenaram, como herética a afirmação de Kardec de que o espiritismo vinha completar o ensino do Cristo. Kardec lembra, no trecho acima, um dos pontos em que a Igreja o antecipou de vários séculos, fazendo ela mesma um acréscimo no ensino de Jesus. Mas não repele esse acréscimo, pois reconhece que ele está de acordo com as exigências lógicas da explicação das penas futuras e com a realidade demonstrada pelas comunicações espíritas. Localizando o Purgatório na Terra, em virtude da natureza expiatória do planeta, Kardec ao mesmo tempo extingue a *fonte de rendas* das indulgências que provocou a rebelião da Reforma e justifica o protesto de Lutero. (N. do T.)

CAPÍTULO VI

DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

Origem da Doutrina das Penas Eternas

1 — A crença na eternidade das penas perde terreno cada dia, de tal maneira que, mesmo não sendo profeta, podemos prever o seu fim próximo. Ela tem sido combatida por argumentos tão poderosos e decisivos, que parece quase supérfluo ocuparmo-nos dela hoje, bastando que a deixássemos extinguir-se por si mesma. Não se pode, entretanto, esquecer que, por mais caduca que ela pareça, ainda permanece como o centro de resistência dos adversários das ideias novas, o ponto que eles defendem com mais ardor porque é um dos seus flancos mais vulneráveis, e porque prevêem as consequências da sua queda. Nesse sentido, a questão merece um exame sério.

2 — A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve a sua razão de ser quando podia servir de freio para os homens intelectual e moralmente pouco desenvolvidos. Da mesma maneira que eles não podiam impressionar-se muito com a ideia de penas espirituais, também não se impressionariam com penalidades temporais. Não compreenderiam mesmo a justiça das penas graduais e proporcionais, porque não estavam aptos a apreender as nuances quase sempre sutis entre o bem e o mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3 — Quanto mais próximos do estado primitivo, mais materializados são os homens. O senso moral é o que se desenvolve mais tardiamente. Por isso mesmo só podem fazer uma ideia muito imperfeita de Deus e de seus atributos, e uma ideia igualmente vaga da vida futura. Assemelham Deus à sua própria natureza, figurando-o como um soberano absoluto, tanto mais temível quanto é invisível, como um déspota que, oculto no seu palácio, jamais se mostra ao povo.

Deus só é então poderoso pela força material, porque eles não compreendem o poder espiritual. Só o concebem armado com o raio, em meio aos clarões da tempestade, semeando à sua passagem a ruína e a desolação à maneira dos conquistadores invencíveis. Um Deus de mansuetude e de misericórdia não seria Deus, mas um ser débil que não poderia fazer-se obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de contrário à ideia que faziam de Deus, nada que lhes repugnasse a razão. Implacáveis eles mesmos nas suas lutas, cruéis para os inimigos, piedosos para com os vencidos, Deus, que lhes era superior devia ser ainda mais terrível do que eles.

Para esses homens eram necessárias crenças religiosas adequadas à sua natureza ainda rude. Uma religião inteiramente espiritual, feita de amor e caridade, não poderia harmonizar-se com a brutalidade dos seus costumes e das suas paixões. Não acusemos pois Moisés por sua legislação draconiana, que era apenas suficiente para conter um povo indócil, nem de haver feito de Deus um ser vingativo. Era o necessário para a época. A suave doutrina de Jesus não poderia encontrar eco e se mostraria impotente.

4 — À medida que o Espírito se desenvolveu, o véu material foi -se dissipando aos poucos e os homens se tornaram mais aptos a compreender as questões espirituais. Mas tudo isso teve de se fazer gradualmente. Quando Jesus veio já pode anunciar um Deus clemente, falar do seu reino que não era deste mundo e dizer aos homens: *Amai-vos uns aos outros, fazei o bem aos que vos odeiam*, enquanto os antigos diziam: *Olho por olho e dente por dente*.

Mas quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas novas, criadas para ali se encarnarem? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais adiantadas que as do tempo de Moisés e nesse caso, em que se tornariam estas últimas? Teriam elas adormecido no embrutecimento pela eternidade? O simples bom senso repele esta suposição. Não. Eram as mesmas almas que após terem vivido sob o domínio da lei Mosaica, haviam adquirido através de muitas existências o desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, e que atualmente mostram -se ainda mais adiantadas, podendo receber um ensino mais completo.

5 — Apesar disso, o Cristo não pode revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios do futuro. Ele mesmo disse: *Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as podereis compreender, é por isso que vos falo em parábolas*. Quanto aos problemas morais, aos deveres das relações humanas, Ele foi bastante preciso, porque, tocando a corda sensível dos interesses materiais podia fazer-se compreender. Quanto aos outros pontos Ele se limitou a semear, sob forma alegórica, os germes que deveriam desenvolver -se mais tarde.

A doutrina das penas e das recompensas futuras estava neste caso. Particularmente no tocante às penas Ele não podia romper abruptamente as concepções tradicionais. Vinha revelar aos homens novos deveres: a caridade e o amor do próximo substituindo o ódio e a vingança; a abnegação em lugar do egoísmo. Isto já era muito. Ele não podia conscientemente atenuar o medo aos castigos reservados aos prevaricadores sem enfraquecer, ao mesmo tempo, o princípio do dever.

Jesus prometia o reino dos céus aos bons. Esse reino estava portanto interdito aos maus. Para onde iriam estes? Era necessária uma contraparte capaz de impressionar as inteligências demasiado materiais para compreenderem a vida espiritual. Não se deve esquecer que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da população, para a qual tinha de usar imagens de certa maneira palpáveis e não ideias abstraias. Eis porque não podia entrar em detalhes supérfluos nesse terreno: bastava-lhe opor uma punição à recompensa sendo isto o suficiente naquela época.

6 — Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na Geena. Mas o que era a Geena? Um lugar nas cercanias de Jerusalém, o depósito de lixo da cidade. Seria possível tomar-se isso ao pé da letra? Era apenas uma dessas imagens fortes de que se servia para impressionar as massas. Acontecia o mesmo com o fogo eterno. Se não fosse esse o seu pensamento, Ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus, porque a clemência e a inexorabilidade se negam reciprocamente. Seria pois nos enganarmos estranhamente sobre o sentido das palavras de Jesus, vermos nela a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensino proclama a bondade do criador.

Na oração dominical nos ensinou a dizer: *Senhor, perdoai as nossas ofensas como perdoamos os nossos ofensores*. Se o culpado não pudesse esperar nenhum perdão, seria inútil pedi-lo. Mas há condições para esse perdão? É ele uma graça, uma anulação pura e simples da pena em que se incorreu? Não. A medida desse perdão está subordinada à maneira porque perdoamos, ou seja, se não perdoamos não seremos perdoados. Fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, Deus não podia exigir que o homem frágil fizesse o que Ele, todo-poderoso, não faria. A oração dominical é uma negação da vingança eterna de Deus.

7 — Para os homens que só tinham uma noção confusa da espiritualidade da alma a ideia do fogo material não era chocante, tanto mais que ela se encontra na crença popular proveniente do inferno pagão e quase universalmente difundida. A eternidade das penas nada tinha de repugnante para criaturas submetidas desde séculos à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus o fogo eterno só podia ser uma figura. Pouco lhe importava que essa figura fosse tomada ao pé da letra, desde que devia servir de freio. Ele sabia muito bem que o tempo e o progresso se encarregariam de esclarecer o sentido alegórico, sobretudo quando, segundo a sua predição, o Espírito da Verdade viesse esclarecer todas as coisas aos homens. A consequência essencial das penas irrevogáveis é a ineficácia do arrependimento. Mas Jesus nunca disse que o arrependimento fosse inútil perante Deus. Em todas as ocasiões, pelo contrário, apresentou um Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta para o lar paterno. Só o mostrou inflexível para o pecador endurecido. Mas assim mesmo, se tinha o castigo numa das mãos, tinha sempre o perdão na outra, pronto a dispensá-lo ao culpado, desde que esse voltasse sinceramente a Ele. Não é verdadeira, pois, a imagem de um Deus impiedoso. Devemos observar também que Jesus não pronunciou contra ninguém, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.

8 — Todas as religiões primitivas, de acordo com a natureza dos povos tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos Hebreus lhes proporcionava todos os meios necessários para que exterminassem os seus inimigos, e os recompensava pela vitória ou os punia pela derrota. Segundo a ideia que faziam de Deus, acreditavam honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue dos animais ou dos homens. Vêm daí os sacrifícios sangrentos que tiveram papel tão considerável em todas as religiões antigas.

Os Judeus haviam abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, acreditavam por muito tempo honrar ao criador entregando ao fogo e às torturas milhares daqueles que chamavam de hereges. Eram, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, desde que o faziam *para a maior glória de Deus e com a realização de cerimônias religiosas*. Ainda hoje continuam invocando o *Deus dos Exércitos* antes dos combates e o glorificam após a vitória, e isso frequentemente pelas causas mais injustas e mais anticristãs.

9 — Como o homem custa a se livrar de seus prejuízos, dos seus hábitos, das suas ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e nossa geração cristã ainda conserva os traços de antigas usanças bárbaras consagradas ou pelo menos aprovadas pela religião atual!

Foi necessária a pressão da opinião dos *não-ortodoxos*, dos que são olhados como heréticos, para se pôr fim às fogueiras e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras as perseguições materiais e morais continuaram em vigor, de tal maneira a ideia

de um Deus cruel está enraizada no homem. Alimentado pelos sentimentos que lhes são inculcados na infância, poderia o homem estranhar que um Deus que lhe apresentaram honrado por atos bárbaros condene à torturas eternas, vendo sem piedade o sofrimento dos condenados?

Foram os filósofos, os ímpios, segundo alguns, que se escandalizaram de ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele. Foram estes que o mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e da mesquinhez humana que lhe havia atribuído uma crença cega. A religião ganhou com isso em dignidade aquilo que havia perdido em prestígio exterior, porque se há menos homens apegados a ela pela forma, é maior o número dos que são mais sinceramente religiosos, pelo coração e pelos sentimentos.

Mas ao lado desses, quantos foram levados, por ficarem apenas nas aparências, à negação da Providência! Por não haverem feito que as crenças religiosas acompanhassem o progresso da razão humana, os responsáveis por isso levaram uns ao deísmo, outros à incredulidade absoluta, outros ao panteísmo, o que vale dizer que o homem se fez Deus a si mesmo na falta de outro mais perfeito.

Argumentos a favor das penas eternas

10 — Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que se invoca em seu favor é o seguinte:

Admite-se entre os homens que a gravidade da ofensa está na razão da qualidade do ofendido. Aquela que se comete contra um soberano é considerada mais grave do que a cometida contra um simples cidadão e punida com maior severidade. Ora, Deus é mais que um soberano, pois é infinito e por isso mesmo a ofensa a ele também se torna infinita, merecendo um castigo da mesma natureza, ou seja: eterno.

Refutação — Toda a refutação é um raciocínio que deve ter o seu ponto de partida, uma base em que se apoiar, premissas, numa palavra. Encontramos essas premissas nos próprios atributos de Deus.

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

Não se pode conceber Deus sem o infinito das suas perfeições, pois sem isso ele não seria Deus, desde que poderíamos conceber um ser que possuísse o que lhe falta. Para que ele seja o único acima de todas as coisas é necessário que nenhum o possa superar ou igualar seja no que for. Portanto, é necessário que ele seja infinito em todos os sentidos. Os atributos de Deus, sendo infinitos, não podem aumentar nem diminuir. Sem isso, eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos a Deus a mínima parcela de um só de seus atributos, não mais teríamos Deus, pois seria possível a existência de um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade de existir uma qualidade contrária que a anulasse ou diminuísse. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a menor parcela de maldade, e

um ser *infinitamente mau* não pode ter a menor parcela de bondade. Isso da mesma maneira que um objeto não poderia ser absolutamente negro com a mais leve nuance de branco, nem absolutamente branco com a mínima mancha negra.

Colocado esse ponto, podemos opor ao argumento acima o seguinte raciocínio:

11 — Somente um ser infinito pode criar o infinito. O homem, limitado em suas virtudes, nos seus conhecimentos, nos seus poderes, nas suas aptidões, na sua própria existência terrena, só pode produzir coisas limitadas. Se o homem pudesse ser infinito no mal que pratica, também o poderia ser no bem que faz, e ele seria igual a Deus. Mas, se o homem fosse infinito no tocante ao bem, não faria nenhum mal, porque o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

Admitindo-se que uma ofensa temporária praticada contra a divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-a por um castigo infinito seria infinitamente vingativo. E se ele o for, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, pois um dos seus atributos é a limitação do outro. Se ele não for infinitamente bom não é perfeito, e se não for perfeito não é Deus.

Se Deus for inexorável para o culpado arrependido, não é misericordioso, e se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

Porque daria Deus ao homem a lei do perdão, se ele mesmo não devesse perdoar? Disso resultaria que o homem que perdoa os seus inimigos, retribuindo-lhes o mal com o bem, seria melhor que Deus que permanece surdo ao arrependimento do seu ofensor e lhe recusa, *pela eternidade*, a mais leve atenuação da pena.

Deus, que está em toda a parte e tudo vê, tem de ver as torturas dos condenados. Se ele for insensível aos seus clamores pela eternidade, será eternamente impiedoso, e se for impiedoso não é infinitamente bom.

12 — A isto, respondem que o pecador que se arrepende antes de morrer obtém a misericórdia de Deus e que o maior culpado pode se beneficiar com a sua graça.

Não pode haver dúvida quanto a isto. Concebe-se que Deus somente perdoe aos arrependidos e seja inflexível para os espíritos endurecidos. Mas se ele se mostra cheio de misericórdia para a alma que se arrepende antes de deixar o corpo, porque não faria o mesmo para aquela que se arrepende depois da morte? Qual a razão do arrependimento só ser eficaz durante a vida, representa apenas um instante e não o ser durante a eternidade? Se a bondade e a misericórdia de Deus ficam circunscritas a um *determinado tempo*, não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.

13 — Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a mais inexorável nem a que deixa impunes todas as faltas, mas a que considera da maneira mais rigorosa o bem e o mal, recompensando um e punindo o outro com perfeita equidade, sem jamais se enganar.

Se por uma falta passageira que resulta quase sempre da natureza imperfeita do homem, e muitas vezes decorre do meio em que ele se encontra, a alma pode ser punida eternamente,

sem esperanças de abrandamento e nem de perdão, não existe nenhuma proporção entre a falta e a punição. Portanto, não há justiça.

Se o culpado se volta para Deus, arrependendo-se e pedindo para reparar o mal cometido, isso equivale a um retorno ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo for irrevogável, esse retorno ao bem não produz efeito, desde que Deus não leva em conta o bem e não pratica a justiça. Entre os homens, o condenado que se emenda vê a sua pena comutada e às vezes perdoada. Haveria, pois, na justiça humana mais equidade que na justiça Divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. Nada podendo esperar do seu retorno ao bem, o culpado persiste no mal, de maneira que Deus não somente o condena a sofrer eternamente mas também a permanecer no mal por toda a eternidade. Não há nisso nem justiça, nem bondade.

14 — Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve conhecer tudo no passado e no futuro. Deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela vai falir de maneira grave para ser condenada eternamente. Se não o sabe, seu saber não é infinito e nesse caso Ele não é Deus. Se o sabe, cria voluntariamente um ser condenado, desde à sua formação, às torturas sem fim, e nesse caso não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode estender a ele a sua misericórdia e o *retirar do inferno*, não existe penas eternas e o julgamento feito pelos homens está revogado.

15 — A doutrina das penas eternas, aceita de maneira absoluta, leva-nos forçosamente à negação ou a diminuição, de alguns atributos de Deus. Ela é, por conseguinte, inconciliável com a perfeição infinita, pelo que chegamos à esta conclusão:

Se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe; se ela existe, Deus não é perfeito.

16 — Invoca-se ainda em favor do dogma da eternidade das penas o seguinte argumento:

A recompensa concedida aos bons sendo eterna, deve ter como contraparte uma punição eterna. É justo proporcionar a punição à recompensa.

Refutação — Deus teria criado a alma com o fim de fazê-la feliz ou infeliz. É evidente que a felicidade das criaturas deve ser o objetivo de sua criação, pois de outra maneira Deus não seria bom. Ela atinge a felicidade pelo próprio mérito. Conquistado o mérito, ela não pode perder o seu fruto, porque então degeneraria. A eternidade da felicidade é pois uma consequência da sua natureza imortal.

Mas antes de chegar à perfeição, ela terá lutas a sustentar, combates a travar com as más paixões. Não tendo criado perfeita, mas *capaz de se aperfeiçoar*, a fim de que tenha o mérito de suas obras, ela pode falir. Suas quedas decorrem de sua fraqueza natural. Se ela tivesse de ser condenada eternamente por uma queda, poderíamos perguntar porque Deus não a criou mais forte.

A punição sofrida pela alma é uma advertência de que ela fez o mal. Deve ter como resultado reconduzi-la ao bom caminho. Mas se a pena fosse irremissível, seu desejo de se corrigir seria inútil. Assim, o fim providencial da criação não poderia ser atingido, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode tornar-se boa; podendo tornar-se boa, pode aspirar à felicidade. Deus seria justo se lhe recusasse esses meios?

Sendo o bem o objetivo final da criação, a felicidade, que é o seu prêmio, deve ser eterna. Ao mesmo tempo, o castigo que é um meio de levar ao bem deve ser temporário. A mais vulgar noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo do bem e se dispõe a praticá-lo.

17 — Um último argumento em favor da eternidade das penas é o seguinte:

O temor de um castigo eterno é o freio. Se o eliminarmos, nada mais tendo a temer, o homem se entregará a todos os desregramentos.

Refutação — Esse raciocínio seria justo se ao eliminarmos a eternidade das penas suprimíssemos toda e qualquer sanção penal. A situação feliz ou infeliz na vida futura decorre de uma rigorosa consequência da justiça de Deus, enquanto uma identidade de situação entre o homem bom e o perverso seria a negação dessa justiça. Pelo fato de não ser eterno, o castigo não tem de ser menos penoso. Ele se torna tanto mais temível, quanto mais se pode aceitá-lo, e tanto mais aceitável, quanto mais racional. Uma penalidade em que não se pode crer não é um freio, e a eternidade das penas está nesse caso.

A crença nas penas eternas, como já dissemos, teve a sua utilidade e a sua razão de ser em certa época. Hoje, não somente ela deixou de assustar, como acabou por semear a incredulidade. Antes de colocá-la como uma necessidade, seria necessário demonstrar a sua realidade. Conviria, sobretudo que se pudesse ver a sua eficácia no exemplo daqueles que a preconizam e se esforçam para a demonstrar. Infelizmente, entre eles, são bem poucos os que provam pelos seus atos que realmente estão atemorizados. Se essa crença é impotente para reprimir o mal entre aqueles que dizem acreditar nela, que domínio poderia ter sobre os que não acreditam?

Impossibilidade material das penas eternas

18 — Até aqui, o dogma das penas eternas só foi contraditado pelo raciocínio. Vamos agora demonstrar que ele está em contradição com os fatos positivos que temos diante dos olhos e que provam a sua impossibilidade.

De acordo com esse dogma, o destino da alma após a morte é fixado de maneira irrevogável. Fica assim definitivamente barrado o seu progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis toda a questão. Se ela progride a eternidade das penas é inadmissível.

Podemos duvidar desse progresso, quando vemos a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais existentes na Terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se veem as diferenças que um mesmo povo apresenta de um século para outro? Se admitirmos que não são mais as mesmas almas, teremos de aceitar que Deus cria as almas em todos os graus de desenvolvimento, de acordo com os tempos e os lugares, favorecendo umas, enquanto relega outras à uma inferioridade perpétua. Isso é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

19 — É incontestável que a alma, intelectual e moralmente não desenvolvida, como a dos povos bárbaros, não pode dispor das mesmas condições de felicidade, das mesmas aptidões para gozar dos esplendores do infinito, que tem aquela cujas faculdades já se encontram amplamente desenvolvidas. Se essas almas, portanto, não progredirem, não podem, mesmo nas condições mais favoráveis, gozar pela eternidade senão de uma felicidade muito reduzida. Chega-se assim forçosamente, de acordo com uma rigorosa justiça, à conclusão de que as almas mais adiantadas são as mesmas que antes se apresentavam como atrasadas e depois progrediram. Aqui tocamos na grave questão da pluralidade das existências, como único meio racional de se resolver a dificuldade. Não obstante, a deixaremos de lado para só considerar a alma numa única existência.

20 — Consideremos, como tantos que existem, um jovem de vinte anos, ignorante, entregue aos instintos inferiores negando Deus e sua alma, desordeiro, cometendo toda espécie de maldades. Colocado, entretanto, num meio favorável, trabalha e se instrui, corrige-se pouco a pouco e por fim se transforma numa criatura piedosa. Não é esse um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, e todos os dias não vemos casos semelhantes?

Esse homem morre em santidade numa idade avançada e certamente a sua salvação está assegurada. Mas o que teria sido dele, se um acidente o tivesse levado à morte quarenta ou cinquenta anos antes? Estaria dentro de todas as condições para ser um condenado, e uma vez condenado, estaria impedido de realizar qualquer progresso.

Eis o caso de um homem que se salvou por ter vivido bastante e que, segundo a doutrina das penas eternas, jamais se teria salvado se tivesse vivido menos, o que poderia acontecer por um acidente qualquer. Mas desde que a sua alma pode progredir num determinado tempo, porque não progrediria nesse mesmo tempo após a morte, se uma causa independente da sua vontade a tivesse impedido de fazê-lo em vida? Porque Deus haveria então de recusar-lhe os meios? O arrependimento, embora tardio, não é menos efetivo do que se viesse em tempo. Mas se desde o instante da morte uma condenação irremissível o atingiu, seu arrependimento não tem mais valor para a eternidade e sua capacidade de progredir ficou para sempre anulada.

21 — O dogma da eternidade das penas é pois inconciliável com o progresso da alma, pois lhe opõe um obstáculo insuperável. Esses dois princípios se anulam forçosamente um pelo outro. Se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois realmente existe? A lei do progresso é evidente, não é uma teoria, mas um fato constatado pelas experiências. É uma lei natural, lei divina, imprescritível. Assim, desde que ela existe e não pode se conciliar com a outra, é que a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse verdadeiro, Santo Agostinho, São

Paulo e muitos outros jamais teriam visto o céu se houvessem morrido antes do progresso que os levou à conversão.

A esta afirmação respondem que a conversão desses santos não resultou de nenhum progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual se sentiram tocados.

Mas isto é jogar com palavras. Se eles praticaram o mal e mais tarde se voltaram para o bem é que se tornaram melhores. Conseqüentemente: progrediram. Deus lhes teria concedido então, por um favor especial, a graça de se corrigirem? Porque a eles e não a outros? É sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e seu amor sem distinção para com todas as criaturas.

Segundo a doutrina espírita, segundo as próprias palavras do Evangelho, dentro da lógica e da mais rigorosa justiça, o homem é o que as suas próprias obras o fazem, durante esta vida e após a morte. Nada ele deve a qualquer favoritismo, pois Deus o recompensa de acordo com os seus esforços e o pune pela sua negligência, por tanto tempo quanto durar a negligência.

A doutrina das penas eternas passou do tempo

22 — A crença na eternidade das penas materiais permaneceu como um temor necessário até que os homens pudessem compreender o poder da moral. Aconteceu como com as crianças que podem ser contidas durante algum tempo pela ameaça de certos seres fantásticos que lhes causam pavor, mas chega o momento em que a razão da criança recusa por si mesma essas estórias, e então seria absurdo pretender governá-las pelos mesmos meios. Se continuarem a dizer que essas fábulas são verdadeiras e devem ser tomadas ao pé da letra, elas perderão a confiança nas pessoas. É o que acontece atualmente com a humanidade. Ela saiu da infância e se libertou dessas rédeas artificiais. O homem não é mais esse instrumento passivo que se curva à força material, nem a criatura crédula que tudo aceitava de olhos fechados.

23 — A crença é um ato de entendimento e por isso não pode ser imposta. Se, durante um certo período da evolução da humanidade, o dogma da eternidade das penas foi inofensivo, salutar mesmo, chegou agora o momento em que ele se torna perigoso. Com efeito, desde o momento que lhe imponham esse dogma como verdade absoluta, quando a razão o repele, necessariamente acontecerá uma destas coisas: ou o homem que deseja crer procura uma crença mais racional e se afasta da que lhe querem impor, ou deixa inteiramente de crer. É evidente, para quem quer estudar friamente a questão, que nos nossos dias a eternidade das penas produziu maior número de materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso necessariamente progressivo e não se pode governar os homens senão seguindo esse curso. Querer detê-los ou fazê-los retroceder, ou simplesmente parar onde se encontram, quando ele está avançando, seria perdê-los. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte, tanto para as religiões como para os governos. É isso um bem? Ou é um mal? Certamente é um mal aos olhos dos que, vivendo no passado, percebem que esse passado lhes escapa. Para os que vêm o futuro, é o cumprimento da lei do

progresso que é uma lei de Deus. E contra as leis de Deus é inútil qualquer resistência: lutar contra a sua vontade é querer despedaçar-se.

Porque, pois, querer a toda força sustentar uma crença que cai em decrepitude e que na verdade produz mais mal do que bem à própria religião? Infelizmente, é triste dizer, uma questão material domina neste ponto o problema religioso. Essa crença tem sido largamente explorada, graças à ideia de que as portas do céu podem ser abertas com dinheiro, livrando-nos do inferno. As somas que ela tem produzido e que ainda produz são incalculáveis: é o imposto cobrado sobre o medo da eternidade. Sendo facultativo, o produto desse imposto é proporcional ao domínio da crença. Se esta não mais existir, a arrecadação desaparece. A criança dá o seu doce de boa vontade a quem lhe promete que vai espantar o lobisomem, mas quando a criança não acredita mais no lobisomem, prefere comer o doce.

24 — A nova revelação, fornecendo ideias mais aceitáveis sobre a vida futura e demonstrando que a salvação pode ser alcançada através das próprias obras, deve enfrentar uma oposição tanto mais forte, quanto ela vem estancar a mais importante fonte de arrecadação. É o que sempre acontece quando uma descoberta ou uma invenção vem modificar as situações. Os que vivem dos antigos costumes sempre os defendem, procurando desacreditar as novidades, por mais vantajosas que sejam.

Acreditais, por exemplo, que a arte de imprimir, não obstante os benefícios que devia trazer à humanidade, pudesse ser aclamada pela numerosa classe dos copistas? Não, certamente. Eles deviam maldizê-la. Assim também aconteceu com as máquinas, com as estradas de ferro e centenas de outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma simples futilidade que lhes provoca o riso. Aos olhos do filósofo, a questão se torna grave no seu aspecto social pelos abusos a que tem servido, de motivo. O homem verdadeiramente religioso considera que a dignidade da religião depende da destruição desses abusos e conseqüentemente das suas causas.

Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original

25 — Aos que pretendem encontrar na Bíblia a justificação da eternidade das penas podemos opor os textos contrários, que não permitem nenhuma dúvida a respeito. As seguintes palavras de Ezequiel são a mais decisiva negação, não somente das penas irremissíveis, mas também da possibilidade de recair sobre toda a sua descendência a falta cometida pelo pai do gênero humano:

1) Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: 2) Que tendes vós, vós que acerca da terra de Israel proferiste este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? 3) Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel. 4) Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.

5) Sendo, pois, o homem justo e fazendo juízo e justiça; 7) não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor a coisa penhorada, não roubando, dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes; 8) não dando seu dinheiro à usura, não recebendo juros, desviando a sua mão da injustiça e fazendo verdadeiro juízo entre homem e homem; 9) andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente o tal justo certamente viverá, diz o Senhor Deus.

10) Se ele gerar um filho ladrão, derramador de sangue, que fizer a seu irmão qualquer destas coisas. 13) esse filho morrerá, por todas estas abominações que ele fez e o seu sangue será sobre ele.

14) Eis que, se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez e, vendo -os, não cometer coisas semelhantes, 17) não morrerá pela iniquidade de seu pai, mas certamente viverá. 18) Quanto a seu pai, porque praticou extorsão, roubou os bens do próximo e fez o que não era bom no meio do seu povo, eis que morrerá por causa de sua iniquidade.

19) Mas direis: Por que não leva o filho a iniquidade do pai? Porque o filho fez o que era reto e justo e guardou todos os meus estatutos e os praticou, por isso certamente viverá.

20) A alma que pecar, essa morrerá; *o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho*; a justiça do justo ficará sobre ele e a perversidade do perverso cairá sobre este.

21) Mas se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente viverá, não será mo rto. 22) De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou, viverá.

23) Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? diz o Senhor Deus. Não, desejo eu antes que ele se converta do seu caminho e viva. (Ezequiel , cap, XVIII, vs. 1 a 23.)

11) Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. (Ezequiel, cap. XXXIII, v. 11) (24)

NOTA:

(24) Nota-se a falta do versículo 6 do cap. XVIII de Ezequiel. A omissão foi proposital. Kardec deixou de lado esse versículo porque ele se refere a ordenações judaicas da lei de pureza (superadas pelo Evangelho) como se pode ver conferindo-se o texto com a Bíblia. Como se pode alegar que a omissão oculta *segunda intenção* o que se já tem feito, damos aqui esse versículo: "*Não comendo carne sacrificada nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação.*" Como se vê, esse versículo quebra a harmonia do texto em sua aplicação atual. Os vs. 12, 15 e 16 Scram também suprimidos porque repetem aquelas ordenações.

Tanto no original francês como em todas as traduções correntes entre nós ocorreu também um erro de citação que corrigimos aqui. O versículo 23 do cap. XVIII foi mencionado como pertencente ao cap, XXVIII. Um pequeno engano, certamente gráfico, ainda hoje mantido nas próprias edições francesas e belgas. (N. do T)

CAPÍTULO VII

AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

A carne é fraca

Há tendências viciosas que são evidentemente inerentes ao Espírito, pois que se ligam mais ao moral do que ao físico. Outras parecem antes resultar do organismo e por isso acredita-se que acarretam menos responsabilidade: tais são as predisposições à cólera, à preguiça, à sensualidade etc.

Hoje está perfeitamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas ele tem essa bossa porque o seu espírito é músico.

Se a ação do Espírito influi no cérebro, deve igualmente influir sobre outras partes do organismo. O Espírito é assim o artífice do seu próprio corpo que ele modela, por assim dizer, apropriando-o às suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Assim sendo, a perfeição corporal das raças adiantadas não seria consequência de criações distintas, mas o resultado do trabalho do espírito que aperfeiçoa o seu instrumento na medida em que as suas faculdades se desenvolvem.

Por uma consequência natural desse princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as funções sanguíneas, dando-lhes maior ou menor atividade, bem como provocar secreções mais ou menos abundantes da bilis ou de outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente a boca encher-se de água ao ver comidas apetitosas. Não é a comida em si que pode excitar os órgãos do gosto, desde que não há nenhum contato. É pois o Espírito, cuja sensualidade foi despertada, que age pelo pensamento sobre esses órgãos, enquanto para outra pessoa a visão dessa comida não produz nenhum efeito (25).

É ainda por essa mesma razão que uma pessoa sensível verte lágrimas com facilidade. Não é a existência de lágrimas em abundância que dá sensibilidade ao Espírito, mas é a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob a influência da sensibilidade espiritual o organismo apropriou-se a essa disposição natural do Espírito, como o do glutão se apropriou à disposição do seu Espírito.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um espírito irascível deve impulsionar um temperamento bilioso, de maneira que um homem não é colérico por ser bilioso, mas é bilioso porque o seu Espírito é colérico. Acontece o mesmo com todas as demais disposições instintivas. Um Espírito fraco e indolente dará ao seu organismo uma condição de atonia em relação ao seu caráter, enquanto um espírito ativo e enérgico transmitirá ao seu sangue e aos seus nervos disposições bastante diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal maneira evidente, que vemos frequentemente graves desordens orgânicas se produzirem por efeito de violentas comoções morais. A expressão comum: *A emoção pôs-lhe o sangue a ferver* não é

tão desprovida de senso como se poderia pensar. Ora, o que poderia agitar o sangue se não o Espírito por suas disposições morais? (26)

Pode-se admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos *em parte* porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral. É quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários que influem na constituição, um mal-estar passageiro etc. O moral do Espírito pode então ser afetado nas suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza própria seja por isso modificada.

Desculpar-se dos seus defeitos com a fraqueza da carne é, pois, lançar mão de um sofisma para escapar à responsabilidade. *A carne só é fraca quando o Espírito é fraco*, o que inverte a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e dotado de vontade. É o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime na sua obra material o selo do seu génio. O Espírito liberto dos instintos da animalidade modela um corpo que não é mais um tirano das suas aspirações de espiritualização. É então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive para comer.

A responsabilidade moral dos nossos atos na vida permanece, portanto, inteiramente nossa. Mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem estar em relação com o desenvolvimento intelectual do Espírito. Quanto mais ele for esclarecido, menos desculpável será, porque com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto (27).

Esta lei explica os insucessos da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não causa, os esforços feitos para modificá-lo são necessariamente embaraçados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É pois sobre a causa primeira que se deve agir. Dai, se possível, coragem ao poltrão e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo (28).

Isto prova mais uma vez a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (Ver *Revista Espírita* de Março de 1869).

Fontes da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

A Doutrina Espírita, no tocante às penas futuras não se funda, como nos outros pontos, sobre uma teoria preconcebida. Não apresenta um sistema para substituir outro sistema. Em todos os seus aspectos ela se apoia nas observações, e é isso o que faz a sua autoridade.

Ninguém imaginou que as almas, após a morte, devessem estar nesta ou naquela situação. Foram os próprios seres que já deixaram a Terra que vieram nos iniciar nos mistérios da vida futura, descrever a sua situação feliz ou infeliz, as impressões que sofreram e a transformação

por que passaram com a morte do corpo. Numa palavra: vieram completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata, porém, do relato de um único Espírito, que poderia ver as coisas apenas à sua maneira, sob um único aspecto, ou ser ainda dominado pelos prejuízos da sua vida terrena. Nem se trata de uma revelação particular, feita a um único indivíduo, que poderia se deixar enganar pelas aparências. Nem de uma *visão extática* que se prestasse às ilusões, não sendo frequentemente mais do que um reflexo da imaginação exaltada.

Trata-se, pelo contrário, de inumeráveis exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde a mais elevada até a mais baixa da escala, com a ajuda de numerosos intermediários espalhados por todos os pontos da Terra, de tal maneira que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada um pode por si mesmo ver e observar e ninguém é obrigado a crer sobre a fé dos outros.

Código penal da vida futura

O Espiritismo não se apoia, pois, numa autoridade de natureza particular para formular um código fantasioso. Suas leis, no que toca ao futuro da alma são deduzidas de observações positivas sobre os fatos e podem ser resumidas da maneira seguinte:

1º) A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que não se libertou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou das suas imperfeições.

2º) A felicidade perfeita é inerente à perfeição, quer dizer a purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é ao mesmo tempo uma causa de sofrimento e de privação de ventura, da mesma maneira que toda qualidade adquirida é uma causa de ventura e de atenuação dos sofrimentos.

3º) Não há uma só imperfeição da alma que não acarrete consequências desagradáveis, inevitáveis, e não há uma só qualidade boa que não seja fonte de ventura. A soma das penas é assim proporcional à soma das imperfeições, como a dos gozos é proporcionada à soma das boas qualidades.

A alma que tiver, por exemplo, dez imperfeições, sofrerá mais do que aquela que tiver apenas três ou quatro. Quando dessas dez imperfeições só lhe restarem um quarto ou a metade, ela sofrerá menos, e quando nada mais restar, ela nada sofrerá, sendo perfeita e feliz. É como acontece na Terra: aquele que sofre de muitas doenças padece mais do que o que sofre apenas de uma ou não tem nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades boas goza de mais felicidade que a outra que possui menos.

4º) Em virtude da lei do progresso, tendo cada alma a possibilidade de conquistar o bem que lhe falta e libertar-se do que possui de mal, segundo os seus esforços e a sua vontade, resulta que o futuro está aberto para qualquer criatura. Deus não repudia nenhum de seus filhos. Ele

os recebe em seu seio à medida que eles atingem a perfeição, ficando assim a cada um o mérito das suas obras.

5º) O sofrimento sendo inerente à imperfeição, como a felicidade é inerente à perfeição, a alma leva em si mesma o seu próprio castigo onde quer que se encontre. Não há pois necessidade de um lugar circunscrito para ela. O inferno está assim por toda a parte, onde quer que existam almas sofredoras, como o céu está por toda a parte, onde quer que as almas sejam felizes.

6º) O bem e o mal que praticamos são resultados das boas e das más qualidades que possuímos. Não fazer o bem que se pode fazer é uma prova de imperfeição. Se toda a imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não só por todo o mal que tenha feito, mas também por todo o bem que podia fazer e que não fez durante a sua vida terrena.

7º) O Espírito sofre segundo o que fez sofrer, de maneira que *sua atenção estando incessantemente voltada para as consequências desse mal*, ele compreende melhor os inconvenientes do seu procedimento e é levado a se corrigir.

8º) A justiça de Deus sendo infinita, todo o mal e todo o bem são rigorosamente levados em conta. Se não há uma única ação má, um só mau pensamento que não tenha consequências fatais, também não há uma única ação boa, um só bom movimento da alma, numa palavra, o mais ligeiro mérito que fique perdido. E isso, *mesmo entre os mais perversos, porque representam um começo de progresso*.

9º) Toda falta que se comete, todo mal praticado é uma dívida contraída e que tem que ser paga. Se não for nesta existência, será na próxima ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquilo que se paga na existência presente não será cobrado na seguinte.

10º) O Espírito sofre de acordo com as suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no corporal. Todas as misérias, todas as dificuldades que ele enfrenta na vida corpórea são as consequências de suas próprias imperfeições, as expiações de faltas cometidas nesta mesma existência ou nas existências anteriores.

Pela natureza dos sofrimentos e das dificuldades que ele enfrenta na vida corpórea, podemos julgar a natureza das faltas cometidas numa existência anterior e quais as imperfeições que as causaram.

11º) A expiação varia segundo a natureza e a gravidade da falta. A mesma falta pode assim provocar expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

12º) Não há, no tocante à natureza e a duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme. A única lei geral é a de que toda falta recebe uma punição e toda boa ação tem a sua recompensa *segundo o seu valor*.

13°) A duração do castigo está subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação é pronunciada contra ele por tempo determinado. O que Deus exige para termo dos sofrimentos é uma melhora verdadeira, efetiva, com um retorno sincero ao bem.

O Espírito é assim e sempre o árbitro do seu próprio destino. Pode prolongar os seus sofrimentos pelo seu endurecimento no mal e abrandá-los e até mesmo abreviá-los pelos seus esforços em praticar o bem.

Uma condenação por tempo determinado, qualquer que fosse esse tempo, teria o duplo inconveniente de fazer o Espírito sofrer inutilmente depois de melhorado, ou de cessar antes que ele se libertasse do mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto ele existe*, e deixa de punir *quando o mal deixou de existir*. Ou, se quisermos, sendo o mal moral a própria causa do sofrimento, este dura somente enquanto aquele subsiste e a sua intensidade diminui à medida que o mal vai desaparecendo.

14°) A duração do castigo estando subordinada ao melhoramento do Espírito, disso resulta que o culpado que não se melhorasse continuaria sofrendo sempre, e que para ele a pena seria eterna.

15°) Uma condição que é inerente à inferioridade dos Espíritos é a de não ver o termo de sua situação e acreditar que sofrem para sempre. Isso faz que para eles o castigo pareça eterno (29).

16°) O arrependimento é o primeiro passo para o melhoramento. Mas ele apenas não basta, sendo necessárias ainda a *expição* e a *reparação*.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e as suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, porque desperta esperança e prepara a reabilitação, mas somente a reparação pode anular o efeito ao destruir a causa. *O perdão seria uma graça e não uma anulação da falta*.

17°) O arrependimento pode ocorrer em qualquer lugar e tempo. Se ele for tardio, o culpado sofre por mais tempo. A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja desde a vida presente ou seja após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corpórea, até que os traços da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em praticar o bem para aquele mesmo, a quem se fez o mal. Aquele que não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, tornará a encontrar-se, numa outra existência, com as mesmas pessoas que ofendeu, e em condições escolhidas por ele mesmo para poder provar-lhes o seu devotamento, fazendo-lhes tanto bem quanto o mal que havia feito.

Nem todas as faltas acarretam um prejuízo direto e efetivo. Nesses casos, a reparação se realiza fazendo-se o que se deixou de fazer, cumprindo-se os deveres que foram negligenciados ou desprezados, as missões em que se tenha falido, praticando -se o bem reparador do mal que se fez. Isso quer dizer, sendo humilde quando se foi orgulhoso, bondoso quando se foi duro, caridoso quando se foi egoísta, benevolente quando se foi maldoso, trabalhador quando se foi preguiçoso, útil quando se foi inútil, temperante quando se foi dissoluto, bom exemplo quando se foi mau e assim por diante. É dessa maneira que o Espírito progride, tornando proveitoso o seu passado (30).

18°) Os Espíritos imperfeitos são afastados dos mundos felizes porque perturbariam a sua harmonia. Permanecem nos mundos inferiores onde expiam as suas faltas pelas tribulações da vida e se libertam das suas imperfeições, até merecerem encarnar -se em mundos moral e fisicamente mais adiantados.

Se podemos conceber um lugar de castigo determinado é precisamente nos mundos de expiação, pois é ao redor desses mundos que pululam os Espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes a reparação do mal que fizeram, os ajudará a progredir.

19°) Como o Espírito conserva sempre o seu livre -arbítrio, melhora às vezes de maneira lenta e sua obstinação no mal é bastante tenaz. Pode persistir nessa situação durante anos e séculos, mas chega sempre o momento em que a sua teimosia em desafiar a justiça de Deus se abate diante do sofrimento, e então, malgrado a sua fanfarronice, ele reconhece o poder superior que o domina. Desde o momento em que manifesta as primeiras luzes do arrependimento, Deus o faz entrever a esperança.

Nenhum Espírito está na condição de nunca se melhorar. Se assim fosse ele estaria fatalmente destinado a uma eterna situação de inferioridade e escaparia à lei da evolução que rege providencialmente todas as criaturas.

20°) Sejam quais forem a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona*. Todos têm o seu anjo da guarda que vela por eles, vigia as expansões da sua alma e se esforça para despertar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e de reparar numa nova existência o mal que tenham feito. Não obstante, o guia ou protetor age na maioria das vezes de maneira oculta, sem exercer nenhuma pressão. O Espírito deve melhorar -se *pela força de sua própria vontade* e não por força de qualquer constrangimento. Deve agir bem ou mal em virtude de seu livre-arbítrio, sem ser fatalmente empurrado num sentido ou noutro. Se fizer o mal, sofrerá as suas consequências enquanto permanecer no mau caminho. Desde que dê um passo em direção ao bem sen tirá imediatamente os seus resultados.

OBSERVAÇÃO: Seria erróneo acreditar que, em virtude da lei do progresso, a certeza de chegar cedo ou tarde à perfeição e à felicidade pode ser um encorajamento a permanecer no mal, esperando arrepender -se mais tarde. Primeiro, o Espírito inferior não vê a possibilidade de um fim para a sua situação; segundo, sendo ele o artífice da sua própria desgraça, acaba por compreender que dele depende fazê -la cessar e que quanto mais persistir no mal mais longa será a sua infelicidade, pois o seu sofrimento durará sempre se ele próprio não lhe puser um termo. Esse seria, de sua parte, um cálculo errado, com o qual se enganaria a si mesmo. Se, pelo contrário, segundo o dogma das penas irremissíveis, toda esperança lhe

fosse negada, ele não teria nenhum interesse em retornar ao bem, pois isso não lhe daria nenhum proveito.

Perante esta lei cai igualmente a objeção referente à presciência. Deus, ao criar uma alma sabe realmente se em virtude do seu livre-arbítrio ela tomará o bom ou o mau caminho; sabe que ela será punida se praticar o mal; mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de a levar a compreender o seu erro e de a fazer entrar no bom caminho, ao qual cedo ou tarde chegará. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que a alma falirá, e assim ela já está previamente condenada às torturas sem fim.

21°) Cada um só é responsável pelas suas próprias faltas. Ninguém sofre penalidades pelas faltas alheias, a menos que para isso tenha dado algum motivo, seja provando-as pelo seu exemplo, seja deixando de impedi-las quando podia fazê-lo.

É assim, por exemplo, que o suicida é sempre punido, mas aquele que, por sua dureza de coração, leva um indivíduo ao desespero e daí ao suicídio, sofre uma pena ainda maior.

22°) Embora a diversidade de punições seja infinita, existem as que são inerentes à inferioridade dos Espíritos e cujas consequências, salvo algumas nuances, são mais ou menos idênticas.

A punição mais comum, entre os que são sobretudo apegados à vida material e negligenciam o progresso espiritual, consiste na lentidão com que se processa a separação da alma e do corpo, e portanto nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração das perturbações que podem então durar desde meses até anos. Entre os que, pelo contrário, tendo uma consciência pura, identificam-se durante a vida corpórea com a vida espiritual e libertam-se das coisas materiais, a separação é rápida, sem dificuldades, e o despertar aprazível, sendo a perturbação quase inexistente.

23°) Um fenômeno muito frequente entre os Espíritos de um certo grau de inferioridade moral consiste em se acreditarem ainda vivos após a morte, e essa ilusão pode se prolongar durante anos, através dos quais eles experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida (31).

24°) Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

25°) Alguns Espíritos são mergulhados em trevas espessas. Outros são postos num isolamento absoluto, no espaço, atormentados pelo fato de não saberem qual a sua condição e o seu destino. Os maiores culpados sofrem torturas que são tanto mais pungentes quanto ignoram o seu fim. Muitos ficam privados de verem os seus seres queridos. Todos, em geral, passam por sofrimentos cuja intensidade é relativa aos males que praticaram, às dores e necessidades que fizeram os outros sofrer, até que o arrependimento e o desejo de reparação, venham trazer-lhes um abrandamento ao fazê-los entrever a possibilidade de dar, *por si mesmos*, um fim a essa situação.

26°) É um suplício para o orgulhoso ver acima dele, gloriosos e radiantes de alegria, os que ele havia desprezado na Terra, ao mesmo tempo que ele é relegado aos últimos lugares. Para o hipócrita, ver-se trespassado pela luz que revela os seus mais secretos pensamentos, que

todos podem ler, não havendo para ele nenhum meio de se esconder ou se disfarçar. Para o sensual é um suplício passar por todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los. Para o avarento, ver o seu ouro desperdiçado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo aquilo que os outros sofreram dele: terá sede e ninguém lhe dará de beber; terá fome e ninguém lhe dará de comer; nem uma só mão amiga virá apertar a sua, nenhuma voz compassiva virá consolá-lo, pois ele só pensou em si durante a vida e ninguém agora pensa nele nem o lamenta após a sua morte.

27°) O meio de evitar ou atenuar as consequências de suas faltas na vida futura é desfazer -se o mais possível dos seus defeitos na vida presente, reparar aqui mesmo o mal para não ter de repará-lo mais tarde e de maneira mais terrível. Quanto mais demormos a deixar os nossos defeitos, mais as suas consequências se tornarão penosas e mais rigo rosas será a reparação que tivermos de fazer.

28°) A situação do Espírito, desde a sua entrada na vida espiritual, é aquela que ele mesmo se preparou durante a sua vida corporal. Mais tarde, outra encarnação lhe é concedida para expiar e reparar a anterior, passando por novas provas. Mas ele a aproveitará em maior ou menor grau, segundo o seu livre-arbítrio. Se não a aproveitar, terá um trabalho a recomençar, e cada vez em condições mais penosas. Dessa maneira, *aquele que muito sofre na Terra pode dizer que tem muito a expiar*. Os que gozam de uma felicidade aparente, malgrado os seus vícios e sua inutilidade, pagarão caro numa existência posterior. Foi nesse sentido que Jesus disse: Bem aventurados os aflitos porque serão consolados. (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. V.)

29°) A misericórdia de Deus é sem dúvida infinita, mas não é cega. O culpado que ela perdoou não está dispensado de satisfazer a justiça, passando pelas consequências de suas faltas. Por misericórdia infinita é necessário entender que Deus não é inexorável, deixando sempre aberta ao culpado a porta de retorno ao bem.

30°) As penas sendo temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, acontece o mesmo com os castigos e os *remédios* que devem ajudar a curar as feridas do mal. Os Espíritos em punição não se encontram na situação dos antigos condenados às galeras, mas como os doentes no hospital. Sofrem a doença que frequentemente decorre de suas próprias faltas e passam por meios dolorosos de cura de que necessitam, mas têm a esperança de ser curados e se curam tanto mais rapidamente, quanto observarem com exatidão as prescrições do médico que solícitamente vela por eles. Se eles prolongam os sofrimentos por sua própria culpa, o médico nada tem com isso.

31°) As penas que o Espírito sofre na vida espiritual juntam -se às da vida corporal, que são a consequência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades, e a expiação de suas faltas presentes e passadas. É na vida corporal que o Espírito repara o mal de suas existências anteriores, que põe em prática as resoluções tomadas na vida espiritual. É assim que se explicam as misérias e as dificuldades que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas na verdade são justas desde que foram determinadas no passado e servem para o nosso adiantamento (32).

32°) Deus, pergunta-se, não demonstraria maior amor por suas criaturas se as criasse infalíveis e portanto isentas das vicissitudes decorrentes da imperfeição? Seria necessário, para isso, que ele criasse seres perfeitos, nada tendo a conquistar, nem em conhecimentos e nem em moralidade. Não há dúvida que o podia fazer, mas se não o fez é porque, na sua sabedoria quis que o progresso fosse uma lei geral. Os homens são imperfeitos e, como tal, sujeitos às vicissitudes mais ou menos penosas. Esse é um fato que temos de aceitar, desde que existe. Mas inferir disso que Deus não é bom nem justo seria uma rebeldia.

Haveria injustiça se ele tivesse criado seres privilegiados, mais favorecidos que os outros, gozando sem esforço da felicidade que os outros só atingem penosamente ou jamais poderiam atingir. A justiça de Deus brilha precisamente na igualdade absoluta que rege a criação de todos os Espíritos. Todos têm o mesmo ponto de partida; não há nenhum que seja, na sua formação, mais bem dotado que os outros; nenhum cuja marcha ascensional seja facilitada por exceção; os que chegam ao alvo passaram, como os outros, pela fieira das provas e da inferioridade.

Admitindo-se isso, o que haveria de mais justo do que essa liberdade de ação dada a cada um? A via da felicidade está aberta a todos, o objetivo de todos é o mesmo, as condições para atingi-lo são as mesmas para todos e a lei gravada em todas as consciências foi ensinada à todos. Deus fez da felicidade *o prêmio do trabalho e não do favoritismo* para que cada um tenha o seu mérito. Todos são livres de trabalhar ou de nada fazer para o seu adiantamento. Aquele que trabalha bastante e com rapidez é recompensado mais cedo, mas aquele que se desvia do caminho ou perde o seu tempo, retarda a sua chegada e só pode lamentar de si mesmo. O bem e o mal são facultativos e dependem da vontade de cada um. O homem, por ser livre, não é fatalmente levado, nem para um, nem para o outro.

33°) Apesar da diversidade de géneros e graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode se resumir nestes três princípios:

1°) O sofrimento é inerente à imperfeição.

2°) Toda imperfeição, e toda a falta que dela decorre, trazem o seu próprio castigo nas suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença decorre dos excessos, o tédio da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.

3°) Todo homem podendo corrigir as suas imperfeições pela sua própria vontade, pode poupar-se os males que delas decorrem e assegurar a sua felicidade futura.

Essa é a lei da justiça divina: a cada um segundo as suas obras, tanto no céu como na Terra (33).

NOTAS:

(25) As famosas experiências de Pavlov com a salivação dos cães demonstraram, no campo da psicologia fisiológica, materialista, a verdade desta afirmação de Kardec. Os *reflexos condicionados* não devem o seu

condicionamento à ação dos alimentos sobre os órgãos gustativos, mas a o conhecimento *mental* do animal aos sinais da campainha que anunciam o alimento. No homem, esse processo é mais refinado. (N. de T.)

(26) A Medicina Psicossomática, a Psicoterapêutica em geral, e atualmente a Parapsicologia vieram confirmar cientificamente, em nossos dias, através de pesquisas e experiências, a verdade desse princípio. (N. do T.)

(27) Kardec deixa de lado, nesse texto, o problema das influências espíritas na conduta humana, para acentuar a responsabilidade individual e intransferível de cada um na prática dos seus atos. Mesmo porque as influências espíritas dependem das condições morais do homem. Assim como não podemos atribuir à carne as nossas imperfeições, também não podemos atribuí-las aos nossos inimigos ou perseguidores invisíveis. Pois eles só conseguem agir sobre nós na medida em que correspondemos aos seus estímulos. Sem a nossa aceitação, as suas sugestões e até mesmo os seus impulsos não produzem efeito. (N. do T.)

(28) Esta posição espírita coincide hoje plenamente com a posição das Ciências no campo da Medicina. Bastaria o desenvolvimento da Medicina Psicossomática para demonstrá-lo. Mas o avanço da Parapsicologia vai mais longe, abrindo caminho para a compreensão do problema da influência espiritual e das consequências da reencarnação na vida presente. Leia-se a respeito o livro ***La Guérison parla pensée***, de Robert Tocquet, Paris, 1970, e o livro ***20 Casos Sugestivos de Reencarnação***, de Ian Stevenson, tradução da Editora Edicel, Brasília (DF), 1970. (N. do T.)

(29) Perpétuo é sinônimo de eterno. Dizemos: as neves perpétuas, os gelos eternos dos polos, e também se diz: o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que se trate de eternidade, mas somente de um tempo indeterminado. Eterno e perpétuo se empregam, pois, também no sentido de indeterminação. Nessa acepção se pode dizer que as penas são eternas quando entendemos que não têm duração limitada: *são eternas para o Espírito, que não vê o seu fim*. (N. de Kardec)

(30) A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos. É esta uma doutrina que nenhuma religião proclamou ainda. Entretanto algumas pessoas a repelem, por acharem que seria mais cómodo poder apagar as suas faltas simplesmente pelo arrependimento, que só depende de algumas palavras, com a ajuda de certas fórmulas. Convictas de que assim estarão livres, verão mais tarde que isso não foi suficiente. Poderíamos perguntar -lhes se esse princípio não está consagrado na lei humana e se a justiça de Deus pode ser inferior à dos homens. Se elas ficariam satisfeitas quando um indivíduo que as tivesse arruinado por abuso de confiança, se limitasse a dizer -lhes que se lamentariam disso infinitamente. Por que, pois, querem elas recuar ante uma obrigação que toda criatura honesta deveria cumprir na medida de suas forças? Quando essa perspectiva da reparação for introduzida na crença popular se transformará num freio bem mais poderoso que o do inferno e das penas eternas pois ela se refere à vida atual e faz compreender a razão das penas por que o homem está passando. (N. de Kardec)

(31) As necessidades, os tormentos e as perplexidades da vida experimentados nas condições de uma existência fictícia, em que o perispírito falsamente representa o corpo material, constituem uma situação bastante dolorosa para o Espírito. Foi dela que certamente se originou o dogma do Inferno material, com o corpo material mas invulnerável, a sofrer sem se destruir. (N. do T.)

(32) Ver o capítulo VI, *Purgatório*, números 3 e seguintes. Ver também o capítulo XX, *Exemplos de expiações terrenas*. — No ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, capítulo V, *Bem-aventurados os aflitos*. (N. de Kardec).

(33) Algumas pessoas argumentam que as imperfeições vêm de Deus, que nos criou imperfeitos. O princípio da evolução nos mostra que há vários graus de perfeição. Deus nos criou *em potência*, como sementes que têm em si mesmas todas as potencialidades futuras. Assim, criou-nos perfeitos. Cabe-nos, porém, *atualizar*, ou seja, desenvolver as nossas potencialidades a fim de atingirmos a perfeição em *ato*, como seres espirituais. Esse desenvolvimento depende de nós, do nosso livre-arbítrio, sem o qual não teríamos responsabilidade. E sem responsabilidade não seríamos perfeitos como seres espirituais. Veja-se o símbolo bíblico: Adão e Eva eram perfeitos na sua ingenuidade, mas ao desenvolver a razão passaram a agir por si mesmos e erraram. Os erros, porém, serão corrigidos na busca da perfeição. (N. do T.)

CAPÍTULO VIII

OS ANJOS

Os anjos segundo a Igreja

1 — Todas as religiões têm os seus anjos, com diferentes nomes, ou seja, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual além da vida orgânica, naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as alegorias. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja. Eis como ela os define (34):

2 — Cremos firmemente, proclamou um concílio geral e ecumênico³⁵, que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, o qual, *no começo dos tempos* tirou juntamente do nada as duas criaturas: a espiritual e a corporal, a angélica e a mundana, e em seguida formou, como intermediária dessas duas, a natureza humana composta de corpo e Espírito.

É esse, segundo a fé, o plano divino na obra da criação. Plano majestoso e completo, como convém à sabedoria eterna. Assim concebido, ele nos apresenta ao pensamento o ser em todos os graus e em todas as condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais. No último plano, a existência e a vida puramente materiais. E no meio que separa a ambos, uma maravilhosa união das duas substâncias, uma vida comum ao mesmo tempo ao espírito inteligente e ao corpo organizado.

Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, mas é limitada nas suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que podem existir outros seres simples como ela e superiores pelas suas qualidades e os seus privilégios. Ela é grande e nobre, mas está ligada à matéria, servida de órgãos frágeis, limitada na sua atividade e na sua potência. Porque não haveria outras naturezas ainda mais nobres, distanciadas dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável?

Antes que Deus tivesse posto o homem na Terra para o conhecer, amar e servir, já não devia ter chamado outras criaturas para comporem a sua corte celeste e adorá-lo no esplendor da sua glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e a homenagem deste universo. Seria de estranhar que recebesse das mãos do anjo o incenso e a prece do homem? Se, pois, os anjos não existissem, a grandiosa obra do criador não teria o seu coroamento na perfeição de que era susceptível. Esse mundo que atesta a sua onipotência não seria mais a obra prima da sua sabedoria. Nossa razão, por mais impotente que seja, poderia facilmente concebê-lo mais completo e melhor acabado.

Em cada página dos livros sagrados do Antigo e Novo Testamento são mencionadas essas inteligências sublimes, nas invocações piedosas ou nos relatos históricos. Sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus se serve do seu ministério, ora para impor os seus desígnios, ora para anunciar acontecimentos futuros. Ele os faz q uase sempre instrumentos da sua justiça ou da sua misericórdia. Sua presença é constante nas diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador. Sua lembrança é inseparável da lembrança dos grandes homens e dos mais importantes acontecimentos da antiguidade religiosa. Podemos mesmo encontrá-los no meio do politeísmo e entre as fábulas da mitologia, porque a crença a seu respeito é tão antiga e tão universal como o próprio mundo. O

culto que os pagãos rendiam aos bons e aos maus génios e a apenas uma falsa aplicação da verdade, um resíduo deteriorado do dogma primitivo.

As palavras do santo Concílio de Latrão contém uma distinção fundamental entre os homens e os anjos; elas nos ensinam que os anjos são Espíritos puros, enquanto os homens se constituem de alma e corpo, o que quer dizer que a natureza angélica subsiste por si mesma, não somente sem mistura, mas ainda sem nenhuma associação real possível com a matéria, por ligeira e sutil que se pudesse supô-la. Enquanto isso a nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formarem ambos uma única e mesma pessoa e essa é *essencialmente a sua destinação*.

Enquanto dura essa união tão íntima de alma e corpo, essas duas substâncias têm uma vida comum e exercem, uma sobre a outra, influência recíproca. A alma não pode se afastar inteiramente da condição imperfeita que resulta para ela dessa situação: suas ideias lhe chegam através dos sentidos, por comparação dos objetos exteriores e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Disso resulta que ela não pode se contemplar a si mesma e não pode fazer a si mesma a representação de Deus e dos anjos sem os considerar de qualquer maneira em forma visível e palpável. Eis porque os anjos, para se fazerem visíveis aos santos e aos profetas, tiveram de recorrer a figuras corpóreas. Mas essas figuras eram apenas os corpos aéreos que eles movimentavam sem se identificarem com eles, ou os atributos simbólicos relacionados com a missão de que estavam encarregados.

O ser e os movimentos dos anjos não estão localizados e circunscritos num ponto fixo e limitado do espaço. Não estando ligados a nenhum corpo, eles não podem estar parados nem ser limitados, como acontece conosco, por outros corpos. Eles não ocupam nenhum lugar e não preenchem nenhum vazio. Mas, da mesma maneira em que a nossa alma está inteira no nosso corpo e em cada uma de suas partes, eles se encontram inteiros e quase simultaneamente em todos os pontos e em todas as partes do mundo. Mais rápidos do que o pensamento, podem estar por toda a parte no mesmo instante e agir diretamente, sem nenhum obstáculo aos seus desígnios, a não ser a vontade de Deus e a resistência da liberdade humana.

Enquanto estamos reduzidos a ver aos poucos, de maneira limitada, as coisas que estão fora de nós, e que as verdades da ordem sobrenatural nos aparecem de maneira enigmática, como num espelho, segundo a expressão do apóstolo São Paulo, eles veem sem esforço o que desejam saber e estão em relação direta com o objeto de seu pensamento. *Seus conhecimentos não resultam da indução e do raciocínio*, mas dessa intuição clara e profunda que abrange os princípios e as consequências que destes decorrem.

A diversidade dos tempos, a diferença dos lugares, a multiplicidade dos objetos não podem produzir nenhuma confusão no seu Espírito.

A essência divina, sendo infinita, é para nós incompreensível. Possui mistérios e profundezas que não podem ser penetradas. Os desígnios mais íntimos da Providência ficam ocultos, mas ela lhes desvenda o seu segredo quando os encarrega, em determinadas circunstâncias, e de os anunciar aos homens.

As comunicações de Deus aos anjos e dos anjos entre si não se fazem, como entre nós, por meio de sons articulados e de outros signos sensíveis. As inteligências puras não precisam de olhos para ver nem de ouvidos para ouvir. Elas não possuem também os órgãos vocais para manifestar os seus pensamentos, pois esses intermediários habituais de que nos servimos são

para eles inúteis. Comunicam, porém, os seus sentimentos de maneira que lhes é própria e inteiramente espiritual. Para se fazerem compreender, basta -lhes a vontade.

Somente Deus conhece o número dos anjos. Esse número, sem dúvida, não poderia ser infinito e não o é, mas segundo os autores sagrados e os santos doutores, é muito considerável e verdadeiramente prodigioso. Se é natural que considere-os na devida proporção o número de habitantes de uma cidade em relação à sua grandeza, e a Terra sendo apenas um átomo em comparação com o firmamento e as imensas regiões do espaço, temos de concluir que o número dos habitantes do céu e do ar é muito maior que o dos homens.

Desde que a majestade dos reis se reflete no número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, que haveria de mais apropriado para darmos uma ideia da majestade do Rei dos Reis que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem incessantemente prosternados ou em pé diante do seu trono?

Os Pais da Igreja e os teólogos geralmente ensinam que os anjos se distribuem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou coros.

Os da primeira e mais elevada hierarquia são designados por nomes que decorrem das funções de desempenho no céu. Uns são chamados *Serafins* porque são como que chamejantes perante Deus pelos ardores da caridade; outros se chamam Querubins porque são um reflexo luminoso da divina sabedoria; e outros ainda se chamam Tronos porque proclamam a grandeza de Deus e a fazem resplandecer.

Os da segunda hierarquia recebem os seus nomes em virtude das operações que lhes são confiadas no governo geral do Universo. São as Dominações que determinam aos anjos das ordens inferiores as suas missões e os seus encargos; as Virtudes que atendem aos prodígios exigidos pelos grandes interesses da Igreja e do género humano; as Potências que protegem pelo seu poder e a sua vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia exercem em partilha a direção das sociedades e das pessoas. São os Principados, propostos dos reinos, das províncias e das dioceses; os Arcanjos, que transmitem as mensagens de elevada importância, os Anjos Guardiães que acompanham a cada um de nós velando pela nossa segurança e pela nossa santificação.

REFUTAÇÃO

3 — O princípio geral que ressalta dessa doutrina é o de que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, *criaturas privilegiadas, votadas à felicidade suprema e perpétua desde a sua formação*, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e de todo o saber, sem nada ter feito para os adquirir. Estão no primeiro plano da obra da criação. No último plano, a vida puramente material, e entre os dois a humanidade formada de almas, seres espirituais inferiores aos anjos e unidos a corpos materiais.

Muitas dificuldades insolúveis resultam desse sistema. Qual é, para começar, essa vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada, não tendo vida por si mesma. Trata-se das plantas e dos animais? Essa seria então uma quarta ordem da criação, pois não se pode negar a superioridade do animal que é inteligente em relação à

planta, e desta em relação à pedra. Quanto à alma humana, que representa a transição, está diretamente unida a um corpo formado de matéria bruta, porque sem alma esse corpo não teria vida e seria como um punhado de terra.

Essa divisão peca evidentemente por falta de clareza e não está de acordo com a observação. Assemelha-se à teoria dos quatro elementos que caiu ante o progresso da ciência. Admitamos, portanto, esses três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corpórea. Esse é, dizem, o plano divino, plano majestoso e perfeito como convém à eterna sabedoria. Observemos primeiro que entre esses três termos não há nenhuma ligação necessária. São três criações distintas, formadas sucessivamente. De uma para outra existe solução de continuidade, enquanto na Natureza tudo se encadeia, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade em que todos os elementos, nada mais do que transformações uns dos outros, estão ligados entre si. Essa teoria é verdadeira no tocante à existência evidente desses três termos, mas é incompleta: faltam nela os pontos de contato, como é fácil de se demonstrar.

4 — Esses três pontos culminantes da criação, segundo a Igreja, são necessários à harmonia do conjunto, e se houvesse a falta de um só a obra estaria incompleta, não correspondendo à eterna sabedoria. Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o sol, as estrelas, a própria luz foram criadas e portanto tiradas do nada há seis mil anos. Antes dessa época não havia, pois, nem criatura humana, nem qualquer criatura corpórea. Durante toda a eternidade anterior, a obra divina permanecia então im perfeita. A criação do Universo remontando há seis mil anos constitui um artigo de fé de tal maneira fundamental, que há poucos anos ainda a ciência foi anatematizada porque vinha destruir a cronologia bíblica, provando por suas investigações a elevada antiguidade da Terra e dos seus habitantes.

Não obstante o Concílio de Latrão, o Concílio Ecuménico, que dita a lei em matéria de doutrina, afirma: "*Cremos firmemente que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, o qual, no começo dos tempos tirou conjuntamente do nada as duas criaturas, a espiritual e a corporal.*"

O começo dos tempos só pode ser a *eternidade anterior*, porque o tempo é infinito como o espaço, não tem começo nem fim. Essa expressão: *o começo dos tempos* é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade *ilimitada*. O Concílio de Latrão crê, pois, *firmemente* que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas ao mesmo tempo e tiradas juntamente do nada numa época indeterminada do passado. O que resta, pois, do texto bíblico que fixou essa criação em seis mil anos dos nossos dias? Admitindo-se que o começo do Universo visível pudesse estar nessa época, não se trataria seguramente do começo dos tempos. Em qual devemos crer, no Concílio ou na Bíblia?

5 — O mesmo Concílio formula ainda uma estranha proposição: "*Nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formarem ambos uma só e mesma pessoa, e essa é essencialmente a sua destinação.*" Se a finalidade essencial da alma é estar ligada ao corpo, essa constitui o seu estado normal, é o seu objetivo, o seu fim, desde que é essa a sua *destinação*. Entretanto, a alma é imortal, sua união com o corpo só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e mesmo que fosse por um século o que seria isso ante a eternidade? Para a um grande número de criaturas essa união é apenas de algumas horas. Que utilidade teria

para a alma essa união efêmera? Quando, em relação à eternidade, a sua maior duração não seria mais do que um minuto imperceptível, seria exato dizer que a sua destinação é essencialmente estar ligada ao corpo? Essa união, na verdade, não é mais do que um incidente, um ponto na vida da alma e não o seu estado essencial.

Se a destinação essencial da alma é estar unida a um corpo material; se por sua natureza e segundo o fim providencial da sua criação essa união é necessária às manifestações de suas faculdades, temos de concluir que sem o corpo a alma humana é um *ser incompleto*. Sendo assim para permanecer o que ela é pela sua destinação após haver deixado um corpo, é necessário que tome outro, o que nos leva forçosamente à pluralidade das existências, ou seja: à reencarnação eternizada. É verdadeiramente estranho que um Concílio considerado como uma das luminárias da Igreja tenha identificado nesse ponto o ser espiritual com o ser material, de maneira a não poderem existir um sem o outro, desde que a condição essencial de sua criação é o de permanecerem unidos.

6 — O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que muitas ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, sendo que foram criados para esse fim. Mas, segundo a Gênese, o mundo físico e a humanidade só existem há seis mil anos. O que faziam esses anjos antes desta criação, durante a eternidade, se os objetos das suas ocupações não existiam? Os anjos foram criados desde toda a eternidade? Assim deve ser, pois se destinam à glorificação do Altíssimo. Se Deus os criou em alguma época determinada, então ele esteve até essa época, quer dizer, durante uma eternidade, sem adoradores.

7 — Logo mais, está escrito: *"Enquanto durar essa união tão íntima da alma com o corpo."* Haverá então um momento em que essa união, não existirá mais? Essa proposição contradiz aquela que faz da união a destinação essencial da alma.

Está escrito ainda: *"As ideias lhe chegam pelos sentidos, por uma comparação dos objetos exteriores."* Essa é uma doutrina filosófica em parte verdadeira, mas não em sentido absoluto. Segundo o eminente teólogo, é condição inerente à natureza da alma só receber ideias por meio dos sentidos. Ele se esquece das ideias inatas, das faculdades às vezes bastante transcendentais, da intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não deve a nenhuma forma de instrução. Por meio de quais sentidos esses jovens pastores, calculadores naturais que espantaram os sábios, adquiriram as ideias necessárias à solução quase instantânea dos mais complicados problemas? O mesmo podemos dizer de certos músicos, pintores e linguistas precoces.

"Os conhecimentos dos anjos não resultam da indução e do raciocínio." Eles sabem, porque são anjos sem terem necessidade de aprender. Deus os criou assim. A alma, pelo contrário, deve aprender. Se a alma só recebe as ideias através dos órgãos corporais (que ideias pode ter a alma de uma criança que morreu poucos dias depois de nascer, admitindo-se com a Igreja que ela não renasce mais?)

8 — Aqui se apresenta uma questão vital. A alma adquire conhecimentos e ideias após a morte do corpo? Se uma vez desligada do corpo ela nada mais pode adquirir, a alma da criança, do

selvagem, do cretino, do idiota, do ignorante permanecerão para sempre o que eram por ocasião da morte, e assim estarão votadas a uma eterna inutilidade.

Se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, é porque ela pode progredir. Sem o progresso posterior da alma chegamos a consequências absurdas. Com o progresso chegamos à negação de todos os dogmas fundados na sua natureza estacionária: o destino irrevogável, as penas eternas e assim por diante. Se ela progride, qual o limite desse progresso? Não há nenhuma razão para que ela não atinja o grau dos anjos ou dos Espíritos puros.

Se a alma pode chegar a esse plano, não havia nenhuma necessidade de criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer trabalho, gozando da felicidade eterna sem nada haver feito para conquistá-la, enquanto outros seres desfavorecidos só conseguiriam a suprema felicidade ao preço de longos e cruéis sofrimentos e das mais rudes provas. Deus pode fazê-lo, sem dúvida, mas se admitimos a infinitude de suas perfeições, sem a qual não haveria Deus, é forçoso admitir também que ele nada faz de inútil, nada que possa desmentir a sua soberana justiça e a sua soberana bondade.

9 — *"Desde que a majestade dos reis se reflete no número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, que há de mais próprio para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos Reis do que essa multidão inumerável dos anjos que povoam o céu e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem incessantemente prosternados ou em pé di ante do seu trono?"*

Não seria rebaixar a Divindade, assimilá-la na sua glória ao fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, inculcada no Espírito das massas ignorantes transformou -se numa falsa opinião da sua verdadeira grandeza. É sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da humanidade. Supô-lo sempre necessitado de ter milhões de adoradores incessantemente prosternados ou em pé diante d'Ele é emprestar-lhe as fraquezas dos monarcas despóticos e orgulhosos do Oriente.

O que torna os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e o brilho dos seus cortejos? Não. É a sua bondade e a sua justiça, é o título merecido de pais dos súditos. Pergunta-se se há alguma coisa mais apropriada a nos dar uma ideia da majestade de Deus que a multidão dos anjos que compõem a sua corte? Sim, certamente há alguma coisa melhor do que isso: é representá-lo soberanamente bom, justo e misericordioso para todas as suas criaturas, e não como um Deus colérico, ciumento, vingativo, inexorável, exterminador, parcial e criando para a sua própria glória esses seres privilegiados, favorecidos com todos os dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto aos outros condena a conquistar penosamente a felicidade e os pune, por um momento de erro, com uma eternidade de suplícios.

10 — O Espiritismo professa, a respeito da união da alma e do corpo, uma doutrina infinitamente mais espiritualista, para não dizer menos materialista, e que, além disso, está de acordo com a observação e com o destino da alma. Segundo ele nos ensina, a alma é independente do corpo, que constitui apenas um envoltório temporário; sua essência é a espiritualidade; sua vida normal é a vida espiritual. O corpo é somente um instrumento para o

exercício de suas faculdades, nas suas relações com o mundo material. Mas, separada do corpo, ela goza de suas faculdades com maior liberdade e em maior amplitude.

11 — Sua união com o corpo, necessária aos seus primeiros desenvolvimentos, realiza-se no período que se pode chamar de infância e adolescência. Quando ela atinge um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união não é mais necessária e a alma continua a progredir na vida espiritual. Por mais numerosas que sejam, de resto, as existências corpóreas, elas são necessariamente limitadas pela própria vida dos corpos e a sua soma total não compreende, em todos os casos, mais do que uma parcela imperceptível da vida espiritual que é infinita.

Os Anjos segundo o Espiritismo

12 — Não há dúvida de que existem seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. A revelação espírita confirma, nesse ponto, a crença de todos os povos. Mas ao mesmo tempo nos dá a conhecer a natureza e a origem desses seres.

As Almas ou Espíritos são criados simples, ou ignorantes, quer dizer: sem conhecimentos e sem a consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir tudo isso que lhes falta. Eles o adquirem pelo trabalho. O alvo, que é a perfeição, é o mesmo para todos e eles o atingem com maior ou menor rapidez, de acordo com o uso que fizerem do seu livre-arbítrio e na razão dos seus esforços. Todos têm que percorrer os mesmos graus, com o mesmo trabalho a cumprir.

Deus não dá uma obrigação mais pesada nem mais leve a uns do que a outros, porque todos são seus filhos e sendo Ele justo não tem preferência por nenhum. Deus lhes diz: *"Eis a Lei que deve guiar a vossa conduta. Só ela vos pode conduzir ao alvo. Tudo o que estiver de acordo com essa Lei pertence ao bem, tudo o que a contrariar pertence ao mal. Sois livres de a observar ou de a infringir, de maneira que sereis os árbitros da vossa própria sorte."*

Deus, portanto, não criou o mal. Todas as suas Leis conduzem ao bem. Foi o próprio homem quem criou o mal infringindo as Leis de Deus. Se ele as observasse escrupulosamente jamais se afastaria do bom caminho.

13 — Mas a alma, nas primeiras fases da sua existência, da mesma maneira que a criança, não tem experiência e por isso é falível. Deus não lhe dá a experiência, mas lhe concede os meios de adquiri-la. Cada passo falso no caminho do mal representa um atraso para a alma. Ela sofre as consequências de erro e aprende à própria custa o que deve evitar. É assim que pouco a pouco ela se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual até chegar ao estado de Espírito puro ou anjo.

Os anjos são, pois, as almas dos homens que atingiram o grau de perfeição acessível à criatura e gozam da felicidade prometida. Antes de haver atingido o grau supremo, gozam de uma felicidade relativa ao seu adiantamento, mas essa felicidade não é a do prazer ocioso. É, pelo contrário, a das funções que Deus lhes confia, a seu pedido, sentindo-se felizes de desempenhá-las, porque estas ocupações são para elas um meio de progredir. (Ver Cap. III, O Céu.)

14 — A Humanidade não está limitada à Terra. Ocupa inumeráveis mundos que circulam no espaço. Ocupou os mundos que já desapareceram e ocupará os que ainda se formarão. Deus criou desde toda a eternidade e cria sem cessar. *Muito tempo antes que a Terra existisse, por maior ancianidade que lhe atribuíamos, já havia em outros mundos Espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós*, Espíritos de formação mais recente, que estamos percorrendo agora o mesmo caminho que eles percorreram, chegando ao seu destino antes mesmo que nós houvéssemos saído das mãos do Criador. Por toda a eternidade sempre houve anjos ou Espíritos puros, mas como a sua existência humana se perde no infinito do passado, temos a impressão, de que eles sempre foram anjos.

15 — É assim que se nos revela a grande Lei de unidade da Criação. Deus nunca esteve inativo e sempre teve Espíritos puros, experientes e esclarecidos para transmitirem as suas ordens e para dirigirem todo o mecanismo do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos pormenores. Não houve pois necessidade da criação de seres privilegiados, isentos de encargos. Todos, antigos ou novos, conquistaram a sua elevação através da luta e pelos próprios méritos. Todos, enfim, são filhos de suas próprias obras. Assim se cumpre igualmente a soberana justiça de Deus.

NOTAS:

(34) Tiramos este resumo da pastoral de Monsenhor Goussett, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Pode-se pois considerá-la, como aquela referente aos demônios, proveniente da mesma fonte citada no capítulo seguinte, como a última expressão do dogma da Igreja sobre esse assunto. (N. de Kardec.)

(35) Concílio de Latrão.

CAPITULO IX

OS DEMÔNIOS

Origem da crença nos Demônios

1 — Os demônios desempenharam em todas as épocas um papel nas diversas teogonias. Embora consideravelmente decaídos na opinião geral, a importância que ainda lhes atribuem em nossos dias dá a esta questão uma certa gravidade, porque ela se refere ao próprio fundamento das crenças religiosas. É portanto conveniente que a examinemos em todos os seus aspectos.

A crença na existência de um poder superior é instintiva e podemos encontrá-la entre os homens sob as mais diferentes formas, em todas as épocas. Mas se, no grau de adiantamento intelectual em que hoje se encontram, ainda discutem a natureza e os atributos dessa potência, quanto mais imperfeitas deviam ser suas noções a respeito nas fases iniciais da humanidade!

2 — A representação que hoje fazemos dos povos primitivos deslumbrados com as belezas da Natureza, nas quais admiram a bondade do Criador, é sem dúvida muito poética, mas desprovida de realidade.

Quanto mais próximo se encontra o homem do estado natural, mais é dominado pelo instinto, como ainda podemos ver entre os povos selvagens e bárbaros dos nossos dias. O que mais o preocupa, ou melhor, o que exclusivamente o preocupa é a satisfação das suas necessidades vitais, pois na verdade não possui outras. O senso moral, que lhe torna possível gozar os prazeres dessa ordem, só se desenvolve aos poucos e demoradamente. A alma tem a sua infância, sua adolescência e sua virilidade, como acontece na vida corpórea. Mas, para atingir a virilidade, que a torna capaz de compreender as coisas abstraias, quanto deve ainda percorrer no caminho da evolução humana! Quantas existências terá ainda de cumprir!

Sem remontarmos aos tempos primitivos, vejamos ao nosso redor as populações camponesas e perguntemos que sentimentos de admiração despertam nelas o nascer do sol com seu esplendor, o céu estrelado, o gorjeio dos pássaros, o marulhar das ondas, os prados verdejantes e floridos. Para elas, o sol se levanta porque isso é habitual e é necessário que dê o calor para amadurecer as colheitas sem as queimar. É tudo quanto lhes interessa. Se olham o céu é para saber se fará bom ou mau tempo no dia seguinte. Que os pássaros cantem ou não, isso pouco lhes interessa, desde que não vão comer os grãos das sementeiras. Às melodias do rouxinol preferem o cacarejar das galinhas e os grunhidos dos porcos. O que interessa nas ondas claras ou borbulhantes dos riachos, é que não sequem e não produzam inundações. Quanto aos prados, que lhes deem boa pastagem, com ou sem flores. É tudo quanto desejam, diremos mais, tudo o que compreendem da Natureza, e no entanto estão já bem distantes dos homens primitivos!

3 — Se nos reportamos aos primitivos, vemo-los ainda mais inteiramente preocupados com a satisfação de seus interesses materiais. Tudo o que serve para os ajudar e tudo o que possa prejudicá-los resumem para eles o bem e o mal neste mundo. Creem num poder extra-

humano, mas como o que acarreta prejuízo material é o que mais lhes toca, atribuem esses prejuízos ao poder de que fazem, aliás, uma ideia muito vaga. Nada podendo ainda conceber fora do mundo visível e tangível, imaginam que esse poder se constitui dos seres e das coisas que lhes são prejudiciais.

Os animais daninhos são, assim, para eles, os agentes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, imaginam a personificação do bem nas coisas úteis. Vem daí o culto de certos animais, de certas plantas e mesmo de objetos inanimados. Mas o homem é geralmente mais sensível ao mal do que ao bem, de maneira que o bem lhe parece natural enquanto o mal lhe parece extraordinário. É por isso que, em todos os cultos primitivos, as cerimônias em honra ao poder malfazejo são as mais numerosas: o medo é mais dominante que a gratidão.

Por muito tempo o homem só compreende o bem e o mal do ponto de vista físico. O sentimento do bem moral e do mal moral assinala um progresso da alma humana. Somente então o homem entrevê a espiritualidade e compreende que o poder sobre-humano está fora do mundo visível e não nas coisas materiais. Essa conquista pertence a algumas inteligências privilegiadas, mas que assim mesmo não conseguem ir além de certos limites.

4 — Vendo-se uma luta incessante entre o bem e o mal, este frequentemente vencendo aquele, e não se podendo racionalmente admitir que o mal seja um poder benfazejo, conclui -se pela existência de dois poderes rivais que governam o mundo. Foi assim que nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e o do mal, doutrina lógica na ocasião, porqu e o homem era ainda incapaz de conceber outra e de compreender a natureza do Ser supremo. Como poderia compreender que o mal é uma ocorrência passageira da qual pode sair o bem e que os males que o afligiam deviam levá-lo à felicidade, ajudando o seu adiantamento?

Os limites do seu horizonte moral nada lhe permitiam ver além da vida presente, nem quanto ao futuro, nem quanto ao passado. Ele não podia compreender que havia progredido, nem que teria ainda de progredir individualmente, e menos ainda que as vicissitudes da vida resultam da imperfeição do seu próprio ser espiritual, que preexiste e sobrevive ao corpo, depurando -se numa série de existências até chegar à perfeição. Para compreender que o bem pode sair do mal não lhe bastava ver apenas uma existência, era necessário abranger o conjunto, pois só então se tornam claras as verdadeiras causas e os seus efeitos.

5 — O duplo princípio do bem e do mal foi, durante longos séculos, sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado com os nomes de Ormuz e Arimã entre os persas e de Jeová e Satã entre os hebreus. Mas, como todo soberano deve ter os seus ministros, todas as religiões admitiram a existência de poderes secundários que são os gênios bons ou maus. Os pagãos personificaram esses poderes numa multidão de individualidades, tendo cada uma atribuições especiais no tocante ao bem e ao mal, as virtudes e aos vícios, dando-lhes a denominação geral de *deuses*. Os Cristãos e os Muçulmanos herdaram dos Hebreus os anjos e os demônios.

6 — A doutrina dos demônios tem portanto a sua origem na antiga crença no princípio do bem e do mal. Vamos examiná-la aqui somente do ponto de vista cristão, procurando ver se ela está em relação com o conhecimento mais exato que hoje possuímos dos atributos da Divindade.

Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas. Os dogmas, o culto, as cerimônias, as práticas, a moral, tudo nelas se relaciona com a ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que fazem de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a natureza de Deus é ainda um mistério para a nossa inteligência, entretanto já aí compreendemos melhor do que nunca, graças aos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo, concordando nisso com os princípios racionais, nos ensina que:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e todas as suas perfeições são infinitas.

Como dissemos atrás (Cap. VI. *Penas Eternas*): "Se tirarmos a enorme parcela de um só dos atributos de Deus, não teremos mais Deus, pois poderia existir um ser mais perfeito." Esses atributos, compreendidos na sua mais absoluta plenitude, constituem o *critérium* de todas as religiões, a medida de verdade de cada um dos princípios que elas ensinam. Para que um desses princípios seja verdadeiro é preciso que não atente contra nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se isso acontece no tocante à doutrina vulgar dos demônios.

Os demônios segundo a Igreja

7 — Segundo a Igreja, Satã, o chefe ou rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas um ser real que pratica exclusivamente o mal, enquanto Deus faz exclusivamente o bem. Tomemo-lo, pois, exatamente como no-lo apresentam.

Satã existe desde toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Deus? Se se sempre existiu, é *incriado* e portanto igual a Deus. Nesse caso, Deus não é único, pois há o Deus do bem e o Deus do mal.

Satã é posterior? Então é uma criatura de Deus. E desde que só faz o mal, sendo incapaz de praticar o bem e de se arrepender, Deus criou um ser destinado perpetuamente ao mal. Se o mal não é obra de Deus, mas de uma de suas criaturas predestinada a fazê-lo, Deus será sempre o primeiro autor e nesse caso não é infinitamente bom. Acontece o mesmo com todos os seres maus chamados demônios.

8 — Foi essa durante muito tempo a crença a respeito dos demônios. Atualmente se diz:

Deus, que é a bondade e a santidade em essência, não os havia criado maus e malfazejos. Sua mão paternal, que se apraz em expandir sobre todas as suas obras um reflexo das suas infinitas perfeições, lhes havia dado os seus dons mais esplendentes. Às qualidades super-excelentes de sua natureza, acrescentou as abundâncias da sua graça: Fê-los em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes que estão na sua glória e felicidade. Distribuídos por todas as ordens e misturados a todos os graus, tinham eles o mesmo objetivo e os mesmos destinos. Seus chefe foi o mais belo dos arcanjos. Eles mesmos teriam podido merecer a sua confirmação de justos para sempre e a sua admissão no eterno gozo da felicidade dos céus. Esta última graça teria completado todos os favores que até então lhes tinham sido feitos, mas deveria ser o preço de sua docilidade e eles se tornaram indignos dela. Perderam-se por uma revolta audaciosa e insensata.

O que os impediu de serem perseverantes? Qual a verdade que não haviam conhecido? Que ato de fé e de adoração recusaram a Deus? A Igreja e os anais da história santa nada dizem a respeito de maneira positiva, mas parece certo que não aceitaram a mediação do Filho de Deus para eles mesmos nem a exaltação da natureza humana em Jesus Cristo.

O Verbo Divino, que fez todas as coisas, é também o único mediador e salvador no Céu e na Terra. O destino sobrenatural só foi dados aos anjos e aos homens na previsão de sua encarnação e de seus méritos. Porque não há nenhuma proporção entre as obras dos Espíritos mais eminentes e essa recompensa que é o próprio Deus em si mesmo. Nenhuma criatura teria podido chegar até esse ponto sem essa intervenção maravilhosa e sublime de caridade. Ora, para cobrir a distância infinita que separa a essência divina das obras de suas próprias mãos, era necessário que ele reunisse na sua pessoa os dois extremos e associasse a sua divindade à natureza do anjo ou à do homem: ele preferiu a natureza humana.

Esse plano, concebido desde toda a eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização. O Homem-Deus lhes foi mostrado no futuro como Aquele que devia confirmá-los na graça e introduzi-los na glória, com a condição de que o adorassem na Terra durante a sua missão, e no Céu pelos séculos dos séculos. Revelação inesperada, visão arrebatadora para os corações generosos e reconhecidos, mas mistério profundo e humilhante para os Espíritos soberbos!

Este destino sobrenatural, o peso imenso dessa glória que lhes era proposta não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais! Jamais se poderiam atribuir, por si mesmos, os títulos da sua posse! Um mediador entre eles e Deus, que ofensa feita à sua dignidade! A preferência gratuita pela natureza humana, que injustiça! Que atentado aos seus direitos! Essa humanidade que lhes era tão inferior, teriam de vê-la um dia endeusada pela sua união com o Verbo e assentada à direita de Deus, sobre um trono resplandecente? Concederão eles a prestar-lhe eternamente as suas homenagens e a sua adoração?

Lúcifer e a terceira parte dos anjos sucumbiram a esses pensamentos de inveja e de orgulho. São Miguel, e com ele a maioria, exclamaram: quem é semelhante a Deus? Ele é o senhor de seus dons e o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será imolado para a salvação do mundo! Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que devia ao seu criador a sua própria nobreza e as suas prerrogativas, preferiu escutar a sua própria temeridade e respondeu: eu mesmo subirei ao céu, estabelecerei a minha morada acima dos astros, me assentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Arquilão, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo. — Os que partilhavam os seus sentimentos acolheram essas palavras com um murmurar de aprovação, e eles estavam em todas as ordens da hierarquia, mas a sua multidão não os livrou do castigo.

9 — Essa doutrina provoca numerosas objeções:

1ª.) Se Satã e os demônios eram anjos, é que eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir, desconhecendo dessa maneira a autoridade de Deus em cuja presença se encontravam? Poder-se-ia ainda conceber que, se tivessem chegado à esta eminência de maneira gradual, após haver passado pelos planos da imperfeição, pudessem ter sofrido uma queda dolorosa. Mas o que torna o problema mais incompreensível é que são apresentados como tendo sido criados perfeitos. (36)

A consequência dessa teoria é a seguinte: Deus quis fazê-los seres perfeitos, desde que os cumulou de todos os dons, mas se enganou. Assim, segundo a Igreja, Deus não é infalível. (37)

2ª.) Desde que nem a Igreja nem os anais da História Sagrada explicam a causa da revolta dos anjos contra Deus, que somente *parece certo* que foi a recusa de reconhecer a missão futura do Cristo, que valor pode ter o quadro tão preciso e detalhado da cena que então se passou? Em que fonte encontrou ela as expressões tão precisas que reproduziu, como tendo sido pronunciadas na ocasião e até mesmo os simples murmúrios? De duas, uma: ou a cena é verdadeira ou não é. Se é verdadeira, não há qualquer incerteza. Então, porque a Igreja não decidiu a questão? Se a Igreja e a História se calam, a causa apenas *parece certa*, tudo não passa de suposição e a descrição da cena é simpl es obra de imaginação (38 – 39).

3ª.) As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância que nos assustamos de ver num arcanjo que por sua própria natureza e pelo grau que havia alcançado, não devia participar, no tocante à organização do Universo, dos erros e dos preconceitos que os homens professaram até o momento em que a Ciência veio esclarecê -los. Como poderia ele dizer: *"Estabelecerei a minha morada acima dos astros, dominarei as nuvens mais elevadas"*? É sempre a antiga crença que tem a Terra como centro do Universo, o céu de nuvens que se estende até as estrelas, a região limita da das estrelas formando a cúpula que a Astronomia nos mostra aberta ao espaço infinito, onde as estrelas se espalham.

Como sabemos hoje as nuvens não se encontram além de duas léguas acima da Terra, para dizer que dominaria as nuvens mais elevadas, referindo -se às montanhas, era necessário que as cenas se passassem na face da Terra e que nesta, portanto, estivesse a morada dos anjos. Se essa morada estiver nas regiões superiores, estaria claro que devia situar -se muito além das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem tomada de empréstimo à ignorância dos homens seria declarar que estes, hoje, sabem mais do que os anjos. A Igreja sempre cometeu o erro de não levar em consideração os progressos da ciência.

10 — A resposta à primeira objeção se encontra na passagem seguinte:

A Escritura e a Tradição designam o Céu como o lugar em que os anjos foram colocados no momento da sua criação. Mas esse não é o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra aos seus eleitos face a face e onde esses eleitos o contemplam sem dificuldades e sem esforços, porque lá não existem mais perigos nem possibilidades de pecar; a tentação e a fraqueza são ali desconhecidas; a justiça, a alegria e a paz reinam com segurança absoluta; a santidade e a glória são imperecíveis. Era portanto outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada em que essas nobres criaturas, largamente favorecidas pelas comunicações divinas, deviam recebê-las e aceitá-las pela humildade da fé, antes de serem admitidas à condição de verem claramente a realidade na própria essência de Deus.

Disto resulta que os anjos falidos pertencem a uma categoria menos elevada, menos perfeita, de maneira que ainda não haviam atingido a região suprema em que a falta é impossível. Seja, mas então há uma contradição manifesta porque está dito no texto que: ***"Deus os havia criado em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes; que, distribuídos em todas as ordens e misturados a todos os graus, eles tinham o mesmo objetivo e a mesma destinação; que o seu***

chefe era o mais belo dos arcanjos". Se eles foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não podiam ter uma natureza inferior, e se estavam misturados a todos os graus, não podiam estar num lugar especial. A objeção, portanto, subsiste em toda a sua inteireza.

11 — Há ainda outra que é, inegavelmente, a mais grave e a mais séria.

Está escrito: *"Esse plano (a mediação de Cristo) concebido desde toda a eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização."* Deus sabia, portanto, desde toda a eternidade, que os anjos, tanto quanto os homens, tinham necessidade dessa mediação. Sabia, ou não sabia que certos anjos falhariam, que a sua queda acarretaria para eles a condenação eterna e sem esperança de retorno; que eles seriam destinados a tentar os homens e que estes, os que se deixassem seduzir, teriam a mesma sorte.

Se Deus sabia tudo isso, então criou os anjos, em conhecimento de causa, para a perda irrevogável e para por a perder a maior parte do género humano. Por mais que se faça, é impossível conciliar a sua criação, em face de semelhante previsão, com a sua soberana bondade. Se, por outro lado, ele nada sabia, não era onisciente nem todo -poderoso. Num e noutro caso, temos a negação de atributos sem a plenitude dos quais Deus não seria Deus.

12 — Se admitirmos a falibilidade dos anjos, semelhante à dos homens, a punição é uma consequência natural e justa da falta cometida, desde que se admita ao mesmo tempo a possibilidade do resgate para o retorno ao bem, à reintegração na graça após o arrependimento e a expiação. Não haveria nada que então desmentisse a bondade de Deus. Deus sabia que eles faliriam e seriam punidos, mas sabia também que o castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender a própria falta e portanto reverteria em seu benefício.

Assim se cumpririam estas palavras do profeta Ezequiel: *"Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação."* (Ver cap. VII, nº 20). O que seria a negação da bondade de Deus é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do retorno ao bem. Nessa hipótese é rigorosamente exato dizer-se que: *"Esses anjos, desde a sua criação, pois que Deus não o podia ignorar, foram destinados ao mal pela eternidade e predestina dos a se transformarem em demônios para arrastar os homens ao mal"*.

13 — Vejamos agora qual é a sorte destes anjos e o que eles fazem:

Mal eclodira a revolta na linguagem dos Espíritos, quer dizer, nos impulsos dos seus pensamentos, foram eles banidos irrevogavelmente da cidade celeste e precipitados no abismo.

Por essas palavras entendemos que eles foram relegados a um lugar de suplícios onde tivessem de sofrer a penalidade do fogo, conforme o que diz o texto do Evangelho, que procede das próprias palavras do Salvador: *"Ide, malditos, ao fogo eterno que foi preparado para o demônio e seus anjos."* São Pedro diz expressamente: *"Que Deus os enviou às cadeias e às torturas do inferno; mas nem todos ficam ali perpetuamente; somente no fim do mundo é que serão encerrados para sempre com os condenados. Atualmente Deus ainda permite que eles ocupem um lugar na criação a que pertencem, ordem das coisas à qual se liga a sua existência, nas relações enfim que eles devem ter com os homens e das quais abusam da maneira mais perniciosamente."*

*Enquanto uns permanecem na sua morada tenebrosa, servindo de instrumento à justiça divina, **contra as almas infortunadas que seduziram**, numerosos outros, formando legiões infinitas e invisíveis, sob a conduta de seus chefes, moram nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Estão infiltrados em tudo que se passa neste mundo e na maioria das vezes desempenham o papel mais ativo."*

No que concerne às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, ver o capítulo IV, intitulado *O Inferno*.

14 — Segundo esta doutrina, uma parte dos demônios fica somente no inferno enquanto a outra erra em liberdade, intrometendo-se em tudo que se passa neste mundo, divertindo-se em praticar o mal, e isso até o fim do mundo, cuja data indeterminada não chegará provavelmente tão cedo. Mas porque essa diversidade? São estes menos culpados? Seguramente não. A menos que se revezem nos seus papéis, o que parece resultar desta passagem: *"Enquanto uns permanecem na sua morada tenebrosa e servem de instrumento à justiça divina contra as almas infortunadas que seduziram"*.

Suas funções consistem, pois, em atormentar *as almas que seduziram*. Assim, não estão encarregados de punir as que são culpadas de faltas livre e involuntariamente cometidas, mas aquelas que caíram pelas suas próprias provocações. São, ao mesmo tempo, *a causa da falta, e o instrumento do castigo*. E, coisa que a justiça humana por mais imperfeita não admitiria, a vítima que sucumbe por fraqueza, na ocasião preparada para isso, é punida tão severamente como o agente provocador que empregou contra ela a artimanha e a astúcia. A punição é até mais severa, porque ela vai ao inferno ao deixar a Terra, para dali nunca mais sair, sofrendo sem trégua nem perdão pela eternidade, enquanto aquele que foi a causa da sua queda goza de uma dilação de prazo, em liberdade até o fim do mundo! A justiça de Deus não seria então mais perfeita que a dos homens?

15 — Isso não é tudo. *"Deus permite que eles ocupem ainda um lugar na criação, nas relações que devem ter com os homens e das quais abusam da maneira mais perniciosa."* Deus poderia ignorar que eles iam abusar da liberdade que lhes concedia? Então porque a concedeu? Foi pois em conhecimento de causa que deixou as suas criaturas à mercê dos demônios, sabendo, em virtude da sua infinita presciência, que elas sucumbiriam e teriam a mesma sorte dos tentadores. Não tinham elas a sua própria fraqueza, sem a necessidade de que fossem excitadas ao mal por um inimigo tanto mais perigoso, quanto invisível? Ainda se o castigo fosse apenas temporário e o culpado pudesse salvar-se pela reparação! Mas não: ele é condenado pela eternidade. Seu arrependimento, seu retorno ao bem, suas lamentações, tudo é sem valor.

Os demônios são assim agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus, que sabia, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. Que se diria, aqui na Terra, de um juiz que usasse semelhantes meios para encher as prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade de um Deus cujos atributos essenciais são a soberana justiça e a soberana bondade!

E é em nome de Jesus Cristo, daquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que se ensinam semelhantes doutrinas! Houve um tempo em que esses absurdos passavam

despercebidos. Não podiam ser compreendidos, não chocavam os sentimentos. O homem, arcado ao jugo do despotismo, submetia a sua razão de maneira cega, ou melhor, abdicava da razão. Mas hoje a hora da emancipação já soou. Ele compreende a justiça e deseja tê-la durante a sua vida e após a sua morte. Eis porque ele clama: isso não é assim, não pode ser assim ou Deus não é Deus!

16 — O castigo segue por toda a parte esses seres decaídos e malvistos, que levam sempre consigo o seu próprio inferno: eles não têm paz nem repouso; as próprias doçuras da esperança foram transformadas para eles em amarguras. A esperança lhes é odiosa. A mão de Deus os feriu no ato mesmo do pecado e a sua vontade se obstinou no mal. Tornados perversos, não querem mais deixar de sê-lo e o são para sempre.

Após o pecado eles são o que o homem é depois da morte. *A reabilitação dos que caíram é pois impossível.* Sua perda é sem reparação e eles perseveram no seu orgulho face a face com Deus, no seu ódio contra Cristo, na sua inveja da humanidade.

Não tendo podido conquistar a glória do céu, pelo excesso de suas ambições, procuram estabelecer o seu império na Terra e dela afastar o reino de Deus. O Verbo feito carne cumpriu, apesar deles, os seus desígnios para a salvação e a glória da humanidade. Empregam, pois, todos os seus meios para levar à perdição às almas resgatadas. A astúcia e a importunação, a mentira e a sedução são utilizadas para as conduzir ao mal e à ruína completa.

Com tais inimigos, a vida do homem, desde o berço até o túmulo, não pode ser, desgraçadamente, senão uma luta perpétua, porque eles são poderosos e infatigáveis.

Esses inimigos, com efeito, são os mesmos que, depois de introduzirem o mal no mundo, cobriram a Terra com as trevas espessas do erro e do vício. São os que, durante muitos séculos, fizeram adorar-se como deuses reinando como senhores sobre os povos da Antiguidade. São, enfim os que ainda exercem o seu império tirânico sobre as regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até mesmo no seio das sociedades cristãs.

Para se compreender todos os recursos de *que eles dispõem* para o serviço da sua maldade, basta notar *que eles nada perderam das prodigiosas faculdades, que são o apanágio da natureza angélica.* Sem dúvida, o futuro e sobretudo a ordem sobrenatural tem mistérios que Deus se reserva e que eles não podem descobrir. Mas a sua inteligência é muito superior à nossa, porque eles percebem num simples olhar os efeitos ainda nas suas causas, e as causas nos seus efeitos. Essa penetração lhes permite anunciar com antecedência acontecimentos que escapam às nossas conjeturas. A diversidade e a distância dos lugares desaparecem diante da sua agilidade. Mais rápidos que o raio, mais instantâneos que os pensamentos, eles se encontram quase ao mesmo tempo sobre diversos pontos do globo e podem descrever de longe os acontecimentos que testemunham na mesma hora em que eles se verificam.

As leis gerais pelas quais Deus rege e governa o universo não estão ao seu sabor: eles não podem interrogá-las, nem portanto predizer ou operar verdadeiros milagres, mas possuem a arte de imitar e falsificar as obras divinas dentro de certos limites. Sabem quais os fenômenos que resultam da combinação dos elementos e predizem com segurança os resultados de combinações naturais como os das combinações que podem fazer por si mesmos. Daí esses oráculos numerosos, os vaticínios extraordinários de que os livros sagrados e profanos nos guardaram a lembrança e que serviram de base e de alimento para todas as superstições.

A sua substância simples e imaterial escapa aos nossos olhos. Eles estão ao nosso lado sem que os percebamos; tocam a nossa alma sem tocar os nossos ouvidos; cremos obedecer ao nosso próprio pensamento, quando estamos sofrendo as suas tentações e a sua funesta influência. Ao contrário disso, as nossas disposições são conhecidas por eles, através das impressões que nos fazem sentir, o que lhes permite nos atacarem, em geral pelo nosso lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança costumam apresentar-nos ideias e sugestões de acordo com as nossas tendências. Modificam a sua atitude segundo as circunstâncias e de acordo com os traços característicos de cada temperamento. Mas as suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia.

17 — O castigo, dizem, os segue por toda parte. Não têm mais nem paz nem repouso. Isso não destrói a observação referente ao descanso dos que não estão no inferno, descanso tanto menos justificado, quanto, estando de fora praticam ainda muito maior mal. Sem dúvida, eles não são felizes como os anjos bons, mas seria contada a liberdade de que gozam? Se eles não têm a felicidade moral que a virtude proporciona, são entretanto menos infelizes que os seus cúmplices que se acham nas chamas. Além disso o malvado sempre de sfruta uma espécie de prazer ao praticar o mal com toda a liberdade. Pergunte -se a um criminoso se para ele tanto faz estar na prisão ou percorrer os campos cometendo os seus crimes à vontade. A situação é exatamente a mesma?

O remorso, dizem, o persegue sem tréguas nem piedade. Mas se esquecem de que o remorso é precursor imediato do arrependimento, quando já não é o próprio arrependimento. Dizem: *"Tornando-se perversos, eles não querem mais deixar esse caminho e o seguem para sempre."* Mas então, se eles não querem deixar de ser perversos, é que não sofrem remorsos. Se tivessem o menor pesar, cessariam de praticar o mal e clamariam pelo perdão. Assim, o remorso não é um castigo para eles.

18 — *"Eles estão após o pecado como o homem após a morte. A reabilitação dos que caíram é pois impossível."* De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que decorra da semelhança de situação com a do homem após a morte, proposição que, aliás, não é bastante clara. Essa impossibilidade virá da sua própria vontade ou da vontade de Deus? Se for da sua vontade, denota extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal. Nesse caso, não se compreende que seres tão essencialmente maus tenham jamais podido estar entre os *anjos virtuosos* e que, durante o tempo *infinito* que passaram entre eles, não tenham deixado perceber nenhum sinal de sua maldade natural. Se for da vontade de Deus, ainda menos se compreende que lhes possa ser dado, como castigo, a impossibilidade de voltar ao bem, após a prática da primeira falta. O Evangelho não ensina nada semelhante.

19 — *"Sua perda, acrescenta, é desde então irremediável e eles perseveram no seu orgulho face a face com Deus."* De que lhes serviria não perseverar desde que todo o arrependimento é inútil? Se tivessem a esperança de uma reabilitação, a qualquer preço que fosse, o bem poderia ser alguma coisa para eles, enquanto dessa maneira não é nada. Se perseveram no mal é porque a porta da esperança foi fechada para eles. E porque Deus a fechou? Para se vingar da ofensa que lhe fizeram ao faltarem com a submissão. Assim, para vingar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere vê-los, não somente sofrer, mas continuarem a praticar o mal em lugar do bem, induzindo ao mal e lançando à perdição eterna

todas as criaturas do género humano, quando bastaria um simples ato de clemência para evitar tamanho desastre, um desastre já predeterminado desde toda a eternidade?

Seria, por acaso, esse ato de clemência uma graça pura e simples, que pudesse reverter em encorajamento ao mal? Não, mas um perdão condicional, subordinado a um futuro e sincero retorno ao bem. Em lugar de uma palavra de esperança e misericórdia, fizeram Deus dizer: pereça toda a raça humana, ante a minha vingança! E admiram -se que com uma tal doutrina haja incrédulos e ateus! Foi assim que Jesus nos apresentou o seu Pai? Ele que nos fez do esquecimento e do perdão das ofensas uma lei expressa, que nos ensinou a pagar o mal com o bem, que colocou o amor pelos inimigos no primeiro lugar entre as virtudes que devem no s conduzir ao céu, queria então que os homens fossem mais justos, melhores, mais compassivos que o próprio Deus?

Os demônios segundo o Espiritismo

20 — Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte: a criação dos seres inteligentes é una. Ligados a corpos materiais, esses seres constituem a humanidade que povoa a Terra e os outros planetas habitados; sem esses corpos, constitui o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os espaços. Deus os criou *perfectíveis*, dando-lhes por objetivo a perfeição com uma conseqüente felicidade, *mas não lhes deu a perfeição*. Deus quis que eles devessem a perfeição ao seu esforço pessoal, a fim de que tivessem o seu próprio mérito. Desde o instante da sua formação eles começam a progredir, seja a través da encarnação, seja no estado espiritual. Chegados ao apogeu, tornam -se *Espíritos puros* ou *anjos*, segundo a denominação vulgar. Dessa maneira, desde o embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia contínua em que cada elo representa um grau de progresso.

Disso resulta que existem espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, segundo os quais eles se encontram no alto, em baixo ou no meio da escala. Há espíritos, portanto, em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade. Nas camadas inferiores há os que são ainda profundamente inclinados ao mal e nele se comprazem. Podem chamá-los *demônios*, se o quiserem porque são capazes de todas as maldades atribuídas a estes. Se o Espiritismo não lhes dá esse nome é para não ligá-los à ideia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, destinada eternamente ao mal e incapazes de progredir para o bem.

21 — Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e se tornaram maus por sua desobediência: são os anjos decaídos, que tentaram colocar -se em lugar de Deus no alto da escala e dela caíram. Segundo o Espiritismo, são espíritos imperfeitos mas que terão de melhorar-se; encontram-se ainda embaixo da escala, mas subirão.

Os que, por sua apatia, sua negligência, sua obstinação e má vontade permanecem por mais tempo nos planos inferiores, sofrem as conseqüências dessa situação e o hábito do mal lhes torna mais difícil saírem dali. Mas chega o tempo em que se cansam dessa existência penosa e dos sofrimentos que nela enfrentam. É então que, comparando sua situação à dos bons Espíritos, compreendem que o seu interesse está na prática do bem e procuram melhorar -se. Mas o fazem de sua própria vontade, sem serem constrangidos a isso.

Eles estão submetidos à lei do progresso em virtude da sua própria aptidão para progredir, mas não podem progredir contra a sua própria vontade. Deus lhes concede incessantemente os meios de progredir, mas eles são livres de os aproveitar ou não. Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam mérito algum, e Deus quer que eles tenham o mérito de seus esforços. Ele não eleva ninguém por meio de privilégio, mas o primeiro lugar está sempre aberto a todos e ninguém chega a ele sem os próprios esforços. Os anjos mais elevados conquistaram o seu grau como os outros, passando pela rota comum.

22 — Chegados a um certo grau de evolução, os Espíritos recebem missões que estão em relação com seu adiantamento. Cumprem todas aquelas que são atribuídas aos anjos das diversas ordens. Como Deus tem sempre criado, desde toda a eternidade, também de toda a eternidade se encontram espíritos em condições de satisfazer a todas as necessidades do governo universal. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é pois suficiente. Essa unidade da criação, tendo todos o mesmo ponto de partida, o mesmo caminho a seguir e elevando-se pelo seu mérito, corresponde bem melhor à justiça de Deus que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dons naturais que representariam outros tantos privilégios.

23 — A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso e considerando os seres, não obstante, em diversos graus, nos leva à conclusão de que eles são o produto de diversas criações especiais. Ela faz assim, de Deus, um Pai parcial, concedendo tudo a alguns de seus filhos, enquanto impõe a outros o mais rude trabalho.

Não é de se admirar que durante muito tempo os homens nada tenham visto de chocante nessas preferências, pois que eles também procediam assim com seus próprios filhos através do direito da primogenitura e dos privilégios de nascença. *Poderiam eles pensar que erravam mais do que Deus?* Mas hoje as ideias se ampliaram e eles veem as coisas com mais clareza, têm noções mais precisas de justiça e as desejam para si mesmos. Se não encontram sempre essa justiça na Terra, esperam pelo menos encontrá-la no céu. Eis porque toda doutrina cuja justiça divina não lhes seja apresentada na sua maior pureza repugna-lhes a razão (40).

NOTAS:

(36) Essa doutrina monstruosa foi dada por Moisés quando disse (Gênesis, Cap, VI, v. 6,7): *"Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra. E, tocado de dor até o mais fundo do coração, disse: exterminarei da Terra o homem que criei, exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde os que rastejam no solo até os pássaros do céu, porque eu me arrependo de os haver feito."*

Um Deus que se arrepende daquilo que fez não é perfeito nem infalível: portanto, não é Deus. Essas são, não obstante, as palavras que a Igreja proclama como verdades sagradas. Por outro lado, não se percebe, de maneira alguma, o que havia de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para merecerem aqueles a sua exterminação. (N. de Kardec).

(37) A revolução teológica atualmente em curso dá pouca importância ao problema dos anjos, preocupada quase exclusivamente com o homem. No **Catecismo Holandês**, que apresenta a fé para adultos, a distinção entre os anjos e os homens permanece a mesma do tempo de Kardec. Definindo-os, diz o Catecismo: *"São mensageiros ou virtudes que provêm de Deus, espíritos servidores (Hebreus 1,14) frequentemente apresentados na Bíblia em forma humana. Dão forma à bondade de Deus e constituem as grandes virtudes boas que colaboram conosco"*

nesta criação. Seria a existência deles hipótese pertencente à concepção do mundo que reina na Sagrada Escritura? Ou faz esta existência parte integrante da revelação de Deus?" — Como se vê, os anjos são um mistério. (N. do T.)

(38) Encontra-se em Isaías, cap. XVI, v. 11 e seguintes: "Teu orgulho foi precipitado nos infernos, teu corpo morto tombou na Terra, tua cama será a podridão e tua vestimenta será de vermes. Como tombaste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante como o sol ao meio-dia? Como foste lançado sobre a Terra, tu que golpeavas e ferias as nações, que dizias **no teu coração**: eu subirei ao céu e estabalecerei meu trono sobre os astros de Deus, e me assentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Aquilão, me colocarei sobre as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo? — E no entanto foste precipitado desta glória para o inferno, até os mais fundos dos abismos. — Os que puderem ver-te, aproximando-se de ti, depois de te encararem, dirão: é este o **homem** que atemorizou a Terra, que encheu de terror os reinos e transformou o mundo num deserto, destruiu as cidades e prendeu em cadeias os que fez prisioneiros?"

Essas palavras do profeta não se referem à revolta dos anjos, mas aludem ao orgulho e à queda do rei de Babilônia que mantinha os judeus no cativeiro, como o provam os últimos versículos. O Rei de Babilônia é designado, por alegoria, sob o nome de Lúcifer, mas não se faz nenhuma referência à cena acima descrita. Essas palavras são do Rei, que as dizia *no seu coração* e se colocava, pelo seu orgulho, acima de Deus, cujo povo retinha cativo. A predição da libertação dos judeus, da ruína de Babilônia e da derrota dos assírios é, aliás, o objeto exclusivo desse capítulo. (N. de Kardec).

(39) Tratando de Satanás, diz o **Catecismo Holandês** simplesmente que ele pode ser considerado da mesma maneira que os anjos "...mas em direção oposta: ele é a força reacionária. Não em pé de igualdade, não tão original nem tão poderoso quanto Deus, como bem nos revela expressamente a Escritura. É ele a malícia tremenda que vemos agir eficazmente na Humanidade. Ultrapassa de tão longe a malícia individual que nos perguntamos: qual é a força que está agindo aqui? Uma força meramente humana?" — Como se vê, a posição teológica dos nossos dias continua ambígua em referência ao problema dos anjos e demônios. A Igreja ainda não conseguiu escapar da dualidade mazdeista, considerando Deus como sendo ao mesmo tempo o Poder Supremo e a sua própria oposição. A crítica de Kardec, portanto, continua válida. — (**O Novo Catecismo**, Editora Herder, São Paulo, 1969, com parecer para o Nihil Obstat e Imprimatur, do Cardeal Arcebispo, por Mons. Dr. Roberto Mascarenhas Roxo. O parecer lembra que o Concílio Vaticano reafirmou a tese do IV Concílio de Latrão e esclarece: "A fé não define a natureza "filosófica" desses seres. Afirma -os "espíritos", i. e., de natureza diversa, do homem enquanto simultaneamente espiritual e material"), (N. do T.)

(40) Não houve modificações fundamentais na Teologia Católica no tocante a essas questões. Se Teilhard de Chardin admite, na sua revolução teológica, que a alma condenada fica em tempo de espera, não é expulsa do "pleroma", o mesmo não acontece na doutrina oficial. O **Catecismo Holandês** avançou um pouco, mas o parecer da Comissão Cardinalícia, assinado por Monsenhor Mascarenhas Roxo, é taxativo a respeito: "Em resumo as almas que não necessitam de purificação entram na posse imediata da vida eterna, como presença "face a face" com a trindade (a visão beatífica). Aquelas que necessitam de purificação devem cumpri-la no purgatório. As que são afetadas por pecado grave ou mortal sofrem imediatamente a condenação eterna do inferno." — O relator acentua que o Catecismo não nega nem põe em dúvida "nada disso", mas adverte que "a ressurreição final será no fim da História", o que vale dizer, no fim do mundo, quando se dará a "parusia ou segunda vinda do Senhor". Porque isso o Catecismo põe em dúvida. A crítica de Kardec, portanto, permanece válida. (N. do T.)

CAPÍTULO X

INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

1 — Os fenômenos Espíritos modernos chamaram a atenção sobre fatos semelhantes que se deram em todas as épocas, e nunca a História foi mais consultada a esse respeito do que nos últimos tempos. Das semelhanças dos efeitos conclui-se pela identidade da causa. Como para todos os fatos extraordinários cuja razão era desconhecida, a ignorância viu sempre uma causa sobrenatural e a superstição os ampliou, acrescentando -lhes credences absurdas; disso resultou uma infinidade de lendas que, na sua maioria, representam uma mistura de um pouco de verdade com muita falsidade.

2 — As doutrinas sobre os demônios, que prevaleceram por muito tempo, haviam de tal maneira exagerado o poder desses seres, que eles, por assim dizer, haviam posto Deus no esquecimento. Foi por isso que lhes atribuíram tudo que parecia sobrepassar o poder humano. Por toda parte aparecia a mão de Satã. As melhores coisas, as mais úteis descobertas, sobretudo as que pudessem arrancar o homem da ignorância e ampliar as suas ideias, foram muitas vezes consideradas como diabólicas. Os fenômenos espíritos, multiplicando -se nos nossos dias, e sobretudo melhor observados com a ajuda das luzes da razão e dos dados da Ciência confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas, mas agindo sempre nos limites das leis naturais e revelando, na sua ação, uma nova força e leis até então desconhecidas. A questão se reduz, pois, a saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto só havia sobre o mundo espiritual noções imprecisas ou sistemáticas, era possível o engano. Mas hoje que as observações rigorosas e os estudos experimentais lançaram luz sobre a natureza dos Espíritos, sua origem e seu destino, seu papel no Universo e seu modo de ação, a questão foi resolvida pelos fatos. Sabe-se hoje que são as almas dos que viveram na Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de Espíritos bons e maus não representam seres de diferentes espécies, assinalando apenas *os seus diversos graus de evolução*. Segundo o lugar que ocupam, na razão do seu desenvolvimento intelectual e moral, os que se manifestam o fazem sob os aspectos mais contraditórios, o que não os impede de pertencerem à grande família humana, tanto como o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

3 — Sobre esse ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém suas velhas crenças no tocante aos demônios. Diz ela: *"Possuímos princípios que não se modificaram há dezoito séculos e são imutáveis."*

Seu erro está precisamente em não levar em conta o desenvolvimento das ideias, considerando Deus tão pouco sábio para não proporcionar a revelação aos homens de acordo com o desenvolvimento da sua inteligência, usando para os homens primitivos a mesma linguagem que usa com os homens civilizados. Se, enquanto a Humanidade avança, a religião se entrincheira nos seus velhos erros, tanto no tocante às coisas espirituais quanto às científicas, chega o momento em que ela é ultrapassada pela incredulidade.

4 — Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas. (42)

Intervindo nas coisas exteriores, os demônios não descuidam em disfarçar a sua presença, para afastar suspeitas. Sempre astutos e pérfidos, atraem os homens para as suas ciladas antes de lhes impor as cadeias da opressão e da escravidão. Aqui, despertam a curiosidade por meio de fenômenos e brincadeiras pueris; ali, produzem coisas espantosas e subjugam pela atração do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se o seu poder os desmascara, eles se acalmam e afastam as apreensões, pedem confiança e provocam a familiaridade. Ora se fazem passar por divindades e bons gênios, ora tomam os nomes e mesmo os traços dos mortos que deixaram sua lembrança entre os vivos. Graças a essas fraudes dignas da antiga serpente, falam e são escutados, dogmatizam e são creditados, misturam algumas verdades às suas mentiras e fazem que o erro seja aceito sob todas as formas. É então que se completam as pretensas revelações do além-túmulo. É para chegar a esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas e as mãos das crianças se tornam oráculos. É para isso que a pitonisa profetiza no seu delírio e que o ignorante, num sono misterioso torna-se de repente um doutor da ciência. Enganar e perverter, tal é por toda parte e em todos os tempos o objetivo final dessas estranhas manifestações.

Os resultados surpreendentes dessas práticas ou desses atos, na maioria bizarros e ridículos, não podendo proceder de sua própria virtude, nem da ordem estabelecida por Deus, só se pode esperar que venham do concurso de poderes ocultos. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias pelos processos aparentemente inofensivos do magnetismo e pelo órgão inteligente das mesas falantes.

Através das práticas da magia moderna vemos hoje reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e os sortilégios que celebrizaram os templos idólatras e as grutas das sibilas. Como outrora, dão-se ordens à madeira e a madeira obedece, fazem-lhe perguntas e ela responde em todas as línguas e sobre todos os assuntos. Estamos em presença de seres invisíveis que usurpam os nomes dos mortos, com o que as pretensas revelações são marcadas com o cunho da contradição e da mentira. Formas leves e sem consistência aparecem rapidamente e se evolvem dotadas de uma força sobre-humana.

Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam o desempenho desses papéis indignos e nem se prestariam a todos os caprichos de uma curiosidade vã. As almas dos mortos, que Deus nos proíbe de consultar, permanecem na morada que a sua justiça lhes assinalou e não podem, sem a sua permissão, pôr-se às ordens dos vivos. Os seres misteriosos que atendem assim ao primeiro chamado *do herege e do ímpio, bem como do fiel*, ou seja, tanto do crime como da inocência, não são os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os agentes do erro e do inferno.

Malgrado o cuidado que tomam de se esconderem sob os nomes mais venerados, eles se traem pelo vazio das suas doutrinas, e não menos pela baixeza de seus atos e a incoerência das suas palavras. Esforçam-se para fazer desaparecerem os símbolos religiosos, os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, da eternidade das penas e toda a revelação divina, a fim de tirarem às leis a sua verdadeira sanção e romper todas as barreiras aos vícios. Se as suas sugestões pudessem prevalecer, eles formariam uma religião cômoda para o uso do socialismo e de todos aqueles para quem a noção do dever e da consciência é importuna. A incredulidade

do nosso século lhes preparou o caminho. Possam as sociedades Cristãs, por um retorno sincero à fé Católica, escapar ao perigo dessa nova e temível invasão!

5 — Toda essa teoria repousa no princípio de que os anjos e os demônios são seres diferentes das almas humanas e que estas constituem uma criação especial, inferior mesmo aos demônios em inteligência, em conhecimentos e em todas as espécies de faculdades. Ela conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus nas manifestações antigas e modernas, atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade das almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, que resulta da experiência e da observação e não a discutiremos aqui. Mas admitamos, por hipótese, a doutrina acima e vejamos se ela não se destrói a si mesma por seus próprios argumentos.

6 — Das três categorias de anjos, segundo a Igreja, uma se ocupa exclusivamente do Céu; outra, do governo do Universo; e a terceira é encarregada da Terra, encontrando -se nela os anjos guardiães incumbidos da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos dessa categoria envolveu-se na revolta, sendo eles transformados em demônios. Se Deus permitiu a estes últimos levarem os homens à perdição pelas sugestões de toda espécie e pelas manifestações ostensivas, porque, se Ele é soberanamente justo e bom, lhes teria dado o imenso poder de que desfrutam, uma liberdade de que fazem uso tão pernicioso, sem permitir aos anjos bons contrabalançarem isso com manifestações semelhantes mas orientadas para o bem?

Admitamos que Deus tenha dado igual poder aos bons e aos maus, o que já seria um favor exorbitante para estes últimos. O homem, pelo menos, devia ser livre para escolher. Mas dar-lhes o monopólio da tentação, com a faculdade de simular o bem para enganar, para seduzir com mais segurança, isto seria uma verdadeira armadilha colocada ante a fraqueza humana, a inexperiência e a boa fé. Dizemos mais: isso seria abusar da confiança do homem em Deus. A razão se recusa a admitir semelhante parcialidade em proveito do mal.

Vejamos os fatos.

7 — Concedem-se aos demônios as faculdades transcendentais, eles nada perderam de sua natureza angélica. Possuem o saber, a perspicácia, a providência, a clarividência dos anjos, e além disso a astúcia, a sagacidade e manha no mais alto grau. Seu objetivo é desviar os homens do bem e sobretudo afastá-los de Deus para levá-los ao inferno, do qual são os provedores e os recrutadores.

Compreende-se que eles se dirijam aos que estão no bom caminho e que se deixam perder por eles diante da sua insistência. Compreende-se a sedução através da simulação do bem para os atrair às suas fileiras. Mas o incompreensível é que eles se dirijam aos que já lhes pertence de corpo e de alma para os encaminhar a Deus e ao bem. Ora, quem poderia estar mais nas suas garras do que aquele que renega a Deus e blasfema contra ele, mergulhando -se no vício e nas paixões desordenadas? Esse não está já no caminho do inferno?

Pode-se compreender que, estando seguro de sua presa, o demônio a leva a adorar a Deus, a convida a submeter-se à sua divina vontade e a renunciar ao mal? Que exalte aos seus olhos a

ventura da vida dos Espíritos bons, pintando com horror a posição dos maus? Já se viu um comerciante elogiar para os seus clientes as mercadorias do seu vizinho, em prejuízo das suas, mandando-os comprar do outro? Viu-se um recrutador depreciar a vida militar e louvar o descanso da vida doméstica? Dizer aos conscritos que eles terão vida de fadigas e de privações, que eles têm dez possibilidades contra uma de serem mortos ou pelo menos de terem os braços e as pernas arrancados?

Não obstante, é esse o papel estúpido que atribuem ao demônio, pois é fato notório que em consequência das instruções provenientes do mundo invisível, diariamente se veem os incrédulos e os ateus retornando a Deus e orando com fervor, o que há muito não faziam, ao mesmo tempo que pessoas viciosas lutam com ardor para se melhorarem. Pretender que seja essa uma obra das artimanhas do demônio, seria transformá-lo num verdadeiro *pobre diabo*. Como isso não é uma suposição, mas um resultado da experiência, e como contra fatos não há argumentos, temos de concluir que o demônio é um desastrado de primeira, não sendo tão esperto nem tão mau como se pretende, e portanto que não é justo temê-lo, desde que ele trabalha contra os seus próprios interesses, ou então que nem todas as manifestações são produzidas por ele.

8 — *"Eles propagam o erro de todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as pontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas, as mãos das crianças se tornam oráculos."*

Qual é então, diante disso, o valor destas palavras do Evangelho: *"Eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesse dia eu derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e servas, e eles profetizarão."* (**Atos dos Apóstolos**, cap. II, v. 17, 18.). Não é essa a predição da mediunidade concedida a todos, mesmo às crianças, e que se cumpre nos nossos dias?

Os apóstolos lançaram o anátema sobre esta faculdade? Não. Eles a anunciaram como uma graça de Deus e não como obra do demônio. Os teólogos de hoje saberiam mais sobre essa questão que os apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento dessas palavras?

9 — *"Através dessas práticas da magia moderna vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e os sortilégios que celebraram os templos idólatras e as grutas das sibilas."*

Quem viu práticas de magia nas evocações espíritas? Houve um tempo em que se podia crer na sua eficácia, mas hoje elas se tornaram ridículas. Ninguém mais crê nessas coisas e o Espiritismo as condena. Na época em que a magia florescia tinha-se apenas uma ideia muito imperfeita sobre a natureza dos Espíritos, que se consideravam como seres dotados de poder sobre-humano. Eram evocados para obter-se, mesmo que ao preço da própria alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro ou os filtros. A magia, com a ajuda de seus símbolos, fórmulas e práticas cabalísticas, era considerada capaz de revelar pretensos segredos para realizar prodígios, constranger os Espíritos a se submeterem às ordens dos homens e satisfazerem os seus desejos.

Eis o que diz o Espiritismo a esse respeito:

10 — Não há nenhum meio de se constranger um Espírito a nos atender contra a sua vontade. Se ele vos iguala ou vos é superior em moralidade, não tendes nenhuma autoridade sobre ele. Se vos é inferior só podeis agir sobre ele *se for para o seu bem*, porque nesse caso outros Espíritos vos ajudam. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— A principal disposição para as evocações é o recolhimento, quando se pretende estabelecer relações com os Espíritos sérios. Tendo-se fé e o desejo de fazer o bem, obtém-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando-se a alma, em alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, consegue-se identificar com os Espíritos bons e dispô-los a se manifestarem. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou de repelir os Espíritos. As coisas materiais não tem nenhum poder sobre eles. Jamais um Espírito aconselha essas práticas absurdas. A virtude dos talismãs nunca existiu, a não ser na imaginação das pessoas crédulas. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— Não há nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Quem pretendesse oferecer uma poderia ser justamente chamado de charlatão, porque para os Espíritos a forma nada é. Entretanto, a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XVII.)

— Os Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e a altas horas querem divertir-se à custa dos que lhes dão ouvido. É sempre inútil e frequentemente perigoso atender a essas sugestões. Inútil porque nada se ganha em ser mistificado, e perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre as pessoas de cérebro fraco (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— Não há dias nem horas que sejam mais propícios às evocações. Isso é completamente indiferente para os Espíritos, como tudo o que é material, e crer nessa influência seria simples superstição. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o evocador pode estar menos preocupado com as suas ocupações habituais, ou em que o seu corpo e o seu Espírito se acham mais tranquilos. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— A crítica malévola representa as comunicações espíritas cercadas de práticas ridículas e supersticiosas da magia e a necromancia. Se os que falam do Espiritismo sem o conhecer se dessem ao trabalho de o estudar, poupariam muito gasto de imaginação e evitariam alegações que só servem para demonstrar a sua ignorância ou a sua má fé. Para esclarecimento das pessoas estranhas a esta ciência diremos que, para se comunicar com os Espíritos, não há dias nem horas, nem lugares mais propícios do que outros, para evocá-los não há necessidade de fórmulas nem de palavras sacramentais ou cabalísticas. Nenhuma preparação e nenhuma iniciação também são necessárias. O emprego de qualquer símbolo ou objeto material, seja para os atrair, seja para os repelir, não tem nenhum efeito, bastando para isto o pensamento. Enfim, os médiuns recebem as suas comunicações sem saírem do estado normal, tão simples e naturalmente como se elas fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia

afetar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos a esses momentos. (**O que é o Espiritismo**, cap. II, n° 49).

— Em princípio, o futuro deve estar oculto ao homem. Somente em casos raros e excepcionais Deus permite a sua revelação. Se o homem conhecesse o futuro descuidaria do presente e não teria a mesma liberdade de ação, pois seria dominado pelo pensamento de que se uma coisa deve acontecer não adianta preocupar-se com ela, ou procuraria alguma maneira de impedi-la. Deus não quis que assim fosse, para que cada um concorresse na realização dos seus desígnios, mesmo dos que se pretendesse afastar. Deus permite a revelação do futuro quando esse conhecimento antecipado pode facilitar a ocorrência, ao invés de a impedir, levando o homem a agir de maneira favorável e não contrária. (**O Livro dos Espíritos**, livro II, cap. X, n° 868 a 871.)

— Os Espíritos não podem orientar pesquisas científicas nem fazer descobertas. A ciência é trabalho do homem e só pode ser adquirida através do trabalho, pois somente por este o homem consegue progredir. Que mérito lhe caberia se lhe bastasse interrogar os Espíritos para tudo saber? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio dessa maneira. O mesmo acontece no tocante às invenções e às descobertas no campo da técnica.

Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de produzirem o seu aparecimento procuram o homem capaz de a realizar, inspirando-lhe as ideias necessárias, mas deixando-lhe todo o mérito da sua efetivação. Essas ideias, ele as têm de elaborar para pô-las em prática. Assim acontece com todas as grandes realizações da inteligência humana.

Os Espíritos respeitam a situação natural de cada homem. Daquele que cuida de lavar a terra eles não farão depositário dos segredos de Deus, mas saberão *tirar da obscuridade* o homem capaz de auxiliá-los na consecução dos seus desígnios. Não vos deixeis pois levar, pela curiosidade ou pela ambição, por um caminho que *não corresponde ao objetivo do Espiritismo*. Isso vos sujeitaria às mais ridículas mistificações. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXVI.)

— Os Espíritos não podem levar ninguém à descoberta de tesouros. Os Espíritos superiores não se preocupam com essas coisas, mas os Espíritos brincalhões frequentemente indicam tesouros inexistentes ou podem mostrá-los numa direção, quando se encontram na direção oposta. Isso, por sinal, tem a sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a providência destina riquezas ocultas a alguém, este a encontrará naturalmente e não por meio dos Espíritos. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXVI.)

— Esclarecendo-nos a respeito das propriedades dos fluidos, que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, constituindo uma das forças da Natureza, o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que passaram nos tempos antigos por milagres ou prodígios. À maneira do magnetismo, ele nos revela uma lei desconhecida ou pelo menos mal compreendida, ou melhor, da qual conhecíamos os efeitos porque foram produzidos em todos os tempos, mas não conhecíamos a lei que os produz. A ignorância dessa lei deu origem às superstições. Conhecida essa lei o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.

Eis porque os Espíritos não realizam nenhum milagre ao movimentarem uma mesa ou nos transmitirem a escrita dos mortos, da mesma maneira que o médico ao devolver um agonizante à vida ou um físico ao provocar um raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda da Ciência Espírita, produzir milagres seria um ignorante desta Ciência ou um charlatão interessado em enganar os outros. (**O Livro dos Médiuns**, cap. II.)

Algumas pessoas fazem ideia muito falsa das evocações. Há as que pensam que elas consistem em fazer os mortos voltarem do túmulo com suas vestes fúnebres. Somente nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro é que se veem os mortos saírem descarnados da sepultura, envoltos em seus lençóis e chocalhando os ossos. O Espiritismo, que jamais produziu milagres, não produz essas fantasias nem outras. Jamais ele fez reviver um morto no seu corpo. Quando o corpo foi enterrado ali fica em definitivo, mas o ser espiritual, fluídico e inteligente, não permanece enterrado com o seu envoltório grosseiro. Separa-se dele no momento da morte e desde a separação nada mais há de comum entre eles. (**O que é o Espiritismo**, cap. II, nº. 48.)

11 — Estendemo-nos nestas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm nenhuma relação com a magia. Assim, nada de Espíritos às ordens dos homens, nada de meios para constrangê-los, nada de signos ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou de processos para enriquecimento, nada de milagres ou prodígios, de adivinhações ou de aparições fantásticas. Enfim, nada do que constitui o fim e os elementos essenciais da magia. O Espiritismo não somente desaprova todas essas coisas, como demonstra o absurdo da sua prática e a sua ineficácia. Não há, pois, nenhuma analogia entre o fim e os meios da magia e os do Espiritismo. Querer assimilá-los só pode ser obra de ignorância ou de má-fé. E como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, estando formulados em termos claros e sem possibilidades de equívocos, nenhum engano a respeito poderia prevalecer.

Quanto aos casos de curas, reconhecidos como reais pela pastoral que citamos, o exemplo foi mal escolhido para afastar as pessoas das relações com os Espíritos. Constituem esses casos um dos benefícios que tocam de perto às pessoas e que todas podem apreciar. Serão poucas as que se disporão a renunciar a essas possibilidades, sobretudo depois de haverem recorrido à todos os outros meios, simplesmente pelo temor de serem curadas pelo diabo. Pelo contrário, existem mesmo as que dirão que se o diabo as curar praticará uma boa ação. (42)

12 — *"Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros aiores dessa cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam desempenhar esses papéis indignos e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade."*

O autor se refere às manifestações físicas dos Espíritos. Entre elas há evidentemente as que não seriam dignas de Espíritos superiores. Se, pela palavra *anjos*, entendermos *Espíritos puros* ou *Espíritos superiores* teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não se poderia considerar no mesmo plano as comunicações inteligentes dadas pela escrita, pela palavra, pela audição ou por qualquer outro meio, que não são menos dignas dos Espíritos bons do que dos homens mais eminentes da Terra, nem as aparições, as curas e uma infinidade de outras que os livros sagrados citam em profusão como sendo produzidas pelos anjos ou pelos santos.

Se, pois, os anjos e os santos puderam produzir no passado semelhantes fenômenos, porque não os produziram hoje? Por que os mesmos seriam hoje produzidos pelo demônio, através das mãos de certas pessoas, enquanto são considerados milagres sagrados através de outras pessoas? Sustentar semelhante tese é abdicar inteiramente da lógica.

O autor da pastoral errou ao dizer que esses fenômenos são inexplicáveis. Hoje eles são, pelo contrário, perfeitamente explicáveis e é por isso que não mais são encarados como maravilhosos ou sobrenaturais. E mesmo que ainda permanecessem inexplicados, não seria mais lógico atribuí-los ao diabo, do que não foi, no passado, atribuir ao diabo todos os fenômenos naturais que não se podiam compreender.

Pela expressão *papéis indignos* devemos entender os papéis ridículos e os atos malignos. Mas não se podem qualificar assim os atos dos Espíritos que praticam o bem e conduzem os homens a Deus e às virtudes. Ora, o Espiritismo diz *expressamente* que os papéis indignos não figuram nas atribuições dos Espíritos superiores, como o provam os preceitos seguintes:

13 — Reconhece-se a categoria dos Espíritos pela sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, livre de contradições. É uma linguagem que revela sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral, sendo concisa e sem palavrórios inúteis. Quanto aos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, a falta de ideias é quase sempre suprida pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à verdadeira moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, todo o sinal de malevolência, de presunção ou de arrogância são provas incontestáveis da inferioridade do Espírito.

— Os Espíritos superiores só se ocupam das comunicações inteligentes destinadas à nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais pertencem mais especialmente às atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados por *Espíritos batedores*. Como entre nós, os trabalhos pesados cabem aos carregadores e não aos sábios. Seria absurdo que os Espíritos, mesmos os que ainda são pouco elevados, gostassem de fazer demonstrações. (**O que é o Espiritismo**, cap. II n.ºs. 37 a 40 e 60.— ver também: **O Livro dos Espíritos**, livro II, cap. I, *Diferentes Ordens de Espíritos, Escala Espírita*; **O Livro dos Médiuns**, parte II, cap. XXIV, *Identidade dos Espíritos, Distinção dos bons e dos maus Espíritos*.)

Qual o homem de boa fé que poderia ver nesses preceitos algum papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? O Espiritismo não somente não confunde os Espíritos, como também, ao contrário dos que atribuem aos demônios uma inteligência semelhante à dos anjos, constata, pela observação dos fatos, que os Espíritos inferiores são tanto mais ignorantes quanto mais limitado é o seu horizonte moral e menor a sua perspicácia. Frequentemente eles fazem das coisas uma ideia falsa e incompleta, sendo incapazes de resolver certas questões, o que os coloca na impossibilidade de fazerem tudo o que se atribui aos demônios.

14 — "As almas dos mortos, que Deus proíbe de serem consultadas, permanecem no lugar que a sua justiça lhes determinou e não podem, **sem a sua permissão**, pôr-se às ordens dos vivos."

O Espiritismo diz também que elas não podem manifestar -se sem a permissão de Deus. Mas ele é bem mais rigoroso, porque diz que nenhum espírito bom ou mau pode comunicar -se sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui aos demônios o poder de dispensá -la. Vai ainda mais longe o Espiritismo, pois afirma mesmo que apesar desta permissão quando eles atendem ao chamado dos vivos não é para *se colocarem às suas ordens*.

O Espírito evocado atende espontaneamente ou é constrangido a fazê-lo? — *Ele obedece à vontade de Deus*, quer dizer à lei geral que rege o Universo. Julga se é útil atender, e nisso está também o seu livre-arbítrio. O Espírito superior sempre atende quando é chamado por um motivo útil, e só se recusa a responder quando interpelado por pessoas pouco sérias que levam a reunião em brincadeira. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXV.)

— O Espírito evocado pode se recusar a atender? — Perfeitamente. Sem isso, onde estaria o seu livre-arbítrio? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? E vós mesmos vos julgais obrigados a responder a todos os que vos chamam pelo nome? Quando digo que ele pode se recusar, entendo *sob a ordem do evocador*, porque um Espírito inferior pode ser obrigado a manifestar-se por um Espírito superior. (O Livro dos Médiuns, cap. XXV.)

Os espíritas estão de tal maneira convencidos de não terem nenhum poder direto sobre os Espíritos, e de nada poderem obter sem a permissão de Deus, que, quando chamam algum Espírito, dizem: "*Peço a Deus todo-poderoso permitir a um bom Espírito que se comunique comigo; peço também a meu anjo da guarda que me assista e afaste de mim os maus Espíritos.*" E quando se trata de chamar um Espírito determinado, dizem: "*Peço a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo.*" (**O Livro dos Médiuns**, cap. XVII, nº 203)

15 — As acusações da Igreja contra a prática das evocações não se aplicam ao Espiritismo, pois se referem principalmente às práticas da magia com as quais o Espiritismo nada tem de comum. O Espiritismo condena essas práticas da mesma forma que a Igreja, não atribui nenhum papel indigno aos Espíritos bons e declara, por fim, nada pedir nem obter sem a permissão de Deus.

Pode haver sem dúvida pessoas que abusam das evocações, que brincam com elas, que as desviam do seu fim providencial para as submeter aos seus interesses pessoais, que, por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez se afastam dos verdadeiros princípios da doutrina. Mas o Espiritismo as desaprova, como a verdadeira religião desaprova os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Não é, pois, nem lógico nem justo imputar ao Espiritismo os abusos que ele condena ou as faltas daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação é necessário verificar se ela é justa.

Diremos, pois: a censura da Igreja cai sobre os charlatões, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria. Nesse sentido, ela tem razão. Quando a crítica religiosa castiga os abusos e estigmatiza o charlatanismo, na verdade faz melhor ressaltar a pureza da verdadeira doutrina que, assim ajuda a se desembaraçar das escórias prejudiciais. Com isso, ela facilita a nossa tarefa. Seu erro está em confundir o bem e o mal, na maioria das vezes por ignorância, e em algumas por má fé. Mas a distinção que nesses casos ela deixa de fazer, outros a fazem.

De qualquer maneira, essa censura, à qual todo espírita sincero se associa, desde que aplicada ao mal, não pode atingir a doutrina.

16 — *"Os seres misteriosos que atendem assim ao primeiro apelo **do herético e do ímpio como do fiel**, do crime como da inocência, não são os enviados de Deus nem os apóstolos da verdade, mas os agentes do erro e do inferno."*

Assim, ao herético, ao ímpio, ao criminoso Deus não permite que os Espíritos bons venham desviar do erro para salvá-los da perdição eterna! Envia-lhes apenas os agentes do inferno para mais os afundar na lama! Ao mesmo tempo, só envia à inocência seres perversos para a perverter! Não se encontra então entre os anjos, essas criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser bastante compassivo para vir em socorro das almas perdidas? A que título lhes foram dadas as brilhantes qualidades que possuem, se elas servem apenas para o seu gozo pessoal? São realmente bons esses anjos que, mergulha das nas delícias da contemplação, vendo essas almas no caminho do inferno, não querem deixar a sua situação para ir socorrê-las? Não é essa a imagem do rico egoísta que tudo possuindo deixa sem piedade que o pobre morra de fome à sua porta? Não é isso o egoísmo erigido em virtude e colocado aos próprios pés do Eterno?

Admirai-vos de que os Espíritos bons socorram o herético e o ímpio. Esquecei-vos então destas palavras do Cristo: *"Não é o que está cheio de saúde que necessita de médico!"* Não tendes então uma visão mais elevada que a dos fariseus do tempo de Jesus? E vós mesmos, se fosseis chamados por um descrente, recusaríeis socorrê-lo e colocá-lo no bom caminho? Os Espíritos bons fazem, pois, o que faríeis também. Procuram o ímpio levando-lhe palavras amigas. Ao invés de anatematizar as comunicações de além-túmulo, bendizei os desígnios do Senhor, admirando a sua onipotência e a sua infinita bondade.

17 — Dirão que há anjos guardiães. Mas quando esses anjos guardiães não podem se fazer ouvir através da voz misteriosa da consciência ou por meio da inspiração, porque não empregariam outros meios mais diretos e materiais, capazes de ferir os sentidos, se esses meios existem? Deus põe esses meios, que pertencem a sua própria obra, desde que tudo provém dele e nada acontece sem a sua permissão, à disposição exclusiva dos Espíritos maus, recusando aos bons o direito de usá-los? Teríamos então de concluir que Deus concede aos demônios mais recursos para perderes homens, do que os dá aos anjos guardiães para os salvar.

Pois bem, o que os anjos guardiães não podem fazer, segundo a Igreja, os demônios fazem por eles. Por meio dessas mesmas comunicações consideradas infernais, eles conduzem a Deus os que o haviam renegado, e ao bem os que estavam mergulhados no mal; dão-nos o estranho espetáculo de milhões de homens que creem em Deus pelo poder do diabo, em virtude de ter a Igreja se mostrado impotente para os converter.

Quantos homens que jamais oraram e que hoje oram com fervor graças às instruções desses mesmos demônios! Quantos não vemos que de orgulhosos, egoístas e devassos se tornaram humildes, caridosos e comedidos! E dizem que isso é obra dos demônios! Se assim é, temos de convir que o demônio lhes prestou um grande serviço e que os assistiu melhor do que os

anjos. É necessário considerar bem desprovidos de juízo os homens deste século para acreditar que possam aceitar cegamente essas ideias.

Uma religião que faz de semelhante doutrina a sua pedra angular, que se declara abalada em sua base se lhes tirarmos os demônios, o inferno, as penas eternas e o seu Deus impiedoso, é uma religião que se suicida.

18 — Dizem que Deus enviou o Cristo para salvar os homens, provando assim o seu amor pelas suas criaturas. Como, então, as teria deixado sem proteção? Não há dúvida que o Cristo é o divino Messias, enviado para ensinar aos homens a verdade e lhes mostrar o bom caminho. Mas contai, somente depois da sua vinda, quantos homens não puderam ouvir a sua palavra, quantos morreram e quantos morrem ainda hoje sem a conhecer, e entre mesmo os que a conhecem, quantos são os que a põem em prática! Por que Deus, na sua solícitude pela salvação dos filhos, não lhes enviaria outros mensageiros, abrangendo toda a terra, penetrando nos mais humildes lugares, entre grandes e pequenos, entre sábios e ignorantes, entre incrédulos e crentes para ensinar a verdade aos que não a conhecem, para torná-la compreensível aos que não a podem compreender, suprindo pelo seu ensino *direto e múltiplo* a insuficiência da propagação do Evangelho, abrindo assim o advento do Reino de Deus?

E quando esses mensageiros chegam em falanges inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos como fazia Jesus, vós os repelis, repudiais o bem que eles fazem chamando-os de demônios! Essa era também a linguagem dos fariseus a respeito de Jesus, porque eles também diziam que Jesus fazia o bem pelo poder do diabo. E o que lhes respondeu Jesus? — *Reconhececi a árvore pelos frutos; uma árvore má não pode dar bons frutos.*

Para eles, os frutos produzidos por Jesus eram maus porque vinham destruir os seus abusos e proclamar a liberdade que devia arruinar a sua autoridade. Se ele tivesse vindo para lisonjear o seu orgulho, aprovar as suas prevaricações e sustentar o seu poder, então sim, seria aos seus olhos o Messias tão esperado pelos Judeus. Ele estava só, era pobre e fraco, e eles o fizeram perecer acreditando que matavam também as suas palavras. Mas as suas palavras eram divinas e sobreviveram a ele. Não obstante propagou-se de maneira lenta e após dezoito séculos é conhecida apenas por uma décima parte do género humano. Numerosos cismas eclodiram entre os seus próprios discípulos. Foi então que Deus, na sua misericórdia, enviou os Espíritos para confirmarem, completarem e colocarem ao alcance de todos as suas palavras, expandindo-as por sobre toda a Terra.

Mas os Espíritos não se encarnaram num único homem, cuja voz seria de alcance limitado. Eles são inumeráveis, vão por toda parte e ninguém os pode deter. Eis porque o seu ensino se expande com a rapidez do raio. Eles falam ao coração e à razão e por isso são compreendidos pelos mais humildes.

19 — *"Não é indigno de mensageiro celeste, dizei, transmitir as suas instruções por um meio tão vulgar como os das mesas falantes? Não é um ultraje supor que eles se divirtam com trivialidades, deixando a sua morada de luz para se porem à disposição do primeiro interessado?"*

Jesus não deixou a morada do Pai para nascer num estábulo? Mas onde ouvistes que o Espiritismo atribua práticas triviais a espíritos superiores? Pelo contrário, ele ensina que as práticas vulgares são produzidas por espíritos vulgares. Mas, pela sua própria vulgaridade, elas excitam as imaginações, servem para provar a existência do mundo espiritual e mostrar que esse mundo é muito diferente da pintura que dele haviam feito. Era apenas o princípio, e esse princípio era tão simples como todos os demais. Mas a árvore que surge de uma pequena semente estende mais tarde os seus ramos a grande distância. Quem poderia crer que da miserável manjedoura de Belém sairia um dia a palavra que devia transformar o mundo"

Sim, o Cristo é o Messias divino e a sua palavra é a da verdade. Sim, a religião fundada sobre a sua palavra será inabalável, mas com a condição de se seguir e praticar os seus sublimes ensinamentos e de não fazer de Deus justo e bom que ele nos deu a conhecer um Deus parcial, vingativo e impiedoso. (43)

NOTAS:

(41) As citações acima foram extraídas da mesma pastoral citada no capítulo precedente, sendo a sua sequência e pertencendo à mesma autoridade (N. de Kardec.)

(42) Ao quererem persuadir as pessoas curadas pelos Espíritos de que o foram pelo diabo os que isso tentaram só conseguiram afastar radicalmente da Igreja grande número de criaturas que jamais haviam sequer pensado em deixá-la. (N. de Kardec.)

(43) As sérias conquistas da Metapsíquica, as investigações dos cientistas ingleses e alemães, ultimamente o desenvolvimento da Parapsicologia, forçaram a Igreja, nos meados do século, a mudar sua posição no tocante aos fenômenos espíritas. A intervenção dos demônios nas manifestações espíritas, por outro lado, perdeu prestígio perante o povo, diante da realidade inegável dos benefícios da prática espírita. Ao mesmo tempo a figura de Satanás esfumou-se na mente popular, diante da expansão da cultura científica e filosófica. A Igreja apelou então para a explicação científica dos fenômenos negando-lhes a condição de manifestação espiritual.

O **Catecismo Holandês** toca no problema de maneira evasiva, enumerando alguns fenômenos e acentuando: *"Tal enumeração é só pequena seleção de inúmeros fenômenos existentes, extremamente divergentes, que ainda não puderam ser suficientemente analisados e reconhecidos pela Ciência atual. Ai está diante de nós, vasto campo de experiência pré-científica, a evocar, no homem, a ideia de que a Criação, bem como a observação da mesma, é muito mais rica do que podemos controlar. Podem, entretanto, essas coisas dar a impressão de realidades particularmente misteriosas, como se o véu que cobre o mistério da vida fosse afastado por momentos."*

Várias sociedades parapsicológicas foram criadas por católicos e protestantes em todo o mundo, com a finalidade de investigar os fenômenos parapsicológicos, e vários sacerdotes saíram a campo para ensinar ao povo que esses fenômenos, que são naturais e não sobrenaturais, constituem precisamente o *campo enganoso das chamadas manifestações espíritas*. A *Imago Mundi*, por exemplo, instituição católica internacional, tem promovido pesquisas e congressos na Europa e sua posição é contrária à explicação espírita. Todos esses fenômenos, segundo elas devem ser explicados como provenientes de causas materiais. É exatamente a posição assumida pelos parapsicólogos materialistas e pela escola soviética.

Na França destaca-se o trabalho de Robert Amadeu, que em seu livro **Os Grandes Médiuns** procura reduzir a fenomenologia espírita a uma questão de fraudes e escamoteações, enquanto no livro *Parapsicologia* nega qualquer relação dos fenômenos parapsicológicos com o espírito humano, afirmando que eles decorrem apenas do psiquismo inferior e animal do homem. Certos sacerdotes chegam a substituir a intervenção dos demônios pela manifestação do inconsciente, ao qual atribuem toda a esperteza, inteligência e malícia atribuída até agora àquelas entidades maléficas. Acusam o Espiritismo de desconhecer os problemas do inconsciente, como se a

questão do animismo e das manifestações anímicas já não figurasse no **O Livro dos Espíritos** desde 1857, quando Sigmund Freud contava apenas um ano de existência.

Apesar disso, a maioria do clero continua a considerar as manifestações espíritas como demoníacas. Dessa maneira, a crítica de Kardec no capítulo acima continua válida em dois sentidos: 1º) correspondendo a uma realidade religiosa que ainda se sustenta em grandes áreas do Catolicismo, do Protestantismo e de numerosas seitas evangélicas mais recentes; 2º) correspondendo às evidentes manobras pseudocientíficas que hoje se realizam para negar a verdadeira natureza das manifestações.

Convém assinalar que as pesquisas parapsicológicas atuais não são, de maneira alguma, um simples *campo de experiência pré-científica* e já demonstraram, de maneira positiva, a realidade dos fenômenos espíritas numa vasta escala, que vai desde a telepatia e da clarividência até à comunicação de espíritos (*fenômenos teta*) e por fim à própria reencarnação (*memória extra-cerebral*). Nenhuma das comprovações científicas da Parapsicologia negou até agora um só dos princípios espíritas. Pelo contrário, essa Ciência a referendou até o momento todas as provas da sobrevivência dadas pelo Espiritismo, desde os trabalhos de Kardec no século passado. (N. do T.)

CAPÍTULO XI

DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

1 — A Igreja não nega de maneira alguma a existência das manifestações. Pelo contrário, ela as admite todas, como vimos nas citações precedentes, mas atribuindo -as à intervenção exclusiva dos demônios. É por engano que alguns invocam o Evangelho para as proibir, porque o Evangelho não diz uma só palavra nesse sentido. O supremo argumento que se apresenta é a proibição de Moisés.

Eis em que termos se refere ao assunto a pastoral mencionada nos capítulos precedentes:

Não é permitido entrar em relação com eles (os Espíritos) seja imediatamente, seja por intermédio dos que os invocam e os interrogam. A lei mosaica punia com a morte essas práticas detestáveis, em uso entre os gentios. — Não procureis os mágicos, diz o livro do Levítico, e não façais aos adivinhos nenhuma pergunta, para não incorrerdes na contaminação de vos dirigirdes a eles. (Cap. XIX, v. 31.) — Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; serão lapidados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (Cap. XX, v. 27.) E no livro do Deuterônomo: Que não haja entre vós pessoas que consultem os adivinhos, ou que observem os sonhos e os augúrios, ou que usem de malefícios, de sortilégios ou de encantamentos, ou quem consultem o Espírito de Píton e quem pratique a adivinhação ou interrogue os mortos para saber a verdade; porque o Senhor considera em abominação todas essas coisas e destruirá com a vossa chegada as nações que cometem esses crimes. (Cap. XVIII, v. 10, 11, 12.)

2 — É conveniente, para compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, lembrar o texto completo, que foi um tanto abreviado nessas citações:

Não vos desvieis do vosso Deus para procurar os mágicos e não consulteis os adivinhos para não vos contaminardes ao vos dirigir a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus. (*Levítico*, cap. XIX, v. 31.)

Se um homem ou uma mulher tem o Espírito de Píton ou um Espírito de adivinhação, que sejam punidos com a morte: eles serão lapidados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (*Levítico*, cap. XX, v. 27.)

Quando tiverdes entrado no país que o Senhor vosso Deus vos dará, guardai-vos de imitar as abominações daqueles povos: — E que não se encontre entre vós quem pretenda purificar seu filho ou sua filha fazendo-os passar pelo fogo ou quem consulte os adivinhos ou observe os sonhos e os augúrios, ou pratique malefícios, sortilégios e encantamentos, ou quem consulte os que têm o Espírito de Píton, e quem se ponha a adivinhar ou a interrogar os mortos para saber a verdade. — Porque o Senhor considera em abominação todas essas coisas e exterminará todos esses povos na vossa chegada, por causa dessas espécies de crimes que eles têm cometido. (*Deuterônomo*, cap. XVIII, v. 9.10, 11 e 12.)

3 — Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada nesse ponto, deve sê-lo igualmente sobre todos os outros, pois como seria ela boa no concernente às evocações e má no tocante a outros assuntos? É necessário ser consequente: se reconhecermos que essa lei não está

mais de acordo com o nosso costume e a nossa época por alguns motivos, não haverá razão para que o mesmo não aconteça no tocante à proibição de que tratamos.

É necessário que nos reportemos aos motivos determinantes dessa proibição, motivos que tinham na ocasião a sua razão de ser, mas que hoje seguramente não existem mais. O legislador hebreu desejava que seu povo rompesse com todos os costumes trazidos do Egito, onde as evocações eram usadas de maneira abusiva como o provam estas palavras de Isaías: "*O Espírito do Egito se aniquilará por si mesmo e eu precipitarei o seu conselho; eles consultaram os seus ídolos, os seus adivinhos, as suas pitonisas e os seus mágicos.*" (Cap. XIX, v. 3.)

Além disso, os Israelitas não deviam contrair nenhuma aliança com as nações estrangeiras. Eles iriam encontrar as mesmas práticas entre esses povos a que se dirigiam e que deviam combater. Moisés devia, assim, por motivos políticos, inspirar ao povo hebreu a aversão por todos os seus costumes que tivessem pontos de contato com os assimilados no Egito. Para motivar essa aversão devia apresentar esses costumes como reprovados pelo próprio Deus. Eis porque ele disse: "*O Senhor considera em abominação todas essas coisas e destruirá, na vossa chegada, as nações que cometem esses crimes.*"

4 — A defesa de Moisés era tanto mais justificada quanto *os mortos não eram evocados em virtude do respeito e da afeição por eles, nem por um sentimento de piedade, mas para fins de adivinhação*, da mesma maneira que se consultavam os augúrios e os presságios, explorados pelo charlatanismo e a superstição. Por mais que fizesse, entretanto, não conseguiu arrancar do povo esses costumes que se haviam transformado em objeto de comércio, como o atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

E quando eles vos disserem: Consultai os mágicos e os adivinhos que murmuram nos seus encantamentos; respondi-lhes: cada povo não consulta o seu Deus? E deve-se falar aos mortos do que respeita aos vivos? (*Isaías*, cap. VII, v. 19.)

Sou eu que faço ver a falsidade dos prodígios da magia, que tornam insensatos os que se atrevem a adivinhar, que transtorna o Espírito dos sábios e converte em loucura a sua ciência vã. (Cap. XLIV, v. 25.)

Que esses adivinhos que estudam o céu, que contemplam os astros e contam os meses para fazer predições, que desejam revelar-vos o futuro, venham agora e vos salvem. — Eles se transformaram como em palha e o fogo os devorou; não puderam livrar suas almas das chamas ardentes; não restará do fogo em que se abrasarão nem mesmo os carvões com os quais alguém se possa esquentar, nem fogo ante o qual alguém se possa sentar. — Eis no que se transformarão todas essas coisas, às quais vos entregastes com tanto trabalho; esses comerciantes que negociaram convosco desde a vossa juventude se foram todos, um de um lado, outro de outro lado, sem que se encontre um só que vos livre dos vossos males. (Cap. XLVII, v. 13, 14, 15.)

Nesse capítulo Isaías se dirige aos babilônios, usando a figura alegórica da *Virgem filha da Babilônia, filha dos Caldeus*. (Vers. I.) Diz que os encantamentos não impedirão a ruína da sua monarquia. No capítulo seguinte ele se dirige diretamente aos Israelitas:

Vinde aqui, vós outros, filhos de uma feiticeira, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. — Com quem divertistes? Contra quem abristes a boca e lançastes as vossas línguas perfurantes. Não sois os filhos pérfidos e os bastardos rejeitados, vós que procurais vossa consolação nos vossos deuses sob todas as árvores frondosas em que *sacrificais os vossos filhos pequenos*, nas torrentes, ante a rochas elevadas? — Pusestes a vossa confiança nas pedras da torrente; derramastes licores em sua honra; oferecestes sacrifícios a ela. Depois disso a minha indignação não devia explodir? (Cap. LVII, 3, 4, 5, 6.)

Estas palavras são inequívocas. Elas provam claramente que naquele tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, fazendo-se delas um comércio. Estavam associadas às práticas mágicas e supersticiosas sendo até mesmo acompanhadas de sacrifícios humanos.

Moisés, portanto, tinha razão de proibir estas práticas, dizendo que Deus as considerava abomináveis. Aliás, essas práticas supersticiosas sobreviveram até a Idade Média, mas hoje a razão as afugentou e o Espiritismo veio demonstrar que as relações com o além-túmulo têm um sentido exclusivamente moral, consolador e portanto religioso. Desde que os espíritas não fazem *sacrifícios de crianças e não derramam licores em homenagem aos deuses*, desde que não interrogam os astros, nem os mortos, nem os adivinhos para conhecer o futuro que Deus prudentemente ocultou aos homens, e desde que eles repudiam toda a forma de comércio da faculdade que alguns possuem, de comunicar-se com os Espíritos, não sendo movidos por curiosidade nem por cupidez, mas por um sentimento de piedade e pelo desejo único de se instruírem e se melhorarem e de aliviarem as almas sofredoras, — a proibição de Moisés não se refere a eles de maneira alguma. Para isso é que deviam atentar os que invocam essa proibição contra os espíritas. Se eles aprofundassem melhor o sentido dessas palavras bíblicas, teriam reconhecido que não existe nenhuma analogia entre o que se passava com os hebreus e os princípios atuais do Espiritismo, tanto mais que o Espiritismo condena precisamente tudo o que dera motivo à proibição de Moisés. Mas, cegos pelo desejo de encontrar argumentos contra as ideias novas, não chegam a perceber que essas acusações soam de maneira completamente falsa.

A lei civil dos nossos dias pune os abusos que Moisés queria reprimir. Quando Moisés estabeleceu a pena de morte contra os delinquentes, era porque necessitava de meios rigorosos para governar um povo indisciplinado. Aliás, essa pena figurava constantemente na sua legislação, porque não havia muito que escolher no tocante aos meios de repressão. Não existiam prisões nem casas de correção no deserto e seu povo não era de natureza a se atemorizar somente com as penas disciplinares. Ele não podia estabelecer as graduações penais, como fazemos em nossos dias.

É errôneo querer-se apoiar na severidade daquele castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Deveríamos, simplesmente por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ela a aplicava? Nesse caso, porque reviver com tanta insistência apenas esse artigo, passando em silêncio o começo do capítulo que proíbe: *aos padres possuir bens terrenos e participar de qualquer herança, porque o Senhor é em si mesmo a sua herança?* (Ver. *Deuteronômio*, cap. XXVIII, v. 1 e 2.)

5 — Há duas partes distintas na lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar apropriada aos costumes e ao caráter do povo. Uma é

invariável, a outra se modifica segundo os tempos e não pode passar pelo pensamento de ninguém que tenhamos de ser governados hoje da mesma maneira que os hebreus em sua caminhada através do deserto. Assim também os capitulares de Carlos Magno não poderiam aplicar-se à França do nosso século. Quem pensaria, por exemplo, em reviver hoje este artigo da lei Mosaica: *Se um boi chifrar um homem e uma mulher, que venham a morrer disso, o boi será lapidado e ninguém comerá da sua carne, mas o dono do boi será julgado inocente.* (*Êxodo*, cap. XXI, v. 28 e seguintes.)

Este artigo que nos parece tão absurdo não tinha por objetivo punir o boi e inocentar o seu dono, pois equivalia praticamente à confiscação do animal causador do acidente para obrigar o proprietário a ter maior cuidado. A perda do boi representava a punição do dono, que devia ser bastante grave num povo de pastores, impedindo os descuidados de caírem em outra falta. Mas como ela não devia aproveitar a ninguém, era proibido comer a carne. Outros artigos estipulam penalidades para os donos responsáveis.

Tudo tinha a sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela estava previsto, até os menores detalhes. Mas a forma e o fundo estavam de acordo com as circunstâncias em que os hebreus se encontravam. Claro que se Moisés voltasse hoje e tivesse de dar um novo código a uma nação civilizada da Europa, não recorreria mais àquele dos hebreus.

6 — Objeta-se a isso que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, como as recebidas no Sinai. Mas se considerarmos todas de origem divina, porque os mandamentos de Deus formam apenas o decálogo? É que se faz a distinção. Se todas emanassem de Deus, todas seriam igualmente obrigatórias. Porque, pois, não observar a todas? Porque, por exemplo, não foi observada a circunscrição que o próprio Jesus sofreu e não aboliu? Esquecem-se de que todos os legisladores antigos, para darem maior autoridade às suas leis, diziam tê-las recebido de uma divindade. Moisés, mais do que qualquer outro, necessitava desse apoio em virtude do caráter do seu povo. Se apesar disso lhe foi tão difícil fazer-se obedecer, quanto pior não seria se tivesse promulgado essas leis em seu próprio nome.

Jesus não veio modificar a lei mosaica, mas a sua lei não é hoje o código dos cristãos? Não disse ele: "Sabeis que foi dito aos antigos tal e tal coisa, mas eu vos digo esta outra coisa? Mas, assim dizendo, tocou ele na lei do Sinai? De maneira alguma, pois a sancionou e toda a sua doutrina moral não é mais do que o desenvolvimento daquela. Ora, em nenhum momento ele se refere à proibição de evocar os mortos, entretanto era essa uma questão bastante grave para que ele a tivesse omitido nas suas instruções, quando tratou de outros assuntos de natureza secundária.

7 — Em resumo: trata-se de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da lei evangélica, ou melhor dito, se ela é mais Judia do que Cristã. É mesmo de se notar que de todas as religiões a que menos se opôs ao Espiritismo foi a Judia, que não invocou contra as relações com os mortos a lei de Moisés, sobre a qual entretanto se apoiam as seitas Cristãs. (44)

8 — Há outra contradição. Se Moisés proibiu a evocação dos Espíritos dos mortos, é que esses Espíritos podem manifestar-se, pois de outra maneira a sua proibição seria inútil. Se eles podiam manifestar-se no seu tempo, é claro que o podem ainda hoje. Se se trata dos Espíritos

dos mortos, não são exclusivamente os demônios que se manifestam. De resto, Moisés não faz nenhuma referência a esses últimos.

É pois evidente que não se poderia apoiar logicamente na lei de Moisés nesta circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo e não é apropriada aos costumes da nossa época. Mas, mesmo supondo-se que tenha toda a autoridade que alguns lhe dão, ela não pode, como acabamos de ver, aplicar-se ao Espiritismo. (45)

Moisés, é verdade, abrange na sua proibição a interrogação dos mortos. Mas isso apenas de maneira secundária, como um acessório das práticas de feitiçaria. A palavra *interrogar*, colocada ao lado das palavras *adivinhos* e *augures*, prova que entre os hebreus as evocações constituíam um meio de adivinhação. Ora, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, mas para receberem os seus conselhos e procurar o alívio dos que sofrem. É claro que se os hebreus não se tivessem servido das comunicações de além-túmulo com esse fim, longe de as proibir, Moisés as encorajaria, porque elas teriam tornado melhor o seu povo.

9 — Se alguns críticos irônicos ou mal intencionados têm apresentado as reuniões espíritas como assembleias de feiticeiros e necromantes, e os médiuns como ledores da sorte; se, por outro lado, alguns charlatães misturam o nome do Espiritismo a práticas ridículas que ele desaprova, entretanto muita gente sabe como considerar o caráter essencialmente moral e sério das reuniões espíritas. Aliás, a doutrina escrita e divulgada por todo o mundo protesta suficientemente contra os abusos de toda espécie para que a calúnia possa recair sobre quem realmente a merece.

10 — Dizem que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, cujas cinzas não devemos perturbar. Quem diz isso? Os adversários dos dois campos opostos, que nesse momento se dão as mãos: os incrédulos que não creem nas almas e os que, embora crendo, pretendem que *elas não podem manifestar-se e que o demônio é quem se manifesta*.

Quando a evocação é feita religiosamente, com o devido recolhimento; quando os Espíritos são chamados com afeto e simpatia, pelo desejo sincero de instrução e de aperfeiçoamento moral, e não por curiosidade, não se percebe o que haveria de falta de respeito, e isso tanto ao chamar as pessoas *depois de mortas como durante a vida*.

Mas há uma outra resposta decisiva a essa objeção. *É que os Espíritos se manifestam livremente e não de maneira forçada*. Eles costumam vir espontaneamente até nós, sem serem chamados, e revelam a satisfação de poderem comunicar-se com os homens, lamentando frequentemente o esquecimento em que às vezes os deixam. Se eles fossem perturbados na sua paz ou não gostassem de ser chamados, declararíamos isso ou não nos atenderiam. Desde que são livres, quando nos atendem é porque isso lhes convém.

11 — Alega-se ainda: *"As almas moram no lugar que a justiça de Deus lhes determinou, seja no Inferno ou no Paraíso."* Assim, as que estão no Inferno não podem sair, embora toda liberdade seja dada aos demônios nesse sentido. As que estão no Paraíso acham-se inteiramente entregues à beatitude e estão muito acima dos mortais para se preocuparem

conosco, sendo muito felizes para voltar a esta Terra de misérias, interessando -se pelos parentes e amigos que aqui deixaram. Essas almas seriam como os ricos que desviam a vista dos pobres, com receio de que eles lhes perturbem a digestão? Se assim fosse, elas seriam bem pouco dignas da felicidade suprema, que seria, por sua vez, o prêmio do egoísmo.

Restam aquelas que estão no Purgatório. Mas essas são almas sofredoras e têm de pensar antes de tudo na própria salvação. Dessa maneira, nenhuma delas podendo nos atender, é somente o diabo que se apresenta. Mas se elas não podem vir, não há nenhum motivo para temermos perturbar o seu repouso.

12 — Aqui se apresenta outra dificuldade. Se as almas que estão na beatitude não podem abandonar a sua morada feliz para socorrer os mortais, porque a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que aconselha ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem mostram-se aos homens através de visões e fazem milagres? Eles deixam, então, o céu para vir à Terra. Se esses Espíritos que se encontram no mais alto dos céus podem deixá-lo, por que motivo os que estão mais em baixo não o poderiam?

13 — Que os incrédulos neguem a manifestação das almas, isso se concebe em razão da sua própria descrença. Mas o que estranha é ver aqueles cuja crença repousa precisamente na existência da alma e no seu futuro, se encarnizarem contra os meios de se provar que ela existe, esforçando-se por demonstrar que isso é impossível. Pareceria natural, ao contrário, que os que têm maior interesse na sua existência aceitassem com alegria e como uma graça da Providência o aparecimento dos meios de confundir os negadores por provas irrecusáveis, desde que são eles os negadores da própria religião.

Deploram essas pessoas, incessantemente, a propagação da incredulidade que aniquila o rebanho de fiéis, mas quando se lhes apresenta o mais poderoso meio de combatê-la, repelem-no com mais obstinação do que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas se multiplicam a ponto de não deixarem nenhuma dúvida, recorrem como argumento supremo à proibição de tratar do assunto, e procuram para justificá-la um artigo da lei de Moisés de que ninguém se lembrava e ao qual pretendem dar, de qualquer maneira, uma aplicação que não pode ter. E ficam muito felizes com essa descoberta, sem perceberem que esse mesmo artigo constitui uma justificação da Doutrina Espírita.

14 — Todos os motivos alegados contra as relações com os Espíritos não podem suportar um exame sério. Do próprio empenho com que se entregam a essa luta pode -se deduzir que a questão envolve grandes interesses, pois do contrário não haveria tamanha insistência. Ao ver esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, poderíamos dizer que eles estão atemorizados. O verdadeiro motivo poderia ser o temor de que os Espíritos, demasiado clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre os pontos que eles tentam manter na obscuridade, fazendo os homens conhecerem de maneira precisa o que se refere ao outro mundo e às *verdadeiras condições para nele serem felizes ou infelizes*.

É por isso que, da mesma maneira que se diz a uma criança: *não vá lá porque existe um lobisomem*, dizem aos homens: *não evoqueis os Espíritos, pois quem atende é o Diabo*. Mas não haverá dificuldade: se proibirem aos homens de evocar os Espíritos, não poderão impedir os Espíritos de virem até os homens para *tirar a lâmpada debaixo do alqueire*.

O culto religioso que estiver de posse da verdade absoluta nada terá a temer da luz, porque a luz fará ressaltar a verdade e o demônio não poderia prevalecer contra a verdade.

15 — Repelir as comunicações de além-túmulo seria rejeitar o poderoso meio de instrução que resulta da iniciação no conhecimento da vida futura e dos exemplos que elas nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, como podemos fazer o bem desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os sofredores a se libertarem da matéria e a se melhorarem, e proibir isso seria privar as almas infelizes da assistência que lhes podemos dar. A seguinte comunicação de um Espírito resume admiravelmente os efeitos da evocação, quando praticada com uma finalidade caridosa:

Cada Espírito sofredor e desesperado vos contará a causa de sua queda, os arrastamentos a que não resistiu, e vos dirá das suas esperanças, das suas lutas, dos seus terrores. Ele vos dirá também dos seus remorsos, das suas dores, dos seus desesperos, e vos mostrará Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade da sua justiça.

Ao escutá-lo, sereis movidos de compaixão por ele e de temor por vós mesmos. Ao seguir os seus lamentos, vereis Deus não o perdendo de vista, esperando o pecador arrependido, abrindo os braços tão logo ele comece a avançar em sua direção. Vereis os progressos do culpado, para os quais tereis a felicidade e a glória de haver contribuído. Acompanhareis com solicitude a sua reforma; como o cirurgião acompanha a cicatrização da ferida de que cuida diariamente. (Bordéus, 1861). (46)

NOTAS:

(44) Esta observação de Kardec é das mais significativas e tem a sua explicação na própria História da religião judaica, toda ela, como se vê na Bíblia, na Kabala, no Taimud e na Literatura do povo hebreu, antiga e moderna, — fundada nas manifestações espirituais. O teatro e a ficção modernas de Israel, como a antiga literatura hebraica e a moderna literatura ídiche não escapam à tradição das visões, das aparições e até mesmo das materializações, que marcam toda a cultura judaica. No próprio texto bíblico encontramos passagens em que Moisés, como no caso típico de Eldad e Medad (Números, cap.13 v 24 a 29) se declara francamente favorável à mediunidade. Além disso, sabe-se que a tenda de Moisés era uma câmara mediúnica em que o Espírito de Jeová chegava a materializar-se. (N. do T.)

(45) As leis civis de Moisés pertencem a uma época bem definida da História, que é a das civilizações agrárias. O próprio decálogo traz as marcas dessa fase histórica e em nossos dias é divulgado com a supressão dos pormenores que o tornariam ridículo aos nossos olhos. Trata -se, pois, de legislação anacrônica. (N. do T.)

(46) Proibir as relações do homem com o mundo invisível é um contra-senso e revela ignorância da natureza humana e da própria História Universal. Em todos os tempos, desde os primitivos, como o atestam de maneira inegável as pesquisas paleontológicas, arqueológicas, antropológicas, etnológicas e históricas, os homens mantiveram relações com entidades espirituais, sempre considerando -as humanas, diabólicas e divinas. O que são as religiões senão as formas institucionalizadas dessas relações? O que é a Bíblia, no seu conjunto e em cada um dos seus livros, senão um testemunho maciço e imponente dessa realidade inegável? E poderemos acaso negar que os próprios Evangelhos testemunham esse fato e nos instruem a respeito da maneira por que devemos proceder nessas relações? (Veja -se I Coríntios, cap. 12 e I João 4:1 -6).

O Prof. Ernesto Bozzano, apoiado especialmente em pesquisas etnológicas de Adrew Lang e Max Freedom Long, em seu livro ***Popoli primitivi e manifestazione supernormale***, formulou a tese da origem mediúnica das religiões. Os fundamentos dessa tese são científicos e filosóficos. As pesquisas metapsíquicas e arapsicológicas vêm confirmando a sua validade ao provarem que as *funções psi* (ou mediúnicas) são uma faculdade humana natural. Os avanços da Ciência em nosso tempo, e particularmente os da Física — revelação da estrutura atômica da matéria, descoberta da antimatéria e aceitação teórica da existência do antiuniverso — ampliam no plano físico as consequências das investigações psicofisiológicas. É hoje inegável que vivemos num Universo fechado pelas limitações de nossas percepções sensoriais, mas que se abre ante as possibilidades da percepção extra-sensorial e dos novos recursos da Ciência para penetrar nos arcanos da Natureza.

Quando Pasteur descobriu o mundo invisível dos micróbios teve de lutar contra a ignorância dos doutos e sábios do tempo. Kardec é o Pasteur do Espírito — descobriu o mundo invisível dos espíritos e demonstrou que estes, à maneira das bactérias, dividem-se em benéficos e maléficos, podendo produzir infestações (que são infecções espirituais) ocasionando doenças mentais e orgânicas. Contra ele se levantaram da mesma maneira os doutos e os sábios do tempo, mas ainda mais fortemente apoiados pelos clérigos e teólogos das religiões dominantes do que no caso de Pasteur. A luta era mais difícil, porque contra Kardec se conjugavam preconceitos, superstições e interesses materiais muito maiores e mais arraigados. Mas mesmo assim a verdade não pode ser obscurecida.

Mas deixando de lado a questão científica — e também a questão filosófica, a que nem nos referimos aqui — para tratar da questão religiosa, que é o assunto deste livro, podemos assegurar que a condenação de Moisés, erroneamente aplicada ao Espiritismo, redundaria na eliminação pura e simples de todas as religiões. Porque todas elas desde as primitivas até as mais culturalmente refinadas, apoiam -se na relação do homem com o mundo invisível e dela se alimentam. Os fatos espíritas estão na raiz e na seiva da Religião, que tem sua origem na Revelação e se desenvolve graças à seiva mediúnica da permanente comunicação dos homens com os espíritos .

A evocação — contra a qual se levantam os maiores protestos — é também uma constante na história, na teoria e na prática das religiões. Como Kardec explica, basta pensarmos num espírito para o evocarmos. Mas isso não o obriga a atender-nos. Os espíritos são mais livres do que nós, os encarnados, e a evocação é um simples apelo nunca uma tentativa mágica de sujeitar o espírito ao homem. Ao contrário disso, há práticas religiosas em nosso tempo que pretendem sujeitar o próprio Deus às exigências formalistas e convencionais de um sacerdote. Proibir essas práticas seria mais fácil, porque são criações humanas e dependem apenas dos homens, mas proibir as evocações espíritas e as manifestações espontâneas que se dão por toda parte através da mediunidade é impossível, porque estas dependem dos espíritos, que não estão ao alcance das determinações humanas.

Além disso é preciso considerar o problema da evolução espiritual do homem, que cada dia mais o aproxima dos espíritos, abrindo-lhe as possibilidades da percepção extra-sensorial. Rompendo a clausura dos sentidos, a rede do sensorio orgânico, o homem de hoje aumenta cada vez mais, e com evidente aceleração evolutiva, as suas possibilidades de comunicação com o mundo invisível. Os dois planos da vida humana — o visível e o invisível — tornam-se mais próximos e se familiarizam na proporção em que a alma (espírito encarnado) aguça as suas faculdades para uma percepção mais dinâmica e real do mundo em que vive. — (N. do T.)

SEGUNDA PARTE

EXEMPLOS

CAPÍTULO I

A TRANSIÇÃO

1 — A confiança na existência da vida futura não exclui as apreensões pela transição desta vida para a outra. Muitas pessoas não temem propriamente a morte, o que temem é o momento da transição. Sofremos ou não ao fazer essa passagem? É isso o que as inquieta e com tanto mais razão quanto ninguém pode escapar a esse momento. Podemos deixar de fazer qualquer outra viagem, mas quanto a esta, tanto os ricos como os pobres terão de fazê-la e se ela for dolorosa, nem a posição e nem a fortuna poderiam suavizar a sua amargura.

2 — Ao ver a tranquilidade de algumas mortes e as terríveis convulsões da agonia em outras, já podemos perceber que as sensações não são sempre as mesmas, mas quem pode nos esclarecer a respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação da alma e do corpo? Quem nos relatará as sensações desse instante supremo? Sobre isso, a Ciência e a Religião se calam.

Mas por que se calam? Porque falta a uma e a outra o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito com a matéria. Uma para no limiar da vida espiritual, a outra no da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas. Somente ele pode revelar como se opera a transição, seja em virtude das noções positivas que oferece sobre a natureza da alma, seja com as informações dadas pelos que deixaram a vida. O conhecimento do elemento fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse fenômeno, como de muitos outros.

3 — A matéria inerte é insensível: este é um fato positivo. Só a alma experimenta as sensações de prazer e dor. Durante a vida qualquer desagregação da matéria repercute na alma através de uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo, pois este é apenas o instrumento da dor e a alma é o paciente. Após a morte, estando o corpo separado da alma, pode ser livremente mutilado que nada sente. A alma, estando isolada do corpo, não é atingida por nenhum efeito da destruição deste. Ela tem as suas próprias sensações, cuja fonte não está na matéria tangível.

O perispírito é o envoltório físico da alma, da qual não se separa nem antes nem depois da morte, e com a qual se pode dizer que forma um todo. Porque não se pode conceber um sem a outra. Durante a vida o fluido perispiritual impregna todo o corpo, servindo de veículo das sensações físicas para a alma. É também por esse intermediário que a alma age sobre o corpo e dirige os seus movimentos. (47)

4 — A extinção da vida orgânica produz a separação da alma e do corpo pelo rompimento da ligação fluídica, mas essa separação nunca se verifica de maneira brusca. O fluido perispiritual se desprende pouco a pouco de todos os órgãos, de maneira que a separação só se completa

quando não resta mais um único átomo, do perispírito unido a uma molécula do corpo. *A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento está na razão da quantidade de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, determinando a maior ou menor dificuldade ou lentidão da separação.* Não se deve pois querer dissimular que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diversas circunstâncias que vamos examinar.

5 — Coloquemos primeiramente, em princípio, os quatro casos seguintes, que podemos encarar como as situações extremas entre as quais existe uma infinidade de variações:

1º) Se no momento de extinção da vida orgânica o desprendimento do perispírito já se tiver completado, a alma não sentirá absolutamente nada;

2º) Se nesse momento a união dos dois elementos ainda estiver em toda a sua força, se verificará uma espécie de ruptura;

3º) Se a união já estiver enfraquecida, a separação será fácil e se dará sem choque;

4º) Se, após a completa extinção da vida orgânica ainda existirem numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que as ligações sejam completamente rompidas.

Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte decorre do estado de aderência do perispírito ao corpo, e que tudo o que possa facilitar a diminuição desse estado e acelerar a separação torna a passagem menos penosa. Enfim, que se o desprendimento se verificar sem nenhuma dificuldade, a alma não experimenta nenhuma sensação desagradável.

6 — Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual ocorre ainda outro fenômeno de capital importância: o da perturbação. Nesse momento a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as suas sensações. Ela fica, por assim dizer, em estado cataléptico, de maneira que quase nunca tem consciência do seu derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca porque há um caso em que ela pode ter consciência desse último instante, como logo veremos.

A perturbação pode, pois, ser considerada como um fato normal no momento da morte. Sua duração é indeterminada, pois ela varia de algumas horas para alguns anos. A medida que ela se dissipa a alma se sente na situação de um homem que acorda de um sono profundo. Suas ideias são confusas, vagas e incertas, a sua visão é como se ela estivesse num nevoeiro; pouco a pouco a visão vai-se esclarecendo, a memória se reaviva, mas isso de acordo com as situações individuais. Para uns, esse despertar é calmo e proporciona uma sensação deliciosa, mas para outros é bem diferente, cheio de terror e angústia, semelhante a horrível pesadelo.

7 — O momento do derradeiro suspiro não é, pois, o mais penoso, porque em geral a alma não chega a percebê-lo. Mas antes ela sofre os efeitos da desagregação da matéria durante as convulsões da agonia, e depois as angústias da perturbação. Ap ressemos a esclarecer que essa situação não é generalizada. A intensidade e a duração de sofrimento, como dissemos,

estão na razão da afinidade existente entre o corpo e o perispírito. Quanto maior for essa afinidade, mais demorados e penosos serão os esforços do Espírito para se libertar. Mas há casos em que a união é tão fraca que a libertação se realiza naturalmente, sem dificuldades. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro que cai do ramo. É o caso das mortes tranquilas que levam a um despertar pacífico.

8 — O estado moral da alma é a causa principal que determina a maior ou menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito decorre do apego do Espírito à matéria. Chega ao máximo no homem que concentra todas as suas preocupações na vida e nos prazeres materiais que ela oferece. É quase nula naquele cuja alma purificada se identifica por antecipação com a vida espiritual. Como a lentidão e a dificuldade da separação resultam do grau de depuração e desmaterialização da alma, depende de cada um tornar mais fácil ou mais penoso, agradável ou doloroso o momento de sua passagem.

Assim posta a questão, ao mesmo tempo no plano teórico e como resultado da observação, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no derradeiro momento.

9 — Na morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento se opera gradualmente. No homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se desprenderam da atração das coisas terrenas, o desprendimento quase que se completa antes da morte real. O corpo vive ainda a vida orgânica, mas a alma já penetrou na vida espiritual e somente a ligam ao corpo liames tão frágeis que se rompem sem dificuldade com a última pancada do coração. Nessa situação o Espírito já pode haver recobrado a lucidez e testemunhar conscientemente a extinção da vida no seu próprio corpo, do qual se sente feliz por se livrar. Para ele quase não existe perturbação. Este não é mais do que um momento de sono tranquilo do qual ele acorda com uma indizível sensação de felicidade e de esperança.

No homem material e sensual, que viveu mais para o corpo do que para as coisas espirituais, para quem a vida espiritual nada era, que nem mesmo a admitia em pensamento, tudo contribui para estreitar os laços que ligam a alma à matéria, pois nada contribui para os relaxar durante a vida. À aproximação da morte, o desprendimento se opera também de maneira gradual, mas através de contínuos esforços. As convulsões da agonia revelam a luta que o Espírito sustenta, tentando às vezes romper os laços que o seguram e de outras vezes apegando-se ao corpo do qual uma força irresistível o vai arrancando com violência, mas parte a parte.

10 — O Espírito se apega tanto mais à vida material quando nada vê além dela. Sente que ela lhe escapa e quer retê-la. Ao invés de se entregar às forças que o arrastam, resiste com todas as suas energias. Essa luta pode se prolongar por dias, semanas e meses. Não há dúvida, nesse momento o Espírito não goza de toda a sua lucidez. A perturbação já terá começado bem antes da morte, mas nem por isso é menor o seu sofrimento, e o estado de vacuidade mental em que se encontra, a incerteza quanto ao que lhe acontecerá depois aumentam as suas angústias. A morte chega e nada se acabou, pois a perturbação continua. Ele sente que está vivo, mas não sabe se essa vida é a material ou a espiritual. Luta ainda até que as últimas

ligações do perispírito com o corpo sejam rompidas. A morte pôs termo à moléstia que ele sofria, mas não sustou as suas consequências, de maneira que enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito é atingido por essas consequências e sofre com elas.

Bem diferente a situação do Espírito que já se desmaterializou, mesmo no caso das doenças mais cruéis. As ligações fluídicas com o corpo tendo se enfraquecido, rompem-se sem nenhuma dificuldade, e além disso a sua confiança no futuro, que ele já entrevê mentalmente e às vezes mesmo de maneira real, o leva a encarar a morte como uma libertação e os seus males como uma prova. Daí a tranquilidade moral e a resignação que suavizam os seus sofrimentos. Após a morte, tendo as ligações sido rompidas de maneira instantânea, ele não sente nenhuma reação dolorosa. Pelo contrário, ao despertar sente-se livre, disposto, aliviado de um grande peso e muito feliz por não estar mais sofrendo.

12 — Na morte violenta as condições não são sempre as mesmas. Nenhuma desagregação parcial tendo podido levar a uma separação antecipada entre o corpo e o perispírito, a vida orgânica é subitamente sustada, ainda na plenitude da sua força. O desprendimento do perispírito só começa depois da morte. Nesse caso como nos outros não pode realizar-se instantaneamente. O Espírito, colhido de surpresa, sente-se como aturdido, mas ao perceber que pensa ainda, acredita-se vivo. Essa ilusão dura até que ele possa tomar conhecimento de sua nova situação.

Esse estado intermediário entre a vida corpórea e a vida espiritual é um dos mais interessantes como objeto de estudo, pois apresenta a singular situação de um Espírito que toma o seu corpo fluídico pelo seu corpo material, experimentando todas as sensações da vida orgânica. Apresenta-se uma variedade de nuances que dependem do caráter, dos conhecimentos e do grau do desenvolvimento moral do Espírito. É de curta duração para aqueles de alma mais pura, porque nestes sempre há um desprendimento antecipado que a morte, mesmo a mais inesperada, vem apenas completar. Para outros pode prolongar-se durante anos. Esse estado é também muito frequente nos casos de morte ordinária, mas para alguns nada tem de penoso, dependendo das qualidades do Espírito, enquanto para outros representa uma situação terrível.

É sobretudo nos casos de suicídios que essa situação se faz penosa. O corpo continuando ligado ao perispírito por todas as suas fibras, faz que repercutam na alma todas as suas convulsões, produzindo-lhes sofrimentos atrozes.

13 — A situação do Espírito no momento da morte pode se resumir assim:

O Espírito sofre tanto mais, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito. A presteza do desprendimento depende do grau de desenvolvimento moral do Espírito. Para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é apenas um sono passageiro, sem nenhum sofrimento, e o seu despertar é cheio de suavidade.

14 — Para que a gente se esforce pela própria purificação, reprimindo as más tendências e vencendo as paixões, *é necessário conhecer as vantagens do futuro*. Para se identificar com a

vida futura, desejando-a e preferindo-a à vida terrena, não basta acreditar que ela existe, mas é preciso compreendê-la. E para tudo isso é necessário apresentá-la sob um aspecto satisfatório para a razão, de pleno acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que se faz da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é a que exerce, a respeito, a mais poderosa influência, graças à fé inabalável que proporciona.

O espírita sério não se contenta em crer: *ele crê porque compreende*, e só pode compreender recorrendo ao raciocínio. A vida futura é então uma realidade que se desenrola incessantemente aos seus olhos. Ele a vê e a toca, por assim dizer, a todos os instantes. A dúvida não pode penetrar na sua mente. A vida corpórea, demasiado limitada, se apaga para ele ante a vida espiritual que se apresenta como a verdadeira vida. Essa a razão da pouca importância que dá aos incidentes do caminho, e de enfrentar com resignação todas as vicissitudes, compreendendo as suas causas e a sua utilidade. As relações diretas que mantém com o mundo invisível elevam-lhe a alma. As ligações fluídicas que o ligam à matéria se enfraquecem. E é assim que vai se operando o desligamento parcial que facilita a sua passagem desta vida para a outra. A perturbação que é inseparável da transição torna-se de curta duração porque, tão pronto atravessou a fronteira logo se reconhece: nada lhe é estranho e ele compreende a sua nova situação.

15 — O Espiritismo não é certamente indispensável para se chegar a esse resultado. Nem tem a pretensão de ser o único a assegurar a salvação da alma. Mas a facilita, pelos conhecimentos que proporciona, pelos sentimentos que inspira e pelas disposições que dá ao espírito, fazendo-o compreender a necessidade de melhorar-se. Além disso, dá a cada um os meios de facilitar o desprendimento alheio na hora da partida e os meios de abreviar o tempo de perturbação através da prece e da evocação.

Por meio da prece sincera, que é uma forma de magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação, mais rápida do fluido perispiritual. Por uma evocação dirigida com conhecimento e prudência, através de palavras de benevolência e encorajamento, tira-se o Espírito do entorpecimento em que se encontra e consegue-se ajudá-lo a compreender mais rapidamente o que se passa. Se for um Espírito sofredor, provoca-se o arrependimento que é o único meio de abreviar os seus sofrimentos. (48)

NOTAS:

(47) Somente agora, mais de um século após a explicação científica do Espiritismo a esse respeito, as Ciências materiais conseguiram confirmá-la através de suas pesquisas. Apesar das provas obtidas, entretanto, a cegueira materialista levantou celeumas a propósito e os religiosos anti-espíritas, por mero sectarismo, fazer coro com os negativistas. A escola parapsicológica liderada pelo prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, sustenta a existência no homem de um *elemento extra-físico* e defende a tese de que: *a mente, que não é física, age sobre a matéria por vias não físicas*. Esta é uma das asserções mais graves de Rhine e que maiores controvérsias provocou no meio científico de todo o mundo. Whately Carington, na Universidade de Cambridge, Inglaterra, formulou uma teoria da sobrevivência da mente após a morte e da sua possibilidade de agir sobre a matéria produzindo os fenômenos físicos para-normais. O prof. S. G. Soal, da Universidade de Londres, formulou também uma hipótese da sobrevivência da alma. Em pesquisas realizadas a partir de 1965 os físicos e biólogos soviéticos conseguiram obter provas concretas (fotografias e visão através de aparelhos éticos especiais) da existência do perispírito, a que deram o nome de corpo bioplástico. (N. do T.)

(48) Os exemplos que vamos citar apresentam os Espíritos nas diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Não os procuramos entre os personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja situação se poderia considerar modificada após a existência em que foram conhecidos, não oferecendo, por isso mesmo, provas suficientes de autenticidade. Tomamo-los das circunstâncias mais comuns da vida contemporânea, por serem aquelas em que podemos encontrar maiores possibilidades de comparações e das quais se podem tirar as mais aproveitáveis instruções.

Quanto mais a existência terrena dos Espíritos se aproxima da nossa, seja pela posição social ou pelas relações ou laços de parentescos, mais nos interessam e mais fácil se torna controlar a identidade dos comunicantes. As situações vulgares são naturalmente em maior número e é por isso que delas todos podem tirar mais facilmente as aplicações necessárias. As situações excepcionais nos tocam menos, por escaparem à esfera dos nossos hábitos. Não são essas, portanto, as ilustrações que procuramos. Se nesses exemplos se encontram alguma individualidades conhecidas, a maioria é de criaturas inteiramente obscuras. Os nomes retumbantes nada acrescentariam no tocante à instrução e poderiam ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos aos curiosos nem aos amantes de escândalos, mas aos que desejam seriamente instruir-se.

Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, mas, forçados a limitar o seu número, escolhemos os que pudessem lançar mais luz sobre o estado do mundo espiritual, seja em virtude da situação do Espírito, seja pelas explicações que ele estava em condições de dar. Na maioria essas comunicações são inéditas. Apenas algumas foram publicadas na **Revista Espírita**. Dessas, suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas os pontos essenciais ao objetivo que nos propusemos aqui. Acrescentamos a elas as instruções complementares que provocaram posteriormente. (N. de Kardec)

CAPÍTULO II

ESPÍRITOS FELIZES

Sr. Sanson

O Sr. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, morreu a 21 de abril de 1862, após um ano de cruéis padecimentos. Prevendo o seu fim ele havia dirigido ao presidente da sociedade uma carta contendo a seguinte passagem:

No caso de uma súbita separação de minha alma e meu corpo, venho lembrar -vos uma solicitação que já vos fiz há cerca de um ano. É a de evocar o meu Espírito o mais rapidamente possível e sempre que julgardes conveniente, a fim de que, membro bastante inútil da nossa sociedade durante a minha permanência na Terra, eu possa servir para alguma coisa além do túmulo, proporcionando-vos os meios de estudar fase por fase, através das evocações, as diversas circunstâncias decorrentes do que o vulgo chama de morte, mas que para nós, espíritas, é apenas uma transformação, segundo os desígnios impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao fim que ele se propôs.

Além desta autorização e pedido para me dardes a honra dessa espécie de autópsia espiritual, que o meu tão reduzido adiantamento espiritual tornará talvez estéril, caso em que a vossa prudência vos levará naturalmente a não ir muito além de um certo número de experiências, ousou vos pedir pessoalmente, bem como a todos os meus colegas, suplicarem ao Todo - Poderoso permitir aos bons Espíritos que me assistam com os seus conselhos benevolentes. Em particular a São Luís, nosso presidente espiritual, no sentido de me guiar na escolha e na época de uma reencarnação. Porque desde o presente isso me preocupa muito. Temo enganar - me quanto às minhas forças espirituais, pedindo a Deus demasiado cedo e presunçosamente uma vida corporal na qual não pudesse justificar a bondade divina, ou que, em lugar de servir ao meu adiantamento prolongasse a minha permanência na Terra ou algures, caso eu viesse a fracassar.

Para atender ao seu desejo de ser evocado o mais cedo possível, após o seu passamento dirigimo-nos à câmara mortuária com alguns membros da sociedade e, na presença do corpo, deu-se a comunicação seguinte, uma hora antes do enterro.

Tínhamos com isso um duplo objetivo: o de cumprir a sua última vontade e o de observar mais uma vez a situação da alma num instante assim tão próximo da morte. E isso com um homem eminentemente inteligente, esclarecido e profundamente convicto dos princípios espíritas. Interessava-nos verificar a influência dessas convicções sobre a situação do Espírito, colhendo para isso as suas primeiras impressões.

Nossa expectativa não foi frustrada. O Sr. Sanson relatou com perfeita lucidez o instante da transição. Ele havia assistido à sua própria morte, vendo -se também renascer, circunstância pouco comum e que se deve à elevação do seu Espírito.

(Câmara mortuária, 23 de Abril de 1862.)

1. Evocação

— *Atendo ao vosso chamado para cumprir a minha promessa.*

2. Meu caro Sr. Sanson, cumprimos um dever e sentimos um prazer ao vos evocar o mais cedo possível após a vossa morte, como era do vosso desejo.

— *É uma graça especial de Deus que permite ao meu Espírito poder comunicar -se. Agradeço a vossa boa vontade, mas estou fraco e **tremo**.*

3. Sofrestes tanto que podemos, segundo penso, perguntar como estais agora. Sentis ainda as vossas dores? O que sentis ao comparar a vossa situação presente com a de há dois dias?

— *Minha situação é bem feliz, pois nada sinto de minhas antigas dores. Estou recuperado e renovado, como costumais dizer. A transição da vida terrena para a vida espiritual dev ia me tornar tudo incompreensível, de início, pois às vezes permanecemos muitos dias sem recobrar a lucidez. Mas, antes de morrer fiz uma prece a Deus pedindo -lhe que me permitisse falar aos que quero bem. E Deus me ouviu.*

4. Quanto tempo levastes para recobrar a lucidez mental?

— *Oito horas. Deus, repito, me havia dado uma prova da sua bondade. Julgou -me bastante digno e jamais poderei agradecer -lhe como devo.*

5. Estais bem certo de não pertencer mais ao nosso mundo? Como o constatastes?

— *Oh! claro que não sou mais do vosso mundo. Mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e vos sustentar na pregação da caridade e da abnegação que orientaram a minha vida. Além disso ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita que deve elevar a crença do justo e do bom. Sinto-me forte, bastante forte. Numa palavra, estou transformado. Não reconhecereis mais o velho inseguro que devia afastar -se de tudo, abandonando qualquer prazer e alegria. **Sou Espírito. Minha pátria e o espaço e o meu futuro é Deus que irradia pela i mensidade.** Queria muito falar aos meus filhos para lhes ensinar o que eles sempre mostraram má vontade de acreditar.*

6. Que efeito vos produz a visão do vosso corpo aqui ao lado?

— *Meu corpo, pobre e mísero despojo, tens de voltar à poeira, mas guardo com igo a boa lembrança de todos os que me estimaram quando encarnado. Olho esta pobre carne deformada que foi habitação do meu Espírito e a prova de tantos anos Obrigado, meu pobre corpo! Purificaste o meu Espírito. O sofrimento dez vezes santo proporcionou -me boa recompensa, pois encontro tão depressa a possibilidade de falar -vos.*

7. Conservastes as vossas ideias até o ultimo instante?

— *Sim. meu Espírito conservou as suas faculdades. Perdi a visão, mas pressentia. Toda a minha vida se desenrolou na minha me mória e a minha ultima lembrança, meu derradeiro pedido foi o de poder falar convosco, como o faço. Depois pedi a Deus para vos proteger, a fim de que o sonho da minha vida se realizasse.*

8. Tivestes consciência do momento em que o vosso corpo dava o último suspiro? O que se passou convosco nesse momento? Que sensações experimentastes?

— *A vida se extingue e a vista, ou antes a vista do Espírito se apaga. Encontra-se o vácuo, o desconhecido, e levado por não sei que sortilégio a gente se encontra num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Eu não sentia mais, não dava mais conta de mim mesmo, e não obstante uma inefável felicidade me envolvia, não sentia mais o aguilhão da dor.*

9. Tendes ciência... (do que me propus a ler no vosso túmulo?)

Pronunciadas apenas as primeiras palavras, o Espírito respondeu. antes que eu acabasse a leitura. Respondeu também, sem que nada lhe perguntassem, ao que discutiam os assistentes sobre a conveniência de se ler a sua comunicação no cemitério, em virtude da presença de pessoas que poderiam ou não participar das suas opiniões.

— *Oh, meu amigo, eu o sei, pois já estive ontem convosco, como já estive hoje. Minha satisfação é muito grande! Obrigado, obrigado! Falai, para que possam me compreender e vos apreciar. Nada temais, pois todos respeitam a morte. Falai, pois, para que os incrédulos adquiram a fé. Adeus. Falai, coragem, confiança, que possam os meus filhos converter-se a uma crença tão honrosa!*

J. Sanson

Durante a cerimónia do cemitério ele ditou as seguintes palavras:

Que a morte não mais vos atemorize, meus amigos. Ela é para vós apenas uma etapa, se tiverdes sabido viver bem. É uma felicidade, se a tiverdes merecido dignamente, cumprindo bem as vossas provas. Repito-vos: Coragem e boa vontade! Não deis mais do que um medíocre valor aos bens terrenos e sereis recompensados. *Não se pode gozar muito, sem roubar o bem estar dos outros, praticando moralmente um imenso mal. Que a terra me seja leve!*

2

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de Abril de 1862.)

1. Evocação.

— *Meus amigos, estou perto de vós.*

2. Ficamos felizes com a conversa que mantivemos convosco no dia do vosso enterro. E desde de que o aceiteis, seremos felizes de completar o assunto para nossa instrução.

— *Estou ao vosso dispor, contente porque pensais em mim.*

3. Tudo o que nos puder esclarecer sobre as condições do mundo invisível, fazendo -nos compreendê-lo, representa elevado ensinamento, pois é a falsa ideia que se tem a seu respeito que leva frequentemente à incredulidade. Não vos admireis, pois, com as perguntas que vos fizemos.

— *Não me admirarei e espero as vossas perguntas.*

4. Descrevestes com bastante clareza a passagem da vida para a morte. Dissestes que no momento em que o corpo exala o último suspiro a vida se extingue e a vista do Espírito se apaga. Esse momento é seguido de uma sensação penosa e dolorosa? (49)

— *Sem dúvida, porque a vida é uma seqüência incessante de dores e a morte é o complemento de todas essas dores. É por isso que se verifica uma ruptura violenta como se o Espírito tivesse de fazer um esforço sobrehumano para escapar do seu envoltório. É esse esforço que absorve todo o nosso ser, não lhe permitindo compreender a transformação porque passa.*

Essa não é a regra geral. A experiência mostra que muitos Espíritos perdem a consciência antes de expirar, mas que entre os que chegaram a um certo grau de espiritualização a separação se realiza sem esforços.

5. Sabeis se há Espíritos que sofrem mais nesse momento? Ele é mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que crê que tudo então se acaba para ele?

— *Isso é certo, porque o Espírito preparado já superou os sofrimentos anteriores, ou melhor, habituou-se a sofrer e a serenidade com que aguarda a morte o livra de sofrer duplamente, mesmo porque ele sabe o que o aguarda. O sofrimento moral é o mais doloroso e a sua ausência no instante da morte representa grande alívio. Aquele que não crê se parece ao condenado à pena capital, que no seu pensamento vê a lâmina e ao mesmo tempo o **desconhecido**. Há uma semelhança entre essa morte e a do ateu.*

6. Há materialistas bastante endurecidos para acreditarem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser reduzidos a nada?

— *Sem dúvida, há os que creem nisso até a última hora. Mas no momento da separação o Espírito sofre um retorno às profundezas de si mesmo, a dúvida então o envolve e o tortura, levando-o a se perguntar no que irá se transformar. Ele quer compreender alguma coisa e não consegue. A separação nunca se faz sem essa impressão.*

Um Espírito nos deu, em outra ocasião, o quadro seguinte do fim do incrédulo:

O incrédulo endurecido experimenta nos seus últimos momentos as angústias desses terríveis pesadelos em que nos vemos à beira de um precipício, prestes a cair no abismo, fazendo inúteis esforços para escapar, sem conseguir recuar. Nesses momentos queremos agarrar a alguma coisa, encontrar um ponto de apoio, mas nos sentimos deslizar. Queremos gritar e não podemos articular palavras. É assim que vemos o moribundo se contorcer, crisar as mãos e emitir sons angustiados, sinais certos do pesadelo em que se encontra. No pesadelo comum o despertar nos livra do desespero e ficamos felizes ao constatar que tudo foi apenas um sonho. Mas o pesadelo da morte se prolonga, às vezes por longo tempo, até mesmo por anos, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que ele às vezes se vê mergulhado.

7. Dissestes que no momento de morrer perdestes a vista, mas que podíeis pressentir. Compreende-se que não tínheis a visão corporal, mas antes que essa visão se apagasse já entrevíeis a claridade do mundo espiritual?

— *Foi o que eu disse anteriormente: o instante da morte torna o Espírito clarividente. Os olhos deixam de ver, mas o Espírito, que possui visão mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade que assim lhe aparece subitamente lhe confere, embora por*

momentos, uma grande alegria ou uma tristeza inexplicável segundo o estado da sua consciência e a lembrança da sua vida passada.

Trata-se do instante anterior àquele em que o Espírito perde a consciência. Isso explica o emprego da expressão *por momentos*, pois as mesmas impressões agradáveis ou penosas prosseguem após o despertar.

8. Quereis dizer o que, no momento em que os vossos olhos se reabriram para a luz, vos emocionou entre tudo o que vistes? Quereis descrever -nos, se possível, o aspecto das coisas que então se apresentaram a vós?

— *Quando pude voltar a mim e ver o que havia diante dos meus olhos, estava como ofuscado e não percebi bem as coisas porque a lucidez não se resta belece instantaneamente. Mas Deus, que me deu uma profunda prova da sua bondade, permitiu que eu logo recobrasse as minhas faculdades. Vi-me cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem me cercaram sorridentes. Uma felicidade sem par os animava e eu mesmo, forte e bem disposto, senti que podia transportar -me sem dificuldades através do espaço. **O que então vi, não há palavras para que eu possa explicá -las nas línguas humanas.***

Voltarei para vos falar mais amplamente de todas as minhas venturas, sem entretanto ultrapassar o limite estabelecido por Deus. Sabei que a felicidade, como a entendeis, é apenas uma ficção. Vivei prudentemente, santamente, no espírito de caridade e amor e estareis preparados para as sensações que os vossos maiores poetas não poderiam cantar.

Os contos de fadas estão sem dúvida cheios de coisas absurdas. Mas não seriam eles, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do Sr. Sanson não se assemelha a de um homem que, tendo dormido numa cabana pobre e obscura, de repente acordasse num esplêndido palácio, em meio de uma corte brilhante?

3

9. Sob que aspecto os Espíritos se vos apresentaram? Sob o da forma humana?

— *Sim, meu caro amigo, os Espíritos nos haviam ensinado, aí na Terra, que eles conservam no outro mundo a forma transitória que tinham nesse. E essa é a verdade. Mas que diferença entre a máquina informe que se arrasta penosamente ao peso das provas e a fluidez maravilhosa dos corpos dos Espíritos! A fealdade não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão **que caracteriza a raça humana**. Deus abençoou todos esses corpos graciosos que se movem com todos os encantos da forma. A linguagem tem entonações intraduzíveis para vós e o olhar possui o mi stério das estrelas. Procurai ver, pelo pensamento, o que Deus poderia fazer em sua onipotência, como o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma frágil ideia da forma dos Espíritos.*

10. Como vedes a vós mesmo? Reconhecei -vos dotado de uma forma limitada, circunscrita, embora fluidica? Possuis uma cabeça, um tronco, braços e pernas?

— *O Espírito, tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, tem sem dúvida todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois pode mos, por nossa vontade, aparecer -vos e apertar -vos as mãos. Estou próximo a vós todos e apertei as*

vossas mãos amigas, sem que o percebêsseis. Nossa fluidez nos permite estar em qualquer lugar sem ocupar espaço e sem provocar nenhuma sensação nas pessoas, se for esse o nosso desejo. Neste momento tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Digo - vos: eu vos amo, mas o meu corpo não toma espaço, a luz o atravessa sem torná -lo visível. E o que chamaríeis um milagre, se ele fosse visível, é para os Espíritos a continuidade de um fato comum de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não pode ser comparada com a visão humana, da mesma maneira que os seus corpos não têm semelhança real, pois tudo se modifica no conjunto e na essência. O Espírito, repito, tem uma perspicácia divina que a tudo atinge, podendo mesmo adivinhar o vosso pensamento. Por outro lado, pode tomar a forma que melhor lhe convenha para despertar as vossas lembranças. Mas, neste ponto, **o Espírito superior que terminou as suas provas prefere a forma da existência que pode fazê-lo aproximar-se de Deus.**

11. Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como ainda há poucos dias éreis um homem, tendes neste novo estado uma natureza mais masculina do que feminina? Acontece o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o seu corpo há muito tempo?

— Não temos de possuir natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou pela sua vontade, e se, nos seus maravilhosos desígnios quis que os Espíritos se reencarnem na Terra, teve de acrescentar para isso a reprodução das espécies por meio das condições próprias do macho e da fêmea. Mas vós o sentis, sem necessidade de nenhuma explicação — os Espíritos não podem ter sexo.

Sempre tem sido afirmado que os Espíritos não têm sexo, pois este só é necessário para a reprodução dos corpos. Como os Espíritos não se reproduzem, o sexo para eles seria inútil. Nossa pergunta não tinha por fim obter a confirmação desse fato. Mas, em virtude da morte recente do Sr. Sanson, quisemos saber se ele ainda conservava, nesse sentido, uma impressão da sua condição terrena. Os Espíritos purificados compreendem perfeitamente a sua nova natureza, mas entre os Espíritos inferiores, não espiritualizados, há muitos que ainda se acreditam na mesma condição terrena, conservando as suas antigas paixões e os seus desejos. Alguns ainda consideram como homens ou mulheres e é por isso que dizem que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições decorrem do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que se comunicam. O erro não provém dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam sem se darem ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Que aspecto vos apresenta a nossa sessão? Para a vossa nova visão tem o mesmo aspecto do tempo em que estáveis entre nós? As pessoas mostram-se com a mesma aparência? Tudo é claro e nítido como antes?

— Bem mais claro, pois eu posso ler no pensamento de vós todos e sou muito feliz, graças, com a boa sensação que me causa a boa vontade de todos os Espíritos aqui reunidos. Desejo que essa mesma harmonia possa existir não apenas em Paris, na reunião de todos os grupos, mas em toda a França, onde os grupos são desunidos e se invejam, instigados por Espíritos perturbadores que se divertem com a desordem, quando o Espiritismo deve ser o esquecimento completo e absoluto do eu.

13. Dissestes que podeis ler no nosso pensamento. Podereis nos explicar como se opera essa transmissão de pensamento?

— Isso não é fácil. Para vos explicar esse estranho prodígio da visão dos Espíritos seria necessário lançar mão de todo um arsenal de elementos novos, para o que teríeis de conhecer tudo o que conhecemos, o que não é possível, pois as vossas faculdades estão limitadas pela matéria.

*Paciência! Tornai-vos bons e conseguireis isso. Tendes atualmente apenas o que Deus vos concedeu, mas com a possibilidade de progresso contínuo. Mais tarde sereis como nós. **Tratai de morrer bem para saberdes muito.***

A curiosidade que estimula a atividade pensante do homem vos acompanha certamente até a morte, reservando-vos para então a satisfação de todas as vossas curiosidades passadas, presentes e futuras.

Nessa expectativa eu vos direi, para responder mal ou bem a vossa pergunta: o ar que vos envolve, impalpável como nós, os Espíritos, está marcado pelos vossos pensamentos; o vosso próprio hausto é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos. Essas páginas são lidas e comentadas por Espíritos que constantemente se acercam de vós. São eles os mensageiros de uma telegrafia divina a que nada escapa. (50)

A Morte do Justo

Após a primeira comunicação do Sr. Sanson, dada na Sociedade de Paris, um Espírito transmitiu, sob o título acima, a comunicação seguinte:

A morte do homem de que vos ocupais neste momento foi a do justo, quer dizer, uma morte calma e cheia de esperança. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida Espírita sucedeu para ele à vida terrena, sem abalo, sem ruptura, e o seu último suspiro foi exalado num verdadeiro hino de reconhecimento e de amor. Como são poucos os que fazem assim essa difícil passagem! Como são poucos os que após as ilusões e os desesperos da vida percebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como o homem saudável, quando mutilado, sofre ainda a sensação dos membros perdidos, a alma do homem que morre sem fé e sem esperança se sente dilacerada e aflita ao escapar do corpo, lançando -se no espaço inconsciente de si mesma.

Orai por essas almas perturbadas, orai por todos os que sofrem. A caridade não se restringe à humanidade visível: socorre e consola também os seres que povoam o espaço. Tivestes a prova disso pela súbita conversão do Espírito tocado pelas preces espíritas que fizestes no túmulo desse homem de bem que deveis interrogar, pois deseja vos fazer progredir no caminho reto.

O amor não tem limites. Expande-se no espaço dando e recebendo ao mesmo tempo as suas divinas consolações. O mar se estende numa perspectiva infinita. Seu limite no horizonte parece confundir-se com o céu e o Espírito se deslumbra com o magnífico espetáculo dessas duas imensidades. Assim o amor, mais profundo do que o mar e infinito como o espaço, deve ligar-vos a todos, homens e Espíritos, na mesma comunhão da caridade, realizando a admirável fusão do efêmero com o eterno.

Georges.

Sr. Jobard

(Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nascido em Baissey, Alto Mame, e falecido em Bruxelas de um ataque de apoplexia fulminante a 27 de Outubro de 1861, com a idade de 69 anos.)

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pensávamos em evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando ele nos antecipou dando espontaneamente a seguinte comunicação:

Eis-me aqui, eu que querieis evocar e que desejei manifestar -me antes por este médium, ao qual inutilmente solicitei esse favor até agora.

Desejo contar-vos primeiramente as minhas impressões do momento da libertação de minha alma. Senti uma comoção inexprimível. Revi subitamente o meu nascimento, a minha juventude, o meu envelhecimento: toda a minha vida se apresentou nitidamente na minha memória. Eu sentia, entretanto, o desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida doutrina. Depois, toda essa agitação se apaziguou. Sentia -me livre enquanto o meu corpo permanecia inerte.

*Ah! Meus caros amigos, que alegria livrar -se do peso do corpo! Que embriaguez na amplidão do espaço. Mas não acrediteis que eu me tornasse de súbito um eleito do Senhor. Não, estou entre os Espíritos que, tendo assimilado pouco, têm ainda muito que aprender. Não me demorei a lembrar-me de vós, **meus irmãos no exílio**, e vos asseguro toda a minha simpatia, vos envolvo nos meus melhores votos.*

Quereis saber quais os Espíritos que me receberam? Quais foram as minhas impressões? Meus amigos eram todos aqueles que nós evocamos, todos os irmãos que participaram dos nossos trabalhos. Vi o esplendor mas não o posso descrever. Dediquei-me ao trabalho de discernir o que havia de verdadeiro nas comunicações, pronto a rejeitar todas as asserções errôneas, pronto a ser no outro mundo o mesmo cavaleiro da verdade que havia sido no vosso.

Jobard.

1. Quando vivo, nos recomendastes para vos evocar quando houvésseis deixado a Terra. Fazemo-lo, não só para atender ao vosso desejo, mas sobretudo para vos renovar o testemunho de nossa viva e sincera simpatia e também interessados na nossa instrução, porque vós, melhor do que ninguém, estais em condições de nos dar informações precisas sobre o mundo em que agora vos encontrais. Seríamos felizes se quisésseis responder às nossas perguntas.

— *Neste momento o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo e já não a percebo somente pela impressão dos ouvidos, o que representa para mim um grande progresso.*

2. Para firmar os nossos propósitos e não falar vagamente, perguntaremos primeiro em que lugar estais aqui e como vos veríamos caso o pudéssemos fazer.

— *Estou perto do médium. Vós me veríeis com a aparência do Jobard que sentava à vossa mesa, pois os vossos olhos mortais, ainda vendados, só podem ver os Espíritos sob a aparência mortal.* (51)

3. Teríeis a possibilidade de vos fazer visível para nós, e se não a tendes, o que é que se opõe a isso?

— *A condição que vos é própria. Um médium vidente me veria, os outros não.*

4. Esse lugar era o mesmo que ocupáveis quando vivo, assistindo as nossas sessões, e que nós sempre reservávamos. Assim, os que então vos viam devem imaginar-vos e ver-vos da mesma maneira. Se não tendes agora o corpo material, tendes o corpo fluídico que possui a mesma forma daquele. Se não vos vemos com os olhos do corpo, vemos com os olhos do pensamento. Se não podeis falar-nos de viva voz, podeis fazê-lo pela escrita com a ajuda do médium. Nossas relações não estão, portanto, absolutamente interrompidas por causa da morte, e podemos conversar convosco tão fácil e perfeitamente como outrora. É realmente assim que se passam as coisas?

— *Sim, e o sabeis desde muito tempo. Ocuparei este lugar frequentemente e mesmo que não o percebais, porque o meu Espírito habitará entre vós.*

Chamamos a atenção para esta última frase: *Meu Espírito habitará entre vós*. Na circunstância em causa ela não constitui uma figura, mas corresponde à realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos dá sobre a natureza dos Espíritos, sabemos que um Espírito pode estar entre nós, não só pelo pensamento, mas *em pessoa*, graças ao seu corpo etéreo que lhe dá a necessária distinção individual. Um Espírito pode pois habitar entre nós depois da morte, como quando estava na vida corpórea, e ainda com mais facilidade, desde que pode fazê-lo quando quiser. Temos assim uma multidão de companheiros invisíveis, uns indiferentes e outros ligados a nós pela afeição. É sobretudo a estes últimos que se aplicam as palavras: *eles habitam entre nós*, que podemos traduzir assim: *eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem*.

5. Não faz muito tempo que vinheis sentar nesse mesmo lugar com o vosso corpo. As condições atuais em que fazeis o mesmo não vos parecem estranhas? Que efeitos essa modificação produziu em vós?

— *Essas condições atuais não me parecem estranhas, porque, desencarnado, o meu Espírito goza de uma lucidez que lhe permite compreender todas as questões referentes ao assunto.*

6. Lembrai-vos de haver estado nessas mesmas condições antes da vossa última existência e percebeis agora qualquer modificação?

— *Lembro-me das existências anteriores e vejo que melhorei. Agora eu vejo e compreendo em toda a extensão o que estou vendo. Quando de minhas encarnações anteriores, Espírito perturbado, eu só me apercebia de cada existência terrena que havia deixado.* (52)

7. Lembrai-vos da vossa penúltima existência, a que precedeu a do Sr. Jobard?

— *Na minha penúltima existência eu era um mecânico atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu ofício. **Como Jobard realizei os sonhos desse pobre operário**. Agora louvo a Deus cuja infinita bondade fez germinar a pequenina semente que havia depositado em meu cérebro.*

8. Já vos comunicastes em outro lugar?

— *Até agora pouco me comuniquei. Em muitos lugares um Espírito tem se servido de meu nome. Algumas vezes eu estava perto dele sem poder comunicar -me diretamente. Minha morte é tão recente que ainda sofro algumas influências terrenas. É necessário haver uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir o meu pensamento. Dentro em breve poderei agir indistintamente no tocante aos médiuns. Por enquanto, ainda não o posso. Quando um homem tanto conhecido morre, é sempre chamado de todos os lados. Então, muitos Espíritos se apressam a imitar a sua individualidade. Foi o que aconteceu comigo em muitas circunstâncias. Asseguro-vos que assim tão próximo da libertação poucos Espíritos podem comunicar-se, mesmo através de um médium de sua preferência.*

9. Vedes os Espíritos que aqui se encontram conosco?

— *Vejo sobretudo Lázaro e Erasto. Depois, mais distanciados, o Espírito de Verdade que paira no espaço. Depois, ainda, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, prestimosos e benevolentes. Sois felizes, amigos, porque boas influências vos livram das calamidades do erro.*

10. Em vida participáveis da opinião que nos foi transmitida de que a Terra se formou pela incrustação de quatro planetas que teriam sido solda dos num só. Sois ainda da mesma opinião?

— *Isso é errado. As novas descobertas geológicas revelam os períodos de convulsão da Terra e a sua formação progressiva. A Terra, como os outros planetas, teve o seu próprio desenvolvimento. Deus não precisou lançar mão desse recurso violento, dessa grande desordem que seria a agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.*

11. Acreditáveis também que os homens podiam cair em catalepsia durante um tempo limitado e que a espécie humana foi trazida dessa maneira para a Terra.

— *Ilusão da minha imaginação, que ultrapassava sempre o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental! Meus amigos, já sofri bastante ao lembrar as ilusões que o meu Espírito alimentou: não vos enganeis. Eu havia estudado muito e posso vos dizer que a minha inteligência, apta a observar tão vastos e diversos estudos, havia trazido, entretanto, da minha última encarnação o amor pelo maravilhoso e pelo imaginoso, que hauriu no contato com a imaginação popular.*

Estou agora pouco ocupado com as questões puramente intelectuais, no sentido em que as considerais. Como o poderia fazer, ofuscado, arrebatado como me encontro pelo maravilhoso espetáculo que me envolve? Somente a atração do Espiritismo, mais poderosa do que vós, homens, podeis conceber, pode fazer o meu Espírito voltar para esta Terra que deixei, não com alegria, pois isso seria uma impiedade, mas com a profunda gratidão da libertação.

Quando da abertura da subscrição, pela Sociedade, em favor dos operários de Lyon, em Fevereiro de 1862, um associado assinou 50 francos, sendo 25 em seu nome e 25 em nome do Sr. Jobard.

A respeito disso, este último deu a seguinte comunicação:

Estou orgulhoso e reconhecido por não ter sido olvidado entre os meus irmãos Espíritas. Agradeço ao coração generoso que fez a oferenda que eu teria feito se ainda estivesse no vosso mundo. Naquele em que agora me encontro, não temos necessidade de dinheiro. Eu teria, pois, de recorrer à bolsa da amizade para demonstrar materialmente que havia sido tocado pelo infortúnio dos meus irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores, que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, como deveis estar certos de que a caridade não é uma palavra vã, pois todos, pequenos e grandes vos demonstram simpatia e amor fraterno. Estais na ampla via humanitária do progresso. Que Deus possa vos conservar nela, e que possais ser mais felizes. Os Espíritos amigos vos sustentaram e triunfareis.

Começo agora a viver espiritualmente, mais tranquilo e menos perturbado pelas evocações que de todos os lados choviam sobre mim. A moda impera até mesmo entre os Espíritos. Quando a moda Jobard for substituída por outra e eu tiver caído no esquecimento humano, pedirei então aos meus verdadeiros amigos, pelos quais entendo os que não se esquecem da nossa convivência, eu lhes pedirei que me evoquem. Apuraremos então os problemas tratados muito superficialmente, e o vosso Jobard, completamente transformado, poderá vos ser útil, o que ele deseja de todo o coração.

Jobard.

Após os primeiros tempos, consagrados a tranquilizar os seus amigos, o Sr. Jobard tomou lugar entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, enquanto espera o seu próximo retorno entre os vivos para mais diretamente agir nesse sentido. Desde então, tem dado frequentemente à Sociedade de Paris, da qual continua a ser membro, comunicações de superioridade incontestável, sem se afastar da originalidade e do bom humor espiritual que constituíam o fundo do seu caráter e nos permitem reconhecê-lo antes mesmo da sua assinatura.

Samuel Philippe

Samuel Philippe era um homem de bem em toda a acepção do termo. Ninguém se lembraria de tê-lo visto cometer uma ação má nem de ter feito voluntariamente qualquer coisa errada. De um devotamento sem limites para com os seus amigos, todos estavam sempre certos de o encontrar às ordens quando dele precisassem, mesmo em prejuízo dos seus interesses particulares. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada lhe custavam para ser útil e ele os fazia naturalmente, sem ostentação, admirando-se de lhe atribuírem algum mérito por isso.

Jamais quis mal aos que o tivessem prejudicado e procurava obsequiá-los com tanto préstimo como se lhe tivessem feito o bem. Quando sofria com os ingratos costumava dizer: "*Não é a mim que se deve lamentar, mas a eles.*" Embora muito inteligente e naturalmente dotado de muito espírito, sua vida, muito laboriosa, foi obscura e cheia de rudes provas.

Era uma dessas naturezas de elite que florescem na sombra, que o mundo não conhece e cuja luz não se expande sobre a Terra. Havia adquirido, pelo conhecimento do Espiritismo, uma ardente fé na vida futura e uma grande resignação perante os males da vida terrena. Morreu

em Dezembro de 1862, com a idade de 50 anos, após uma dolorosa moléstia, sendo sinceramente chorado pela família e pelos amigos. Foi evocado muitos meses após a morte.

P. Lembrai-vos com clareza de vossos últimos instantes na Terra?

— *Perfeitamente. Essa lembrança me veio pouco a pouco, porque no momento as minhas ideias ainda estavam confusas.*

P. Quereis descrever-nos, para nossa instrução e pelo interesse que nos desperta a vossa vida exemplar, como se verificou a vossa passagem da vida corpórea para a vida espiritual, bem como a situação em que vos encontráreis no mundo dos Espíritos?

— *De boa vontade. Este relato não será útil somente para vós, mas também para mim. Voltando os meus pensamentos para a Terra, a comparação me permitirá apreciar ainda mais a bondade do Criador.*

Sabeis de quantas tribulações foi cheia a minha vida. Mas jamais me faltou a coragem na adversidade, graças a Deus, e hoje me felicito por isso. Quanto eu teria perdido se houvesse fraquejado! Só ao pensar nisso senti-me desfalecer, vendo que meus sofrimentos teriam ficado sem proveito e deveria recomeçar. Oh! Meus amigos, pudésseis comenetrar -vos bem desta verdade: ela interessa à vossa felicidade futura. Não, certamente não é pagar muito caro por essa felicidade com alguns anos de sofrimento. Se soubésseis como são poucos alguns anos em face do infinito!

Se minha última existência teve qualquer mérito aos vossos olhos, na verdade não poderíeis dizer o mesmo daquelas que a precederam. Somente por grande esforço sobre mim mesmo consegui tornar-me no que sou agora. Para fazer desaparecer os últimos traços de minhas faltas anteriores, era-me ainda necessário sofrer essas derradeiras provas que voluntariamente aceitei. Tirei da própria firmeza das minhas decisões a força para suportá -las sem lamentar. Hoje as bendigo, a todas essas provas. Graças a elas rompi minhas ligações com o passado que se tornou para mim apenas uma lembrança. Posso agora contemplar com legítima satisfação o caminho percorrido.

Oh, vós que me fizestes sofrer na Terra, que fostes duros e maldosos para comigo, que me humilhastes e me cobristes de amargura, cuja má -fé frequentemente me levou às mais ásperas privações, eu não só vos perdoo, mas vos agradeço! Querendo fazer -me o mal, não suspeitáveis que na verdade me fazíeis o bem. Dessa maneira, é a vós que devo em grande parte a felicidade que hoje desfruto, porque me proporcionastes a ocasião de perdoar, retribuindo o mal com o bem. Deus vos pôs no meu caminho para provar a minha paciência e me exercitar na prática da caridade mais difícil: a de amar aos nossos inimigos.

Não nos impacienteis com essa digressão. Chegarei ao que me pedistes.

Embora tivesse sofrido cruelmente com a minha doença final, não passei pela agonia. A morte foi para mim como um sono, como um sono tranquilo. Não tendo preocupações com o futuro, não me apeguei à vida. Não tive, por conseguinte, de me debater nos últimos instantes. A separação se operou sem esforços, sem dor e sem que eu houvesse sequer me apercebido.

Não sei quanto durou este último sono, mas foi breve. O despertar foi tão calmo que contrastava com a minha situação anterior. Eu não sentia mais dores e me regozijava com isso. Desejava levantar-me, andar, mas uma espécie de suave entorpecimento, que nada tinha de desagradável, que tinha mesmo um certo encanto, me retinha e eu me entregava a um certo deleite sem ter consciência da minha situação e sem duvidar que já havia deixado a Terra.

Tudo o que me cercava me aparecia como num sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados e chorando no meu quarto e disse para mim mesmo que sem dúvida me consideravam morto. Quis desenganá-los, mas não consegui articular nenhuma palavra, donde concluí que devia estar sonhando. O que me confirmou nessa ideia foi ver-me cercado de muitas criaturas amadas que haviam morrido há muito tempo e de outras que eu não reconhecia imediatamente, mas que pareciam velar por mim, esperando o meu despertar.

Esse estado era entretido de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia alternadamente a consciência do meu eu. Pouco a pouco minhas ideias foram adquirindo mais clareza. A luz que eu só entrevia através de um nevoeiro se fez mais brilhante. Então, comecei a reconhecer o meu estado e compreendi que já não pertencia mais ao mundo terreno. Se eu não tivesse conhecido o Espiritismo, a ilusão se teria sem dúvida prolongado, por muito tempo.

Meus despojos mortais não haviam sido ainda enterrados, mas eu os considerava com piedade e me sentia feliz de haver me desembaraçado del es. Era muito feliz de estar livre! Eu respirava com a facilidade de quem sai de uma atmosfera asfixiante. Uma invisível sensação de felicidade impregnava todo o meu ser. A presença das criaturas que eu amava me enchia de alegria e eu não estava surpreso de vê-las. Isso me parecia muito natural, mas eu tinha a impressão de as rever após uma longa viagem. Uma coisa me surpreendeu a princípio, o fato de nos compreendermos sem dizer palavra. Nossos pensamentos se transmitiam pelo simples olhar e como por uma espécie de penetração fluídica.

Entretanto, eu ainda não estava completamente desligado das ideias terrenas. A lembrança do que eu havia sofrido me voltava de quando em quando à memória, como para me fazer melhor apreciar a nova situação. Eu havia sofrido fisicamente, mas sobretudo moralmente. Havia sido alvo da malevolência, suportando essas mil perplexidades talvez mais penosas do que as desgraças positivas, porque nos mantêm numa constante ansiedade. Essa sensação não se havia apagado inteiramente e às vezes eu me perguntava se já estava realmente desembaraçado. Parecia-me ouvir ainda algumas vozes desagradáveis. Preocupava -me com as dificuldades que elas me haviam produzido tantas vezes e tremia sem querer. Eu me (ateava, por assim dizer, para me assegurar de que não era o joguete de um sonho. E quando a certeza de que tudo isso havia acabado, me pareceu que me haviam aliviado de um peso enorme.

É bem verdade, dizia-me, que estou enfim liberto de todas essas preocupações que fazem o tormento da vida, e rendo graças a Deus por esse fato. Era como um pobre que houvesse recebido de repente uma grande fortuna e que durante algum tempo duvida da realidade, sentindo ainda preocupações pelas suas necessidades. Oh! Se os homens compreendessem a

vida futura, quanta força, quanta coragem essa compreensão lhes daria nas adversidades! O que não fariam, durante sua existência na Terra, para se garantirem a felicidade que Deus reserva aos filhos que são dóceis às suas leis! Veriam então como são insignificantes os prazeres que invejam nessa vida, em face daqueles que desprezam!

P. Esse mundo, tão novo para vós e perante o qual o nosso nada vale. e os numerosos amigos que reencontrastes vos fizeram esquecer a família e os amigos que deixastes na Terra?

— *Se os houvesse esquecido eu seria indigno da felicidade que desfruto. Deus não recompensa o egoísmo. Ele o pune. O mundo em que me encontro pode me levar a desdenhar a Terra, mas não os Espíritos que nela vivem encarnados. Somente entre os homens é que vemos a prosperidade levar ao esquecimento dos companheiros de infortúnio. Quero sempre rever os meus, sinto-me feliz com a saudade que eles sentem de mim, seu pensamento me atrai para eles. Assisto às suas conversas, gozo com as suas alegrias, suas preocupações me entristecem, mas não se trata dessa tristeza cheia de ansiedade que sofremos na vida humana, porque compreendo que as suas dificuldades são passageiras e têm por fim levá-los ao bem.*

Sinto-me feliz de pensar que um dia eles também virão para este plano feliz em que a dor é desconhecida. Empenho-me em ajudá-los a se tomarem dignos disso. Esforço-me para lhes sugerir bons pensamentos e sobretudo a resignação que eu mesmo tive perante a vontade de Deus. Minha maior tristeza é vê-los retardar esse momento por sua falta de coragem, por suas lamentações, sua dúvida sobre o futuro, ou por qualquer ação repreensível.

Trato então de os afastar do mau caminho. Se o conseguir, isso é para mim uma grande felicidade e todos nós aqui nos regozijamos. Se eu fracasso, digo a mim mesmo com tristeza: ainda uma vez retardaram o seu momento feliz. Mas me consolo pensando que nem tudo está perdido de maneira irremediável.

Van Durst

Pouco tempo após a sua morte um médium perguntou ao seu guia Espiritual se poderia evocá-lo e lhe foi respondido:

— *Esse Espírito sai lentamente da sua perturbação. Ele poderia atender desde já, mas a sua comunicação lhe custaria muito. Peco-vos esperar ainda quatro dias e ele vos responderá. Daqui até lá ele ficará sabendo das vossas boas intenções a seu respeito e vos atenderá reconhecido e como bom amigo.*

Quatro dias mais tarde o Espírito ditou o seguinte:

Meu amigo, minha vida pesou muito pouco na balança da eternidade. Apesar disso, estou bem longe de ser infeliz. Estou na condição humilde, mas relativamente feliz daquele que praticou poucos males, sem, entretanto, visar à perfeição. Se há criaturas felizes numa região inferior, pois bem: eu sou uma delas. Lamento apenas uma coisa, que é não ter conhecido o que hoje sabeis, porque minha perturbação teria sido mais rápida e menos penosa.

Com efeito, ela foi grande. Viver e não viver, ver o corpo e sentir -se fortemente ligado a ele, sem poder utilizá-lo. Ver aqueles que amamos e sentir apagar-se o pensamento que nos ligava.

Isso é terrível! Oh, que momento cruel! Que momento é esse, quando o aturdimento vos toma em suas garras e vos estrangula! E logo a seguir, as trevas. Sentir, e um momento depois estar aniquilado.

Quer-se ter a consciência de si mesmo, e não se consegue recobrá-la. Não se é mais, e entretanto se sente que é. Estamos numa perturbação profunda. E depois, transcorrido um tempo inavaliável, tempo de angústias sufocadas, porque não temos a possibilidade de as compreender, após esse tempo que parece interminável, renascer lentamente para a n ova existência, acordar num mundo novo!

Nada de corpo material, nada de vida terrena: a vida imortal! Nada de homens carnais, mas formas leves de Espíritos que deslizam de todos os lados, circulando ao vosso redor sem que os possais ver a todos, porque é no infinito que eles flutuam! Ter o espaço diante de nós e poder percorrê-lo à vontade. Comunicarmos pelo pensamento com tudo o que nos cerca. Amigo, que vida inteiramente nova! Que vida brilhante! Que vida de venturas! Salve, oh! salve eternidade que me acolheste em teu seio! Adeus, oh! Terra que me retinhas por tanto tempo afastado da minha verdadeira natureza espiritual! Não, eu nada mais quereria de ti, porque és a terra do exílio e a maior das tuas felicidades nada é mais para mim!

Mas se eu soubesse o que sabeis, quanto mais fácil me seria esta iniciação na outra vida, e quanto mais agradável! Eu já saberia antes de morrer o que tive de aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma então se libertaria mais facilmente. Estais no caminho, mas jamais, por mais que puderdes fazer, jamais tereis feito muito! Dizei isso ao meu filho, mas dizei-o tantas vezes que ele creia e se esclareça, porque então ao chegar aqui não ficaremos separados.

Adeus a todos vós, meus amigos, adeus. Eu vos espero e durante o tempo em que permanecerdes na Terra virei sempre me instruir junto a vós, porque ainda não sei tanto como sabeis. Mas aprenderei logo, pois aqui não tenho mais as dificuldades que aí me embaraçavam e a velhice que me diminuía as forças. Aqui se vive amplamente e se avança porque os horizontes se alargam tão belos aos nossos olhos que nos sentimos ansiosos de franqueá -los. Adeus, eu vos deixo, adeus.

Van Durst.

Sixdeniers

(Homem de bem, morto por acidente e conhecido do médium quando vivo.) —
(Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861.)

P. Poderias dar-me alguns detalhes da tua morte?
— *Depois do afogamento, sim.*

P. Porque depois?

— *Porque já os conheces.* (O médium realmente conhecia os detalhes do afogamento.)

P. Queres então descrever as vossas sensações após a morte?

— *Permaneci muito tempo sem dar conta de mim mesmo, mas com a graça de Deus e a ajuda dos que me cercavam, quando a luz se fez fiquei deslumbrado. Podes esperar: encontrarás sempre mais do que pensavas. Nada de material. Tudo toca os sentidos ocultos. Trata-se do que não podemos tocar nem com os olhos nem com as mãos. Compreendes -me? É uma surpresa espiritual que ultrapassa o teu entendimento, pois não há palavras para explicá -la. Só podemos senti-la através da alma.*

Meu acordar foi bastante feliz. A vida é um desses sonhos que, malgrado a ideia grotesca ligada a essa palavra, só posso qualificar como pesadelo horrível. Imagina que foste encerrado numa prisão infecta, que teu corpo está sendo devorado pelos vermes que penetram até a medula dos ossos e que te suspenderam sobre uma fornalha em chamas. Imagina ainda que a tua boca ressecada não tem sequer para refrescá -la a pureza do ar, que teu Espírito horrorizado só vê ao seu redor monstros que ameaçam devorar -te. Imagina, por fim, tudo quanto um sonho assim fantástico pode produzir de mais hediondo, de mais horrível, e transporta-te subitamente a um éden delicioso. Acorda, então, cercado por todos os seres queridos que choravas. Vê ao teu redor os rostos adorados que te sorriem felizes. Respira os mais suaves perfumes, refresca tua ressecada garganta na fonte da água pura. Sente o teu corpo elevado no espaço infinito que o acolhe e embala como faz a brisa com uma pétala arrancada da árvore. Sente-te envolvido pelo amor de Deus como a criança que ao nascer é envolvida pelo amor da mãe, — e não terás mais do que uma ideia imperfeita da transição da morte.

Quis explicar-te a felicidade da vida que espera o homem após a morte do corpo, mas não consegui fazê-lo. Podes explicar o infinito a quem tem os olhos fechados para a luz e jamais pode sair do círculo estreito em que vive fechado? Para explicar -te a felicidade eterna direi apenas: ama! Porque só o amor nos pode fazer pressenti -la. E quem diz amor, diz ausência do egoísmo.

P. A tua situação foi feliz desde o princípio no mundo dos Espíritos?

— *Não. Eu tinha de pagar a dívida do homem. Meu coração não me havia feito pressentir o futuro do Espírito, e além disso eu não possuía a fé. Tive de expiar a minha indiferença para com o Criador, mas a sua misericórdia levou em conta o pouco de bem que eu havia podido fazer, das dores que eu havia suportado com resignação apesar do meu sofrimento. E a sua justiça, que é pesada numa balança que os homens jamais compreenderão, pesou o bem para mim com tanta bondade e amor que o mal prontamente desapareceu.*

P. Podes me dar notícias da tua filha? (Morta quatro ou cinco anos antes do pai.)

— *Está em missão na Terra.*

P. Ela se sente feliz como encarnada? Posso fazer -te uma pergunta indiscreta?

— *Já o sei. Não vês o teu pensamento colocado diante dos meus olhos como num quadro? Não, como encarnada ela não é feliz. Pelo contrário, todas as misérias da vida terrena devem esperá-la. Mas ela deverá pregar pelo exemplo essas grandes virtudes que se traduzem entre vós por grandes palavras. Eu a ajudarei, porque devo velar por ela. Mas ela não terá grande dificuldade para vencer os obstáculos. Não está em expiação, mas em missão. Tranquiliza -te, pois, quanto a ela. E obrigado pela tua lembrança.*

Nesse momento, o médium sentiu dificuldade para escrever e disse:

P. Se é um Espírito sofredor que me embaraça, eu lhe peço que assine o seu nome.

— *Uma infeliz.*

P. Não queres dizer o teu nome?

— *Valéria.*

P. Queres dizer o que provocou o teu castigo?

— *Não.*

P. Não te arrependes das tuas faltas?

— *Estás vendo.*

P. Quem te trouxe aqui?

— *Sixdeniers.*

P. Com que fim?

— *Para que me ajudes.*

P. Foste tu que me impediste de escrever há pouco?

— *Ele me pôs em seu lugar.*

P. Que relação há entre vós?

— *Ele me conduz.*

P. Pergunte a ele se quer acompanhar -nos na prece?

— *(Após a prece, Sixdeniers volta a escrever.) Agradeço por ela. Compreendeste. Não te esquecerei. Pense nela.*

P. (À Sixdeniers.) Como Espírito, tens muitos Espíritos sofredores para guiar?

— *Não. Mas tão logo conseguimos reconduzir um deles ao bem, nos incumbimos de outro, sem entretanto abandonar os primeiros.*

P. Como podes atender a uma vigilância que deve se multiplicar pelo infinito através dos séculos?

— *Compreende que os que reconduzimos ao bem se purificam e progridem. Assim, não nos dão mais trabalho. Ao mesmo tempo nós também nos elevamos, e ao fazê-lo as nossas faculdades se desenvolvem e o nosso poder se amplia na proporção da nossa pureza.*

Observação: Os Espíritos inferiores são portanto assistidos por Espíritos bons, incumbidos da missão de orientá-los. Essa tarefa não pertence exclusivamente aos encarnados, mas estes devem contribuir para a sua execução, porque isso os ajuda a progredir. Quando um Espírito inferior interfere numa boa comunicação, como no caso presente, não o faz certamente, sempre, de boa intenção. Mas os Espíritos bons o permitem, seja para experimentar os encarnados, seja para que estes o ajudem a se melhorar.

É verdade que a sua persistência pode degenerar em obsessão, mas quanto mais tenaz ela for, maior é a prova da sua grande necessidade de assistência. É um erro repelir o Espírito. É necessário encará-lo como um pobre que vem nos pedir esmola e considerar que é um Espírito infeliz mandado pelos Espíritos bons, que o enviam para o esclarecermos. Se o conseguirmos, teremos a alegria de haver encaminhado uma alma ao bem, abreviando os seus sofrimentos.

Essa tarefa é frequentemente penosa. Seria, sem dúvida, mais agradável receber sempre boas comunicações e conversar apenas com os Espíritos de nossa preferência. Mas não é buscando somente a nossa satisfação e rejeitando as ocasiões que nos oferecem de praticar o bem que merecemos a proteção dos Espíritos bons.

O Doutor Demeure

Demeure era um médico homeopata muito considerado em Albi. O seu caráter e o seu saber lhe haviam conquistado a estima e a veneração dos seus concidadãos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis. Malgrado sua avançada idade, não sentia fadiga quando se tratava de dispensar os seus cuidados a pobres doentes.

O pagamento de suas visitas era o que menos lhe importava. Ele se considerava menos incomodado pelos infelizes do que pelos clientes que sabia poderem pagá-lo. E isso porque, dizia ele, estes últimos podiam sempre, na falta dele, procurar outro médico.

Aos infelizes ele não somente dava receitas e remédios sem cobrar, mas frequentemente acrescentava o necessário para suprir às suas necessidades materiais, o que às vezes é o mais eficaz dos medicamentos. Podemos dizer que era o Cura D'Ars da Medicina. (53)

Demeure havia abraçado com ardor a doutrina espírita, na qual encontrara a chave dos mais graves problemas que havia inutilmente procurado na ciência e na filosofia. Seu Espírito profundo e investigador compreendeu imediatamente todo o alcance da doutrina de que se tornou um dos mais zelosos propagadores. Relações da mais viva e mútua simpatia estabeleceram-se entre nós por meio da correspondência.

Soubemos da sua morte a 30 de janeiro. Nosso primeiro pensamento foi o de obtermos uma conversação com ele. Eis a comunicação que nos deu no mesmo dia:

Eis-me aqui. Prometi a mim mesmo, quando vivo, que ao morrer viria, se me fosse possível, apertar a mão do meu querido mestre e amigo, o Sr. Allan Kardec.

A morte deixou a minha alma nesse pesado sono que chamamos letargia, mas o meu pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação de após morte e me despertei, fazendo de um salto a travessia.

Como sou feliz! Não estou mais enfermo nem velho. Meu corpo era apenas uma vestimenta necessária. Sou jovem e belo, dessa eterna beleza juvenil dos Espíritos, em que as rugas

jamais assinalam o rosto e os cabelos não embranquecem com o passar do tempo. Estou leve como o pássaro que atravessa em rápido voo o horizonte de vosso céu nebuloso. E admiro, contemplo, bendigo e me inclino, átomo que sou, ante a grandeza, a sabedoria e a ciência de nosso Criador, ante as maravilhas que me cercam.

Estou feliz, estou na glória! Oh! Quem poderá jamais traduzir as esplêndidas belezas da terra dos eleitos! Os céus, os mundos, os sóis e seu papel no grande concurso da harmonia universal? Pois bem, eu tentarei, oh! Meu mestre; vou fazer o estudo e virei depositar aos vossos pés a homenagem dos meus trabalhos de Espírito, que desde já vos dedico. Até breve.

Demeure.

As duas comunicações seguintes, dadas a 1 e 2 de fevereiro, são relativas a doenças que nos haviam então acometido. Embora sejam pessoais, reproduzimo-las porque elas provam que o Sr. Demeure continua tão bom como Espírito quanto o era como homem.

Meu bom amigo, tenha confiança em nós e bastante coragem. Essa crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa. Com os tratamentos prescritos poderás logo, segundo desejas, completar a obra que é o principal objetivo da tua existência. Sou eu quem estou sem pre aqui, ao teu lado, com o Espírito da Verdade, que me permite falar em seu nome, como o último dos teus amigos que chegou ao mundo dos Espíritos. Eles me fazem as honras da recepção.

Caro mestre, como sou feliz de haver morrido a tempo de estar com ele s neste momento! Se eu tivesse morrido mais cedo, talvez tivesse podido evitar essa crise que não previa. Era tão recente a minha desencarnação que não pude ocupar -me de outras coisas além do problema espiritual. Mas agora velarei por ti, caro mestre. Sou o teu irmão e amigo que se sente feliz de ser Espírito para estar ao teu lado cuidando da tua doença. Conheces o provérbio: ajuda -te e o céu te ajudará. Ajuda, pois, os bons Espíritos nos seus cuidados contigo, seguindo rigorosamente as suas prescrições.

Está muito quente aqui. Esse carvão é fatigante. Enquanto estás doente, não acendas mais o carvão. Ele aumenta a tua opressão. Os gazes que desprende são deletérios.

Teu amigo, Demeure.

Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer -lhe que estava junto dele quando lhe sobreveio o acidente que poderia ter sido funesto sem a intervenção eficaz para a qual tive a felicidade de contribuir. Segundo as minhas observações e as informações colhidas em boa fonte, parece-me que, quanto mais cedo se der a sua resencarnação, mais cedo poderá se dar também a reencarnação que lhe permitirá acabar a sua obra.

Entretanto, é necessário que ele dê, antes de partir, a derradeira mão nas obras que devem completar a teoria doutrinária de que foi iniciador. E será culpá vel de suicídio se contribuir, por excesso de trabalho, para o aniquilamento do seu organismo que o ameaça de uma partida súbita para o nosso mundo. Não se deve temer dizer -lhe toda a verdade, para que tome as suas providências e siga à risca as nossas pre scrições,

Demeure.

A seguinte comunicação foi obtida em Montalban, a 26 de janeiro, no dia seguinte ao da sua morte, no círculo dos amigos Espíritas que ele possuía nessa cidade:

"Antônio Demeure. Eu não estou morto para vós, meus bons amigos, mas somente para aqueles que não conhecem, como vós, esta santa doutrina que reúne os que se amaram na Terra, tendo os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e caridade.

Estou feliz, mais feliz do que podeis supor, porque gozo de uma lucidez rara entre os Espíritos tão recentemente libertos da matéria. Tende coragem meus bons amigos. Estarei sempre junto a vós e não deixarei de vos instruir sobre tantas coisas que ignoramos quando estamos ligados à nossa pobre matéria, que nos oculta tantas magnificências e impede tantas alegrias. Pedi pelos que estão privados dessa felicidade, pois não sabem o mal que fazem a si mesmos.

Não me demorarei hoje por mais tempo, mas quero dizer -vos que não me sinto inteiramente estranho a este mundo dos invisíveis, pois me parece que sempre o habitei. Sou feliz, porque vejo daqui os meus amigos e posso comunicar -me com eles sempre que o desejar.

Não choreis, meus amigos. Isso me faria lamentar de vos haver conhecido. Deixai passar o tempo e Deus vos trará a este plano onde todos nos devemos reunir. Boa noite. Que Deus vos console. Eu estou convosco."

Demeure.

Outra carta de Montalban contém o relato seguinte:

Havíamos ocultado à senhora G., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, para poupar a sua extrema sensibilidade. O bom doutor, compreendendo sem dúvida as nossas intenções, evitara de se manifestar a ela.

A 10 de fevereiro último estávamos reunidos a convite dos nossos guias que diziam querer aliviar a senhora G. de uma luxação que a fazia sofrer cruelmente desde a véspera. Nada havíamos percebido e estávamos longe de pensar na surpresa que eles nos reservavam. Logo que essa senhora entrou em sonambulismo, começou a soltar gritos lancinantes, mostrando o próprio pé.

Eis o que se passava:

A senhora G. via um Espírito curvado para a sua perna, e cujo rosto permanecia oculto, fazendo fricções e massagens, e de vez em quando produzindo uma tração longitudinal, absolutamente como o faria qualquer médico. Essa operação era tão dolorosa que a paciente vociferava e gesticulava desordenadamente. Mas isso passou logo. Dentro de dez minutos toda a luxação havia desaparecido, como a sua inflamação e o pé haviam voltado à aparência normal. A senhora G. estava curada.

Entretanto o Espírito continuava desconhecido da médium e insistia em não lhe mostrar o rosto. Tinha mesmo o ar de querer fugir, quando a nossa doente, que alguns minutos antes não podia dar um passo, se lançou de um salto no meio do quarto para apertar a mão do seu médico espiritual. Ainda dessa vez o Espírito desviava o rosto deixando apenas a sua mão nas mãos da médium. Nesse momento a senhora G. deu um grito e caiu desfalecida no soalho. Acabara de reconhecer o doutor Demeure no Espírito curador.

Durante a síncope ela recebia os cuidados atenciosos de muitos Espíritos simpáticos. Voltando, por fim, à lucidez sonambúlica conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do médico, que respondia às suas provas de afeição envolvendo-a em fluidos reparadores.

Esta cena não é surpreendente e dramática, dando-nos a impressão de ver todos os personagens desempenhando o seu papel na própria vida humana? Não constitui mais uma prova, entre tantas, de que os Espíritos são seres bastante reais, dotados de corpos e agindo como se estivessem na Terra? Ficamos felizes de reencontrar o nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua mesma delicada solicitude. Ele havia sido, durante a vida, o médico da médium. Conhecia sua extrema sensibilidade e a havia tratado como sua própria filha. Essa prova de identidade concedida aos que o Espírito amava não é surpreendente e ao mesmo tempo suficiente para nos fazer encarar a vida futura sob o seu aspecto mais consolador?

Observação: A situação do doutor Demeure, como Espírito, é exatamente a que podíamos prever pela sua vida tão digna e utilmente empregada. Mas outro fato, não menos instrutivo, ressalta dessas comunicações. É a atividade que ele desenvolve quase imediatamente após a sua morte, para ser útil. Por sua elevada inteligência e suas qualidades morais ele pertence à ordem dos Espíritos mais adiantados. Ele é feliz, mas a sua felicidade não se faz de inação.

Alguns dias antes ele cuidava dos doentes como médico. Apenas libertado, apressa-se em cuidar deles como Espírito. Que adianta, então, ir para o outro mundo, dirão algumas pessoas, se ali não se pode repousar? A isso também lhes perguntaremos, primeiro, se o fato de não termos mais preocupações, nem necessidades, nem estarmos sujeitos às enfermidades da vida humana, de nos tornarmos livres e podermos, sem cansaço, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, indo ver os nossos amigos a qualquer momento e a qualquer distância em que eles se encontrem, se tudo isso nada representa? Depois acrescentaremos: quando estiverdes no outro mundo nada vos forçará a fazer o que quer que seja; sereis perfeitamente livres de permanecer numa ociosidade beatífica quanto quiserdes; mas logo vos cansareis desse repouso egoísta e sereis os primeiros a pedir alguma ocupação.

Então vos será respondido: se vos enjoais de nada fazer, procurai por vós mesmos fazer alguma coisa. As ocasiões de ser útil não faltam no mundo dos Espíritos, como não faltam entre os homens. É assim que a atividade espiritual não representa um constrangimento, mas uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações segundo os seus gostos e as suas aptidões, preferindo aquelas que podem ajudá-los mais no seu desenvolvimento.

A Viúva Foulon

A senhora Foulon, morta em Antibes a 3 de fevereiro de 1865, morou durante muito tempo no Havre, onde conquistou reputação como miniaturista habilidosa. Seu talento notável serviu-lhe de início, apenas como uma distração de amador. Mais tarde, porém, quando chegaram os maus dias, ela soube aproveitá-lo como precioso recurso. O que a tornava sobretudo amada e

estimada, o que torna a sua memória bastante cara a todos que a conheceram, é a amenidade do caráter, são as suas qualidades pessoais, que só os que a conheciam na intimidade puderam apreciar em toda a amplitude. Porque, como todos os que possuem o sentimento inato do bem, ela não alardeava as suas qualidades e talvez nem mesmo as percebesse.

Se houve alguém que não se deixou dominar pelo egoísmo, foi sem dúvida ela. Jamais, talvez, o sentimento da abnegação pessoal foi levado tão longe. Estava sempre pronta a sacrificar o seu repouso, a sua saúde, os seus interesses por aqueles a quem podia servir. Sua vida foi uma longa sequência de atos de abnegação, assim como, desde a juventude foi marcada por provas rudes e cruéis, diante das quais a sua coragem, a sua resignação e a sua perseverança jamais fraquejavam. Mas, por desgraça a sua vista, cansada por um trabalho minucioso, extinguiu-se de dia para dia. Dentro de pouco tempo a cegueira, já bastante avançada, completou-se.

Quando a senhora Foulon tomou conhecimento da doutrina espírita, esta lhe pareceu como um raio de luz. Pareceu-lhe que um véu se levantava deixando-lhe ver alguma coisa que não lhe era estranha, mas da qual tinha apenas uma vaga intuição. Estudou-a com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito e essa justeza de apreciação que eram próprias da sua elevada inteligência. Seria preciso conhecer todas as perplexidades da sua vida, perplexidades que nunca se referiam a ela mesma, mas aos seres que amava, para se compreender quanto de consolações encontrou nessa revelação sublime que lhe dava uma fé inabalável no futuro e lhe demonstrava o vazio das coisas terrenas.

Sua morte foi digna da sua vida. Ela sentiu a sua aproximação sem nenhuma apreensão penosa. Para ela, era a libertação dos laços terrenos que devia abrir-lhe a via espiritual e bem-aventurada com a qual se havia identificado pelo estudo do Espiritismo. Morreu em paz, porque tinha a consciência de haver cumprido a missão que aceitara ao vir para a Terra, de haver escrupulosamente cumprido os seus deveres de esposa e mãe de família. E também porque ela havia, durante a sua vida, afastado todo ressentimento contra os que a ofenderam, os que lhe haviam pago com a ingratidão. Pagou sempre o mal com o bem e deixou a vida perdoadando a todos para se entregar, ela mesma, à bondade e à justiça de Deus.

Morreu, enfim, com a serenidade de uma consciência pura e a certeza de que estaria menos separada dos seus filhos do que durante a vida corpórea, desde que poderia dali por diante estar com eles em Espírito, onde quer que se encontrassem, para os ajudar com os seus conselhos e os cobrir com a sua proteção.

Desde que tivemos conhecimento da morte da Senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi o de conversar com ela. As relações de amizade e de simpatia que a doutrina espírita fizera nascer entre nós explicam algumas de suas expressões e a familiaridade de sua linguagem.

I

(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após a sua morte)

Eu estava segura de que iam me evocar logo após a minha libertação e estava pronta a atender, porque não passei pela perturbação. Somente os que se atemorizam e são envolvidos pelas espessas trevas do medo é que se perturbam.

Pois bem, meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido e só guardavam a lembrança das visões que haviam colorido a minha juventude com suas luminosidades, reabriram-se aqui e reencontraram os esplêndidos horizontes que alguns dos vossos grandes artistas idealizam em suas vagas reproduções, mas cuja realidade majestosa, severa e não obstante cheia de encantos, constitui a mais positiva realidade.

Há apenas três dias que morri e sinto que sou um artista. Minhas aspirações no tocante ao ideal da beleza na arte eram intuições de faculdades adquiridas e exercidas em outras existências, tendo-se desenvolvido na última.

Mas o que devo fazer para reproduzir numa obra-prima, digna da grandeza que me toca o espírito, o cenário que encontramos na região da luz? Pincéis, pincéis, e eu provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que agora está em perigo, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu esplendor sobre o vosso mundo em crise.

Basta para o artista. Chegou a vez da amiga:

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec) incomodar-se assim com a minha morte? Sobretudo conhecendo como conheces as decepções e as amarguras da minha vida, devias ao contrário alegrar-te de ver que agora já não tenho mais de beber na taça amarga das dores terrestres, que esvaziei até o fim. Podes crer que os mortos são mais felizes que os vivos e chorá-los seria duvidar da verdade do Espiritismo. Terás de me rever, puedes estar segura. Parto primeiro porque a minha tarefa nesse mundo já estava terminada. Cada um tem a sua e deve realizá-la na Terra. Quando acabares a tua, virás descansar um pouco junto a mim para depois recomeçar, se necessário, considerando-se que não é natural permanecer sem fazer nada.

Cada qual tem as suas tendências e as segue. Essa é uma lei suprema, que prova o poder do livre-arbítrio. Mas também, minha boa amiga, todos temos necessidade de indulgência e caridade recíprocas, seja no mundo visível ou no mundo invisível. Com essa divisa, tudo irá bem.

Não irás me dizer que chega. Sabes que é a primeira vez que converso tão longamente? Assim vou deixar-te. Chegou a vez do meu excelente amigo senhor Kardec.

Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que me antecipou na tumba, pois devíamos partir juntos para o mundo onde agora me encontro, meu bom amigo! (Alusão a doença de Kardec de que falou o doutor Demeure.) Que diria então a companheira querida dos vossos dias, se os bons Espíritos não o tivessem so corrido em tempo? Então, sim, ela teria chorado e clamado, o que se compreende. Mas agora é preciso que ela vele por ti, evitando que te exponhas de novo ao perigo antes de haver terminado o trabalho de iniciação espírita.

Sem isso corres o perigo de chegar muito cedo entre nós e assim não ver, como Moisés, a Terra Prometida senão à distância. Põe-te, pois, em guarda; é uma amiga que te previne.

Agora me vou. Volto para junto de meus queridos filhos. Depois irei ver, para lá dos mares, se a minha ovelha viajora chegou enfim ao porto ou está a mercê da tempestade. (Uma de suas filhas morava na América.) Que os bons Espíritos a protejam. Vou reunir-me a eles para isso. Voltarei a conversar convosco, porque sou uma infatigável conversadora, como certamente vos lembrais. Até a vista, meus bons e caros amigos. Até logo.

Viúva Foulon.

II

(8 de fevereiro de 1865.)

P. Cara senhora Foulon, fiquei muito contente com a comunicação que me deste outro dia e com a promessa de continuar a conversar conosco.

Eu te reconheci perfeitamente na comunicação. Falaste de coisas que o médium não sabia e só podiam vir de ti mesma. Além disso, a tua linguagem afetuosa para conosco era bem aquela da tua alma amorosa. Mas havia nas tuas palavras uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que eu não percebera durante tua vida. Sabes que me permiti, a esse respeito, advertir-te em algumas ocasiões.

— *É verdade. Mas desde que me vi gravemente enferma recuperei o equilíbrio espiritual que havia perdido com os desgostos e as vicissitudes que às vezes me tornavam insegura na vida. Eu me disse a mim mesma: Tu és Espírito; esquece a Terra; prepara-te para a transformação do teu ser; vê, pelo pensamento, a senda luminosa que tua alma deve seguir ao deixar o corpo e que a conduzirá, liberta e feliz, às esferas celestes onde debes viver de agora em diante.*

Dirás que fui um tanto presunçosa, contando com a felicidade perfeita ao deixar a Terra, mas tanto eu havia sofrido que já devia ter expiado as minhas faltas dessa existência e das anteriores. Essa intuição não me enganara. Foi ela que me deu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes. Essa firmeza aumentou naturalmente quando, após a minha libertação, vi que as minhas esperanças estavam realizadas.

P. Queres agora nos descrever a vossa passagem, o vosso despertar e as vossas primeiras impressões?

— *Eu sofri, mas o meu Espírito foi mais forte que o sofrimento material do desprendimento. Após o último suspiro, passei por uma espécie de síncope perdendo a consciência, nada percebendo, numa vaga sonolência que não era o sono do corpo nem o despertar da alma.*

Durante longo tempo permaneci assim. Depois, como se saísse de um longo desfalecimento, fui me despertando pouco a pouco em meio de irmãos que não conhecia. Eles me prodigalizavam os seus cuidados e as atenções. Mostraram-me um ponto no espaço que se assemelhava a uma estrela brilhante e disseram: "É para lá que vais conosco, pois não pertences mais à Terra." Então eu me lembrei. Amparada por eles, como um grupo gracioso

que se lança em direção às esferas desconhecidas, mas com a certeza de lá encontrar a felicidade, subimos, subimos enquanto a estrela crescia à nossa frente.

Era um mundo feliz, um mundo superior em que a vossa boa amiga vai por fim encontrar o repouso. Quero dizer o repouso em relação às fadigas corporais que sofri e às vicissitudes da vida terrena, mas não à indolência do Espírito, porque a atividade espiritual é o fluir de uma aventura.

P. Então deixaste definitivamente a Terra?

— *Deixo aí muitos seres queridos para poder abandoná-la em definitivo. Voltarei a ela em Espírito, pois tenho uma missão a cumprir junto de meus filhos. Sabes muito bem que nenhum obstáculo se opõe à visita dos Espíritos dos mundos superiores à Terra.*

P. A tua posição atual não parece enfraquecer as tuas relações com os que deixastes neste mundo?

— *Não, meu amigo, o amor aproxima as almas. Creia-me, pode-se estar, na Terra, mais próximo dos que atingiram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e egoísmo fazem turbilhonar em torno da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motivos de poderosa atração. Formam o liame que mantém a união das almas, fazendo-a continuar independentemente das distâncias e dos lugares. Só há distância para os corpos materiais, pois ela não existe para os Espíritos.*

P. Que ideia fazes agora dos meus trabalhos referentes ao Espiritismo?

— *Vejo que estás encarregado do problema das almas e que o fardo é difícil de carregar, mas vejo o alvo e sei que o atingirás. Eu te ajudarei no que puder com os meus conselhos espirituais para que possas vencer todas as dificuldades sugerindo-vos certas medidas apropriadas a ativar, durante a tua vida, o movimento renovador do Espiritismo. Teu amigo Demeure, unido ao Espírito da Verdade, te prestará maior concurso ainda. Ele é mais sábio e mais prudente do que eu. Mas como sei que a assistência dos bons Espíritos te fortalece e sustenta na luta, podes crer que o meu concurso não te faltará por toda a parte e sempre.*

P. De algumas das tuas palavras pode-se deduzir que não darás uma colaboração pessoal bastante ativa à obra do Espiritismo.

— *Estás enganado. É que vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu de tratar desta importante questão, que um sentimento de invencível timidez me impede no momento de responder-te como desejas. Mas isso talvez aconteça. Terei mais coragem e audácia, quando melhor conhecer esses Espíritos. Há apenas quatro dias que morri. Estou ainda sob o fascínio e o deslumbramento de tudo o que me cerca. Meu amigo, não compreendes? Não sou capaz de exprimir as sensações novas que experimento. Tenho de esforçar-me para vencer a fascinação que exercem sobre mim as maravilhas que admiro. Só posso bem dizer e adorar a Deus nas suas obras. Mas isso passará. Os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada a todas essas magnificências e então poderei, com minha lucidez espiritual, tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois, além de tudo isso, lembra-te de que tenho, sobretudo, neste momento, uma família a consolar.*

Adeus e até logo. A boa amiga que te ama e te amará sempre, meu mestre, pois te deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou na Terra.

Viúva Foulon.

(Esta comunicação foi dada aos seus filhos, a 9 de fevereiro.)

Meus filhos, meus queridos. Deus me tirou de junto de vós, mas a recompensa que me concedeu é muito grande em comparação com o pouco que fiz na Terra. Tende resignação, meus bons filhos, ante os desígnios do Altíssimo. Tirai de tudo quanto ele vos permitiu receberdes a força de suportar as provas da vida. Mantende sempre firme no vosso coração essa crença que tanto me facilitou a passagem da vida terrena para a vida que nos espera ao sair desse mundo inferior.

Deus me amparou, após a morte, em sua inesgotável bondade, como havia feito quando me encontrava na Terra. Agradecei-lhe todos os benefícios que vos tem concedido. Bendizei-o, meus filhos, bendizei-o sempre, a todos os instantes. Nunca percais de vista o vosso alvo, nem a rota que deveis seguir. Pensai no emprego que tendes dado ao tempo que Deus vos concede na Terra. Sereis felizes, meus queridos, felicitando-vos uns aos outros, se permanecerdes unidos. Sereis felizes com os vossos filhos, se os educardes no bom caminho, naquele que Deus permitiu vos fosse revelado.

Oh! Se não podeis me ver, sabeis entretanto que o laço que nos ligava nesse mundo não se rompeu com a morte do corpo, porque não era o invólucro que nos ligava, mas o Espírito. É por isso, meus queridos, que eu poderei, graças à bondade do Todo-Poderoso, guiar-vos ainda e encorajar-vos na vossa marcha, para nos juntarmos mais tarde.

Avante, meus filhos, cultivai com o mesmo amor essa crença sublime. Bons dias vos estão reservados, a vós que credes. Já vos disseram isso, mas eu não devia ver esses dias na Terra. É de mais alto que apreciarei esses tempos felizes prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não chorai, meus filhos. Que estas comunicações fortaleçam a vossa fé, o vosso amor a Deus, que tantos dons vos concedeu, que tantas vezes enviou o socorro da fé à vossa mãe. Oraí sempre: a prece fortalece. Segui as instruções que tão ardentemente eu segui na vida que Deus nos concedeu.

Voltarei até vós, meus filhos, mas agora preciso amparar a minha pobre filha, que tanto ainda necessita de mim. Adeus, até breve. Crede na bondade do Todo-Poderoso. Eu peço por vós. Até a vista.

Viúva Foulon.

Observação: Qualquer pessoa séria e esclarecida facilmente verá os ensinamentos que ressaltam dessas comunicações, mas não obstante chamaremos a atenção sobre dois pontos. O primeiro, é o fato de que este exemplo nos mostra a possibilidade de não voltarmos à encarnação terrena, passando deste mundo para outro superior, sem por isso ficarmos separados das criaturas queridas que aqui deixamos. Os que, pois, temem a

reencarnação por causa das dificuldades da vida, podem afastar esse temor empenhando -se em trabalhar para se melhorarem. É como aquele que não quer vegetar nas posições inferiores, devendo instruir -se e trabalhar para alcançar situações melhores.

O segundo ponto é a confirmação do princípio de que após a morte estamos menos separados dos entes queridos, do que durante a vida. A senhora Foulon, retida pela idade e a enfermidade numa cidadezinha do sul, só tinha ao seu lado uma parte da sua família. A maioria de seus filhos e de seus amigos estavam longe. dispersos, de maneira que os obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê -los com a frequência que desejasse. As grandes distâncias tornavam rara e difícil a própria correspondência com alguns deles.

Mal se desembaraçou do seu corpo e eis que, ligeira, corre para junto de cada um, vencendo as distâncias sem fadiga, com a rapidez do relâmpago. Pode então vê -los, assiste às suas reuniões íntimas, envolve -os na sua proteção, e pode, através da mediunidade, conversar com eles a todo instante como se estivesse viva. E dizer que a esta consoladora ideia, há gente que prefere a de uma separação indefinida!

Um Médico Russo

O senhor P. era um médico de Moscou, tão distinto pelas suas eminentes qualidades morais quanto pelo saber. A pessoa que o evocou só o conhecia pela reputação, não tendo tido relações diretas com ele. A comunicação original foi dada na língua russa.

P. (Após a evocação.) Estás aqui?

— *Sim. No dia da minha morte insisti em apresentar -me mas resisti a todas as minhas tentativas de fazer -te escrever. Ouvei as palavras que dizias a meu respeito. Isso me fez conhecer -te e tive então o desejo de conversar contigo e poder servir -te.*

P. Porque, tendo sido tão bom, sofreste tanto?

— *Isso foi uma graça do Senhor que desejava me fazer sentir dessa maneira, o valor da minha libertação e fazer -me avançar o mais possível neste mundo.*

P. A ideia de morrer te aterrorizou?

— *Não, eu tinha muita fé em Deus para isso.*

P. A separação foi dolorosa?

— *Não. O que chamam de último momento não é nada. Senti apenas um estremeamento muito rápido e logo após já me encontrava muito feliz de haver me desembaraçado da minha miserável carcaça.*

P. O que aconteceu então?

— *Tive a ventura de ver que numerosos amigos vinham ao meu encontro desejando -me as boas vindas, principalmente aqueles que eu tivera a satisfação de ajudar.*

P. Em que região estás? Em algum planeta?

— *Ao redor dos planetas há o que chamam espaço. É aí que me encontro. Mas quantas graduações existem nesta imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia! Quantos degraus existem nesta escada de Jacó que vai da terra ao céu, ou seja, do aviltamento da encarnação num mundo inferior como o vosso até a depuração completa da alma! Aqui, onde me encontro, não se chega senão depois de muitas provas, o que vale dizer de muitas encarnações.*

P. Então, deves ter tido muitas existências?

— *Como poderia ser de outra maneira? Não há exceções na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode ser dada após a vitória na luta. E quando a recompensa é grande, necessariamente a luta também o foi. Mas a vida humana é tão curta que a luta só se realiza de fato através de intervalos, e esses intervalos são as diferentes existências sucessivas. Ora, desde que estou num degrau elevado é certo que atingi essa felicidade por uma sucessão de combates, nos quais Deus me permitiu a vitória algumas vezes.*

P. Em que consiste a tua felicidade?

— *Isso é mais difícil de te dar a compreender. A felicidade que sinto é um contentamento extremo de mim mesmo. Não pelos meus méritos, o que seria orgulho, e o orgulho é a marca dos Espíritos réprobos, mas um contentamento, por assim dizer, imerso no amor de Deus, no reconhecimento da sua infinita bondade. É a alegria profunda de ver o bom e o bem, de poder dizer: talvez eu tenha contribuído para o melhoramento de algumas criaturas que se elevaram ao Senhor. A gente se sente como que identificada com a felicidade. É uma espécie de fusão do Espírito com a bondade Divina. Tem-se o dom de ver os Espíritos mais puros, de compreendê-los em suas missões, sabendo que também se chegará lá. Pode-se entrever, no infinito incomensurável, as regiões resplandecentes do fogo divino, chegando-se mesmo a ofuscar-se ao contemplá-las através do véu que ainda as envolve.*

Mas, que digo? Compreendes as minhas palavras? Esse fogo de que falo, pensas que seja, por exemplo, semelhante ao sol? Não. não. É alguma coisa indizível para o homem, pois as palavras só exprimem os objetos, as coisas físicas ou metafísicas de que se tem conhecimento pela memória ou pela intuição da alma, enquanto não podendo ter nenhuma memória do desconhecido absoluto, não se dispõe de termos que possam dar essa compreensão. Mas fica sabendo que é já uma felicidade imensa pensar que se pode subir infinita mente.

P. Tiveste a bondade de dizer que me queres ser útil. Em que, pergunto?

— *Posso ajudar-te nos momentos de desânimo, amparar-te nas fraquezas, consolar-te nas angústias. Se a tua fé for abalada por alguma perturbação e te sentires vacilante, chama-me, chama-me. Deus me dará as palavras necessárias para lembrá-lo a ti e reconduzir-te a ele. Se te sentires prestes a sucumbir sob o peso das tendências de que tu mesmo te reconheces culpado, chama-me. Eu te ajudarei a carregar a tua cruz, como Jesus foi a ajudar a carregar a dele, aquela em que devia tão altamente nos proclamar a verdade, a caridade. Se fracassares ao peso das amarguras, se o desespero te dominar, chama-me. Eu virei tirar-te desse abismo falando-te de Espírito a Espírito, lembrando-te o cumprimento dos deveres que te competem, não em virtude de considerações sociais e materiais, mas pelo amor que sentirás em mim, amor que Deus dispensou ao meu ser para que o transmita aos que ele pode salvar.*

Tens, sem dúvida, amigos na Terra. Eles partilham talvez das tuas dores e talvez já te socorreram. Nas aflições vais procurá-los, levar-lhes os teus lamentos e as tuas lágrimas, e eles te dão em troca essa prova de afeição que são os seus conselhos, o seu apoio, as suas atenções. Pois bem. não pensas que um amigo daqui seja também um bom achado? Não é consolador poder dizer: quando eu morrer, os meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira orando por mim e chorando sobre mim, mas os meus amigos do espaço estarão no

limiar da nova vida e virão sorridentes ao meu encontro para me conduzirem ao lugar que eu tiver merecido pelas minhas virtudes?

P. Porque mereci a proteção que me queres dar?

— *Eis porque me liguei a ti desde o dia da minha morte. Eu te vi como espírita, bom médium e adepto sincero. Entre os que deixei nesse mundo não vi ninguém em melhores condições. Então resolvi contribuir para o teu progresso, sem dúvida no teu interesse, mas ainda mais no interesse de todos os que chamaste para os encaminhar à verdade. Vês que Deus te ama bastante para fazer-te missionário. Todos, ao teu redor, pouco a pouco vão partilhando das tuas crenças. Os mais rebeldes não deixam de te ouvir e um dia verás que te aceitam. Não os abandones. Prossiga sempre, malgrado as pedras do caminho. Toma -me como bordão na tua fraqueza.*

P. Não me considero digno de tão grande favor.

— *Não há dúvida que estás longe da perfeição. Mas o teu ardor na difusão das boas doutrinas, no alento à fé dos que te ouvem, na pregação da caridade, da bondade, da benevolência, mesmo quando procedem mal contigo, tua resistência aos impulsos da cólera que facilmente podias satisfazer, contra os que te aborrecem ou menosprezam as tuas intenções, tudo isso felizmente serve de contrapeso ao que ainda possuis de mau, é um poderoso contrapeso, como o perdão.*

Deus te cobre com as suas graças através da faculdade que te deu e que cabe a ti desenvolver pelos teus esforços a fim de trabalhar eficazmente para a salvação do próximo. Deixo -te, mas conta comigo. Trata de moderar os teus caprichos terrenos e de viver mais frequentemente com os teus amigos deste lado.

P.

Bernardin

(Bordeaux, abril de 1862.)

Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Vivi na Terra em miséria e opróbrio. Trabalhei sem descanso para dar cada dia à minha família um pedaço de pão insuficiente. Mas eu amava o verdadeiro Mestre, e quando aquele que me sobrecarregava na Terra fazia aumentar o meu fardo de dores, eu dizia: meu Deus, dai -me a força para suportar esse peso sem me lamentar.

Eu estava em expiação, meus amigos, mas ao sair dessa rude prova o Senhor me recebeu na sua paz e o meu desejo mais caro é o de reunir todos vós ao redor de mim, meus filhos, meus irmãos, e dizer-vos: qualquer que seja o preço pago na Terra, a felicidade que vos espera está muito acima dele.

Nunca tive posição. Filho de numerosa família, servi aos que podiam me ajudar a suportar a vida. Nascido numa época em que a servidão era cruel, suportei todas as injustiças, todas as cargas e todos os excessos que os auxiliares do patrão quiseram impor -me.

Vi minha mulher ultrajada, minhas filhas raptadas e depois rejeitadas, sem que pudesse queixar-me. Vi meus filhos envolvidos em roubos e outros crimes, sem o quererem, e depois enforcados por crimes que não cometeram.

Se soubésseis, pobres amigos, o que sofri n uma tão longa existência! Mas eu esperava, eu esperava a felicidade que não é da Terra e que o Senhor por fim me concedeu. A todos vós, portanto, meus irmãos, desejo coragem, paciência e resignação.

Meu filho, podes guardar o que te dei: é um ensinamento prático. Aquele que prega é melhor ouvido quando pode dizer: eu suportei mais do que vós, e suportei sem me queixar.

P. Em que época viveste?

— *De 1400 a 1460.*

P. Tiveste nova existência depois?

— *Sim, vivi ainda como missionário entre vós. Sim, um missi onário da fé, mas da verdadeira, da pura, daquela que nos vem da mão de Deus e não daquela que os homens fizeram.*

P. Agora, como Espírito, ainda tens ocupações?

— *Poderias pensar que os Espíritos ficam inativos? A inatividade, a inutilidade seria para ele s um suplício. Minha missão é a de guiar centros de trabalhadores no Espiritismo. Inspiro -lhes bons pensamentos e me esforço para neutralizar aqueles que os maus Espíritos tentam sugerir.*

Bernardin.

A Condessa Paula

Era uma jovem mulher, bela, rica, nascida em família ilustre, e além disso um modelo completo de todas as virtudes de coração e espírito. Morreu aos 36 anos, em 1851. Era uma dessas criaturas cuja morte põe em todas as bocas as seguintes palavras: "*Por que Deus retira tão cedo pessoas como es sa da Terra?*"

Felizes os que fazem assim abençoada a própria memória! Ela era boa, doce, indulgente para com todos. Sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em vez de aumentá -lo. Jamais a maledicência lhe manchou os lábios. Sem arrogância nem estupidez , tratava os seus inferiores com uma benevolência que não descia a excessos de familiaridade, sem distanciá -los com ares de superioridade ou de uma proteção humilhante.

Compreendendo que as pessoas que vivem do seu trabalho não possuem outros rendimentos e precisam do dinheiro que ganham, seja por sua posição, seja para viverem, jamais retardou o pagamento de um salário. O simples pensamento de que alguém pudesse passar necessidade pela falta de pagamento lhe produziria um peso na consciência. Não era dess as pessoas que sempre dispõem de dinheiro para satisfazer as suas fantasias, mas não para pagarem aos que devem. Não compreendia que pudesse ser de bom gosto para o rico fazer dívidas, e se sentiria humilhada se alguém pudesse dizer que os seus fornecedores eram obrigados a contemporizar os pagamentos. Assim, a sua morte provocou muitas lamentações, mas nenhuma reclamação.

Sua caridade era inesgotável, mas não dessa caridade convencional que se ostenta em pleno dia. Era a caridade do coração e não a da ostentação. Só Deus sabe as lágrimas que ela enxugou e os desesperos que acalmou, pois as suas boas ações só eram testemunhadas por ela e pelos infelizes a que assistia. Sabia sobretudo descobrir os infortúnios ocultos, que são os mais pungentes, socorrendo-os com a delicadeza que reergue moralmente e ajudando em vez de rebaixá-lo.

Sua posição e as elevadas funções do marido a obrigavam a uma despesa caseira a que não podia furtar-se. Mas, satisfazendo inteiramente as exigências da sua posição, sem mesquinhez, ela o fazia com método, conseguindo evitar desperdícios ruinosos e despesas supérfluas, o que lhe permitia reduzir pela metade o que outros teriam gasto sem fazerem melhor.

Podia assim reservar da sua fortuna uma parte maior para os necessitados. Havia destinado uma parte importante de seus recursos exclusivamente para este fim, e essa destinação era sagrada para ela, considerando-a como redução a fazer nas despesas caseiras. Encontrou assim o meio de conciliar os seus deveres sociais com os seus deveres na assistência aos infelizes. (54)

Evocada doze anos após a morte por um parente iniciado no Espiritismo, deu a seguinte comunicação, respondendo a diversas perguntas que lhe foram feitas. Foram tiradas desta comunicação, dada em língua alemã, os tópicos que interessam ao nosso assunto, deixando-se de lado os de interesse da família.

"Tens razão, meu amigo, de pensar que sou feliz. Eu o sou, com efeito, além de tudo o que se pudesse conceber, e não obstante estou ainda longe do plano superior. Eu pertenci a aos felizes da Terra, pois não me lembro de ter experimentado nenhum sofrimento real. Juventude, saúde, fortuna, homenagens, eu tinha tudo o que constitui a felicidade entre vós. Mas o que é essa felicidade ao lado da que se encontra aqui? Que são as vossas festas mais esplêndidas, em que se exibem as mais ricas joias, comparadas as assembleias dos Espíritos que resplandecem de uma luz que os vossos olhos não poderiam suportar e que é o apanágio da sua pureza?

O que são os vossos palácios e os vossos salões dourados ante as moradas aéreas, o vasto campo do espaço matizado de cores que fariam empalidecer o arco-íris? Que são os vossos passeios passo a passo nos parques, ante as viagens através da imensidão, mais rápidas do que o relâmpago? O que são os vossos horizontes limitados e carregados de nuvens, ante o grandioso espetáculo dos mundos a se moverem no universo sem limites, sob a poderosa mão do Altíssimo?

Como os vossos concertos mais melodiosos são tristes e ruidosos, ante esta harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Como as vossas grandes alegrias são tristes e insípidas ante a inefável sensação de felicidade que incessantemente satura o nosso ser à maneira de um eflúvio benfazejo, sem nenhuma mescla de inquietação, nem uma preocupação, nenhum sofrimento! Aqui tudo respira amor e confiança e sinceridade. Por toda parte corações amantes, por toda parte vemos amigos, nada de invejosos e ciumentos. Esse é

o mundo em que me encontro, meu amigo, e todos vós o atingireis infalivelmente seguindo o caminho certo.

Entretanto uma felicidade uniforme logo aborreceria. Não penses que a nossa felicidade esteja livre de vicissitudes. Não se trata de um concerto perpétuo, nem de uma festa sem fim, nem de beatífica contemplação através da eternidade. Não. É o movimento, a vida, a atividade. As ocupações, embora isentas de fadigas, apresentam incessante variedade de aspectos e de emoções, pelos mil incidentes que as continuam. Cada qual tem a sua missão a cumprir, seus protegidos a assistir, amigos da Terra a visitar, processos da Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar. Há um vaivém, não de uma rua para outra, mas de um mundo para outro. As criaturas se reúnem, se separam para novamente se juntarem; encontram -se aqui e ali, conversam sobre o que fazem, felicitam -se pelos sucessos obtidos; entendem -se, assistem -se mutuamente nos casos difíceis. Enfim, asseguro -te que ninguém dispõe de um segundo de tempo para se enfadar.

Neste momento a Terra é a nossa grande preocupação. Que movimente entre os Espíritos! Que numerosas falanges afluam a ela a fim de concorrerem para a sua transformação! Dir -se-ia uma multidão de trabalhadores ocupados em destrinçar uma floresta sob o comando de chefes experimentados. Uns abatem as velhas árvores a golpes violentos, arrancam-lhes as profundas raízes; outros desbastam o terreno; estes preparam a terra que semeiam e aqueles edificam a nova cidade sobre as ruínas palpitantes do mundo destruído. Durante esse tempo, os chefes se reúnem, discutem e enviam mensageiros com suas ordens a todas as direções. A Terra deve ser regenerada dentro de um tempo determinado. É necessário que se cumpram os desígnios da Providência. Eis porque todos se esforçam. Não penses que eu seja apenas espectador desse grande trabalho. Eu me envergonharia de permanecer inativa quando todos estão ocupados. Importante missão me foi confiada e me esforço para cumpri -la da melhor maneira possível.

Não foi sem lutas que cheguei à posição que ocupo na vida espiritual. Sabes que a minha última existência, por mais meritória que te pareça, não seria suficiente para isso. Durante muitas existências passei pelas provas do trabalho e da miséria, que voluntariamente escolhi para fortificar e depurar a minha alma.

Tive a felicidade de sair vitoriosa dessas provas, mas restava ainda uma a enfrentar, a mais perigosa de todas: a da fortuna e do bem-estar material, de um bem-estar sem mistura de amarguras. Nela estava o perigo. Antes de tentá -la, desejei sentir-me suficientemente forte para não sucumbir. Deus levou em conta a minha boa intenção e me concedeu a graça de me amparar. Muitos Espíritos, seduzidos pelas aparências, se precipitam na escolha e, que desgraça. Demasiado fracos para enfrentar o perigo, as seduções triunfam sobre a sua inexperiência. (55)

Trabalhadores, estou nas vossas fileiras! Eu, a dama nobre, ganhei, como vós, o meu pão com o suor da minha frente. Sofri nas privações, passei pelos maus tempos e foi isso que desenvolveu as forças viris de minha alma. Sem isso eu teria provavelmente fracassado na minha última prova, o que me afastaria bem longe da atual situação. Como eu, tereis também a

vez de passar pela prova da fortuna, mas não vos precipiteis pedindo -a muito cedo. E vós, os que sois ricos, tende sempre em mente que a verda deira fortuna, a fortuna imperecível não está na Terra, e compreendei porque preço podereis merecer as graças do Todo -Poderoso.

Paula, na Terra Condessa de...”

Jean Reynaud

Meus amigos, como esta vida nova é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta no seu curso imenso as almas inebriadas de infinito. Após o rompimento dos liames carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e gozei das esplêndidas maravilhas do Infinito. Passei das sombras da matéria à alvorada cintilante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas lançadas pela ignorância na pobre Humanidade. Bendita foi a minha morte. Meus biógrafos a julgaram prematúra, os cegos! Lamentaram-na por alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão quanto o silêncio em torno da minha tumba recém-fechada será útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra estava realizada. Os meus sucessores avançavam na rota. Eu já havia atingido esse ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e nada mais faz do que repetir. Minha morte faz voltar -se a atenção dos letrados para a minha obra capital, referente à questão espírita que eles fingem desconhecer e que em breve os envolverá. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores que protegem a vossa doutrina, vou ser um dos pioneiros que balizam a vossa rota.

Jean Reynaud

(Paris, reunião familiar: outra comunicação espontânea)

O Espírito responde a um pensamento formulado sobre a sua morte inesperada, em idade pouco avançada, e que surpreendera muita gente:

Quem te disse que a minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para o seu desenvolvimento? Notaste, meu amigo, a linha seguida pelo seu progresso, o rumo que toma a fé espírita? Deus concedeu primeiro as provas materiais: a dança das mesas, as pancadas e toda a espécie de fenômenos. Isso para chamar a atenção, uma introdução divertida. Os homens necessitam de provas palpáveis para crer. Agora é bem diferente! Após as provas materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria. E não mais através de fatos estranhos, mas de coisas racionais que devem convencer e atrair até mesmo os incrédulos, os mais sistemáticos. E isso ainda é apenas o começo.

Prestai bem atenção no que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes e irrefutáveis vão se dar, e o número dos adeptos da fé espírita, já grande, vai ainda aumentar. Deus vai se impor às inteligências de elite, às sumidades do pensamento, do talento e do saber. Será essa uma irradiação luminosa que se expandirá por toda a Terra como um fluido irresistível e arrastará os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes.

*Todos se agruparão ao vosso redor e, fazendo abstração do título de génio que lhes tenham dado, tornar-se-ão humildes e pequenos para aprender e para se convencerem. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, empregarão a sua autoridade e a notoriedade dos seus nomes para avançar mais e atingir os últimos limites do alvo que vos foi proposto: **a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e aprofundado das existências passadas e futuras**. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo. (56)*

Em Bordeaux

Evocação — *Atendo com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão, a perturbação espírita não poderia, por assim dizer, existir para mim (isto respondia ao pensamento do médium): exilado voluntário na vossa Terra, eu deveria lançar a primeira semente séria das verdades que envolvem o mundo neste momento, e guardava sempre comigo a consciência da pátria (57), de maneira que logo me reconheci no meio de meus irmãos .*

P. — Eu vos agradeço por ter querido vir, mas não acreditaria que o meu desejo de conversar convosco tivesse exercido influência nisso. Deve, necessariamente, haver uma distância tão grande entre nós que só penso nisso com respeito.

R. — *Agradeço esse bom pensamento, meu filho, mas deveis saber também que, seja qual for a distância que a conclusão mais ou menos pronta e mais ou menos feliz das provas possa estabelecer entre nós, há sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia. E esse liame haveis estreitado pela constância do vosso pensamento.*

P. — Embora muitos Espíritos tenham explicado as suas primeiras sensações ao acordar, seria muito bom me dizerdes o que experimentastes ao tomar consciência da situação e como a separação de vosso Espírito e do vosso corpo se processou . (58)

R. — *Como para todos. Senti aproximar-se o momento da libertação, mas fui mais feliz que muitos, porque isso não me causou angústias, pois eu já conhecia as suas consequências, embora elas fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo entrava as fa culdades espirituais, e sejam quais forem as luzes que o espírito tenha conservado, elas são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. (59) Eu adormeci esperando um despertar feliz, e o sono foi curto, mas o espanto foi imenso. Os esplendores celestes se desenrolaram aos meus olhos, brilhando em todo o seu fulgor. Minha vista mergulhava espantada nas imensidades desses mundos cuja existência e habitabilidade eu havia afirmado. Era uma miragem que me revelava e confirmava a veracidade dos meus sentimentos. Por mais que se creia seguro, o homem quando fala tem no fundo do seu coração, quase sempre, momentos de dúvida e de incerteza. Desconfia, senão da verdade que proclama, pelo menos, com frequência, dos meios imperfeitos que emprega para demonstrá-la. Convencido da verdade que desejava fazer admitida, tive muitas vezes de lutar comigo mesmo contra a falta de coragem para ver, para tocar, por assim dizer, a verdade, e para torná-la palpável aos que tinham tanta necessidade de nela crer, para seguir com segurança o caminho que lhes convinha (60).*

P. — Na vida professastes o Espiritismo?

R. — Entre professar e praticar há grande diferença. Muita gente professa doutrina que não pratica. Eu praticava e não professava. Da mesma maneira que todo homem que segue a lei do Cristo é cristão, mesmo que o faça sem conhecimento, pode ser espírita todo aquele que crê na alma imortal, nas suas existências, na sua marcha progressiva incessante, nas provações terrenas — abluções necessárias para se purificar. Eu acreditava e portanto era espírita. Compreendi a erraticidade, essa fase de ligação entre as encarnações, esse purgatório em que o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para envergar uma nova roupa, onde o Espírito em evolução tece com cuidado a roupa nova que vai usar e deseja conservar limpa. Compreendi, já vos disse, e embora sem professar, continuei a praticar.

Observação: Essas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos uns aos outros. A semelhança dos pensamentos e a forma da linguagem permitem admitir -se pelo menos a presunção da identidade. A expressão: *tece com cuidado a roupa nova que vai usar*, é encantadora figura que exprime a solicitude com que o Espírito em progresso prepara a nova existência em que deve continuar progredindo. Os Espíritos atrasados são menos precavidos e fazem às vezes escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

ESPÍRITOS FELIZES

António Costeau

Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre, em vala comum. Era um homem de coração que o Espiritismo reconduziu a Deus; completa, sincera e profunda era a sua fé em Deus. Simples calceteiro, praticava a caridade por pensamentos, palavras e obras consoante os fracos recursos de que dispunha e encontrando meios, ainda assim, de socorrer os que possuíam menos do que ele. Se a Sociedade não lhe adquiriu uma sepultura particular, foi porque lhe pareceu dever antes empregar mais utilmente o dinheiro em benefício dos vivos, do que em vãs satisfações de amor-próprio, além de que nós, os espíritas, sabemos melhor que ninguém que a vala comum é uma porta aberta para o céu tanto quanto os mais suntuosos mausoléus.

O Sr. Canu, secretário da Sociedade e profundo materialista de outros tempos, pronunciou sobre a campa a seguinte alocução:

"Caro irmão Costeau: faz alguns anos, muitos dentre nós, e eu em primeiro lugar, confesso -o, não veríamos a este túmulo aberto, que representaria apenas o fim das misérias humanas, e depois o nada, o pavoroso nada, isto é, onde não existia nem alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nem Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa santa Doutrina, divisamos aqui o termo das provações, e para você, querido irmão, cujos despojos baixam à terra, o triunfo dos labores e o início das recompensas a que fizeram jus a sua coragem, resignação, caridade, as vossas virtudes e, acima de tudo isso, a glorificação de um Deus sábio, onipotente, justo e bom. Seja, pois, caro irmão, o portador das graças que rendemos ao Eterno por ter permitido que se dissipassem as trevas do erro e da incredulidade que nos assoberbavam. Não há muito tempo, e nestas mesmas circunstâncias, com a fronte abatida e o coração lacerado, em desânimo, nós lhe teríamos dito: amigo, adeus para sempre. Mas hoje lhe dizemos, de fronte erguida, radiante de esperanças, e com o coração cheio de amor e de coragem: caro irmão, até breve, ore por nós." (61)

Um dos médiuns da Sociedade obteve ali mesmo na sepultura, ainda meio aberta, a seguinte comunicação, ouvida por todos os presentes, coveiros inclusive, de cabeças descobertas com profunda emoção. Era, de fato, um espetáculo novo e surpreendente esse de ouvir palavras de um morto, recolhidas do seio do próprio túmulo:

"Obrigado, amigos, obrigado. O meu túmulo ainda nem mesmo de todo é fechado, mas, passando um segundo, a terra cobrirá os meus despojos. Vós sabeis no entanto, que minha alma não será sepultada nesse pó, antes pairará no Espaço a fim de subir até Deus!

E como consola poder a gente dizer a respeito da dissolução dos invólucros: oh! eu não morri, vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

O enterro do pobre não tem grandes cortejos, nem orgulhosas manifestações se lhe abeiram da campa... Em compensação, acreditei-me, imensa multidão aqui não falta, e bons Espíritos acompanharam convosco, e com estas mulheres piedosas, o corpo que aí jaz estendido. Ao menos todos vós tendes fé e amais o bom Deus!

Oh! certamente não morremos só porque o nosso corpo se reduz a nada, esposa amada! Demais, eu estarei sempre ao teu lado para te consolar, para te ajudar a suportar as provações. Rude ser-te-á a vida, mas cheio o coração com as ideias da eternidade e do amor de Deus. Como serão efémeros os teus sofrimentos!

Parentes que rodeiam a minha amantíssima companheira, amem-na, respeitem-na, sejam para ela como irmãos. Não se esqueçam nunca da assistência que mutuamente vocês devem uns aos outros na Terra, se é que pretendem penetrar a morada do Senhor.

Quanto a vocês, espíritas, irmãos, amigos, obrigado por terem vindo a esta morada de pó e lama, a dizer-me deus. Mas sabem e sabem muito bem, vocês, que minha alma imortal vive, e que algumas vezes, lhes irá pedir preces que jamais lhes hão de recusar para auxiliá-la na vida magnífica que lhes descortinaram na vida terrena.

A vocês todos que aqui estão, adeus. Nós nos podemos rever noutra lugar, além deste túmulo. As almas me chamam a conferenciar. Adeus, orem pelos que sofrem e até outra vista.

Costeau."

Três dias depois, evocado num grupo particular, o Espírito de Costeau assim se exprimiu por intermédio de outro médium:

"A morte é a vida. Não faço mais que repetir o que já disseram, mas para vocês não há outra expressão senão esta, a despeito do que afirmam os materialistas, a queles que preferem ficar cegos. Oh! meus amigos, que belo espetáculo na Terra o de ver tremular os estandartes do Espiritismo! Ciência profunda, imensa, da qual apenas vocês soletram as primeiras palavras. E que de luzes leva aos homens de boa vontade, ao s que. libertando-se das terríveis cadeias do orgulho, altamente proclamam a sua crença em Deus! Homens, orai, rendei graças por tantos

benefícios. *Pobre Humanidade! Ah! se vos fora dado compreender!... Mas não, que o tempo não é chegado ainda, no qual a misericórdia do Senhor deve estender-se por todos os homens, a fim de que lhe reconheçam as vontades e a elas se submetam.*

*Pelos seus raios luminosos, ciência bendita, é que eles já chegarão e compreenderão. É graças ao teu benéfico ardor que virão aquecer os corações no fogo divino que traz consigo a fé e a consolação. É sob os seus raios vivificantes que **o patrão e o operário** virão a confundir-se e identificar-se, compenetrados dessa caridade fraterna preconizada pelo divino Messias.*

*Oh! meus irmãos, pensem na felicidade imensa que possuem como primeiros iniciados na obra de regeneração. Honra lhes seja feita. Prossigam e um dia, como eu, vendo a pátria dos Espíritos, exclamarão: **A morte é a vida**, ou antes um sonho, espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto e do qual despertamos para nos vermos rodeados de amigos que nos felicitam, ditosos por nos abraçarem. Tão grande foi a minha ventura, que eu não podia compreender que Deus me destinasse tantas graças relativamente ao pouco que fiz. Parecia-me sonhar e como outrora me acontecia sonhar que estava morto, fui por instantes obrigado ao temor de voltar ao desgraçado corpo. Muito não tardou, porém, que me desse contas da realidade e rendesse graças a Deus. Eu bendizia o mestre que tão bem soube incutir-me os deveres de homem que crê na vida futura. Sim, eu o bendizia, agradecia -lhe, porquanto **O Livro dos Espíritos** despertara-me n'alma os elos de amor ao meu Criador.*

Obrigado, bons amigos que me atraíram para junto de vocês. Comuniquem aos nossos irmãos os que estou muitas vezes com o nosso amigo Sanson. Até outra vista e coragem, porque o triunfo os espera. Felizes daqueles que houverem tomado parte no combate!"

Daí por diante o Sr. Costeau manifestou-se constantemente, na Sociedade e em outras reuniões, dando sempre provas dessa elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos adiantados."

A Srta. Ema (62)

Em consequência de acidentes causados por fogo, faleceu a Srta. Ema após cruéis sofrimentos. Alguém se propusera solicitar a sua evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente a 31 de julho de 1863, pouco tempo depois da morte.

"Eis-me aqui ainda no cenário do mundo, eu que me julgava sepultada para sempre no meu véu de inocência e juventude. Salvar-me-ia o fogo da Terra, do fogo do inferno — assim pensava eu na minha fé católica e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma tímida se apagava à expiação do purgatório, enquanto pedia, sofria e chorava. Mas quem dava ao ânimo abatido a força de suportar as angústias? Quem, nas longas noites de insônia e febre dolorosa se inclinava no leito de martírios? Quem me refrescava os lábios sedentos, escaldantes? Éreis vós, meu Guia, cuja auréola branca me cercava; e éreis vós outros, Espíritos caros e amigos, que vínheis murmurar-me ao ouvido palavras de esperança e de amor.

A chama que me consumia o corpo débil também me despojou das suas cadeias e, assim, morri vivendo já a verdadeira vida. Não experimentei a perturbação; entrei serena e recolhida no dia radiante que envolve aqueles que, depois de muito terem sofrido, souberam esperar um pouco. Minha mãe, minha querida mãe foi a última vibração terrestre que me repercutiu na alma. Como eu desejo que ela se torne espírita!

Desprendi-me da Terra como fruto maduro que se desprendesse da árvore antes do tempo. Eu não tinha sido tocada pelo demônio do orgulho que estimula as almas desditosas, arrastadas pelos êxitos embriagadores e brilhantes da juventude. Bendigo, pois, o fogo, o sofrimento, a prova, que não passavam de expiação. Semelhante a esses brancos e leves fios do Outono, flutuo na torrente luminosa e não são mais as estrelas de diamante que me rebrilham na fronte, mas as áureas estrelas do bom Deus."

Ema.

Em 30 de julho de 1863, espontaneamente o mesmo Espírito concedeu em outro centro em Havre a seguinte comunicação:

"Os que sofrem na Terra, são recompensados na outra vida. Deus é repleto de Justiça e Misericórdia para com os que aqui sofrem. Concede a felicidade pura e perfeita, que não se deveria temer os sofrimentos e tampouco a morte, se fosse possível aos pobres seres humanos saber os misteriosos desígnios de Nosso Criador. Mas a Terra é um local de muitas provações e frequentemente semeados de dores bem pungentes. Seja resignado se for ferido e diante de Deus que é o Criador Absoluto, inclinai -vos pela Sua bondade quando Ele vos der um fardo pesado para suportar. Se Ele vos chamar depois de grandes sofrimentos, se nenhum lamento ou murmúrio entrar em vosso coração, vereis como foram poucas as dores e as penas da Terra, quando perceberdes a recompensa que Deus vos reserva. Bem cedo deixei a Terra e Deus quis me perdoar e dar-me a vida daqueles que respeitam Sua vontade. Adorai e Amai de todo coração para sempre a Deus. Acima de tudo orai firmemente. É nisto que consiste o vosso sustentáculo aqui na Terra. A vossa esperança, a vossa salvação.

Ema."

O Doutor Vignal

Antigo membro da Sociedade de Paris, falecido a 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, um sonâmbulo lúcido e bom vidente, instado a transportar-se para junto dele e narrar o que visse, falou:

"Vejo um cadáver em que se opera um trabalho extraordinário; dir -se-ia uma quantidade de massa que se agita e alguma coisa que parece fazer esforços para se lhe desprender, encontrando, contudo, dificuldade em vencer a resistência. Não distingo forma de Espírito bem caracterizada."

Fez-se a evocação na Sociedade de Paris, a 31 de março.

P. — Caro Sr. Vignal, todos os seus velhos colegas da Sociedade de Paris guardam do Sr. as mais vivas saudades, e eu, particularmente, das boas relações, aliás nunca interrompidas. Evocando-o, tivemos por fim primeiramente testemunhar -lhe a nossa simpatia, considerando-nos felizes se puder e quiser palestrar conosco.

R. — *Prezado amigo e digno mestre: tão bondosa lembrança e testemunhos de simpatia me são muito lisonjeiros. Graças à sua evocação, levadas pelas preces, pude vir hoje assistir desimpedido a esta reunião de bons amigos e irmãos espíritas. Como justamente disse o jovem secretário, eu estava impaciente por me comunicar; desde o anoitecer de hoje, empreguei todas as forças espirituais para dominar esse desejo; como os graves assuntos, tratados na sua conversação, me interessassem vivamente, tornaram a minha expectativa menos penosa. Perdoe-me, meu caro amigo, mas a minha gratidão exigia a minha manifestação.*

P. — Diga-nos primeiramente como se encontra no mundo espiritual, descrevendo o trabalho da separação, as sensações daquele momento, bem como o tempo necessário ao reconhecimento do seu estado.

R. — *Sou tão feliz quanto possível, vendo plenamente confirmados os secretos pensamentos concebíveis, em relação a uma doutrina confortante e consoladora. Sou feliz, e tanto mais por ver agora, sem obstáculo algum, desenvolver -se diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.*

Mas deixemos por hoje estas digressões importunas; de novo voltarei a conversar com vocês acerca deste assunto, máxime sabendo que a minha presença lhes dará tanto prazer quanto o que experimento em visitá-los.

A separação foi rápida; mais do que podia esperar pelo meu apoucado merecimento. Fui eficazmente auxiliado pelo seu concurso e o sonâmbulo lhes deu uma ideia bastante clara do fenômeno da separação, para que eu nele insistia. Era uma espécie de oscilação intermi tente, um como arrastamento em sentidos opostos. Triunfou o Espírito aqui presente. Só deixei completamente o corpo quando ele baixou à terra; e aqui vim ter com vocês.

P. — Que diz dos seus funerais? Julguei-me no dever de a eles comparecer. Nesse momento o Sr. era muito livre para apreciá-los; e as preces por mim feitas a seu favor (discretamente, já se vê) tinham chegado até o Sr.?

R. — *Sim; já lhe disse; a sua assistência auxiliou-me grandemente e voltei para o seu lado, abandonando completamente a velha carcaça. Demais, o Sr. sabe, pouco me importa as coisas materiais. Só pensava na alma e em Deus.*

P. — Recordar-se de que a seu pedido, há 5 anos, em fevereiro de 1860 e quando ainda estava entre nós, fizemos um estudo acerca da sua personalidade (63). Naquela ocasião o seu Espírito despreendeu-se para vir falar conosco. Poderá descrever-nos da melhor forma a diferença entre o seu atual desprendimento e aquele de então?

R. — *Sim, lembro-me. Que grande diferença entre um e outro! Naquele estado, a matéria me oprimia ainda na sua trama inflexível, isto é, queria mas não podia desembaraçar-me totalmente. Hoje sou livre; um vasto campo desconhecido se me depara e eu espero com o seu auxílio e o dos bons Espíritos, aos quais me recomendo, progredir e compenetrar -me o mais*

rapidamente possível dos sentimentos que é mister possuir e dos atos que me cumpre empreender para suportar as provações e merecer a recompensa. Que majestade! Que grandeza! É quase um sentimento de temor que predomina, quando, fracos quais somos, queremos fixar as paragens luminosas.

P. — Sempre que o Sr. quiser, continuaremos a conversar acerca do assunto.

R. — *Respondi sucinta e desordenadamente a diversas perguntas. Não exija mais agora do seu fiel discípulo, porquanto não estou ainda inteiramente livre. Continuar a conversar seria o meu prazer, mas o meu Guia modera-me o entusiasmo e aliás já pude apreciar-lhe bastante a bondade e a justiça, motivo por que me submeto inteiramente à decisão dele, por maior que seja o meu pesar por ser interrompido. Consolo-me, pensando que poderei vir assistir algumas vezes, incógnito, às suas reuniões. Falar-lhe-ei sempre que possa, pois o estimo e desejo provar-lhe. Outros Espíritos, porém, mais adiantados, reclamam prioridade, devendo eu curvar-me àqueles que me permitiram dar livre curso à torrente das ideias acumuladas.*

Deixo-os, meus amigos, e devo agradecer duplamente não só vocês espíritas que me evocaram como também a este Espírito que houve por bem ceder-me o seu lugar, Espírito que na Terra tinha o ilustre nome de Pascal.

Daquele que foi e será sempre o mais devotado dos seus adeptos.

Dr. Vignai

Victor Leblufe

Moço, prático do porto do Havre, falecido aos 20 anos de idade. Morava com a mãe, mercadora, a quem prodigalizava os mais ternos e afetuosos cuidados, sustentando-a com o produto do seu rude trabalho. Nunca o viram frequentar tabernas nem entregar-se aos tão frequentes excessos da profissão, por não querer desviar a menor partícula de salário do fim piedoso que lhe destinava. Todo o seu lazer consagrava-o à genitora para poupá-la de fadigas. Atingido havia muito por enfermidade, da qual, sabia, havia de morrer, ocultava-lhe os sofrimentos para não a inquietar e para que ela não quisesse privá-lo do serviço. Na idade das paixões, eram precisos a esse moço um grande cabedal de qualidades morais e poderosa força de vontade para resistir às perniciosas tentações do meio em que vivia. Possuído de sincera piedade, a sua morte foi edificante.

Na véspera da morte, exigiu da mãe que fosse repousar, dizendo-lhe ter, também, ele, necessidade de dormir. Ela teve naquele íterim uma visão; achava-se, disse, em grande escuridão, quando viu um ponto luminoso que crescia pouco a pouco, até que o quarto ficou iluminado por brilhante claridade, da qual se destacava radiante a figura do filho, elevando-se ao Espaço infinito. Compreendeu que o seu fim estava próximo, e, com efeito, no dia seguinte, aquela alma bem formada havia deixado a Terra, murmurando uma prece.

Uma família espírita, conhecedora da conduta correa dele, interessando-se pela mãe que ficara sozinha, teve a ideia de o evocar pouco tempo após a morte; mas ele se manifestou espontaneamente e deu a seguinte comunicação:

"Desejais saber como estou agora; feliz, felicíssimo! Devem ser levados em conta os sofrimentos e angústias, que são a origem das bênçãos e da felicidade de além-túmulo. A felicidade! Ah! não compreendeis o que significa essa palavra. As venturas terrenas das que experimentamos ao regressar para Jesus, com a consciência pura, com a confiança do servo cumpridor do seu dever, que espera cheio de alegria a aprovação d'Aquele que é tudo.

Ah! meus amigos, a vida é penosa e difícil, quando se não tem em vista a finalidade dela; mas eu vos digo, em verdade, que quando vierdes para junto de nós, se seguirdes a lei de Deus, sereis recompensados além mas muito além dos sofrimentos e dos méritos que porventura julgardes ter adquirido para a outra vida. Sede bons e caritativos, dessa caridade tão desconhecida entre os homens, e que se chama benevolência. Socorrei os vossos semelhantes, fazendo por outrem mais que por vós mesmos, uma vez que ignorais a miséria alheia e conheceis a vossa. Socorrei minha mãe, pobre mãe, único pesar que me vem da Terra. Ela deve passar por outras provas e preciso é que chegue ao céu. Adeus, vou vê-la.

Victor."

O Guia do médium — Nem sempre os sofrimentos amargados na Terra constituem uma expiação. Os Espíritos que, cumprindo a vontade do Senhor, baixam à Terra, como este, são felizes em provar males que para outros teriam uma expiação. O sono os revigora perante o Todo-Poderoso, dando-lhes a força de tudo suportarem para sua maior glória. A missão deste Espírito, em sua última existência, não era de aparato, mas por mais obscura que fosse nem por isso tinha menos mérito, visto como não podia ser estimulado pelo orgulho. Ele tinha, antes de tudo, um dever de gratidão a cumprir para com aquela que lhe foi a genitora; depois, deveria demonstrar que nos piores ambientes podem encontrar-se almas puras, de nobres e elevado sentimentos, capazes de resistir às tentações. Isso é uma prova de que as qualidades morais tem causas anteriores e um exemplo assim não terá sido estéril.

A Senhora Anais Gourdon

Era muito jovem e notável pela doçura de caráter e de eminentes qualidades morais que a distinguiam, tendo falecido em novembro de 1860. Pertencia a uma família de mineiros dos arredores de Saint-Etienne, circunstância que torna interessante sua posição espiritual.

Evocação

R. Presente.

P. O seu pai e o seu marido pediram-me para evocá-la e felizes se julgariam se obtivessem uma comunicação.

R. Eu também sou feliz em dá-la.

P. Por que tão cedo se furtou aos carinhos da família?

R. Porque terminei as provações terrenas.

P. Pode algumas vezes ver os seus parentes?

R. *Oh! estou sempre ao lado deles.*

P. É feliz como Espírito?

R. *Sou feliz. Amo e espero. Os céus não me infundem temor e cheia de confiança aguardo que asas brancas me alcem até eles.*

P. Que entende por asas brancas?

R. *Tornar-me Espírito puro, resplandecer como os mensageiros celestes que me ofuscam.*

As asas dos anjos, arcanjos, serafins, que não passam de Espíritos puros, são evidentemente apenas um atributo pelos homens imaginado para dar ideia da rapidez com que se transportam, uma vez que a sua natureza etérea os dispensa de qualquer amparo para fender os espaços. Contudo, eles podem aparecer aos homens com esse acessório para lhes corresponderem ao pensamento, assim como os Espíritos se revestem da aparência terrestre a fim de se tornarem reconhecíveis.

P. Podem seus parentes fazer algo a seu favor?

R. *Podem, caros irmãos, não me entristecer com as suas lamentações, pois sabem que não estou perdida de todo para eles. Desejo que a recordação de meu ser lhes seja suave e doce. Passei como uma flor pela Terra e nada de pesaroso deve subsistir dessa passagem.*

P. Como pode ser tão poética a sua linguagem e tão pouco em harmonia com a posição que teve na Terra?

R. *É que a minha alma é quem fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos e **Deus permite muitas vezes que Espíritos delicados encarnem entre os homens mais rústicos, para fazer-lhes pressentir as delicadezas ao alcance deles, delicadezas essas que compreenderão mais tarde.***

Sem esta explicação tão lógica, consentânea com a solicitude de Deus para com as criaturas, dificilmente se compreenderia o que à primeira vista pareceria anomalia. Realmente, que pode haver de mais belo, poético e gracioso que a linguagem dessa jovem educada entre rudes operários? Dá -se o contrário muitas vezes: Espíritos inferiores encarnam entre os mais adiantados homens, porém, com objetivo oposto. É visando o seu próprio adiantamento que Deus os põe em contato com um meio esclarecido e, às vezes, também como instrumento de provação desse mundo. Que outra filosofia pode resolver esses problemas?

Maurício Gontran

Era filho único e faleceu, aos dezoito anos, de uma congestão pulmonar. Inteligência rara, precoce, grande amor ao estudo, caráter doce, terno e simpático, possuía todas as qualidades que fazem prever brilhante futuro. Com grande êxito terminara muito criança os primeiros estudos e se matriculara em seguida na Escola Politécnica. A sua morte acarretou aos parentes uma dessas dores que deixam traços profundos e tanto mais dolorosos, pois que, tendo sido sempre de natureza delicada, lhe atribuíam o fim prematuro ao trabalho de estudos a que o levaram. Exprobando-se então, diziam: *"De que lhe serve agora tudo o que aprendeu? Melhor fora ficasse ignorante, pois a ciência não lhe era necessária para viver, e assim estaria, sem dúvida, entre nós; seria o consolo da nossa velhice"*. Se conhecessem o Espiritismo,

raciocinariam de forma diferente. Nele encontraram, contudo, a verdadeira consolação. O ditado seguinte foi dado pelo rapaz a um dos seus amigos, meses após o decesso.

P. Meu caro Maurício, a terna afeição que votava a seus pais me dá a convicção de que deseje reconfortar-lhes o ânimo, se estiver ao seu alcance fazê-lo. O pesar, direi mesmo desespero, que o seu passamento lhes trouxe visivelmente à saúde e os leva a se desgostarem da vida. Algumas palavras de consolo poderão certamente fazer renascer -lhes a esperança...

R. *Meu amigo, esperava com impaciência esta ocasião que ora me faculta, de comunicar -me. A dor de meus pais aflige-me, porém, ela se acalmará quando tiverem a certeza de que não estou perdido para eles; aproxime-se deles a fim de os convencer desta verdade, o que certamente você conseguirá. Era preciso este acontecimento para insinuar -lhes uma crença que lhes trará a felicidade, e os impedirá de murmurar contra os decretos da Providência. Vocês sabem que o meu pai era muito célico a respeito da vida futura. **Deus concedeu-lhe este desgosto para arrancá-lo do erro.***

*Aqui nos reencontraremos, neste mundo, onde não se conhecem desgostos da vida e onde os precedi; afirme-lhes categoricamente que a ventura de tornarem a ver-me lhes será recusada como castigo por falta de confiança na bondade de Deus. Interdita me seria mesmo a comunicação com eles, durante o tempo da sua permanência na Terra. O desespero é uma rebeldia à vontade do Onipotente, sempre punido **com o prolongamento da causa que o produziu**, até que haja completa submissão. O desespero é verdadeiro suicídio, porque mina as forças corpóreas e aquele que abrevia os seus dias, no intuito de escapar mais cedo aos travos da dor, faz jus às mais cruéis decepções; deve -se, ao contrário, avigorar o corpo a fim de suportar mais facilmente o peso das provações.*

Meus queridos e bondosos pais, é a vós que neste momento me dirijo. Desde que deixei os despojos mortais nunca deixei de estar ao vosso lado. Aí estou muito mais vezes mesmo do que quando na Terra. Consolai-vos, pois porque eu não estou morto, ou antes, estou mais vivo que vós. Apenas o corpo morreu, mas o Espírito, esse vive sempre. Ele é ao demais livre, feliz, isento de moléstias, de enfermidades e de dores. Em vez de vos afligirdes, regozijai-vos por saber que estou ao abrigo de cuidados e apreensões, em lugar onde o coração se satura de alegria puríssima, sem a sombra de um desgosto.

Meus bons amigos, não deploreis aqueles que morrem precocemente, porque isso é uma graça que Deus lhes concede, poupando -os às tributações da vida terrena. A minha existência aí não devia prolongar-se por muito tempo desta vez, pois adquirira o necessário para me preparar no Espaço, para uma missão mais elevada. Se tivesse mais tempo, não imaginaria a que perigos e seduções iria expor-me. Podereis acaso julgar da minha fortaleza para não sucumbir nessa luta que importaria atraso de alguns séculos? Por que pois lastimar o que me é vantajoso? Neste caso, uma dor inconsolável acusaria descrença só legítima pela ideia do nada. Aqueles que assim descreem, esses é que são dignos de lástima, pois para eles não pode haver consolação possível; os entes caros se lhes apresentam como irremediavelmente perdidos, porque a tumba lhes leva a última esperança!

P. A sua morte foi dolorosa?

R. Não, meu amigo, apenas sofri, antes da morte, os efeitos da moléstia, **porém esse sofrimento diminuía à proporção que o último instante se aproximava** : depois, um dia, adormeci sem pensar na morte. Tive então um sonho delicioso! Sonhei que estava curado, que não mais sofria, e respirava a longos haustos, prazerosamente, um ar embalsamado e puro: transportava-me através do Espaço uma força desconhecida. Brilhante luz resplandecia em torno, mas sem cansar-me a vista! Vi meu avô não mais esquelético, alquebrado, porém com aspecto juvenil e loução. Estendia-me os braços e me estreitava efusivamente ao coração. Multidão de outras pessoas, de risinhos semblantes, o acompanhavam e me acolhiam todos com benevolência e doçura; parecia-me reconhecê-los e, venturoso por tornar a vê-los; trocávamos felicitações e testemunhos de amizade. Pois bem! O que eu supunha ser um sonho era a realidade, porque desse sonho não devia despertar na Terra: é que acordara no mundo espiritual.

P. A sua moléstia não se originou da grande assiduidade no estudo?

R. Oh! Não, desenganei-vos. Contado estava o tempo que eu deveria passar na Terra e coisa alguma poderia aí reter-me. Sabia-o meu Espírito nos momentos de desprendimento e considerava-me feliz com a ideia da próxima libertação. Contudo não deixou de aproveitar-me a mim o tempo em que aí estive e hoje me felicito por o não haver perdido. Os estudos sérios que realizei me fortificaram a alma e lhe aumentaram os conhecimentos e se, em virtude da minha curta existência não pude dar-lhes aplicação, nem por isso deixarei de o fazer mais tarde e com maior utilidade.

Adeus, meu caro amigo; parto para junto de meus pais, a fim de predispô-los a receber esta comunicação.

Maurício.

NOTAS:

(49) "A vista do espírito se apaga". Este dado é importante porque se relaciona com o problema da percepção espiritual. O Espírito não percebe por órgãos especiais, mas por todo o seu corpo. A transferência da visão, de um campo específico para o geral, requer algum tempo de adaptação. Veja -se, no **O Livro dos Espíritos**, o capítulo *Ensaio teórico sobre as sensações nos espíritos*. (N. do T.)

(50) Todo este item 13 é uma verdadeira aula sobre telepatia, que os atuais parapsicólogos deviam ler. Toda a dificuldade encontrada pela Parapsicologia, na tentativa de controlar o processo telepático de maneira a poder utilizá-lo na vida prática, se resume nisso que o Sr. Sanson revelou, ou seja: a telepatia depende da capacidade de libertação do espírito, da maior ou menor facilidade com que ele se desprende do corpo. A frase: *Tratai de morrer bem para saberdes muito* encerra uma filosofia de vida e uma explicação científica da chamada visão paranormal. A faculdade da visão é do espírito o não do corpo. Uma vida espiritualizada liberta o espírito das limitações da matéria e conseqüentemente amplia a visão espiritual do homem, que cientificamente se conhece hoje como *visão mental*. Quando a morte chega, o espírito, já semi-liberto em vida, não encontra dificuldade no uso natural de suas faculdades normais. Por outro lado, os pensamentos são formas energéticas, segundo a própria Parapsicologia hoje admite, explicando-se portanto que se apresentem "escritos" ou "impressos" no elemento fluídico ou mais sutil da atmosfera e conseqüentemente do próprio hausto humano, que fisicamente serve para a articulação das palavras, traduzindo e transmitindo pensamentos no plano material. (N. do T.)

(51) O grifo é nosso. — Essa explicação de Jobard, tão simples, é de grande importância, implicando problemas relacionados com o nosso condicionamento aos sentidos orgânicos e às aparências do mundo físico, bem como referentes às questões de "padronização de memória", hoje pesquisados pela Parapsicologia. Também o problema de "condicionamento à crença", levantado por Richet e atualmente em foco no meio parapsicológico,

relaciona-se com essa referência de Jobard. A questão de natureza do Espírito e da sua constituição energética é levantada por Jobard de maneira clara. O perispírito é semelhante ao corpo físico, mas não é idêntico a ele em tudo. A forma mortal é uma e a imortal é outra. (N. do T.)

(52) A evolução do Espírito aumenta a sua capacidade de ver no passado, sem que isso o prejudique diante dos erros cometidos. É o que o Sr. Jobard explica nesta passagem, ao escrever: Lors de mês precedentes incarnations, Esprit troublé, je ne m'apercevais dès lacunes terrestres. Alguns tradutores não perceberam bem o sentido desta frase e conseqüentemente de todo o texto do n° 7. As lacunas terrestres são as existências materiais na vida passada do Espírito. O Espírito inferior só vê as suas lacunas, ou seja, depois de cada encarnação só se apercebe do que nela foi, não tendo conhecimento do seu passado espiritual. (N. do T.)

(53) Jean Baptiste Marie Vianney (1786-1859) foi cura em Ars durante 41 anos, tornando -se famoso pelas suas curas mediúnicas e seu cuidado com os pobres, Canonizado pela Igreja em 1931. Ver sua comunicação no cap. VIII de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. (N. do T.)

(54) Pode-se dizer que era um vivo retrato da mulher caridosa apresentada em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XIII. (N. de Kardec). — Fazer dívidas e ser displicente no pagamento era uma forma de mostrar superioridade usada pelos ricos e os nobres. Por isso é que Kardec se refere ao assunto ao tratar da Condessa Paula. Ainda hoje algumas pessoas de posse acham elegante tratar com displicência os seus credores pobres, tripudiando sobre as necessidades do próximo. (N. do T.)

(55) Essa passagem explica bem claramente o motivo da falência de Espíritos incumbidos de grandes missões. Veja-se em Obras Póstumas que o próprio Kardec foi sempre advertido quanto ao perigo de falir. Em A Caminho da Luz, obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel refere vários exemplos de grandes missionários falidos em sua passagem pela Terra. No campo da mediunidade esses fracassos são mesmo comuns e os exemplos enxameiam ao nosso redor. (N. do T.)

(56) Conferindo esta mensagem com as traduções correntes em nossa língua, o leitor encontrará diversas diferenças de texto, mas cotejando-a com o original francês verá que fizemos o possível para ser bem fiéis à letra e ao espírito. As traduções literais nem sempre são fiéis, pois esquecem a diversidade de sentido das palavras e das expressões de uma língua para outra. (N. do T.)

(57) A consciência da pátria, no caso, não se refere à França, mas à pátria espiritual, como se depreende facilmente do texto, onde o espírito afirma a sua condição de exilado voluntário na vossa Terra. A palavra nossa, nesse caso, tem grande importância por acentuar a diferença entre o mundo espiritual e o dos encarnados. (N. do T.)

(58) A frase ao tomar consciência da situação corresponde no texto francês a esta: en vous reconnaiss ant, que traduzida literalmente em português não daria o mesmo sentido. (N. do T.)

(59) Esta explicação corresponde ao ensino dado pelos Espíritos não só no Espiritismo mas também nas diversas religiões e ordens espiritualistas que trataram do problema. Por mais evoluído que seja, o espírito encarnado está sempre sujeito a essa asfixia dos seus dons, produzida pelo contato da matéria. Por isso mesmo o Espiritismo define a matéria como o liame que prende o espírito. Ver **O Livro dos Espíritos**, perguntas 22 e 22a. (N. do T.)

(60) Essa dificuldade de exprimir a verdade entrevista é conhecida de todos os que conseguem elevar -se acima do nível comum. Jean Reynaud conseguiu, nesse trecho, precisar os diversos aspectos dessa luta íntima pela comunicação, de que já falavam os gregos. Platão, no final da sua existência, declarou que não podia traduzir em palavras, as mais belas percepções de sua alma no mundo das ideias. Todos os estudiosos que são interpelados sobre questões espíritas ou discorrem sobre elas conhecem essas dificuldades. (N. do T.)

(61) Para mais detalhes e para outras elocuições, ver Revista Espírita de outubro de 1863.

(62) Srta. Ema Livry.

(63) Ver a **Revista Espírita** de março de 1860.

CAPITULO III

ESPÍRITOS EM CONDIÇÕES MEDIANAS

Joseph Bré

(Falecido em 1840 e evocado em Bordéus, por sua neta em 1862)

O Homem Honesto Segundo Deus ou Segundo os Homens

1. Caro avô, o Sr. pode dizer-me como vos encontrais no mundo dos Espíritos e dar-me quaisquer pormenores úteis ao nosso progresso?

R. Tudo o que quiser, querida filha. Eu expio a minha descrença, porém grande é a bondade de Deus, que atende às circunstâncias. Sofro, mas não como V. poderia imaginar; é o desgosto de não ter melhor aproveitado o tempo aí na Terra.

2. Como o não empregou? Pois o Sr. não viveu sempre honestamente?

*R. Sim, no juízo dos homens; mas há um abismo entre **a honestidade perante os homens e a honestidade perante Deus**. E uma vez que deseja instruir-se procurarei demonstrar-lhe a diferença.*

Aí entre vós, é reputado honesto a quele que respeita as leis do seu país, respeito arbitrário para muitos. Honesto é aquele que não prejudica o próximo ostensivamente, embora lhe arranque muitas vezes a felicidade e a honra, visto o código penal e a opinião pública não atingirem o culpado hipócrita. Em podendo fazer gravar na pedra do túmulo um epitáfio de virtude, julgam muitos terem pago sua dívida à Humanidade! Erro! Não basta, para ser honesto perante Deus, ter respeitado as leis dos homens; é preciso antes de tudo não haver transgredido as leis divinas.

*Honesto aos olhos de Deus será aquele que, possuído de abnegação e amor, consagre a existência ao bem, ao progresso dos semelhantes; aquele que, animado de um zelo sem limites, for ativo no cumprimento dos deveres materiais, ensinando e exemplificando aos outros o amor ao trabalho; ativo nas boas ações sem esquecer a condição do servo ao qual o Senhor pedirá contas um dia do emprego do seu tempo; ativo finalmente na prática do amor de Deus e do próximo. Assim, o homem honesto, perante Deus, deve evitar cuidadosamente as palavras mordazes, veneno escondido nas flores, que destrói reputações e acabrunha o homem, muitas vezes cobrindo-o de ridículo. O homem honesto, segundo Deus, deve ter sempre cerrado o coração a quaisquer germes de orgulho, de inveja, de ambição; deve ser paciente e benévolo para com aqueles que o agredirem; deve perdoar do fundo d'alma, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda; deve, enfim, praticar o preceito conciso e grandioso que se resume "**no amor de Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**".*

Eis aí mais ou menos, querida filha, o que deve ser o homem honesto perante Deus. Pois bem: tê-lo-ia eu sido? Não. Confesso sem corar que faltei a muitos desses deveres; que não tive a atividade necessária; que o esquecimento de Deus me impeliu a outras faltas, as quais, por

não serem passíveis às leis humanas, nem por isso deixam de ser atentatórias à lei de Deus. Compreendo-o, muito sofri e assim é que hoje espero mais consolado a misericórdia desse Deus de bondade, que perscruta o meu arrependimento. Transmite, minha cara filha, repita tudo o que aí fica a quantos tiverem a consciência onerada, para que reparem suas faltas à força de boas obras, a fim de que a misericórdia de Deus se estenda por sobre eles. Seus olhos paternais lhes calcularão as provações e a Sua mão potente lhes apagará as faltas.

Senhora Helena Michel

Moça de 25 anos, falecida subitamente no lar, sem sofrimentos, sem causa previamente conhecida. Rica e um tanto frívola, a leviandade de caráter a predispunha mais para as futilidades da vida do que para as coisas sérias. Não obstante, possuía um coração bondoso e era dócil, afetuosa e caritativa.

Evocada por pessoas conhecidas, três dias após o falecimento, assim se exprimia:

"Não sei onde estou... que turbção me cerca! Chamou -me e eu vim. Não compreendo porque não estou em minha casa; choram a minha ausência quando presente estou, sem poder fazer -me contudo reconhecida. Meu corpo não mais me pertence e no entanto eu lhe sinto a frigidez..."

Quero deixá-lo e mais a ele me atendo sempre... Sou como que duas personalidades... Oh! quando chegarei a compreender o que comigo se passa? É necessário que vá lá ainda... meu outro "eu", que lhe sucederá na minha ausência? Adeus."

É evidente aqui que o sentimento de dualidade não está destruído por completa separação. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição e a fortuna a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer as tendências de leviandade. Não admira pois t enha sido lento o seu desprendimento, a ponto de, três dias após a morte, sentir -se ainda ligada ao invólucro corporal. Mas como não possuísse vícios sérios e fosse de boa índole, essa situação nada tinha de penosa e não deveria prolongar -se por muito tempo. Evocada novamente depois de alguns dias, as suas ideias estavam já muito modificadas. Eis o que disse:

"Obrigada por haverdes orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me subtraiu aos sofrimentos e apreensões consequentes ao desligamento do meu E spírito. A minha pobre mãe será difícilimo resignar-se; entretanto será confortada e o que a seus olhos constitui sensível desgraça, era fatal e indispensável para que as coisas do Céu se lhe tornassem no que devem ser: tudo. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrestre, e a ajudarei a suportá -la."

"Não sou infeliz, porém muito tenho ainda que fazer para aproximar -me da situação dos bem-aventurados. Pedirei a Deus me conceda voltar a essa Terra para reparação do tempo que aí perdi nesta última existência."

"A fé vos ampare, meus amigos; confiai na eficácia da prece, mormente quando partida do coração. Deus é bom."

P. Levou muito tempo reconhecer -se?

R. *Compreendi a morte no mesmo dia que por mim orastes.*

P. Era doloroso o estado de perturbação ?

R. *Não, eu não sofria, acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, porque todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer. Resignando -se à vontade de Deus, a minha resignação foi por Ele levada em conta. Grata vos sou pelas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma. Obrigada; voltarei sempre com prazer. Adeus. Helena.*

O Marquês de Saint Paul

(Falecido em 1860 e evocado, a pedido de sua irmã, congreira da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861)

1. Evocação:

— R. *Eis-me aqui.*

2. A sua irmã pediu-nos para evocá-lo, pois que, apesar de ser médium, não está ainda bastante desenvolvida.

R. *Responder-lhe-ei da melhor forma possível.*

3. Em primeiro lugar ela deseja saber se o Sr. é feliz.

R. *Estou na erraticidade, estado transitório que não proporciona nem felicidade, nem castigo absolutos.*

4. Permaneceu por muito tempo inconsciente do seu estado?

R. *Estive muito tempo perturbado e só voltei a mim para bendizer a piedade daqueles que, lembrando-se de mim, por mim oraram.*

5. E pode precisar o tempo dessa perturbação?

R. *Não.*

6. Quais os parentes que reconheceu primeiro?

R. *Minha mãe e meu pai, os quais me receberam ao despertar, iniciando -me à nova vida.*

7. A que atribuir o fato de parecer que nos últimos extremos da moléstia confabulam com as pessoas caras da Terra?

R. *Ao conhecimento antecipado pela revelação do mundo que viria habitar. Vidente antes da morte, meus olhos só se turvaram no momento da separação do corpo, porque os laços carnis eram ainda muito vigorosos.*

8. Como explicar as recordações da infância que de preferência lhe ocorriam?

R. *Ao fato de o princípio se identificar mais com o fim, que com o meio da vida.*

P. Como explicar isso?

R. Importa dizer que os moribundos lembram e vêem como miragem consoladora, a pureza infantil dos primeiros anos.

É provavelmente por motivo providencial semelhante que os velhos, à proporção que se aproximam do termo da vida, têm, por vezes, insignificantes episódios da infância.

9. Por que, referindo-se ao corpo, falava o Sr. sempre na terceira pessoa?

R. Porque era evidente como lhe disse, e sentia claramente as diferenças entre o físico, e o moral; essas diferenças, muito religadas entre si pelo fluido vital, tornam-se distintíssimas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular da morte desse senhor. Nos seus últimos momentos dizia sempre: *ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; tem frio, é preciso aquecê-lo; sofre nessa ou naquela região etc.* Quando lhe diziam: *Mas é o Sr. que tem sede?* — respondia: *"Não, é ele"*. Aqui ressaltam perfeitamente as duas existências; o eu Pensante estava no Espírito, não no corpo; o Espírito, em parte desprendido, considerava o corpo outra individualidade, que a bem dizer não *lhe* pertencia; era portanto ao seu corpo que se fazia mister dessedentar, e não a ele, Espírito. O fenômeno nota -se também em alguns sonâmbulos.

10. O que o Sr. disse da erraticidade do seu espírito e sua respectiva perturbação levar -nos-ia a duvidar da sua felicidade, ao contrário do que se poderia inferir das suas qualidades. Demais, há Espíritos errantes felizes e infelizes.

R. Estou num estado transitório; aqui as virtudes humanas passam a ter o seu justo valor. Certamente este estado é mil vezes preferível ao da minha encarnação terrestre; mas porque alimentei sempre aspirações ao verdadeiramente bom e belo, minha alma não ficará satisfeita senão quando e colocar aos pés do Criador.

Cardon, médico

Passara uma parte da sua vida na marinha mercante, como médico de navio baleeiro, adquirindo naquele ambiente ideias um tanto materialistas; recolhido à cidade de J..., exerceu aí a modesta profissão de médico de roça. Havia algum tempo, adquirira a certeza de estar tomado de uma hipertrofia do coração; sabendo que a moléstia era incurável, deixava abater-se pela perspectiva da morte, num estado de melancolia inconsolável. Predisse o dia certo do falecimento, com antecipação de cerca de dois meses, e, chegando o momento, reuniu a família para dizer-lhe o último adeus. Estando abeirados do seu leito a esposa, a mãe, os três filhos e outros parentes, quando a primeira tentava erguê-lo, tornou-se de um roxo lívido, fechando os olhos pelo que foi julgado morto. A esposa colocou -se então de permeio, para ocultar aos filhos o espetáculo. Minutos depois, o doente reabriu os olhos; sua fisionomia, por assim dizer iluminada, tomou radiante expressão de beatitude, e ele exclamou:

"Oh! meus filhos, belo e sublime! Oh! A morte, que benefício, que coisa suave! Morto, senti minha alma elevar-se bem alta, porém Deus me permitiu voltasse para poder dizer -lhes: não lamentem a minha morte, que é a libertação. Ah! que eu não posso descrever -lhes a magnificência de tudo quanto vi, as impressões que experimentei! Mas vocês não poderiam compreendê-las... Oh! meus filhos, comportem-se sempre de modo a merecer esta inefável felicidade reservada aos homens de bem; vivam, de conformidade com os preceitos da

caridade; daquilo que tiverem, deem sempre uma parte aos necessitados. Minha querida mulher, deixo-a numa posição pouco lisonjeira; temos dívidas a receber, mas eu a conjuro a não atormentar os nossos devedores; se estiverem em apuros, espera que possam pagar; e aos que não o puderam fazer, perdoe-lhes, Deus a recompensará. Você, meu filho, trabalhe para manter a mãe; seja honesto sempre e evite fazer alguma coisa que possa manchar a nossa família. Tome esta cruz, herança de minha mãe; não a deixe nunca e oxalá lhe lembre ela sempre os meus derradeiros conselhos. Meus filhos, ajudem-se, os meus apoiem-se reciprocamente para que a boa harmonia reine entre vocês, não sejam vaidosos nem orgulhosos; perdoem os seus inimigos se quiserem que Deus lhes perdoe..."

Depois fazendo-os chegar a si, tornou-lhe as mãos, acrescentando:

"Meus filhos, eu os abençoo".

E seus olhos cerraram-se, desta vez para sempre; seu rosto, porém, conservou uma expressão tão imponente que, até o momento de ser amortalhado, numerosa mole humana veio contemplá-lo, tomada de admiração.

Tendo-nos um amigo da família fornecido estes pormenores assaz interessantes, lembramo-nos que a evocação podia tornar-se instrutiva a todos nós e útil ao próprio Espírito.

1. Evocação:

— *R. Estou perto de vós.*

2. Relataram-nos as circunstâncias em que se deu a vossa passagem e ficamos cheios de admiração. Quereis ter a bondade de nos descrever ainda mais minuciosamente o que vistes no intervalo do que poderíamos denominar as vossas duas mortes?

R. O que vi... E podereis compreendê-lo? Não sei, visto como não encontraria expressões apropriadas à compreensão do que pude ver durante os instantes em que me foi possível deixar o envoltório mortal.

3. E sabeis em que lugar estivestes? Seria longe da Terra, em outro planeta, ou no Espaço?

R. O Espírito não mede distâncias, nem lhes conhece o valor como a vós acontece ce. Arrebatado por não sei que agente maravilhoso, eu vi os esplendores de um céu, desses que só em sonho podemos imaginar. Esse percurso, através do infinito, fazia -se com celeridade tamanha que eu não pude precisar os instantes nele empregados pelo meu Espírito.

4. E fruís atualmente a felicidade que entrevistastes?

R. Não; bem desejaria poder fruí-la, mas Deus não deveria recompensar-me assim. Revoltei-me muitas vezes contra os pensamentos abençoados que o coração me ditava e a morte parecia-me uma injustiça. Médico incrédulo, eu havia assimilado na arte de curar uma aversão profunda à segunda natureza, que é o nosso impulso inteligente, divino; para mim a imortalidade da alma não passava de ficção própria para seduzir as naturezas pouco instruídas, embora o nada me espantasse, maldizendo o misterioso agente que atua perenemente. A Filosofia desviara-me, sem que eu desse por isto, da compreensão da grandeza do Eterno, que sabe distribuir a dor e a alegria para ensino da Humanidade.

5. Logo após o definitivo desprendimento reconheceste o vosso estado?

R. Não; eu só me reconheci durante a transição que o meu Espírito experimentou para percorrer a etérea região. Isto, porém, não ocorreu imediatamente, sendo -me necessários alguns dias para o meu despertar. Deus concedera-me uma graça, em razão do que vou explicar-vos: a minha primitiva descrença não mais existia; tornara -me crente antes da morte, depois de haver cientificamente sondado com gravidade a matéria que me atormentava, de não haver encontrado ao fim das razões terrestres senão a razão divina, que me inspirou e consolou, dando-me coragem mais forte que a dor. Assim bendizia aquilo que amaldiçoara, encarava a morte como uma libertação. A ideia de Deus é grande como o mundo! Oh! Que supremo consolo na prece, que nos entenece e comove: ela é o elemento mais positivo da nossa natureza imaterial; foi por ela que compreendi, que cri firme, soberanamente, e por isso, Deus, levando em conta os meus atos, houve por bem recompensar -me antes do termo da minha encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que estivesses morto nessa primeira crise?

R. Sim e não: tendo o Espírito abandonado o corpo, naturalmente a carne extinguiu -se; entretanto retomando posse da morada terrena, a vida voltou ao corpo, que passou por uma transição, por um sono.

7. E sentíeis então os laços que vos prendiam ao corpo?

R. Sem dúvida; o Espírito tem um grilhão fortíssimo que o prende e não entra na vida natural antes que dê o último estremecimento da carne.

8. Como pois, na vossa morte aparente e durante alguns minutos, pode o vosso Espírito desprender-se súbita e imperturbavelmente, ao passo que o desprendimento efetivo se fez acompanhar da perturbação por alguns dias? Parece -nos que no primeiro caso, os laços entre corpo e Espírito subsistindo mais que no segundo, o desprendimento deveria ser mais lento, ao contrário justamente do que se deu.

R. Tendes muitas vezes evocado um Espírito encarnado, recebendo respostas exatas; eu estava nas condições desses Espíritos, porque Deus me chamava e os seus servidores me diziam: — "Vem..." Obedeci, agradecendo-lhe o favor especial que houve por bem conceder-me para que pudesse entrever, compreendendo -a, a Sua infinita grandeza. Obrigado a vós, que antes da morte real me permitistes doutrinar os meus, para que façam boas e justas encarnações.

9. Donde provinham as belas palavras que após o despertar dirigistes à vossa família?

R. Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam -me a linguagem e davam fulgor à minha fisionomia.

10. Que impressão julgais ter a vossa revelação produzido nos assistentes, notadamente nos vossos filhos?

R. Surpreendente, profunda; uma morte não é mentirosa; os filhos, por mais ingratos que possam ser, se curvam sempre à encarnação que termina. Se pudéssemos penetrar o coração dos filhos, junto de um túmulo entreaberto, vê-lo-íamos apenas palpitar de sentimentos verdadeiros, sinceros, tocados pela mão secreta dos Espíritos, que dizem em todos os

pensamentos: tremei se duvidais; a morte é a reparação, a justiça de Deus, e eu vos asseguro, em que pese aos incrédulos, que a minha família e os amigos creram nas palavras por mim pronunciadas antes da morte. Eu era, ao demais, intérprete de um outro mundo.

11. Dizendo não gozardes da felicidade entrevista, podemos daí concluir que sejais infelizes?

R. Não, uma vez que me tornei crente antes da morte, e isto de coração e consciência. A dor acobrunha nesse mundo, mas fortalece sob o ponto de vista do futuro espiritual. Notai que Deus teve em conta as minhas preces e a crença n'Ele depositada em absoluto; estou firme no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido lograr. Oraí, meus amigos, por este mundo invisível que preside aos vossos destinos; esta permuta fraternal é, de caridade; é a alavanca que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Acaso quereíeis dirigir algumas palavras à vossa mulher e filhos?

R. Peço a todos os meus que acreditem no Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade que é a mais pura prática da encarnação humana; peço-lhes que se lembrem que do pouco também se pode dar, pois o óbolo do pobre é o mais meritório aos olhos de Deus, desse Deus que sabe que muito dá um pobre, mesmo que dê pouco. O rico precisa dar muito, e repetidamente, para merecer outro tanto.

O futuro é a caridade, a benevolência em todos os atos; é considerar que todos os Espíritos são irmãos, nunca preocupar-se com as mil pueris vaidades da Terra.

Tereis rudes provações, querida, amada família; aceitai-as, porém, corajosamente, lembrando-vos de que Deus as vê.

Repeti amiúde esta prece:

— "Deus de amor e bondade, que tudo e sempre faculta, dá-nos força superior a todas as vicissitudes, torna-nos bons, humildes e caridosos, pequenos pela fortuna e grandes de coração. Permite seja espírita o nosso Espírito na Terra, a fim de melhor Te compreendermos e Te amarmos.

Seja Teu Nome emblema da Liberdade, oh! meu Deus! — O Consolador de todos os oprimidos, de todos os que necessitam amar, perdoar e crer.

Cardon.

Eric Stanísias

(Comunicação espontânea: Sociedade de Paris: agosto de 1863)

"Que ventura nos proporcionam as emoções vivamente sentidas por valorosos corações! Oh! Suaves pensamentos que vindes abrir o caminho da salvação a tudo que vive, que respira material e espiritualmente. Não deixe nunca o bálsamo consolador de derramar-se profusamente sobre vós e sobre nós! De que expressões nos servimos, que traduzam a felicidade dos irmãos, desencarnados, ao perscrutarem o amor que une a todos?"

Ah! irmãos, quanto bem por toda parte, quantos elementos suaves, elevados e simples como vós, como a vossa Doutrina, sois chamados a implantar ao longo da estrada a percorrer; mas, também, quanto vos será outorgado antes mesmo de terdes adquirido direitos!

Assisti a tudo quanto se passou esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar por minha vez cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

*Ouvi, eu estava longe de ser feliz; abismado na imensidade, no infinito, os meus padecimentos eram tanto mais intensos, quanto difícil me era os compreendê-los. Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário, que não pode ser franqueado **impunemente** pelos maus. Amigos, quanto vos agradeço, quanto de forças entre vós recobrei!*

Oh! Homens de bem, reuni-vos constantemente; estudai, uma vez que não podeis duvidar dos frutos das reuniões sérias; os Espíritos que têm muito ainda a aprender, os que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres, podem encontrar -se, em virtude de circunstâncias fortuitas ou não, aí entre vós; e então, fortemente tocados, quantas vezes lhes é dado, reconhecendo -se, entreverem o fim, o objetivo cobiçado, ao mesmo tempo que procurarem, fortes pelo exemplo que lhes dais, os meios de fugir ao penoso estado que os avassala. Com grande satisfação me constituo intérprete das almas sofredoras, porquanto é ao homem de coração que me dirijo, na certeza de não ser repellido.

Ainda uma vez aceitai, pois, homens generosos, a expressão do meu reconhecimento em particular, e em geral de todos a quem tanto bem tendes feito, talvez sem o saberdes.

Eric Stanislas."

O guia do médium: — *Meus filhos, este é um Espírito que sofreu muito tempo, tresmalhado do bom caminho. Agora compreendeu os seus erros, arrependeu -se e voltou os olhos para o Deus que negara. A sua posição não é a de um feliz, porém ele aspira à felicidade e não mais sofre. Deus permitiu-lhe esta audição para que desça depois a uma esfera inferior, a fim de instruir e estimular o progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram a lei. É a reparação que lhe compete. Afinal, ele conquistará a felicidade, porque tem força de vontade.*

Senhora Atina Belleville

Mulher falecida ainda moça aos trinta e cinco anos de idade, após cruel enfermidade. Vivaz, espiritual, dotada de inteligência rara, de metucioso critério e eminentes qualidades morais; esposa e mãe de família devotada, ela possuía, ao demais, uma integridade de caráter pouco comum e uma fecundidade de recursos que a trazia sempre a coberto das mais críticas eventualidades da existência.

Sem guardar ressentimentos das pessoas de quem poderia queixar -se, estava sempre pronta a prestar-lhes oportuno serviço. Intimamente ligados à sua pessoa desde longos anos, pudemos acompanhar-lhe todas as fases da existência, bem como todas as peripécias do seu fim. Proveio de um acidente a moléstia que havia de levá -la, depois de a reter três anos na cama, presa dos mais cruéis sofrimentos, aliás suportados até o fim com uma coragem heroica

e a despeito dos quais a graça natural do seu Espírito jamais a abandonou. Ela acreditava firmemente na existência da alma e na vida futura, mas pouco se preocupava com isso; todos os seus pensamentos se relacionavam com o presente, que muito lhe importava, posto não tivesse medo da morte e fosse indiferente aos gozos materiais. A sua vida era simples e sem sacrifício; abria mão do que não podia obter; mas possuía inato o sentimento do bem e do belo, que apreciava até nas coisas mínimas. Queria viver menos para si que para os filhos, avaliando a falta que lhes faria, e era isso que a prendia à vida. Conhecia o Espiritismo sem o ter estudado a fundo; interessava-se por ele, mas nunca pode fixar as ideias sobre o futuro; este era para ela uma realidade, mas não lhe deixava no Espírito uma impressão profunda. O que praticava de bom era o resultado de um impulso natural, espontâneo, sem ideia de recompensas ou de penas futuras.

Havia muito era desesperador o seu estado e iminente o desenlace, circunstância que ela própria ignorava. Um dia, achando-se ausente o marido, sentiu-se desfalecer e compreendeu que a hora era chegada; embaciando-se-lhe a vista, a perturbação a invadia, sentindo todas as angústias da separação. Custava-lhe, contudo, a morte antes da volta do esposo. Fazendo supremo esforço sobre si mesma, murmurou: "*Não, não quero morrer!*" Então sentiu renascer-lhe a vida e recobrou o uso pleno das faculdades. Quando o marido chegou, disse -lhe: "*Eu ia morrer, mas quis aguardar a sua vinda, pois tinha algumas recomendações a fazer -lhe.*" Assim se prolongou a luta entre a vida e a morte por três meses ainda, tempo que mais não foi que dolorosa agonia.

Evocação no dia seguinte ao da morte: — *Meus bons amigos, obrigada pelo interesse que vos mereço; demais, fostes para mim como bons parentes. Pois bem, regozijai -vos porque sou feliz. Confortai meu pobre marido e velai por meus filhos. Eu segui logo para junto deles, depois que desencarnei.*

P. Podemos supor que a vossa perturbação não foi longa, uma vez que nos respondes com lucidez.

R. *Ah! meus amigos, eu sofri tanto... e vós bem sabeis que sofria com resignação. Pois bem, a minha provação está concluída. Não direi que esteja completamente libertada, não; mas o certo é que não sofro mais e isso para mim é um grande alívio! Desta feita estou radicalmente curada, porém, preciso ainda do auxílio das vossas preces para vir mais tarde colaborar convosco.*

P. Qual poderia ser a causa dos vossos longos sofrimentos?

R. *Um passado horrível, meu amigo.*

P. Podeis revelar-nos esse passado?

R. *Oh! deixai que o esqueça um pouco... paguei-o tão caro...*

Um mês depois da morte:

P. Agora que deveis estar completamente desprendida e que melhor nos reconheceis, muito estimaríamos ter convosco uma palestra mais concludente. Poderia, por exemplo, dizer -nos

qual a causa da vossa prolongada agonia? Estivestes durante três meses entre a vida e a morte...

R. Obrigada, meus amigos, pela vossa lembrança como pelas vossas preces! Quão salutares me foram estas e como concorreram para a minha libertação! Tenho ainda necessidade de ser confortada; continuai a orar por mim. Vós compreendeis o valor da prece. Aquelas que dizeis não são de modo algum fórmulas triviais, como as murmuradas por tantos outros que lhes não medem o alcance, o fruto de uma boa prece.

Sofri muito, porém os meus sofrimentos foram largamente compensados, sendo-me permitido estar muitas vezes perto dos queridos filhos, que deixei com tanto pesar!

Prolonguei por mim mesma esses sofrimentos; o desejo ardente de viver, por amor dos filhos, fazia com que me agarrasse de alguma sorte à matéria, e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o desgraçado corpo com o qual era forçoso romper, se bem que ele fosse para mim o instrumento de tantas torturas. Eis aí a razão da minha longa agonia.

Quanto à moléstia e aos padecimentos decorrentes, eram expiação do passado — uma dívida a mais, que paguei.

Ah! meus bons amigos, se vos tivesse ouvido, quanta mudança na minha vida atual! Que alívio experimentaria nos últimos momentos e como teria sido fácil a separação, se em vez de a contrariar eu me tivesse abandonado confiadamente à vontade de Deus, à corrente que me arrastava! Mas em lugar de volver os olhos ao futuro que me aguardava, eu apenas via o presente que ia deixar!

Quando houver de voltar à Terra serei espírita, vô-lo afirmo. Que ciência sublime! Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos. Se eu, quando na Terra, pudesse compreendê-los, os meus sofrimentos teriam sido atenuados. A ocasião não tinha chegado. Hoje compreendo a bondade e a justiça de Deus, conquanto me não encontre suficientemente adiantada para despreocupar-me das coisas da vida; meus filhos principalmente me atraem, não mais para mimá-los, porém para velar por eles e inculcar neles o caminho que o Espírito traça ao presente na Terra. Sim meus bons amigos, eu tenho ainda graves preocupações, entre as quais avulta aquela da qual depende o futuro dos meus filhos.

P. Podeis ministrar-nos quaisquer informações sobre o passado que deploraís?

R. Ah! meus bons amigos, estou pronta a confessar-me. Eu tinha desprezado o sofrimento alheio, vendo indiferente os sofrimentos da minha mãe, a quem chamava doente imaginária. Por não vê-la de cama, supunha que não sofresse e zombava dos seus queixumes. Eis como Deus castiga.

Seis meses depois da morte:

P. Agora que um tempo mais longo se passou desde que deixaste o invólucro material, tende a bondade de descrever-nos a vossa posição no mundo espiritual.

R. Na vida terrestre, eu era o que vulgarmente se chama uma boa pessoa; antes de tudo, porém, prezava o meu bem-estar: compassiva por índole, talvez não fosse capaz de penoso

sacrifício para minorar um infortúnio. Hoje, tudo mudou, e posto seja sempre a mesma, o eu de outrora modificou-se. Ganhei com a modificação e vejo que não há nem categorias nem condições além do mérito pessoal, no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom se sobreleva ao rico que o humilhava com a sua esmola. Vejo especialmente pelos que se afligem com tormentos familiares, com a perda de parentes ou de fortuna . A minha missão é reanimá-los e consolá-los e com isso me sinto feliz.

Anna.

Importante questão decorre dos fatos supra mencionados. Ei-la:

Poderá uma pessoa, por esforço da própria vontade, retardar o momento de separação da alma do corpo?

Resposta do Espírito de S. Luís: *Resolvida afirmativamente, sem restrições, esta questão poderia dar lugar a consequências falsas. Certamente, em dadas condições, pode um Espírito encarnado prolongar a existência corporal a fim de terminar instruções indispensáveis, ou, ao menos, por ele assim julgadas — é uma concessão que se lhe pode fazer, como no caso vertente, além de muitos outros exemplos. Esta dilação de vida não pode, porém, deixar de ser breve, visto como é defeso ao homem inverter a ordem das leis naturais, bem como retornar por vontade própria à vida, desde que ela tenha atingido o seu fim. É uma situação momentânea apenas. Preciso é no entanto que da possibilidade do fato não se conclua a sua generalidade, nem tampouco que dependa de cada qual prolongar por este modo a existência. Como **provação para o Espírito** ou no interesse de missão a concluir, os órgãos depauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar por instantes a manifestação material do pensamento. Tais casos são excepcionais e não fazem regra. Tampouco se deve ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade das suas leis, mas apenas uma consequência do livre-arbítrio da alma que, no momento extremo, tem consciência de sua missão e quer, a despeito da morte, concluir o que não pode até então. Às vezes pode ser também uma espécie de castigo infligido ao Espírito duvidoso do futuro esse prolongamento de vitalidade com o qual tem necessariamente de sofrer.*

São Luís.

Poderíamos ainda admirar a rapidez relativa com que se desprende este Espírito, dado o seu apego à vida corporal; cumpre, porém, considerar que esse apego nada tinha de material nem sensual, antes possuindo mesmo a sua face moral, motivada como era pelas necessidades dos filhos ainda tenros. Enfim, era um Espírito adiantado em inteligência, um dos Espíritos dos mais felizes. Não havia, portanto, nos laços perispirituais a tenacidade resultante da identificação material; pode dizer-se que a vida, debilitada por longa enfermidade, apenas se prendia por ténues fios, que ele desejava impedir se rompessem. Contudo, a sua resistência foi punida com a dilação dos sofrimentos concernentes à própria moléstia e não com a dificuldade do desprendimento. Assim, realizado este, eis porque a perturbação foi breve.

Um outro fato igualmente importante decorre desta como da maior parte das evocações feitas em épocas gradativas ao tempo cujo progresso se traduz, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais justa das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é, portanto, um fato

demonstrado pela experiência. A vida corporal é a prática desse progresso, a demonstração das suas resoluções, o cadinho em que ele se depura.

Desde que a alma progride depois da morte, a sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, porquanto a fixação definitiva da sorte é, como já o dissemos, a negação do progresso. Não podendo coexistir simultaneamente as duas coisas, resta aquela que tem por si a sanção dos fatos e da razão.

CAPÍTULO IV

ESPÍRITOS SOFREDORES

O Castigo

Exposição geral do estado dos culpados por ocasião da entrada no mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

"Depois da morte, os Espíritos endurecidos, egoístas e maus são logo tomados de uma dúvida cruel a respeito do seu destino, no presente e no futuro. Olham em torno de si e nada veem que possa aproveitar ao exercício da sua maldade — o que os desespera, visto como o insulamento e a inércia são intoleráveis aos maus Espíritos. Não levantam o olhar às moradas dos Espíritos elevados, consideram aquilo que os cerca e, então, compreendendo o abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se agarrarão a eles como a uma presa, utilizando -se da lembrança de suas faltas passadas, que eles põem continuamente em ação pelos seus gestos ridículos. Não lhes bastando esse motejo, atiram-se para a Terra como abutres famintos, procurando entre os homens uma alma que lhes dê fácil acesso às tentações. Encontrando -a, dela se apoderam exaltando-lhes a cobiça e procurando extinguir-lhe a fé em Deus, até que por fim, senhores de uma consciência e vendo segura a presa, estendem a tudo quanto se lhe aproxime a fatalidade do seu contágio.

O mau Espírito, no exercício da sua cólera, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que deixa de atuar, ou nos casos em que o bem triunfa do mal.

Passam no entanto os séculos e, de repente, o mau Espírito pressente que as trevas acabarão por envolvê-lo; o círculo de ação se lhe restringe e a consciência, muda até então, faz -lhe sentir os acerbos espinhos do remorso. Inerte, arrastado no turbilhão, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar -se-lhe de terror. Não tarda, então, que um grande vácuo se faça nele e em torno dele: chega o momento em que deve expiar; a reencarnação aí está ameaçadora... e ele vê como num espelho as provações terríveis que o aguardam; quereria recuar, mas avança e, precipitado no abismo da vida, rola em sobressalto, até que o véu da ignorância lhe recaia nos olhos. Vive, age, é ainda culpado, sentindo em si não sei que lembrança inquietadora, pressentimentos que o fazem tremer, sem recuar, porém, da senda do mal. Por fim extenuado de forças e de crimes, vai morrer. Estendido numa enxerga (ou num leito, que importa?!), o homem culpado sente, sob aparente imobilidade, resolver-se e viver dentro de si mesmo um mundo de esquecidas sensações. Fechadas as pupilas, ele vê um clarão que desponta, ouve estranhos sons; a alma, prestes a deixar o corpo, agita -se impaciente, enquanto as mãos crispadas tentam agarrar as cobertas... Quereria falar, gritar àqueles que o cercam: — Retenham-me! eu vejo o castigo! — Impossível! a morte sela-lhe os lábios esmaecidos, enquanto os assistentes dizem: Descansa em paz!

E contudo ele ouve, flutuando em torno do corpo que não deseja abandonar. Uma força misteriosa o atrai; vê e reconhece finalmente o que já vira. Espavorido, ei -lo que se lança no Espaço onde desejaria ocultar -se, e nada de abrigo, nada de repouso. Retribuem-lhe outros Espíritos o mal que fez; castigado, confuso e escarnejado, por sua vez vagueia e vagueará até

que a divina luz o penetre e esclareça, mostrando-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, e ao qual não poderá apaziguar senão à força de expiação e gemidos.

Jorge."

Nunca se traçou quadro mais horrível e verdadeiro à sorte do mau: será ainda necessária a fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

Novel

O Espírito dirige-se ao médium, que em vida o conhecera.

"Vou contar-lhe o meu sofrimento quando morri. Meu Espírito, preso ao corpo por elos materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se — o que já foi, por si, uma rude angústia. A vida que deixava aos 21 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda. Por isso procurava o corpo, estava admirado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas cometidas, em todas as minhas encarnações, feriram-me subitamente, enquanto uma luz implacável me iluminava os mais secretos recônditos da alma, que se senti a desnudada e logo possuída de vergonha acabrunhante. Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos objetos que me cercavam, novos, mas que, no entanto, já conhecia; os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma ventura a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; furiosas ou irônicas outras, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra a que me chumbava. Eu via agitarem-se os humanos cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou antes reencontradas, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade. Pode um mortal prejulgar as torturas materiais pelos arrepios da carne; mas as vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas por distrações ou mortas pelo esquecimento, não vos darão nunca a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Decorrido um tempo cuja duração não posso precisar, invejando os eleitos cujos esplendores entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com remoques, desprezando os humanos cujas torpezas eu via, passei de profundo abatimento a uma revolta insensata.

Chamaste-me finalmente, e pela primeira vez um sentimento suave e terno me acalmou; escutei os ensinamentos que te dão os teus Guias, a verdade me foi imposta, orei; Deus ouviu-me, revelou-se-me por Sua clemência, como já se me havia revelado por Sua Justiça.

Novel."

Augusto Michel

(Havre, março de 1863)

Era um moço rico, boêmio, gozando larga e exclusivamente a vida material. Conquanto inteligente, o indiferentismo pelas coisas sérias era -lhe o traço característico. Sem maldade, antes bom que mau, fazia-se estimar por seus companheiros de pândegas, sendo apontado na sociedade por suas qualidades de homem mundano. Não fez o bem, mas também não fez o mal. Faleceu em consequência de uma queda da carruagem em que passeava. Evocado alguns dias depois da morte por um médium que indiretamente o conhecia, deu sucessivamente as seguintes comunicações:

8 de março de 1860 — *"Por enquanto apenas consegui desprender-me e dificilmente vos posso falar. A queda que me ocasionou a morte do corpo perturbou profundamente o meu Espírito. Inquieta-me esta incerteza cruel do meu futuro. O doloroso sofrimento corporal experimentado nada é comparativamente a esta perturbação. Orai para que Deus me perdoe. Oh! Que dor! Oh! Graças, meu Deus! Que dor! Adeus."*

18 de março — *"Já vim a vós, mas apenas pude falar dificilmente. Presentemente, ainda mal me posso comunicar convosco. Sois o único médium, ao qual posso pedir preces para que a bondade de Deus me subtraia a esta perturbação. Por que sofrer ainda, quando o corpo não mais sofre? Por que existir, sempre esta dor horrenda, esta angústia terrível? Orai, oh ! orai para que Deus me conceda repouso... oh! que cruel incerteza! Ainda estou ligado ao corpo. Apenas com dificuldade posso ver onde devo encontrar-me; meu corpo lá está, e porque também lá permaneço sempre? Vinde orar **sobre ele** para que eu me desvencilhe dessa prisão cruel...Deus me perdoará, espero. Vejo os Espíritos que estão junto de vós e por eles posso falar-vos. Orai por mim."*

6 de abril — *"Sou eu quem vem pedir que oreis por mim. Será preciso irdes **ao lugar em que jaz meu corpo**, a fim de implorar do Onipotente que me acalme os sofrimentos? Sofro! Oh! Se soffro! Ide a esse lugar — assim é preciso e dirigi ao Senhor uma prece para que me perdoe. Vejo que poderei ficar mais tranquilo, mas volto incessantemente ao lugar em que depositaram o que me pertencia".*

O médium, não dando importância ao pedido que lhe faziam de orar sobre o túmulo, deixara de atender. Todavia, indo aí, mais tarde, lá mesmo recebeu uma comunicação.

11 de maio — *"Aqui vos esperava. Aguardava que viésseis ao lugar em que meu Espírito parece preso ao seu invólucro, a fim de implorarão Deus de misericórdia e bondade acalmar os meus sofrimentos. Podeis beneficiar-me com as vossas preces, não o esqueçais, eu vo-lo suplico. Vejo quanto a minha vida foi contrária ao que deveria ser; vejo as faltas cometidas. Fui no mundo um ser inútil; não fiz uso proveitoso das minhas faculdades; a fortuna serviu apenas à satisfação das minhas paixões, aos meus caprichos de luxo e à minha vaidade; não pensei senão nos gozos do corpo, desprezando os da alma e a própria alma. Descerá a misericórdia de Deus até mim, pobre Espírito que sofre as consequências das suas faltas terrenas? Orai para que Ele me perdoe, libertando-me das dores que ainda me pungem. Agradeço -vos o terdes vindo aqui orar por mim."*

8 de junho — *"Posso falar e agradeço a Deus que faculta a oportunidade. Compreendi as minhas faltas e espero que Deus me perdoe. Trilharai sempre na vida de conformidade com a*

crença que vos alenta, porque ela vos reserva de futuro um repouso que eu ainda não te nho. Obrigado pelas vossas preces. Até outra vista."

A insistência do Espírito, para que se orasse sobre o seu túmulo é uma particularidade notável, mas que tinha a sua razão de ser se levarmos em conta a tenacidade dos laços que ao corpo o prendiam, à dificuldade do desprendimento, em consequência da materialidade da sua existência. Compreende -se que, mais próxima, a prece pudesse exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa no sentido de auxiliar o desprendimento. O costume quase geral de orar junto aos cadáveres não provirá da intuição inconsciente de efeito, assim? Nesse caso, a eficácia da prece alcançaria um resultado simultaneamente moral e material.

Exprobrações de um Boémio

(Bordéus, 19 de abril de 1862)

30 de julho — *"Presentemente sou menos infeliz, visto não mais sentir a pesada cadeia que me jungia ao corpo. Estou livre, enfim, mas ainda não expiei e preciso é que repare o tempo perdido se eu não quiser prolongar os sofrimentos. Espero que Deus, tendo em conta a sinceridade do arrependimento, me conceda a graça do perdão. Pedi ainda por mim, eu vo -lo suplico.*

Homens, meus irmãos, eu vivi só para mim e agora expio e sofro! Conceda-vos Deus a graça de evitardes os espinhos que ora me laceram. Prossegui na senda larga do Senhor e orai por mim, pois abusei dos favores que Deus faculta às criaturas!

Quem sacrifica aos instintos brutos a inteligência e os bons sentimentos que Deus lhe dá, assemelha-se ao animal que muitas vezes se maltrata. O homem deve utilizar -se sobriamente dos bens de que é depositário, habituando -se a visar a eternidade que o espera, abrindo mão por consequência, dos gozos materiais. A sua alimentação deve ter por exclusivo fim a vitalidade; o luxo deve apenas restringir -se às necessidades da sua posição; os gostos, os pendores, mesmo os mais naturais, devem obedecer ao são raciocínio, sem o que ele se materializa em vez de se purificar. As paixões humanas são estreitos grilhões que se enroscam na carne; assim sendo, não lhes deis abrigo. Vós não sabeis o preço quando regressamos à pátria! As paixões humanas vos despem antes mesmo de vos deixarem, de modo que chegareis nus, completamente nus, ante o Senhor. Ah! cobri -vos de boas obras que vos ajudem a franquear o Espaço entre vós e a eternidade. Manto brilhante, elas esco ndem as vossas torpezas humanas. Envolvei -vos na caridade e no amor, vestes divinas que duram eternamente."

Instruções do Guia do médium — Este Espírito está num bom caminho, porquanto, além do arrependimento, deduz conselhos tendentes a evitar os perigos da senda por ele trilhada. Reconhecer os erros é já um mérito e um passo efetivo para o bem; também por isso, a sua situação, sem ser venturosa, deixa de ser a de um Espírito infeliz. Arrependendo -se, resta -lhe a reparação de uma outra existência Mas antes de lá chegar, sabeis qual a existência desses homens de vida sensual que não deram ao Espírito outra atividade além da invenção de novos prazeres? A influência da matéria segue -os além -túmulo, sem que a morte lhes ponha termo aos apetites que a sua vista, tão limitada como quando na Terra, procura em vão os meios de

os saciar. Por não terem nunca procurado alimento espiritual, a alma erra no vácuo, sem norte, sem esperança, presa dessa ansiedade de quem não tem diante de si mais que um deserto sem limites, A inexistência das lucubrações espirituais acarreta naturalmente a nulidade do trabalho espiritual depois da morte; e porque não lhe restem meios de saciar o corpo, nada restará para satisfazer o Espírito. Daí, um tédio mortal cujo fim não preveem e ao qual prefeririam o nada. Mas o nada não existe... Puderam matar o corpo, mas não podem aniquilar o Espírito. Importa pois que vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, se decidam a volver os olhos para Deus.

Lisbeth

(Bordéus, 13 de fevereiro de 1862)

Um Espírito sofredor inscreve-se com o nome de Lisbeth.

1. Quereis dar-nos algumas informações a respeito da vossa posição, assim como da causa dos vossos sofrimentos?

R. Sede humilde de coração, submisso a vontade de Deus, paciente na provação, caridoso para com o pobre, consolador do fraco, sensível a todos os sofrimentos e não sofrereis as torturas porque passo.

2. Pareceis sentir as faltas decorrentes de contrário procedimento... O arrependimento deverá dar-vos alívio?

R. Não. — O arrependimento é inútil quando apenas produzido pelo sofrimento. O arrependimento profícuo tem por base a mágoa de haver ofendido a Deus e importa no desejo ardente de uma reparação. Ainda não posso tanto, infelizmente. Recomendai -me às preces de quantos se interessam pelos sofrimentos alheios, porque delas tenho necessidade.

Este ensinamento é uma grande verdade; às vezes o sofrimento provoca um brado de arrependimento menos sincero, que não é a expressão de pesar pela prática do mal, visto como, se o Espírito o deixasse de sofrer, não duvidaria reencetá-la. Eis porque o arrependimento nem sempre acarreta a imediata libertação de Espírito. Predispõe-no, porém, para ela — eis tudo. É-lhe preciso, além disso provar a sinceridade e firmeza da resolução, por meio de novas provações reparadoras do mal praticado. Meditando cuidadosamente sobre todos os exemplos citados, encontraremos nas palavras dos Espíritos — mesmo dos mais inferiores — profundos ensinamentos, pondo-nos a par dos mais íntimos pormenores da vida espiritual. O homem superficial pode não ver nesses exemplos mais que pitorescas narrativas; mas o homem sério e refletido encontrará neles abundante manancial de estudos.

3. Farei o que desejais. Podereis dar-me alguns pormenores da vossa última existência corporal? Daí talvez nos advenha ensinamento útil e assim tornareis proveitoso o arrependimento. (O Espírito vacila na resposta, não só desta pergunta, como de algumas das que se seguem.)

R. Tive um nascimento de elevada condição. Possuía tudo o que os homens julgam a fonte da felicidade. Rica, tornei-me egoísta; bela, fui vaidosa, insensível, hipócrita; nobre, era ambiciosa. Calquei ao meu poderio aqueles que não se me arrojavam aos pés e oprimia ainda mais os que sob eles se colocavam, esquecida de que tam bém a cólera do Senhor esmaga, cedo ou tarde, as mais altivas fronte.

4. Em que época vivestes?

R. Há cento e cinquenta anos, na Prússia.

5. Desde então não fizeste progresso algum como Espírito?

R. Não; a matéria revoltava-se sempre e tu não podes avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, a despeito da separação do corpo. O orgulho agrilhoa-nos a brônzeas cadeias, cujos anéis mais e mais comprimem o mísero que lhe hipoteca o coração. O orgulho, hidra de cem cabeças que se renovam incessantemente, modulando silvos empeçonhados que chegam a parecer celeste harmonia! O orgulho — esse demônio multiforme que se amolda a todas as aberrações do Espírito que se oculta em todos os refolhos do coração; que penetra as veias; que absorve e arrasta às trevas da eterna geena!... Oh! sim... eterna!

Provavelmente, o Espírito diz não ter feito progresso algum, por ser a sua situação sempre penosa; a maneira pela qual descreve o orgulho e lhe deplora as consequências é, incontestavelmente, um progresso. Decerto que, quando encarnado e mesmo logo após a morte, ele não poderia raciocinar assim. Compreende o mal, o que já é alguma coisa, e a coragem e o propósito de o evitar lhe advirão mais tarde.

6. Deus é muito bom para não condenar seus filhos a penas eternas. Confiais na Sua misericórdia.

R. Dizem que isto pode ter um termo, mas onde e quando? Há muito que o procuro e só vejo sofrimento, sempre, sempre, sempre!

7. Como viestes hoje aqui?

R. Conduzida por um Espírito que me acompanha muitas vezes.

P. Desde quando o vedes, a esse Espírito?

R. Não há muito tempo.

P. É desde quando tendes consciência das faltas que cometestes?

R. (Depois de longa reflexão) Sim, tendes razão; foi daí para cá que principiei a vê-lo.

8. Compreendeis agora a relação existente entre o arrependimento e o auxílio prestado por vosso protetor? Tomai por origem desse apoio o amor de Deus, cujo fim será o seu perdão e misericórdia infinitos.

R. Oh! como desejaria que assim fosse. Creio poder prometer no nome, aliás sacratíssimo, d'Aquele que jamais foi surdo à voz dos filhos aflitos.

9. Pedi de coração e sereis ouvida.

R. Não posso; tenho medo.

P. Oremos juntos, Ele nos atenderá. (Depois da prece). Ainda estais aí?

R. Sim, Obrigada! Não me esqueçais.

10. Vinde inscrever-vos aqui todos os dias?

R. Sim, sim, virei sempre.

O Guia do médium — *Nunca vos esqueçais dos ensinamentos que bebei nos sofrimentos dos vossos protegidos e notadamente nas suas causas, visto serem lição que a todos aproveita no sentido de se preservarem dos mesmos perigos e de idênticos castigos. Purificai os corações, sede humildes, amai-vos e ajudai-vos sem esquecerdes jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável na qual podem todos saciar-se à vontade, fonte de água viva que desaltera e alimenta igualmente, fonte de vida e ventura eterna. Ide a ela, meus amigos, e bebei com fé. Mergulhai nela as vossas vasilhas, que sairão de suas ondas, pejudadas de bênçãos. Adverti vossos irmãos dos perigos em que podem incorrer. Difundi as bênçãos do Senhor, que se reproduzem incessantemente: e quanto mais as propagardes, tanto mais se multiplicarão. Está em vossas mãos a tarefa, porquanto, dizendo aos vossos irmãos — aí estão os perigos, lá os escolhidos; vinde conosco a fim de os evitar: **imitai-nos a nós que damos o exemplo** — assim difundireis as bênçãos do Senhor sobre aqueles que vos ouvirem.*

Abençoados sejam os vossos esforços. O Senhor ama os corações puros: fazei por merecer -lhe amor.

Santo Paulino.

Príncipe Ouran

(Bordéus, 1862)

Um Espírito sofredor apresentou-se dando o nome de Ouran, príncipe russo de outros tempos.

P. Quereis dar-nos alguns pormenores sobre a vossa situação?

R. *Oh! Felizes os humildes de coração, porque deles é o reino do céu! Orai por mim. Felizes os humildes de coração que escolhem uma posição modesta a fim de cumprirem a provação. Vós todos, a quem devora a inveja, não sabeis o estado a que ficou reduzido um desses que na Terra são considerados felizes; não avaliais o fogo que o abrasa nem os sacrifícios impostos pela riqueza quando por ela se quer obter a salvação! Permita-me o Senhor a mim, déspota orgulhoso, expiar os crimes derivados do meu orgulho entre aqueles mesmos a quem oprimi com a tirania! Orgulho! Repita-se constantemente a palavra para que se não esqueça nunca que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos acabrunham. Sim, eu abusei do poderio e favores de que dispunha; fui duro e cruel para com os inferiores, os quais tiveram de curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Quis a nobreza, a fortuna, as honras e sucumbi ao encargo superior às próprias forças.*

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a alegar um compromisso superior às próprias forças — o que é ainda um resto de orgulho e um meio de se desculparem para consigo próprios, não se conformando com a própria fraqueza. Deus não dá a ninguém mais do que possa suportar, não exige da árvore nascente os frutos dados pelo tronco desenvolvido. Demais, os Espíritos têm liberdade; o que lhes falta é a vontade, e esta depende deles exclusivamente. Com força de vontade não há tendências viciosas insuperáveis; mas, quando um vício nos apraz, é natural que não façamos esforços por domá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as respectivas consequências.

P. Tendes consciência das vossas faltas e isto é já um passo para a regeneração.

R. Esta consciência é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos o sofrimento é um efeito quase material, visto como, atendo-se à humanidade de sua última encarnação, não experimentam nem apreendem as sensações morais. Liberto da matéria, o sentimento moral aumentou-se, para mim, de tudo quanto as cruéis sensações físicas tinham de horrível.

P. Lobrigais um termo aos vossos padecimentos?

R. Sei que não serão eternos, mas não lhes entrevejo o fim, sendo -me antes preciso recomeçar a provação.

P. E esperais fazê-lo em breve?

R. Não sei nada.

P. Lembrai-vos dos vossos antecedentes? Faço-vos este pedido no intuito de me instruir.

R. Vossos Guias aí estão e sabem do que precisais. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Poderoso então, sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Depois de uma erraticidade de séculos, quis experimentar uma existência obscura. Pobre estudante, mendiguei o pão, mas o orgulho possuía-me sempre: o Espírito ganhara em ciência, mas não em virtude. Sábio ambicioso, vendi a consciência a quem mais dava, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de glórias e riquezas estrangulava a voz da consciência. A expiação ainda foi longa e cruel. Eu quis enfim, na minha última encarnação, reencetar uma vida de luxo e poderio, no intuito de dominar os tropeços, sem atender a conselhos. Era ainda o orgulho levando-me a confiar mais em mim mesmo do que no conselho dos protetores amigos que sempre velam por nós. Sabeis o resultado desta última tentativa.

Hoje, enfim, compreendo e aguardo a misericórdia do Senhor. Deponho a seus pés, o meu arrasado orgulho e peço-Lhe que me sobrecarregue com o mais pesado tributo de humildade, pois com o auxílio da Sua graça o peso me parecerá leve. Orai comigo e por mim: orai também para que esse fogo diabólico não devore os instintos que vos encaminham para Deus. Irmãos de sofrimentos, o orgulho é o inimigo da felicidade. É dele que promanam todos os males que acometem a Humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.

O Guia do médium — *Concebestes dúvidas sobre a identidade deste Espírito, por vos parecer a sua linguagem em desacordo com o estado de sofrimento acusando inferioridade. Desvanecei essas dúvidas, porque recebestes uma comunicação séria. Por mais sofrimento, este Espírito tem assaz culta inteligência para exprimir-se de tal maneira. O que lhe faltava era apenas a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Essa humildade conquistou-a agora, e nós esperamos que, com perseverança, ele sairá triunfante de uma nova provação.*

Nosso Pai celestial é justíssimo na sua Sabedoria e leva em conta os esforços da criatura para dominar os maus instintos. Cada vitória sobre vós mesmos é um degrau franqueado nessa escada que tem uma extremidade na Terra e outra aos pés do Juiz supremo. Alçai-vos por esses degraus resolutamente, porque a subida é tanto mais suave quanto firme a vontade. Olhai sempre para cima a fim de vos encorajardes, porque aí daquele que para e se volta. Depressa o atinge a vertigem, espanta-se do vácuo que o cerca, desanima e diz: para que mais caminhar, se tão pouco o tenho feito e tanto me falta? Não, meus amigos, não vos volteis.

O orgulho está incorporado no homem; pois bem, aproveitai -o na força e na coragem de terminar a vossa ascensão. Empregai-o ainda em dominar as fraquezas e galgai o cume da montanha eterna.

Pascal Lavic

(Havre, 9 de agosto de 1863)

Este Espírito, sem que o médium o conhecesse em vida, mesmo de nome, comunicou -se espontaneamente.

"Creio na bondade de Deus, que, na sua misericórdia, se compadecerá do meu Espírito. Tenho sofrido muito, muito; pereci no mar. Meu Espírito, ligado ao corpo, vagou por muito tempo sobre as ondas. Deus...

(A comunicação foi interrompida, e no dia seguinte o Espírito prosseguiu.) ...

"...dignou-se permitir que as preces dos que deixei na Terra me tirassem do estado de perturbação e incerteza em que estava mergulhado o meu Espírito. Esperaram -me por muito tempo e conseguiram achar meu corpo. Este repousa atualmente, ao passo que o Espírito, libertado com dificuldade, vê as faltas cometidas. Consumada a provação, Deus julga com justiça, a sua bondade estende -se aos arrependidos.

"Por muito tempo, juntos erraram o corpo e o Espírito, sendo essa a minha expiação. Segui o caminho reto, se quiserdes que Deus facilite o desprendimento de vosso Espírito. Vivei no seu amor, orai, e a morte, para tantos temerosa, vos será suavizada pelo conhecimento da vida que vos espera. Sucumbi no mar, e por muito tempo me esperaram. Não pod er desligar-me do corpo era para mim uma terrível provação, eis por que necessito das preces de quem, como vós, possui a crença salvadora e pode pedir por mim ao Deus de justiça. Arrependo -me e espero ser perdoado. A 6 de agosto foi meu corpo encontrado. E u era um pobre marinheiro e há muito tempo que morri. Orai por mim.

Pascal Lavic."

- P. Onde foi achado o vosso corpo?

- R. Não muito longe de vós.

Nota - O **Journal du Havre**, de 11 de agosto de 1863, continha o seguinte tópico, do qual o médium não po dia ter ciência:

"Noticiamos que a 6 do corrente se encontrara um resto de cadáver encalhado entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto tinham desaparecido, mas, apesar disso, pôde verificar-se a sua identidade pelos sapatos ainda presos aos pés. Foi reconhecido o corpo do pescador Lavic, que fora arrebatado a 11 de dezembro de bordo do navio L'Alerte, por uma rajada de mar. Lavic tinha 49 anos de idade e era natural da cidade de Calais. Foi a viúva quem lhe reconheceu a identidade."

Nota - A 12 de agosto, como se tratasse desse acontecimento no Centro em que o Espírito se manifestara pela primeira vez, deu este de novo, e espontaneamente, a seguinte comunicação:

"Sou efetivamente Pascal Lavic, que tem necessidade das vossas preces. Podeis beneficiar-me, pois terrível foi a provação por mim experimentada. A separação do meu Espírito do corpo só se deu depois que reconheci as minhas faltas; e depois disso, ainda não totalmente destacado, acompanhava-o no oceano que o tragara. Orai, pois, para que Deus me perdoe e me conceda repouso. Orai, eu vo-lo suplico. Oxalá este desastrado fim de uma infeliz vida terrena vos sirva de grande ensinamento! Deveis ter sempre em vista a vida futura, não deixando jamais de implorar a Deus a sua divina misericórdia. Orai por mim; tenho necessidade que Deus de mim se compadeça.

Pascal Lavic."

Ferdinando Bertin

Um médium do Havre evocou o Espírito de pessoa dele conhecida, que respondeu: - *"Quero comunicar-me, porém não posso vencer o obstáculo existente entre nós. Sou forçado a deixar que se aproximem estes infelizes sofredores."* Seguiu-se então a seguinte comunicação espontânea:

"Estou num medonho abismo! Auxilia-me... Oh! meu Deus! quem me tirará deste abismo? Quem socorrerá com mão piedosa o infeliz tragado pelas ondas? Por toda parte o marulho das vagas, e nem uma palavra amiga que me console e ajude neste momento supremo. Entretanto, esta noite profunda é bem a morte com seus horrores, quando eu não quero morrer!... Oh! meu Deus! não é a morte futura, é a passada! Estou para sempre separado dos que me são caros... Vejo o meu corpo, e o que há pouco sentia era apenas a lembrança da angustiada separação... Tende piedade de mim, vós que conheceis o meu sofrimento; orai por mim, pois não quero mais sentir as lacerações da agonia, como tem acontecido desde a noite fatal!... É essa, no entanto, a punição, bem a pressinto... Conjuro-vos a orar!... Oh! o mar... o frio... vou ser tragado pelas ondas!... Socorro!... Tende piedade; não me repilais! Nós nos salvaremos o s dois sobre esta tábua!... Oh! afogo-me! As vagas vão tragar-me sem que aos meus reste o consolo de me tornarem a ver... Mas não! que vejo? meu corpo balouçado pelas ondas... As preces de minha mãe serão ouvidas... Pobre mãe! se ela pudesse supor seu filh o tão miserável como realmente o é, decerto pediria mais; acredita, porém, que a morte santificou o passado e chora - me como mártir e não como infeliz castigado!... Oh! vós que o sabeis, sereis implacáveis? Não, certo intercedereis por mim.

François Bertin."

Desconhecido inteiramente esse nome, não sugeria sequer à memória do médium uma vaga lembrança, pelo que supôs fosse de algum desgraçado náufrago que se lhe viesse manifestar espontaneamente, como sucedia várias vezes. Mais tarde soube ser, efetivamente, o nome de uma das vítimas da grande catástrofe marítima ocorrida nessas paragens a 2 de dezembro de 1863. A continuação foi dada a 8 do mesmo mês, 6 dias, portanto, depois do sinistro. O indivíduo perecera fazendo tentativas inauditas para salvar a equipagem e no momento em que se julgava ao abrigo da morte.

Não tendo qualquer parentesco com o médium, nem mesmo conhecimento, por que se teria manifestado a este em vez de o fazer a qualquer membro da família? É que os Espíritos não encontram em todas as pessoas condições fluídicas imprescindíveis à manifestação. Este, na perturbação em que estava, nem mesmo tinha a liberdade da escolha, sendo conduzido instintiva e atrativamente para o médium, dotado, ao que parece, de aptidão essencial para as comunicações deste género. Também é de supor que pressentisse uma simpatia particular, como outros a encontraram em idênticas circunstâncias. A família, estranha ao Espiritismo, talvez infensa mesmo a esta crença, não teria acolhido a manifestação como esse médium.

Posto que a morte remontasse a alguns dias, o Espírito lhe experimentava ainda todas as angústias. Evidente, portanto, que não tinha consciência da situação; acreditava que estava vivo, lutando com as ondas, mas ao mesmo tempo se referindo ao corpo como se dele estivesse separado; grita por socorro, diz que não quer morrer e fala logo após da causa da sua morte, reconhecendo nela um castigo. Toda essa incoerência denota a confusão das ideias, fato comum em quase todas as mortes violentas.

Dois meses mais tarde, a 2 de fevereiro de 1864, o Espírito de novo se comunicou espontaneamente pelo mesmo médium, dizendo -lhe o seguinte:

"A piedade que tivestes dos meus tão horríveis sofrimentos aliviou -me. Compreendo a esperança, entrevejo o perdão, mas depois do castigo da falta cometida. Sofro continuamente, e, se por momentos permite Deus que eu entreveja o fim da minha desventura, devo -o às preces de caridosas almas apiedadas da minha situação. Oh! Esperança, raio celeste, quão bendita és quando te sinto despontar-me na alma!... Mas, oh! O abismo escancara-se, o terror e o sofrimento absorvem o pensamento de misericórdia... A noite, sempre a noite!... a água, o bramir das ondas que me tragaram, são apenas pálida imagem do horror, em que se envolve o meu Espírito... Fico mais calmo quando posso permanecer junto de vós, pois assim como a confiança de um segredo ao peito amigo nos alivia, assim a vossa piedade, motivada pela confiança da minha penúria, acalma o sofrimento e dá repouso ao meu Espírito... Fazem-me bem as vossas preces, não mais recuseis. Não quero reapossar -me desse horroroso sonho que se transforma em realidade quando o vejo... Tomai o lápis mais vezes. Muito me aliviará o comunicar convosco."

Dias depois, numa reunião espírita em Paris, dirigiram -se a este Espírito as seguintes perguntas, por ele englobadas numa única comunicação e mediante outro médium, na forma abaixo. Eis as perguntas: Quem vos levou a comunicar espontaneamente pelo outro médium? De que tempo datava a vossa morte quando vos manifestastes? Quando o fizestes parecíeis duvidar ainda do vosso estado, ao mesmo tempo que externáveis angústias de uma morte horrível; tendes agora melhor compreensão dessa situação? Dissestes positivamente que a vossa morte era uma expiação: podereis dizer-nos o motivo dessa afirmativa? Isso constituirá ensinamento para nós e ser-vos-á um alívio. Por uma confissão sincera fareis jus à misericórdia de Deus, a qual solicitaremos em nossas preces.

Resposta. *"Em primeiro lugar parece impossível que uma criatura humana possa sofrer tão cruelmente. Deus! Como é penoso ver-se a gente constantemente envolta nas vagas da fúria, provando incessantemente este suplício, este frio glacial que sobe ao estômago e o constringe! Mas de que serve entreter-vos com tais cenas? Não devo eu começar por obedecer às leis da gratidão, agradecendo-vos a vós todos que vos interessastes pelos meus tormentos? Perguntastes se me manifestei muito tempo depois da morte? Não posso responder facilmente. Refletindo, avaliareis em que situação horrível estou ainda. Penso que para junto do médium fui trazido por força estranha à minha vontade e coisa inexplicável — servia-me do seu braço com a mesma facilidade com que sirvo neste momento do vosso, persuadido de que ele me pertencesse. Agora experimento mesmo um grande prazer, como que um alívio particular, que... mas ah! Ei-lo que vai cessar. Mas, meu Deus! Terei forças para fazer a confissão que me cumpre?"*

Depois de ser muito animado, o Espírito ajuntou:

"Eu era muito culpado e o que mais me tortura é ser tido por mártir, quando em verdade não o fui... Na precedente existência eu mandara ensacar várias vítimas e atirá-las ao mar... Oraí por mim!..."

Comentário de S. Luís — *Esta confissão trará grande alívio ao Espírito, que efetivamente foi bem culpado! Honrosa, porém, foi a existência que vem de deixar: era muito estimado dos chefes. Essa circunstância era o fruto do arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de voltar à Terra, onde, tanto quanto fora cruel, desejava ser humano. O devotamento que demonstrou era uma reparação, sendo-lhe porém preciso resgatar as passadas faltas por uma expiação final — a da morte que teve. Ele mesmo quis purificar-se pelo sofrimento das torturas que a outros infligira e reparar que uma ideia o persegue; o pesar de ser tido como mártir. Será tomada em consideração essa humildade. Enfim, ele deixou o caminho da expiação para entrar no da reabilitação, no qual por vossas preces podereis sustentá-lo, fazendo que o trilhe a passo mais firme e resoluto.*

Francisco Riquier

Era um velho celibatário, avarento e muito popular, falecido em C... em 1857, legando aos parentes colaterais considerável fortuna. Em tempo fora locador de uma inquilina, que mais tarde o esquecera completamente, ignorando até se ainda, ou não, vivia. Em 1862, seguidas de espontâneo sono magnético e também boa médium escrevente, viu, num desses sonhos, o Sr. Riquier, o qual, assegurava, pretendia dirigir-se à mãe dela. Passados alguns dias, uma vez que se manifestara espontaneamente confirmando aquele intuito, entretiveram com ele a seguinte conversação:

P . Que pretendeis de nós?

R. *O dinheiro do qual se apossaram, os miseráveis, a fim de o repartirem! Venderam fazendas, casas, tudo para se locupletarem! Desbarataram meus bens como se não mais me pertencessem. Fazei com que haja justiça, já que a mim não me ouvem, e não quero presenciar essas infâmias. Dizem que eu era usurário, e guardaram-me o dinheiro. Por que não me querem restituir? Acharão que foi mal ganho?*

P. Mas vós estais morto, meu caro senhor, e não tendes mais necessidade alguma de dinheiro. Implorai a Deus para vos conceder uma nova existência de pobreza a fim de expiardes a usura desta última.

R. *Não, eu não poderei viver na pobreza. Preciso do meu dinheiro, sem o qual não posso viver. Demais, não preciso de outra existência, porque vivo estou atualmente.*

P. (Foi-lhe feita a seguinte pergunta no intuito de chamá-lo à realidade) Sofreis?

R. *Oh! sim. Sofro piores torturas que as da mais cruel enfermidade, pois é minha alma que me sofre. Tendo sempre em mente a iniquidade de uma vida que foi para muitos motivo de escândalos, tenho a consciência de ser um miserável indigno de piedade, mas o meu sofrimento é tão grande que mister se faz que me auxiliem a sair desta situação deplorável.*

P. Oraremos por vós.

R. *Obrigado! Oraí para que eu esqueça os meus bens terrenos, sem o que não poderei arrepender-me. Adeus e obrigado.*

Francisco Riquier, Rue de la Charité n° 14.

É curioso ver-se este Espírito indicar a moradia como se estivesse vivo. A senhora deu-se pressa em verificá-la e ficou muito surpreendida por ver que era justamente a última casa que Riquier habitara. Eis, como, após cinco anos, ainda ele não se considerava morto, antes experimentava a ansiedade, bem cruel para um usurário, de ver os bens partilhados pelos herdeiros. A evocação, provocada indubitavelmente por qualquer Espírito bom, teve por fim fazer-lhe compreender o seu estado e predispor-lo ao arrependimento.

Clara

(Sociedade de Paris, 1861)

O Espírito que forneceu as comunicações seguintes pertenceu a uma senhora que o médium conhecera quando na Terra. A sua conduta, como o seu caráter, justificam plenamente os tormentos que lhe sobrevieram. Além do mais, ela era dominada por um sentimento exagerado de orgulho e egoísmo pessoais, sentimento que se patenteia na terceira das mensagens, quando pretende que o médium apenas se ocupe com ela. As comunicações foram obtidas em diferentes épocas, sendo que as três últimas já denotam sensível progresso nas disposições do Espírito, graças ao cuidado do médium, que lhe empreendera a educação moral.

1. *Eis-me aqui, eu, a desgraçada Clara. Que queres tu que te diga? A resignação e a esperança não passam de palavras, para os que sabem que, inumeráveis como as pedras da saraivada, os sofrimentos lhe perdurarão na sucessão interminável dos séculos. Posso suavizá-los, dizes tu... Que vagas palavras! Onde encontrar coragem e esperança para tanto? Procura, pois, inteligência obtusa, compreender o que seja um dia eterno. Um dia, um ano, um século... que sei eu? Se as horas o não dividem, as estações variam; eterno e lento como a água que o rochedo roreja, esse dia execrando, maldito, pesa sobre mim, apenas sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!*

Contudo, sei que acima desta miséria reina o Deus Pai, para o qual tudo se encaminha. Quero pensar n'Ele, quero implorar-Lhe misericórdia.

Debato-me e vivo de rojo como o estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que poder me atraí para ti; talvez sejas a salvação. Quando te deixo é mais calma e reanimada, como anciã enregelada que se aquecesse a um raio de sol. Gélida, minha alma se reanima à tua aproximação.

2. A minha desgraça aumenta dia-a-dia, proporcionalmente ao conhecimento da eternidade. Oh! Miséria! Malditas sejam as horas de egoísmo e inércia, nas quais, esquecida de toda a caridade, de todo o afeto, eu só pensava no meu bem-estar! Malditos interesses humanos, preocupações materiais que me cegaram e perderam! Agora o remorso do tempo perdido. Que te direi a ti, que me ouves? Olha, vela constantemente, ama os outros mais que a ti mesmo, não retardes a marcha nem engordes o corpo em detrimento da alma. Vela, conforme pregava o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos, porque se o meu Espírito os concebe, o coração nunca os ouviu. Como o cão escorraçado rastejando de medo, assim me humilho sem conhecer ainda o voluntário amor. Muito tarda a sua divina aurora a despontar! Ora por minha alma dessecada e tão miserável!

3. Porque me esqueces, até aqui venho procurar-te. Acreditas que preces isoladas e a simples pronúncia do meu nome bastarão ao apaziguamento das minhas penas? Não, cem vezes não. Eu urro de dor, errante, sem repouso, sem asilo, que se me enterra na alma revoltada. Quando ouço os vossos lamentos, rio-me, assim como quando vos vejo abatido. As vossas efémeras misérias, as lágrimas, tormentos que o sono susta, que são? Durmo eu aqui? Quero, (ouviste?) quero que, deixando as tuas lucubrações filosóficas, te ocupes de mim, além de fazeres com que outros mais também se ocupem. Não tenho expressões para definir esse tempo que se escoia, sem que as horas lhe assinalem períodos. Vejo apenas um ténue raio de esperança, foste tu que me deste: não me abandones pois.

4. O Espírito de S. Luís — Este quadro é de todo verdadeiro e em nada exagerado. Perguntar-se-á talvez o que fez essa mulher para ser assim tão miserável? Cometeu ela algum crime horrível? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que afrontasse a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com o que chamais felicidade terrena; beleza, gozos, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, a ponto de dizerem aqueles que a viam: — Que mulher feliz! E invejavam-lhe a sorte. Mas quereis saber? Foi egoísta; possuía tudo, exceto um bom coração. Não violou a lei dos homens, mas a de Deus, visto como esqueceu a primeira das virtudes — a caridade. Não tendo amado senão a si mesma, agora não encontra ninguém que a ame e vê -la insulada, abandonada, ao desamparo no Espaço, onde ninguém pensa nela nem dela se ocupa. Eis o que constitui o seu tormento. Tendo apenas procurado os gozos mundanos que hoje não mais existem, o vácuo se lhe fez em volta e como vê apenas o nada, este lhe parece eterno. Ela não sofre torturas físicas; não vêm atormentá-la os demônios, o que é aliás desnecessário, uma vez que se atormenta a si mesma, e isso lhe é mais doloroso, porquanto, se tal acontecesse, os demônios seriam seres que se ocupariam dela. O egoísmo foi a sua alegria na Terra; pois bem, é ainda ele que a persegue — verme a corroer-lhe o coração, seu verdadeiro demônio.

5. *Falar-vos-ei da importante diferença existente entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera no seu abandono e diz aos pecadores: arrependei -vos e franqueado será o reino dos céus. Finalmente, a moral divina aceita todo arrependimento, todas as faltas confessadas, ao passo que a moral humana rejeita aquele e sorri aos pecados ocultos que, diz, são em parte perdoados. Cabe a uma a graça do perdão, e a outra a hipocrisia. Escolhei, espíritos ávidos da verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento e a tolerância que admite o mal, repelindo os soluços do arrependimento francamente patenteado, só para não ferir o seu egoísmo e preconceitos. Arrependei -vos todos vós que peçais; renunciem ao mal e principalmente à hipocrisia — véu que é de torpezas, máscara risonha de recíprocas conveniências.*

6. *Estou mais calma e resignada à expiação das minhas faltas. O mal não está fora de mim, reside em mim, devendo ser eu que me transforme e não as coisas exteriores. Em nós e conosco trazemos o céu e o inferno; as nossas faltas, gravadas na consciência, são lidas correntemente no dia da ressurreição. E uma vez que o estado da alma nos abate ou eleva, somos nós os juízes de nós mesmos. Explico-me; um Espírito impuro e sobrecarregado de culpas não pode conceber nem anular uma elevação que lhe seria insuportável. Assim como as diferentes espécies de seres vivem, cada um, na esfera que lhes é própria, assim os Espíritos, segundo o grau de adiantamento, movem-se no meio adequado às suas faculdades e não concebem outro senão quando o progresso (instrumento da lenta transformação das almas) lhes subtrai as baixas tendências, despojando -os da crisálida do pecado, a fim de que possam adejar antes de se lançarem, rápidos como flechas, para o fim único e almejado — Deus! Ah! rastejo ainda, mas não odeio mais e concebo a indizível felicidade do amor divino. Oraí, pois, sempre por mim, que espero e aguardo.*

Na comunicação a seguir, Clara fala do marido, que muito a martirizara, e da posição em que ela se encontra no mundo espiritual. Esse quadro, que ela por si não pode completar, foi concluído pelo Guia espiritual do médium.

7. *Venho procurar-te, a ti, que por tanto tempo me deixas no esquecimento. Tenho, porém, adquirido paciência e não mais me desespero. Queres saber qual a situação do pobre Féiix? Erra nas trevas entregue à profunda nudez de sua alma. Superficial e leviano, aviltado pelo sensualismo, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo. Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho onde tudo fulgura ao brilho desse Deus por ele negado.*

8. **O Guia do médium** — *Vou falar por Clara, uma vez que ela não pode continuar a análise dos sofrimentos do marido, sem compartilhá -los:*

*"Félix — superficial nas ideias como nos sentimentos; violento por fraqueza; devasso por frivolidade — entrou no mundo espiritual tão nu relativamente à moral como quanto ao físico. **Passou pela existência terrena sem nada aproveitar e, conseqüentemente, tem de recomeçar toda a obra.** Qual homem ao despertar de prolongado sonho, reconhecendo a profunda agitação dos seus nervos, esse pobre ser, saindo da perturbação, reconhecerá que*

viveu de quimeras, que lhe desvirtuaram a existência. Então, maldirá do materialismo que lhe dera o vácuo pela realidade; apostrofará o positivismo que lhe fizera ter por desvarios as ideias sobre a vida futura, como por loucura a sua aspiração, como por fraqueza a crença em Deus. O desgraçado, ao despertar, verá que esses nomes por ele escarnecidos são a fórmula da verdade, e que, ao contrário da fábula, a caça da presa foi menos proveitosa que a da sombra.

Georges.”

Estudo Sobre as comunicações de Clara

Estas comunicações são instrutivas por nos mostrarem principalmente uma das feições mais comuns da vida — a do egoísmo. Delas não resultam esses grandes crimes que atordoam mesmo os mais perversos, mas a condição de uma turba enorme que vive neste mundo, honrada e venerada, somente por ter um certo verniz e isentar -se do opróbrio da repressão das leis sociais. Essa gente não vai encontrar castigos excepcionais no mundo espiritual, mas uma situação simples, natural e consentânea com o estado de sua alma e maneira de viver. O insulamento, o abandono, o desamparo, eis a punição daquele que só viveu para si. Clara era, como vimos, um Espírito assaz inteligente, mas de árido coração. A posição social, a fortuna, os dotes físicos que na Terra possuía, lhe atraíram homenagens gratas à sua vaidade, o que lhe bastava; hoje onde se encontra, só vê indiferença e vacuidade em torno de si. Essa punição é não somente mais mortificante do que a dor que in spira piedade e compaixão: mas é também um meio de obrigá-la a despertar o interesse de outrem a seu respeito, pela sua morte.

A sexta mensagem encerra uma ideia perfeitamente verdadeira relativa à obstinação de certos Espíritos na prática do mal. Admiramo-nos de ver como alguns deles são insensíveis à ideia e mesmo ao espetáculo da felicidade dos bons Espíritos. É exatamente a situação dos homens degradados que se deleitam na depravação como nas práticas grosseiramente sensuais. Esses homens estão, por assim dizer, no seu elemento; não concebem os prazeres delicados, preferindo farrapos andrajosos a vestes limpas e brilhantes, por se acharem naqueles mais à vontade. Daí a preferência de boas companhias por orgias báquicas e depravações. E de tal modo esses Espíritos se identificam com esse modo de vida, que ela chega a constituir -lhes uma segunda natureza, acreditando -se incapazes mesmo de se elevarem acima da sua esfera. E assim se conservam até que radical transformação do ser lhes reavive a inteligência, lhes devolva o senso moral e os torne acessíveis às mais sutis sensações.

Esses espíritos, quando desencarnados, não podem prontamente adquirir a delicadeza dos sentimentos, e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual, tal como acontece na terra; assim permanecerão enquanto rebeldes ao progresso, mas, com o tempo, a experiência, as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo de melhor do que até então possuíam. Elevam-se-lhes por fim as aspirações, começam a compreender o que lhes falta e principiam os esforços da regeneração. Uma vez nesse caminho, a marcha é rápida, visto como compreenderam um bem superior, comparado ao qual os outros, que não passam de grosseiras sensações, acabam por inspirar -lhes repugnância.

P. (a S. Luís) Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão as referidas tantas vezes na Escritura?

R. *Sim, efetivamente, as designadas por Jesus e pelos profetas em referência ao castigo dos maus. Mas isso não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual. Determinados Espíritos estão imersos em trevas, mas deve-se depreender daí uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota. Não é uma loucura da alma, porém uma inconsciência daquele e do que o rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material. É principalmente, a punição dos que duvidaram do seu destino. Pois que acreditaram em o nada, as aparências desse nada os supliciam, até que a alma, caindo em si, quebra as malhas de enervamento que a prestava e envolvia, tal qual o homem oprimido por penoso sonhar luta em dado momento, com todo o vigor das suas faculdades, contra os terrores que do começo o dominaram. Esta momentânea redução da alma a um nada fictício e consciente de sua existência é sentimento mais cruel do que se pode imaginar, em razão da aparência de repouso que a acomete: é esse repouso forçado, essa nulidade de ser, essa incerteza que lhes fazem o suplício. O aborrecimento que a invade é o mais terrível dos castigos, uma vez que coisa alguma percebe em torno — nem coisas, nem seres. Isso tudo é para ela verdadeira treva.*

S. Luís.

(Clara) — *Eis-me aqui. Também eu posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri, por muito tempo nesses limbos onde tudo é solução e misérias. Sim, existem as trevas visíveis de que fala a Escritura, e os desgraçados que deixam a vida, ignorantes ou culpados, depois das provações terrenas são impelidos a fria região, inconscientes de si mesmos e do seu destino. Acreditando na perenidade dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão, trevas são pois, esses lugares povoados e ao mesmo tempo desertos, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos, sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. A quem se dirigirem... se sentem a eternidade, esmagadora, sobre eles?... Tremem e lamentam os interesses mesquinhos que lhes mediam as horas; deploram a ausência das noites que, muitas vezes, lhes traziam, num sonho feliz, o esquecimento dos pesares. As trevas para o Espírito são: a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido... Não posso continuar...*

Clara.

Ainda sobre este ponto obtivemos a seguinte explicação:

Por sua natureza, possui o perispírito uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispiritual como o friccionamento para o fósforo. A intensidade da luz está na razão da pureza do Espírito: as menores imperfeições morais atenuam-se e enfraquecem-na. A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva, quanto maior o seu adiantamento. Assim sendo o Espírito, de alguma sorte, o seu próprio farol, verá proporcionalmente a luz que produz, do que resulta que os Espíritos que não a produzem se acham na obscuridade.

Esta teoria é perfeitamente exata quanto à irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores e é confirmada pela observação, conquanto se não possa inferir seja aquela a verdadeira causa, ou pelo menos, a única causa do fenômeno; primeiro, porque nem todos os Espíritos inferiores estão em trevas; segundo, porque um mesmo Espírito pode achar -se alternadamente na luz e na obscuridade; e terceiro, finalmente, porque a luz também é castigo para os Espíritos muito imperfeitos. Se a obscuridade em que jazem certos Espíritos fosse inerente à sua personalidade, essa obscuridade seria **permanente e geral** para todos os maus Espíritos, o que aliás não acontece. As vezes os perversos mais requintados veem perfeitamente, ao passo que outros, que assim não podem ser qualificados, jazem, temporariamente, em trevas profundas. Assim, tudo indica que, independente da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias, donde forçoso é concluir que a obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade estranha, constituindo punição especial da soberana justiça, para casos determinados.

P. (a S. Luís). — **Qual a causa da maior facilidade da educação moral dos desencarnados, do que dos encarnados?** As relações pelo Espiritismo estabelecidos entre homens e Espíritos, dão caso a que estes últimos se corrijam mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutarres, mais do que acontece em relação aos encarnados, como se vê na cura das obsessões?

R. (Sociedade de Paris). — *O encarnado, em virtude da própria natureza, está numa luta incessante devido aos elementos contrários de que se compõe e os quais devem conduzi-lo ao seu fim providencial, reagindo reciprocamente. A matéria facilmente sofre o predomínio de um fluido exterior; se a alma, com todo o poder moral de que é capaz, não reagir, deixar -se-á dominar pelo intermediário do seu corpo, seguindo o impulso das influências perversas que o rodeiam, e isso com facilidade tanto maior quanto os invisíveis, que a subjugavam, atacam de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.*

*Outro tanto se não dá com o desencarnado, que, posto sob a influência, semi-material, não se compara por seu estado ao encarnado. O respeito humano, tão preponderante ante no homem, não existe para aquele, e só este pensamento é bastante para compeli-lo a não resistir longamente às razões que o próprio interesse lhe aponta como boas. Ele pode lutar, e o faz mesmo geralmente com mais violência do que o encarnado, visto ser mais livre. Nenhuma cogitação de interesse material, de posição social se lhe antepõe ao raciocínio. Luta por amor do mal, porém cedo adquire a convicção da sua impotência, em face da superioridade moral que o domina; a perspectiva de melhor futuro lhe é mais acessível por se reconhecer na mesma vida em que se deve completar esse futuro; e essa visão não se turva no turbilhão dos prazeres humanos. Em uma palavra, a independência da carne é que facilita a conversão, principalmente quando se tem adquirido um tal ou qual desenvolvimento pelas provações cumpridas. Um Espírito inteiramente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, o que aliás não se dá com o que já tem experiência da vida. Demais, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o sentimento que se faz necessário atuar. Toda ação material pode sustar momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas o que ela não pode é destruir o princípio mórbido residente na alma. **Todo e qualquer ato, que não visa aperfeiçoar a alma, não poderá desviá-la do mal.***

S. Luís.

CAPITULO V

SUICIDAS

O Suicida da Samaritana

A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas perto de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu cómodo, a fim de verificar o que ocorria. Deparou então com um quadro horroroso: o infeliz degolara -se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E como a identidade do suicida não pôde ser averiguada, foi o cadáver removido para o necrotério.

Evocado na Sociedade de Paris seis dias depois de morte, o Espírito desse homem deu as seguintes respostas:

1. Evocação

Esperai, ele aí está. (Resposta do Guia do médium)

2. Onde vos achais hoje?

R. Não sei... dizei-me.

3. Estais numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são benévolas para convosco.

R. Dizei-me se vivo, pois este ambiente me sufoca.

Sua alma, posto que separada do corpo, está ainda completamente imersa no que poderia chamar -se o turbilhão da matéria corporal; vivazes lhe são as ideias terrenas, a ponto de se acreditar encarnado.

4. Quem vos impeliu a vir aqui?

R. Sinto-me aliviado.

5. Qual motivo que vos arrastou ao suicídio?

R. Morto? Eu? Não... que habito o meu corpo... Não sabeis como soffro!... Sufoco -me... Oxalá que mão compassiva me aniquilasse de vez!

6. Por que não deixaste indícios que pudessem tornar -vos reconhecível?

R. Estou abandonado; fugi ao sofrimento para entregar -me à tortura.

7. Tendes ainda os mesmos motivos para ficar incógnito?

R. Sim; não revolvais com ferro candente a ferida que sangra.

8. Podereis dar-nos o vosso nome, idade, profissão e domicílio?

R. Não, de forma alguma.

9. Tíneis família, mulher, filhos?

R. Era um desprezado, ninguém me amava.

10. Que fizestes para ser assim repudiado?

R. Quantos o são como eu!... Um homem quando ninguém o preza, pode viver abandonado no seio da família.

11. No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação?

R. Ansiava pela morte... Esperava repousar.

12. Como é que a ideia do futuro não vos fez renunciar a um projeto?

R. Não acreditava nele, em absoluto. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida?

R. Não refleti, senti... Mas a vida não se extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... Sinto os vermes a corroer-me.

14. Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte?

R. Pois ela se completou?

15. Foi doloroso o momento em que a vida se vos apagou?

R. Menos doloroso que depois, só o corpo sofreu.

16. (Ao Espírito de S. Luís) — Que quer dizer o Espírito afirmando que o momento da morte foi menos doloroso que depois?

R. O Espírito descarregou o fardo que o oprimia, ressentia -se da voluptuosidade da dor.

17. Esse estado sobrevêm sempre ao suicídio?

R. Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo da vida. A morte natural é o livramento da vida; o suicida a intercepta completamente.

18. Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência?

R. Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde pelos seus atos.

Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente de sencarnadas e sobretudo naquelas que, durante a vida, não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez posto em estado sonambúlico, perguntarmos se dorme, ele responderá quase sempre que *não* e essa resposta é lógica: o interlocutor parece que faz mal a pergunta, servindo -se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a ideia do sono prendeu-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão porque responde não, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala, e assim não se considera morto e isto afirma até que adquira a intuição de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que nunca é completa e dá ao Espírito uma tal ou qual ansiedade. No exemplo em apreço ela constitui verdadeiro suplício pela sensação dos vermes que corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá equivaler ao tempo de vida abreviada. Esse estado é comum

nos suicidas, ainda que nem sempre se apresente em idênticas condições, variando de duração e intensidade, conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é tampouco privativa dos suicidas: sobrevêm igualmente aos que viveram mais da matéria que do espírito. Em tese, não há falta isenta de penalidade, mas também não há regra absoluta e uniforme nos meios de punição.

O Pai e o Conscrito

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de eximi-lo desse serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se a fim de o isentar dele, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se do seu destino no mundo espiritual.

(A S. Luís). — Podereis dizer-nos se é possível evocar o Espírito a que vimos de nos referir?

R. *Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado.*

1. Evocação.

— R. Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará.

O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e mal formados; depois da palavra mas, ele para, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra Deus que ele não conseguiu escrever.

2. Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever.

R. *Sou indigno de escrevê-la.*

3. Dissestes que sofreis; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; mas o motivo que vos acarretou esse ato não provocou qualquer indulgência?

R. *A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.*

4. Podereis descrever-nos essa punição?

R. *Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro neste último, conquanto o não possua, como sofre o operado de um membro amputado.*

5. A realização do vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho ou concorreram para ele outras razões?

R. *Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.*

6. Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos?

R. *Não lhes entrevejo o fim, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.*

7. Há pouco não vos foi possível escrever a palavra Deus, e no entanto temos visto Espíritos, muito sofredores fazê-lo; será isso uma consequência da vossa punição?

R. *Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.*

8. Pois então fazei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado. (O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trémulos: — *Deus é muito bom*).

9. Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondentes à nossa evocação e vamos exorar a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia.

R. *Sim, obrigado.*

10. (A. S. Luís). Podereis ministrar -nos a vossa apreciação sobre esse suicídio ?

R. *Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.*

Observações: À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse o Espírito de S. Luís. A sua ação talvez impediu a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar -se. A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre mal e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar-se todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços. A mãe que mata o filho, certa de o enviar ao céu, seria menos culpada por tê-lo feito com boa intenção? Aí está um sistema que chegaria a justificar todos os crimes cometidos pelo cego fanatismo das guerras religiosas. *Esta lhe foi dada visando deveres a cumprir na Terra*, razão bastante para que não a abrevie voluntariamente, sob pretexto algum. Mas ao homem — uma vez que tem o seu livre-arbítrio — ninguém impede a infração dessa lei. Sujeita-se porém às suas consequências. O suicídio mais severamente punido é o resultado do desespero, que visa a redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar -se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se deveria cumprir.

O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais. Não se pode chamar de suicida aquele que dedicadamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante, primeiro, porque, no caso, não há intenção de se privar da vida e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência nos não possa subtrair, quando a hora não seja chegada. A morte nessas circunstâncias é sacrifício meritório, como ato de abnegação em proveito de outrem. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap.V, nº55,65, 66 e 67.)

François Simon-Louvet

(Do Havre)

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863.

*"Tereis piedade de um pobre miserável que passa há muito por cruéis torturas?! Oh! o vácuo... o Espaço... despenho-me... caio... morro... Acudime! Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo. Quis morrer, e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento! E para que esse desejo, quando o termo estava tão próximo? Orai para que eu não veja incessantemente **este vácuo debaixo de mim...** Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias daqueles que não mais pertencem a*

esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não, será isso o bastante? Se eu tiver fome em vez deste sofrimento mais terrível e aliás imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão e sabereis quem fui. Orai por mim.

François Simon-Louuet."

O Guia do médium. — "Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou -lhe a coragem e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação atirando-se da Torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobriga da vida futura o suficiente para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça e com isso tereis feito obra meritória."

Buscando-se informes a propósito do assunto, encontrou-se no **Journal du Havre**, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia, que resumimos.

"Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes dos cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se nas pedras. Era um velho puxador de cordas, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava -se François-Vietor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma das filhas, na Rua Corderie. Tinha 67 anos de idade."

Seis anos fazia que esse homem morrera e ele se via ainda cair da torre, despedaçando -se nas pedras... Apavora-o o vazio que tem diante de si, sentindo-se horrorizado com a perspectiva da queda... e isso há 6 anos! Quanto tempo durará esse estado? Ele não o sabe e essa incerteza lhe aumenta as angústias. Isso não equivale ao inferno com suas chamas? Quem revelou e inventou esses castigos? Pois são os próprios padecentes que os vem descrever, como outros o fazem das suas alegrias. E fazem -no muita vez, espontaneamente, sem que neles se pense — o que exclui toda hipótese de sermos nós o brinquedo da própria imaginação.

Mãe e Filho

Em março de 1865 o Sr. C., negociante em pequena cidade perto de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho dos filhos, que contava 21 anos de idade. Este moço, prevendo o desenlace, chamou a mãe e teve forças ainda para abraçá -la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse -lhe: "Vai, meu filho, precede-me, que não tardarei a seguir-te". Dito isto, retirou-se, escondendo o rosto entre as mãos.

As pessoas presentes a essa cena contristadora, consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C., dor que o tempo acalmaria. Morto o doente, procuraram -na por toda a casa e foram encontrá -la enforcada num celeiro. O enterro da suicida foi juntamente feito com o do filho.

Evocação deste, muitos dias depois do fato.

— P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda?

R. Sim, e, sem o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela, julgar-me-ia completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pode suportar a prova dessa separação momentânea e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la. E por quanto tempo! Assim, retardou indefinidamente uma reunião que tão pronta teria sido se sua alma se conformasse submissa às vontades do Senhor; se fosse resignada, humilde, arrependida ante a provação que se lhe impunha, da expiação que deveria purificá-la!

Orai, oh! orai por ela!... e sobretudo não a imiteis, vós outras, mães que vos comoveis com a narrativa da sua morte. Não acrediteis que ela amasse mais que as outras mães a esse filho que era o seu orgulho, não; é que lhe faltaram a coragem e a resignação. Mães, que me ouvís, quando a agonia empanar o olhar dos vossos filhos, lembrai-vos de que, como o Cristo, eles sobem ao cimo do Calvário, de onde deverão elevar-se à glória eterna.

Benjamin C...

Evocação da mãe. — *R. Quero ver meu filho. Tendes o poder de dar-me? Cruéis!... Tomaram-me para levá-lo à luz e a mim me deixaram em trevas. Quero-o, quero-o porque me pertence!... Nada vale então o amor materno? Pois quê! Tê-lo carregado no ventre por nove meses, tê-lo amamentado, nutrido a carne da sua carne, sangue do seu sangue, guiado os seus primeiros passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de probidade, de amor filial, para perdê-lo quando realizava as esperanças concebidas a seu respeito, quando brilhante futuro se lhe antolhava! Não, Deus não é justo; não é Deus das mães, não lhes compreende as dores e desesperos... E quando me dava à morte para me não separar de meu filho, eis que novamente me roubam!... Meu filho! meu filho, onde estás?*

Evocador. — Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor. Buscastes, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao vosso filho: o suicídio é um crime aos olhos de Deus e deveis saber que Deus pune toda infração das suas leis. A ausência do vosso filho é a vossa punição.

Ela. — *Não; eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, porém cria na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos... Enganei-me... Deus não é justo nem bom, por isso que não compreende a grandeza da minha dor como do meu amor!... Oh! quem me dará meu filho! Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!*

Evocador. — Vamos, acalmai o vosso desespero; considerai que se há um meio de ver vosso filho, não é blasfemando contra Deus, como ora o fazeis. Com isso, em vez de atraídes a sua misericórdia, fazei jus a maior severidade.

Ela. — *Disseram-me que não mais o tornaria a ver e compreendi que o haviam levado ao Paraíso. E eu estarei, acaso, no inferno? No inferno das mães? Ele existe, demais o vejo...*

Evocador. — Vamos, acalmai o vosso desespero; considerai naturalmente que o tornareis a ver, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que a revolta

poderá retardar indefinidamente esse momento. Ouvi-me: Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo. Assim ninguém é punido sem causa sobre a Terra. Se ele vos infligiu grandes dores, é porque as merecestes. A morte de vosso filho era uma prova à vossa resignação; infelizmente a ela sucumbistes quando em vida e eis que após a morte de novo sucumbis; como pretendes que Deus recompense os filhos rebeldes? A sentença não é porém inexorável e o arrependimento do culpado é sempre acolhido. Se tivésseis aceito a provação com humildade; se houvésseis esperado com paciência o momento da vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual, em que vos achais, teríeis imediatamente avistado vosso filho, o qual vos receberia de braços abertos. Depois da ausência, ve-lo-ia radiante. Mas o que fizestes e ainda agora fazeis, coloca entre vós e ele uma barreira. Não o julgueis perdido nas profundezas do Espaço, antes mais perto do que supondes — é que véu impenetrável o subtrai à vossa vista. Ele vos vê e ama sempre, deplorando a triste condição em que caístes pela falta de confiança em Deus e aguardando ansioso o momento feliz de se vos apresentar. De vós, somente, depende abreviar ou retardar esse momento. Orai a Deus e dizei comigo: *"Meu Deus, perdoai-me o ter duvidado da vossa justiça e bondade; se me punistes, reconheço merecida a punição. Dignai-vos aceitar meu arrependimento e submissão à vossa santa vontade"*.

Ela. — *Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É como relâmpago em a noite que me cerca. Obrigada, vou orar.. . Adeus.*

C...

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu nesses Espíritos a ilusão de se julgar ainda vivo. Ele apresenta-se consciente do seu estado — é que para outros o castigo consiste naquela ilusão, pelos laços que os prendem ao corpo. Essa mulher quis deixar a Terra para seguir o filho na outra vida, era pois necessário que soubesse aí estar realmente, na certeza da desencarnação, no conhecimento exato da sua situação. Assim é que cada falta é punida de acordo com as circunstâncias que a determinam e que não há punição uniforme para as faltas do mesmo gênero.

Duplo Suicídio por Amor e por Dever

É de um jornal de 13 de junho de 1862 a seguinte narrativa:

"A jovem Palmira, modista que residia com seus pais, era dotada de aparência encantadora e de caráter afável. Por isso também muito requestada a sua mão. Entre todos os pretendentes ela escolheu o Sr. B., que lhe retribuía essa preferência com a mais viva das paixões. Não obstante essa afeição, por deferência aos pais, Palmira consentiu em desposar o Sr. D., cuja posição social se afigurava mais vantajosa do que a do seu rival.

"Os Srs. B. e D. eram amigos íntimos e posto não houvesse entre eles quaisquer relações de interesse, jamais deixaram de se avistar. O amor recíproco de B. e Palmira, que passou a ser a Sra. D., de modo algum se atenuara e como se esforçassem ambos por contê-lo, aumentava-se ele de intensidade na razão direta daquele esforço. Visando extingui-lo, B. tomou o partido de se casar, e desposou, de fato, uma jovem possuidora de em inentes predicados, fazendo o possível por amá-la.

Cedo, contudo, percebeu a impossibilidade do expediente. Decorreram quatro anos sem que B. ou a Sra. D. faltassem aos seus deveres. O que padeceram, só eles o sabem, pois D., que estimava deveras o seu amigo, atraía-o sempre ao seu lar, insistindo para que nele ficasse quando tentava retirar-se.

“Aproximados um dia por circunstâncias fortuitas e independentes da própria vontade os dois amantes deram-se ciência do mal que os torturava e acharam que a morte era, no caso, o único remédio que se lhes antolhava. Assentaram que se suicidariam juntamente, no dia seguinte, em que o Sr. D., estaria ausente de casa mais prolongadamente. Feitos os últimos preparativos, escreveram longa e tocante missiva, explicando a causa da sua resolução, para não prevaricarem. Essa carta terminava pedindo que lhes perdoassem e, mais, que os enterrassem na mesma sepultura.

“De regresso à casa, o Sr. D. encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes os últimos desejos, e, assim, não consentiu fossem os corpos separados no ; cemitério.”

Sendo esta ocorrência submetida à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, um Espírito respondeu:

"Os dois amantes suicidas não vos podem responder ainda. Vejo -os imersos na perturbação e aterrorizados pela perspectiva da eternidade. As consequências morais da falta cometida lhes pesarão por migrações sucessivas, durante as quais suas almas separadas se buscarão incessantemente, sujeitas ao duplo suicídio de se pressentirem e desejarem em vão.

Completada a expiação, ficarão reunidos, no seio do amor eterno. Dentro de oito dias, na próxima sessão, podereis evocá-los. Eles aqui virão sem contudo se avistarem, porque profundas trevas os separarão por muito tempo."

1. Evocação da suicida. — Vedes o vosso amado, com o qual vos suicidastes?

R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. Que noite! Que noite! E que véu espesso me circunda a fronte!

2. Que sensação experimentastes ao despertar no outro mundo?

R. Singular! Tinha frio e escaldava. Tinha gelo nas veias e fogo na fronte! Coisa estranha, conjunto inaudito! Fogo e gelo pareciam consumir-me! E eu julgava que ia sucumbir uma segunda vez!...

3. Experimentais qualquer dor física?

*R. Todo o meu sofrimento reside **aqui, aqui...***

— Que quereis dizer por **aqui, aqui**?

*R. **Aqui** no meu cérebro, **aqui** no coração...*

É provável que, visível, o Espírito levasse a mão à cabeça e ao coração.

4. Acreditais na perenidade dessa situação?

R. Oh! sempre! Sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes horríficas que bradam sempre assim!

5. Pois bem, podemos com segurança dizer-vos que nem sempre assim será. Pelo arrependimento obtereis o perdão.

R. Que dizeis? Não ouço.

6. Repetimos que os vossos sofrimentos terão um termo, que os podereis abreviar pelo arrependimento, sendo-nos possível auxiliar-vos com a prece.

R. Não ouvi, além de sons confusos, mais que uma palavra. Essa palavra é — graça! Seria efetivamente graça o que pronunciastes? Falastes em graça, mas sem dúvida o fizestes à alma que por aqui passou junto de mim, pobre criança que chora e espera.

Uma senhora, presente à reunião, declarou que fizera fervorosa prece pela infeliz, o que sem dúvida a comoveu, e que de fato, mentalmente, havia implorado em seu favor a graça de Deus.

7. Dissestes estar em trevas e nada ouvir?

R. É-me permitido ouvir algumas das vossas palavras, mas o que vejo é apenas um crepe negro, no qual de quando em quando se desenha um semblante que chora.

8. Mas uma vez que ele aqui está sem o avistardes, nem sequer vos apercebeis da presença do vosso amado?

R. Ah! não me faleis dele. Devo esquecê-lo presentemente para que do crepe se extinga a imagem retratada.

9. Que imagem é essa?

R. A de um homem que sofre e cuja existência moral na Terra aniquilei por muito tempo.

Da leitura dessa narrativa logo se depreende haver neste suicídio circunstâncias atenuantes, encarando-o como ato heroico provocado pelo cumprimento do dever. Mas reconhecesse, também, que, contrariamente ao julgado, longa e terrível deve ser a pena dos culpados por se terem voluntariamente refugiado na morte para evitar a luta. A intenção de não faltar aos deveres era, efetivamente, honrosa, e lhes será levada em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria na resistência, tendo eles procedido como o desertor que se esquiva no momento do perigo.

A pena consistirá, como se vê, em se procurarem debalde e por muito tempo, *quer no mundo espiritual, quer noutras encarnações terrestres*; pena que ora é agravada pela perspectiva da sua eterna duração. Essa perspectiva, aliada ao castigo, faz que lhes seja defeso ouvirem palavras de esperança que porventura lhes dirijam. Aos que acharem esta pena longa e terrível, tanto mais quanto não deverá cessar senão depois de várias encarnações, diremos que essa duração não é absoluta, mas depende da maneira por que suportarem as futuras provações, além do que podem eles ser auxiliados pela prece. E serão assim, como todos, os árbitros do seu destino. Não será isso, ainda assim, preferível à eterna condenação, sem esperança, a que ficam irrevogavelmente submetidos segundo a doutrina da Igreja, que os considera votados ao inferno e para sempre, a ponto de lhes recusar, com certeza por inúteis, as últimas preces?

Luís e a Prespontadeira de Botinas

Havia sete para oito meses que Luís G., oficial-sapateiro, namorava uma jovem, Vitorina R., com a qual em breve deveria casar-se, já tendo mesmo corrido os proclamas do casamento. Estando neste pé as coisas, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida económica, diariamente vinha o sapateiro almoçar e jantar em casa da noiva.

Um dia, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de qualquer futilidade e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas ao ponto de Luís abandonar a mesa, protestando não mais voltar.

Apesar disso, no dia seguinte veio pedir perdão. A noite é boa conselheira, como se sabe, mas a moça, prejulgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não há mais tempo de remediar o mal, recusou-se à reconciliação. Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando Luís que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa. Chegando à casa da moça, bateu de modo que fosse reconhecido, mas a porta permaneceu fechada, recusaram abrir-lhe. Novas súplicas do repellido, novos protestos não ecoaram no coração da sua pretendida. *"Adeus, pois, cruel! — exclamou o pobre moço — adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te estime tanto como eu"*. Ao mesmo tempo a moça ouvia um gemido abafado e logo após o baque como que de um corpo escorregando pela porta. Pelo silêncio que se seguiu, a moça julgou que Luís se assentara à soleira da porta e protestou a si mesma não sair enquanto ele ali se conservasse.

Decorrido um quarto de hora é que um locatário, passando pela calçada e levando luz, soltou um grito de espanto e pediu socorro. Depressa acorre a vizinhança, e Vitorina, abrindo então a porta, deu um grito de horror, reconhecendo estendido sobre o lajedo, pálido, inanimado, o seu noivo. Cada qual se apressou em socorrê-lo, mas para logo se percebeu que tudo seria inútil, visto como ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrara uma faca na região do coração e o ferro ficara-lhe cravado na ferida.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858)

1. Ao Espírito de S. Luís — A moça, causadora involuntária do suicídio, tem responsabilidade?

R. Sim, porque o não amava.

2. Então para prevenir a desgraça deveria desposá-lo a despeito da repugnância que lhe causava?

R. Ela procurava uma ocasião de descartar-se e assim fez em começo da ligação o que viria a fazer mais tarde.

3. Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver alimentado sentimentos dos quais não participava e que deram em resultado o suicídio do moço?

R. Sim, exatamente.

4. Mas então essa responsabilidade deve ser proporcional à falta e não tão grande como se consciente e voluntariamente houvesse provocado o suicídio.

R. É evidente.

5. E o suicídio de Luís tem desculpa pelo desvario que lhe acarrejou a obstinação de Vitorina?
R. Sim, pois o suicídio oriundo do amor é menos criminoso aos olhos de Deus, de que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia.

(Ao Espírito de Luís G., evocado mais tarde, foram feitas as seguintes perguntas):

1. Que julgais da ação que praticastes?

R. Vitorina era uma ingrata e eu fiz mal em suicidar-me por sua causa, pois ela não o merecia.

2. Então não vos amara?

R. Não. A princípio iludia-se, mas a desavença que tivemos abriu-lhe os olhos e ela até se deu por feliz achando um pretexto para se livrar de mim.

3. E o vosso amor por ela era sincero?

R. Paixão somente, creia; pois se o amor fosse puro eu me teria poupado de lhe causar um desgosto.

4. E se acaso ela adivinhasse a vossa intenção, persistiria na sua recusa?

R. Não sei, penso mesmo que não, porque ela não é má. Mas, ainda assim, não seria feliz, e melhor foi para ela que as coisas se passassem dessa forma.

5. Batendo-lhe à porta, tínheis já a ideia de vos matar, caso se desse a recusa?

R. Não pensava naquilo ainda, porque também não contava com a sua obstinação. Foi somente à vista desta que perdi a razão.

6. Parece que não lamentais o suicídio senão pelo fato de Vitorina o não merecer... É realmente o vosso único pesar?

R. Neste momento, sim; estou ainda perturbado, afigura-se-me estar ainda à porta, conquanto também experimente outra sensação que não posso definir.

7. Chegareis a compreendê-la mais tarde.

R. Sim, quando estiver livre desta perturbação. Fiz mal, deveria resignar-me... Fui fraco e sofro as consequências da minha fraqueza. A paixão cega o homem a ponto de obrigá-lo a praticar loucuras e infelizmente ele só o compreende muito tarde.

8. Dizeis que tendes um desgosto... qual é?

R. Fiz mal em abreviar a vida. Não deveria fazê-lo. Era preferível tudo suportar a morrer antes do tempo. Sou portanto infeliz; sofro e é sempre ela que me faz sofrer, a ingrata. Parece-me estar sempre à sua porta, mas... não falemos nem pensemos mais nisso, que me incomoda muito. Adeus.

Por isto se vê ainda uma nova confirmação da justiça que preside à distribuição das penas, conforme o grau de responsabilidade dos culpados. Neste caso, é à moça que cabe a maior responsabilidade, por haver entretido em Luís um amor que não sentia, por brincadeira. Quanto ao moço, este já é de sobejo, punido pelo sofrimento porque passa, mas a sua pena é leve, porquanto apenas cedeu a um movimento

irrefletido, em momento de exaltação e não à fria premeditação dos suicidas que ousam subtrair -se às provações da vida.

Um Ateu

O Sr. M. J. B. D., era um homem instruído, porém em extremo saturado de ideias materialistas, não acreditando em Deus nem na existência da alma. A pedido de um parente, foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, dois anos depois de desencarnado .

1. Evocação

— *R. Sofro. Sou um réprobo.*

2. Fomos levados a evocar-vos em nome de parentes que, como parentes, desejam saber da vossa sorte. Podereis dizer-nos se esta nossa evocação vos é penosa ou agradável?

R. Penosa.

3. A vossa morte foi voluntária?

R. Sim.

4. Tende calma, que nós todos pediremos a Deus por vós.

R. Sou forçado a crer nesse Deus.

5. Que motivo poderia ter-vos levado ao suicídio?

R. O tédio de uma vida sem esperança.

Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; procura-se fugir então dela a qualquer preço. Com o Espiritismo, ao contrário, a esperança fortalece-se porque o futuro se nos desdobra. O suicídio deixa de ser objetivo, uma vez reconhecido que apenas se isenta a gente do mal para arrostar com um mal cem vezes pior. Eis porque o Espiritismo tem sequestrado muita gente a uma morte voluntária. Grandemente culpados são aqueles que se esforçam por acreditar, *com sofismas científicos e a pretexto de uma falsa razão*, nessa ideia desesperadora, fonte de tantos crimes e males , de que tudo acaba com a vida. Esses serão responsáveis não só pelos próprios erros, como igualmente por todos os males a que os mesmos deram causa.

6. Quisestes escapar às vicissitudes da vida... Ganhastes alguma coisa? Sois agora mais feliz?

R. Por que não existe o nada?

7. Tende a bondade de nos descrever do melhor modo possível a vossa atual situação.

R. Sofro pelo constrangimento em que estou de crer em tudo quanto negava. Meu Espírito está como um braseiro, horrivelmente atormentado.

8. De onde provinham as vossas ideias materialistas de outrora?

R. Em anterior encarnação eu fora mau e por isso condenei -me na seguinte aos tormentos da incerteza e assim foi que me suicidei.

Aqui há todo um corolário de ideias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual deveriam ter dele a intuição; ora, é precisamente

essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o orgulho, não se arrependem das próprias faltas. Para esses, a prova consiste na aquisição, durante a vida corporal e *à custa do próprio raciocínio*, da prova da existência de Deus e da vida futura que tem, por assim dizer, incessantemente debaixo dos olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir, acima de si, os empolga e absorve. Assim sofrem eles a pena até que, domado o orgulho, se rendem à evidência.

9. Quando vos afogastes, que ideia tínheis das consequências? Que reflexões fizestes nesse momento?

R. Nenhuma, pois tudo era o nada para mim. Depois de que vi que, tendo cumprido toda a sentença, teria de sofrer mais ainda.

10. Estais bem convencido agora da existência de Deus, da alma, da vida futura?

R. Ah! Tudo isso muito me atormenta!

11. Tornastes a ver vosso irmão?

R. Oh! Não.

12. E porque não?

R. Para que confundir os nossos desesperos? Exila-se a gente na desgraça e na ventura se reúne, eis o que é.

13. Incomodar-vos-ia a presença de vosso irmão, que poderíamos atrair aí para junto de vós?

R. Não o façais, que não o mereço.

14. Por que vos opondes?

R. Porque ele também não é feliz.

15. Receais a sua presença e no entanto ela só poderia ser benéfica para vós.

R. Não; mais tarde...

16. Tendes algum recado para os vossos parentes?

R. Que orem por mim.

17. Parece que na roda das vossas relações há quem partilhe das vossas opiniões. Quereis que lhes digamos alguma coisa do assunto?

R. Oh! Os desgraçados! Assim possam eles crer em outra existência, eis quanto lhes posso desejar. Se eles pudessem avaliar a minha triste posição, muito refletiriam.

(Evocação de um irmão do precedente, que professava as mesmas teorias, mas que não se suicidou. Posto que também infeliz, este se apresenta mais calmo; a sua escrita é clara e legível.)

18. Evocação

R. Possa o quadro dos nossos sofrimentos ser útil lição, persuadindo-vos da realidade de outra existência, na qual se expiam as faltas oriundas da incredulidade.

19. Vós, e vosso irmão que acabamos de evocar, vos vedes reciprocamente?

R. Não; ele me foge.

Poder-se-ia perguntar como é que os Espíritos se podem evitar no mundo espiritual, uma vez que aí não existem obstáculos materiais nem refúgios impenetráveis à vista. Tudo é, porém, relativo nesse mundo e conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções indefinidas, que nos inferiores são limitadas. Para estes, os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais.

Poder-se-ia perguntar como é que os Espíritos se podem evitar no mundo espiritual, uma vez que aí não existem obstáculos materiais nem refúgios impenetráveis à vista. Tudo é, porém, relativo nesse mundo e conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções indefinidas, que nos inferiores são limitadas. Para estes, os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais. Os Espíritos furtam-se às vistas dos semelhantes por efeito volitivo, que atua sobre o envoltório perispiritual e fluidos ambientes. A Providência, porém, qual mãe, por todos os seus filhos vela, e por intermédio dos mesmos, individualmente, lhes concede ou nega essa faculdade, conforme as suas disposições morais, o que constitui, conforme as circunstâncias, um castigo ou uma recompensa.

20. Estais mais calmo do que vosso irmão. Podereis dar uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos?

R. Não sofreis aí na Terra no vosso orgulho, no vosso amor próprio, quando obrigados a reconhecer os vossos erros? O vosso Espírito não se revolta com a ideia de vos humilhades a quem vos demonstre o vosso erro? Pois bem! Julgai quanto deve sofrer o Espírito que por toda a sua vida se persuadiu de que nada existia além dele e que sobre todos prevalecia sempre a sua razão. Encontrando-se de súbito em face da verdade imponente, esse Espírito sente -se aniquilado, humilhado. A isso vem ainda juntar-se o remorso de haver por tanto tempo esquecido a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. A situação é insuportável; não há calma nem repouso; não se encontra um pouco de tranquilidade senão no momento em que a graça divina, isto é, o amor de Deus, nos toca, pois o orgulho de tal modo se apodera de nós, que de todo nos embota, a ponto de ser preciso ainda muito tempo para que nos despojemos completamente dessa roupagem fatal. Só a prece dos nossos irmãos pode ajudar -nos nesses tranSES.

21. Quereis falar dos irmãos encarnados, ou dos Espíritos?

R. De uns e outros.

22. Enquanto nos entrelinhamos com o vosso irmão, uma das pessoas aqui presentes orou por ele: essa prece lhe foi proveitosa?

R. Ela não se perderá. Se ele agora recusa a graça, outro tanto não fará quando estiver em condições de recorrer a essa divina panaceia.

Aqui lobrigamos outro gênero de castigo, mas que não é o mesmo em todos os célicos. Para este Espírito é independente do sofrimento a necessidade de apregoar verdades, que repudiara quando encarnado. As suas ideias atuais revelam certo grau de adiantamento, comparado ao de outros Espíritos persistentes na negação de Deus. Confessar o próprio erro é já alguma coisa, porque é premissa de humildade. Na subsequente encarnação é mais que provável que a incredulidade ceda lugar ao sentimento *inato* da fé.

Transmitindo à pessoa que no-la havia solicitado o resultado das duas evocações, tivemos dela a seguinte resposta:

"Não podeis imaginar, meu caro senhor, o grande benefício advindo da evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente. A letra do primeiro, sobretudo, é uma analogia notável com a que ele tinha em vida, tanto mais quanto, durante os últimos meses que conosco passou, essa letra era sofreada e indecifrável. Aí se verificam a mesma forma de pernas, do etc. e de certas letras. Quanto ao vocabulário e ao estilo, a semelhança é ainda mais frisante; para nós, a analogia é completa, apenas com maior conhecimento de Deus, da alma e da eternidade que ele tão formalmente negava outrora. Não nos restam dúvidas, portanto, acerca da sua identidade. Deus será glorificado pela maior firmeza das nossas crenças no Espiritismo e os nossos irmãos encarnados e desencarnados se tornarão melhores. A identidade de seu irmão também não é menos evidente, na mudança de ateu em crente, reconhecemos-lhe o caráter, o estilo, o contorno da frase. Uma palavra, sobre todas, nos despertou atenção — panaceia — predileta dele, que a todo o instante a repetia.

"Mostrei essas duas comunicações a várias pessoas, que não menos se admiraram da sua veracidade, mas os incrédulos, com as mesmas opiniões dos meus parentes, esses desejariam respostas ainda mais categóricas. Queriam, por exemplo, que M. D. se referisse ao lugar em que foi enterrado, onde se afogou, como foi encontrado etc. A fim de os convencer, não vos seria possível fazer nova evocação perguntando onde e como se suicidou, quanto tempo esteve submerso, em que lugar acharam o cadáver, onde foi inumado, de que modo, se civil ou religiosamente, foi sepultado?

"Dignai-vos, caro senhor, insistir pela resposta categórica a essas perguntas, pois são essenciais para aqueles que ainda duvidam. Estou convencido de que darão, nesse caso, imensos resultados. Dou-me pressa a fim de esta vos ser entregue na sexta-feira de manhã, de modo que se possa fazer a evocação na sessão da Sociedade desse mesmo dia... etc."

Reproduzimos esta carta pelo fato da confirmação da identidade e aqui lhe anexamos a nossa resposta para ensino das pessoas não familiarizadas com as comunicações.

"As perguntas que nos pediram para novamente endereçar ao Espírito de vosso sogro são incontestavelmente, ditadas por intenção louvável, como a de convencer incrédulos, visto como em vós não mais existe qualquer sentimento de dúvida ou curiosidade. Contudo, um conhecimento mais aprofundado da ciência espírita, vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos, a nosso bel-prazer. Ficai sabendo que eles nos respondem quando e como querem e também como podem. A liberdade da sua ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de se furtarem ao constrangimento moral que por acaso sobre eles queiramos exercer. As melhores provas de identidade são as que fornecem espontaneamente, por si mesmos, ou então as oriundas das próprias circunstâncias. Estas, é quase sempre inútil provocá-las. Segundo afirmais, o vosso parente provou a sua identidade de modo inconcusso; por conseguinte, é mais que provável a sua recusa em responder a perguntas que podem por ele ser com razão consideradas supérfluas, visando satisfazer à curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. A resposta

bem poderia ser a que outros têm dado e em casos semelhantes, isto é; — "para que perguntar coisas que já sabeis?" A isto acrescentarei que a perturbação e os sofrimentos de que está tomado devem agravar-se com as investigações desse género, que correspondem exatamente ao fato de se querer constranger um doente, que mal pode pensar e falar, a historiar as minúcias da sua vida, faltando-se assim às considerações inspiradas pelo seu próprio estado.

"Quanto ao objetivo por vós alegado, ficai certo de que tudo seria negativo. As provas de identidade fornecida são bem mais valiosas, por isso que foram espontâneas, e não de antemão premeditadas. Ora, se estas não puderam contentar os incrédulos, muito menos o fariam interrogativas já preestabelecidas, de cuja conivência, poderiam suspeitar. Há pessoas a quem coisa alguma pode convencer. Essas poderiam ver o vosso parente, com os próprios olhos, e continuariam a supor-se vítimas de uma alucinação.

"Duas palavras ainda, quanto ao pedido que me fizestes no sentido de promover essa evocação no mesmo dia do recebimento de vossa carta. As evocações não se fazem assim de momento; os Espíritos nem sempre correspondem ao nosso apelo; é preciso que queiram, e não só isso, mas que também possam fazê-lo. É preciso, ainda, que encontrem um médium que lhes convenha, com as aptidões especiais necessárias e que esse médium esteja disponível em dado momento. É preciso, enfim, que o meio lhes seja simpático, etc. Pela concorrência dessas circunstâncias nem sempre se pode responder e importa muito conhecê-las quando se quer cuidar dessas coisas com seriedade e segurança."

O sr. Feliciano

Era um homem rico, instruído, poeta espirituoso, possuidor de caráter são, obsequioso e ameno, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao desânimo, enforcando-se em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de génio um tanto superficial, ligando pouca importância ao problema da vida de além-túmulo. Conhecendo-o intimamente, evocamo-lo, quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que lhe dedicávamos.

Evocação. — Choro a Terra na qual tive decepções, porém menores do que as experimentadas aqui. Eu, que sonhava maravilhas, estou abaixo da realidade do meu ideal. O mundo dos Espíritos é bastante promíscuo e para torná-lo suportável fora mister uma boa escolha. Não torno a ele. Que esboço de costumes espíritas se poderia fazer aqui! O próprio Balzac, estando no seu elemento, não faria esse esboço senão de modo rústico. Não o lobriguei, porém. Onde estarão esses grandes Espíritos que tão energicamente profligaram os vícios da Humanidade! Deviam eles, como eu, habitar por aqui antes de se lançarem a regiões mais elevadas. Apraz-me observar este curioso pandemônio e assim fico por aqui.

Apesar de o Espírito nos declarar que se acha numa sociedade assaz promíscua e, por conseguinte, de Espíritos inferiores, surpreendeu-nos a sua linguagem, dado o género de morte, ao qual, aliás, não faz qualquer referência. A não ser isso, tudo mais refletiu seu caráter. Essa circunstância deixava-nos em dúvida acerca da identidade.

P. Tende a bondade de nos dizer como morrestes?

R. Como morri? Pela morte por mim escolhida, a que mais me agradou, sendo para notar q ue meditei muito tempo nessa escolha com o intuito de me livrar da vida. Apesar disso, confesso que não ganhei grande coisa: libertei-me dos cuidados materiais, porém, para encontrá-los mais graves e penosos na condição de Espírito, da qual nem sequer prev ejo o fim.

P. (ao Guia do médium) O Espírito em comunicação será efetivamente o de Feliciano? Esta linguagem, quase despreocupada, torna-se suspeita em se tratando de um suicida...

R. Sim. Entretanto, por um sentimento justificável na sua posição, ele não queria revelar ao médium o seu gênero de morte. Foi por isso que dissimulou a frase, acabando no entanto por confessá-lo diante da pergunta direta que lhe fizestes e não sem angústias. O suicídio fá -lo sofrer muito e por isso desvia, o mais possível, tudo o que lhe recorde o seu fim funesto.

P. (ao Espírito). A vossa desencarnação tanto mais nos comoveu, quanto lhe prevíamos as tristes consequências, além da estima e intimidade das nossas relações. Particularmente não me esqueci do quanto éreis obsequioso e bom para comigo. Seria feliz se pudesse testemunhar-vos a minha gratidão, fazendo alguma coisa por vós.

R. Entretanto, eu não podia furtar-me de outra maneira aos empecilhos da minha posição material. Agora, só tenho necessidade de preces, orai, princip almente, para que me veja livre desses horrídeos companheiros que aqui estão junto de mim, obsedando-me com gritos, sorrisos e infernais motejos. Eles chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. **É a quarta vez que sucumbo a essa provação**, não obstante a formal promessa de não falir... Fatalidade!... Ah! Orai... Que suplício o meu! Quanto sou desgraçado! Orando, fazeis por mim mais que por vós pude fazer quando na Terra; mas a prova, ante a qual fracassei tantas vezes, aí está retraçada, indelével, diante de mim! **É preciso tentá-la novamente em tempo oportuno**... Terei forças? Ah! recomeçar a vida tantas vezes; lutar por tanto tempo para sucumbir aos acontecimentos, é desesperador, mesmo aqui! Eis porque tenho necessidade de força. Dizem que podemos obtê-la pela prece... Orai por mim, que eu quero orar também.

Este caso particular de suicídio se bem que realizado em circunstâncias vulgares, apresenta uma característica especial. Ele mostra-nos um Espírito que se *renovará até que ele tenha forças para resistir*. Assim se confirma o fato de não haver proveito no sofrimento, sempre que deixamos de atingir o fim da encarnação, sendo preciso recomeçá-lo até que saíamos vitoriosos da refrega.

Ao Espírito do Sr. Feliciano — Ouvi, eu vo-lo peço, ouvi e meditai nas minhas palavras. O que denominais fatalidade é apenas a vossa fraqueza, pois se a fatalidade existisse o homem deixaria de ser responsável pelos seus atos. O homem é sempre livre e na liberdade está o seu maior e mais belo privilégio. De us não quis fazer dele um autómato obediente e cego e, se essa liberdade o torna falível, também o torna perfectível, com o que somente pela perfeição poderá atingir a suprema felicidade. O orgulho somente pode levar o homem a atribuir ao destino as suas infelicidades terrenas, quando a verdade é que essas infelicidades promanam da sua própria incúria. Tendes disso um exemplo bem patente na vossa última encarnação, pois tínheis tudo que se fazia necessário à felicidade humana na Terra: espírito, talento, fortuna, merecida consideração; nada de vícios ruinosos, mas, ao contrário, apreciáveis qualidades... Como pois ficou tão comprometida a vossa posição? Unicamente pela vossa imprevidência. Haveis de convir que, agindo com mais prudência, contentando -vos com o

muito que já vos coubera, antes que procurando aumentá-lo sem necessidade, a ruína não sobreviria. Não havia nisso nenhuma fatalidade, uma vez que podíeis ter evitado o acontecido.

A vossa provação consistia num encadeamento de circunstâncias que vos d everiam dar *não à necessidade mas à tentação do suicídio*; desgraçadamente, apesar do vosso talento e instrução, não soubestes dominar essas circunstâncias e sofreis agora as consequências da vossa fraqueza. Essa prova, como o pressentis com razão, deve ren overar-se ainda; na vossa próxima encarnação tereis de enfrentar acontecimentos que vos sugerirão as ideias de suicídio e sempre assim acontecerá até que de todo tenhais triunfado.

Longe de acusar o destino que é a vossa própria obra, admirai a bondade de Deus que, em vez de condenar irremissivelmente pela primeira falta, oferece sempre os meios de repará-la. Assim sofrereis não eternamente, mas por tanto tempo quanto reincidirdes no erro. Depende de vós, no estado espiritual, tomar a resolução bastante enérgica de manifestar a Deus um sincero arrependimento, solicitando instantemente o apoio dos bons Espíritos. Voltareis então à Terra, escudado na resistência a todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória que sob outros aspectos o vosso progresso é já considerável. Como vedes, há ainda um passo a vencer, para o qual vos auxiliaremos com as nossas preces. Estas só serão improfícuas se nos não ajudardes com os vossos esforços.

R. Oh! Obrigado! Oh! Obrigado por tão boas exortações. Delas tenho tanto maior precisão quanto sou mais desgraçado do que aparentava. Vou aproveitá-las, garanto, no preparo da próxima encarnação, durante a qual farei todo o possível por não sucumbir. Já me custa suportar o meio ignóbil do meu exílio.

Feliciano.

António Bell

Era o caixa de uma casa bancária do Canadá e suicidou-se a 28 de fevereiro de 1865. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, deu-nos dele as informações que se seguem:

*"Conheci-o, havia perto de 20 anos, como homem pacato e chefe de numerosa família. De certo tempo para cá imaginou ter comprado um tóxico na minha farmácia, do qual se serviu para envenenar alguém. Muitas vezes vinha suplicar-me para lhe dizer a época daquela compra, tomado então de alucinações terríveis. Perdia o sono, lamentava-se, batia no peito. A família vivia em constante ansiedade das 4 da tarde às 9 da manhã, hora esta em que se dirigia para a casa bancária, onde aliás, procedia com muita regularidade, aos seus serviços de escriturações, sem que jamais tivesse cometido um só erro. Habitualmente dizia sentir dentro de si um ente que o fazia desempenhar com acerto e ordem a sua contabilidade. Quando se dava por convencido da extravagância das suas ideias, exclamava: **"Não, não; quereis iludir-me... lembro-me... é verdade."***

A pedido desse amigo, foi ele evocado em Paris, a 17 de abril de 1865.

1. Evocação.

R. Que pretendeis de mim? Sujeitar-me a um interrogatório? É inútil, tudo confessarei.

2. Bem longe de nós o pensamento de vos afligir com perguntas indiscretas; desejamos saber apenas qual a vossa posição nesse mundo, bem como se vos poderemos ser úteis...

R. Ah! Se for possível, ser-vos-ei extremamente grato. Tenho horror ao meu crime e sou muito infeliz!

3. Temos a esperança de que as nossas preces atenuarão as vossas penas. Parece-nos que vos achais em boas condições, visto como o arrependimento já vos assedia o coração, o que constitui um começo de reabilitação. Deus, infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Orai conosco. (Faz-se a prece pelos suicidas, a qual se encontra n' **O Evangelho Segundo o Espiritismo**).

Agora, tende a bondade de nos dizer de quais crimes vos reconheceis culpado. Essa confissão, humildemente feita, ser-vos-á favorável.

R. Deixai primeiro que vos agradeça por esta esperança que fizestes raiar no meu coração. Oh! Há já bastante tempo que vivia numa cidade banhada pelo Mediterrâneo. Amava, então, uma bela moça que me correspondia; mas, pelo fato de ser pobre, fui repellido pela família. A minha eleita participou-me que desposaria o filho de um negociante cujas transações se estendiam para além de dois mares e assim fui eu preterido. Louco de dor, resolvi acabar com a vida, não sem deixar de assassinar o detestado rival, saciando o meu desejo de vingança. Repugnando-me os meios violentos, horrorizava-me a perpetração do crime, porém, o meu ciúme a levou de vencida. Na véspera do casamento, morria o meu rival envenenado, pelo meio que me pareceu mais fácil. Eis como se explicam as reminiscências do passado... Sim, eu já reencarnei, e preciso é que reencarne ainda... Oh! Meu Deus, tende piedade das minhas lágrimas e da minha fraqueza!

4. Deploramos essa infelicidade que retardou vosso progresso e sinceramente vos lamentamos; dado, porém, que vos arrependais, Deus se há de compadecer de vós. Dizei-nos se chegastes a executar o vosso projeto de suicídio...

R. Não e confesso, para vergonha minha, que a esperança se me despontou novamente no coração, com o desejo de me aproveitar do crime já cometido. Traíam-me, porém, os remorsos e acabei por expiar, no último suplício, aquele meu desvario: enforquei-me.

5. Na vossa última encarnação tínheis a consciência do mal praticado na penúltima?

R. Nos últimos anos somente, e eis como se dava o fato: eu era bom por natureza, e, depois de submetido, como todos os homicidas, ao tormento da visão perseverante da vítima, que me perseguia qual vivo remorso, dela me desvencilhei depois de muitos anos, pelo meu arrependimento e pelas minhas preces. Recomecei outra existência, a última que atravessasse calmo e tímido. Tinha em mim como que vaga intuição da minha inata fraqueza, bem como da culpa anterior, cuja lembrança em estado latente conservara. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim e fez reviver no meu coração, como em mágico espelho, as lembranças do passado. Simultaneamente influenciado por ele e pelo meu Guia, que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família angariando pelo trabalho o sustento dos filhos. Fascinado

por esse demônio obsessor, deixei-me arrastar para o suicídio. Sou muito culpado realmente, porém menos do que se deliberasse por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir aos obsessores, são menos culpados e menos punidos do que aqueles que abandonam a vida por efeito exclusivo da própria vontade. Oraí comigo para que o Espírito que tão fatalmente me obsidiou renuncie à sua vingança e oraí por mim para que adquira a energia, a força necessária para não ceder à prova do suicídio voluntário, prova a que serei submetido, dizem-me na próxima encarnação.

6. Ao Guia do médium — Um Espírito obsessor pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio?
R. Certamente, pois a obsessão que, por si mesma, já é um gênero de provação, pode revestir todas as formas. Mas isso não quer dizer isenção de culpa. O homem dispõe sempre do livre-arbítrio e conseqüentemente está em si o ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. Assim é que, sucumbindo, o faz sempre com assentimento da própria vontade. Relativamente ao mais, o Espírito tem razão dizendo que a ação incitada por outrem é menos culposa e repreensível do que quando voluntariamente cometida. Contudo, nem por isso se inocenta de culpa, visto como, afastando-se do caminho reto, mostra que o bem ainda não estava vinculado no seu coração.

7. Como não obstante a prece e o arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, pode ele ser atingido pela vingança de um obsessor na última encarnação?

R. O arrependimento, bem o sabeis, é apenas a preliminar **indispensável à reabilitação**, mas não é o suficiente para libertar o culpado de todas as penas. Deus não se contenta com promessas, sendo preciso a prova por atos, do retorno ao bom caminho. Eis porque o Espírito é submetido a novas provações que o fortalecem, crescendo-lhe um merecimento ainda maior quando delas sai triunfante. O Espírito só arrosta com a perseguição dos maus, dos obsessores, **enquanto estes o não encontram bastante forte para resistir-lhes**. Encontrando resistência, eles o abandonam convictos da inutilidade dos seus esforços.

Estes dois últimos exemplos mostram-nos a renovação da mesma prova em sucessivas encarnações e por tanto tempo quanto o da sua ineficácia. Antônio Bell mostra-nos enfim o fato muito instrutivo do homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em anterior existência, como um remorso e um aviso. Vemos ainda por aí que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e bondade divinas se ostentam na faculdade ao homem conferida de progredir gradualmente, sem nunca privá-lo do resgate das faltas; que o culpado é punido pela própria falta, sendo esta punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir.

CAPITULO VI

CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

Veger

Assassino do arcebispo de Paris

No dia 3 de janeiro de 1857, monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da Igreja de Saint - Etienne du Mont, foi mortalmente ferido por um jovem padre chamado Veger. O criminoso foi condenado à morte e executado a 30 de janeiro. Até o último momento não manifestou qualquer sentimento de pesar, de arrependimento, ou de sensibilidade.

Evocado no mesmo dia da execução, deu as seguintes respostas:

1. Evocação.

— *R. Ainda estou preso ao corpo.*

2. Então a vossa alma não esta inteiramente libertada?

R. Não... tenho medo .. não sei... Esperarei que volte a mim. Não estou morto, não é assim?

3. Arrependei-vos do que fizeste?

R. Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter que não podia tolerar humilhações... Evocar-me-eis em outra oportunidade.

4. Por que vos retirais?

R. Se o visse, muito me atemorizaria pelo receio de que ele me fizesse outro tanto.

5. Mas nada tendes a temer, uma vez que a vossa alma esta separada do corpo. Renunciai a qualquer inquietação: não é razoável.

R. Que quereis? Acaso sois sempre senhor das vossas impressões? Quanto a mim, não sei onde estou... estou doído.

6. Esforçai-vos por ser calmo.

R. Não posso, porque estou louco... Esperai, que vou apelar para minha lucidez.

7. Se orásseis, talvez pudésseis concentrar os vossos pensamentos...

R. Intimido-me... não me atrevo a orar.

8. Oraí, que grande é a misericórdia de Deus! Oraremos convosco.

R. Sim: eu sempre acreditei na infinita misericórdia de Deus.

9. Compreendeis melhor agora a vossa situação?

R. Ela é tão extraordinária que ainda não posso apreendê-la.

10. Vedes a vossa vítima?

R. Parece-me ouvir uma voz semelhante à sua que me diz: "**Não mais te quero...**" Será talvez, um efeito da imaginação!... Estou doído, eu vo-lo asseguro, pois que vejo meu corpo de um lado e a cabeça de outro... afigurando-se-me, porém, que vivo no Espaço, entre a Terra e o que denominas céu... Sinto como o frio de uma faca prestes a decepar -me o pescoço, mas isso será talvez o terror da morte... Também me parece ver uma multidão de Espíritos a rodear -me, a olhar-me compadecidos... falam-me, mas não os compreendo.

11. Entretanto, entre esses Espíritos há talvez um cuja presença vos humilha por causa do vosso crime.

R. Dir-vos-ei que há apenas um que me apavora: o daquele a quem matei.

12. Lembrai-vos das anteriores existências?

R. Não: estou indeciso, acreditando sonhar.. Ainda uma vez. preciso tornar a mim.

13. (Três dias depois) Estais melhor agora?

R. Já sei que não mais pertenço a esse mundo e não o deploro. Pesa -me o que fiz, porém meu Espírito está mais livre. Sei ademais que há uma série de encarnações que nos dão conhecimentos úteis, a fim de nos tornarmos perfeitos tanto quanto é possível à criatura humana.

14. Sois punido pelo crime que cometestes?

R. Sim: lamento o que fiz e isso me faz sofrer.

15. Qual a vossa punição?

R. Sou punido porque tenho consciência da minha falta e para ela peço perdão a Deus; sou punido porque reconheço a minha descrença nesse Deus, sabendo agora que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos; sou punido pelo remorso de haver protelado o meu progresso, enveredando por caminho errado, sem ouvir o grito da própria consciência que me dizia não ser pelo assassinio que alcançaria o meu desiderato. Deixei-me dominar pela inveja e pelo orgulho; enganei-me e arrependi-me, pois o homem deve esforçar-se sempre por dominar as más paixões — o que aliás não fiz.

16. Qual a vossa sensação quando vos evocamos?

R. De prazer e de temor, uma vez que não sou mau.

17. Em que consiste esse prazer e esse temor?

R. No prazer de conversar com os homens e poderem parte repararas minhas faltas, confessando-as: e no temor, que não posso definir, um quê de vergonha por ter sido um assassino.

18. Desejais reencarnar na Terra?

R. Até o peço e desejo achar-me constantemente exposto ao assassinio e sentir o medo disso.

Monsenhor Sibour, evocado, disse que perdoava o assassino e orava para que ele se arrependesse. Disse mais que, se bem e estivesse presente à evocação, não se lhe tinha

mostrado para lhe não aumentares sofrimentos. porquanto o receio de o ver já era um sintoma de remorso, já era um castigo.

P. O homem que mata sabe que. ao escolher nova existência, nela se tornará assassino?

R. Não: ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, tem probabilidades de matar um semelhante, ignorando porém se o fará, uma vez que tem de lutar consigo.

A situação de Verger. ao morrer, é a de quase todos aqueles que sucumbem violentamente. Não se verificando abruptamente a separação, eles ficam como aturdidos, sem saber se estão mortos ou vivos, A visão do arcebispo foi -lhe poupada por desnecessária ao seu remorso; mas outros Espíritos, em circunstâncias idênticas, são constantemente acossados pelo olhar das suas vítimas.

À enormidade do delito. Verger acrescentara a agravante de se não ter arrependido ainda em vida, estando, pois. nas condições requeridas para a eterna condenação. Mas, logo que deixou a Terra, o arrependimento lhe invadiu a alma e, repudiando o passado, deseja sinceramente repará-lo. A isso não o impele a demasia do sofrimento, visto como nem mesmo teve tempo para sofrer, mas é o alarme dessa consciência, desprezada durante a vida, e que ora se lhe faz ouvir. Por que não considerar valioso esse arrependimento? Por que admiti-lo dias antes como capaz de salvar-se do inferno e depois não? E por que, finalmente, o Deus misericordioso para o penitente, em vida, deixaria de o ser. por questão de horas, mais tarde?

Fora para causar admiração a rápida mudança algumas vezes operada nas ideias de um criminoso endurecido e impenitente até a morte, se o trespassse lhe não fosse também bastante, às vezes, para reconhecer toda a iniquidade da sua conduta. Contudo, esse resultado está longe de ser geral o que daria em consequência o não haver Espíritos maus. O arrependimento é muitas vezes tardio e daí a protelação do castigo.

A obstinação no mal, em vida, provém às vezes do orgulho de quem recusa submeter -se e confessar os próprios erros, visto estar o homem sujeito à influência da matéria a qual, lançando-lhe um véu nas percepções espirituais, o fascina e desvaria. Roto esse véu, súbita luz o aclara e ele se encontra senhor da sua razão. A manifestação imediata de melhores sentimentos é sempre indício de um progresso moral realizado, que apenas aguarda uma circunstância favorável para se revelar, ao passo que a persistência mais ou menos longa no mal, depois da morte, é incontestavelmente a prova de atraso do Espírito, no qual os instintos materiais atrofiam o germe do bem, de modo que lhe são necessárias novas provações para se corrigir.

Lemaire

Condenado à pena última pelo júri de Aisne e executado a 31 de dezembro de 1857. Evocado em 29 de janeiro de 1858.

1. Evocação

— R. *Aqui estou.*

2. Vendo-nos, que sensação experimentais?

R. A sensação da vergonha.

3. Conservastes a vossa consciência até o último momento?

R. Sim

4. Após a execução tivestes imediata noção dessa nova existírei?

R. Eu estava imerso em grande perturbação, da qual aliás, ainda não me libertei. Senti uma dor imensa e me parecia ser o coração que a sofria. Vi rolar não sei o que aos pés do cadafalso, vi o sangue que escorria e mais pungente se tornou a minha dor.

P. Era uma dor puramente física, análoga àquela que proviria de um grande ferimento, peia amputação de um membro, por exemplo?

R. Não: figurai-vos antes um remorso uma grande dor moral.

5. Mas a dor física do suplício, quem a experimentava, o corpo ou o Espírito?

R. A dor moral eslava em meu Espírito, sentindo o corpo a dor física; mas o Espírito desligado também dela se ressentia.

6. Vistes o corpo mutilado?

R. Vi qualquer coisa informe, a qual me parecia integrado; entretanto, reconhecia-me intacto, isto é, que eu era eu mesmo...

P. Que impressões vos advieram desse facto?

R. Eu sentia muito a minha dor, estava completamente ligado a ela.

7. Será verdade que o corpo vive ameia alguns instantes depois da decapitação. tendo o supliciado a consciência das suas ideias?

R. O Espírito retira-se pouco a pouco: quanto mais o retêm os laços materiais, menos pronta é a separação.

8. Dizem que se tem notado a expressão da cólera e movimentos na fisionomia de alguns supliciados como se estes quisessem falar; será isso efeito de contrações nervosas ou um ato da vontade?

R. Da vontade, uma vez que o Espírito não está desligado.

9. Qual o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na vossa nova existência?

R. Um sofrimento intolerável, uma espécie de remorso pungente cuja causa ignorava.

10. Acaso vos achastes reunido aos vossos cúmplices supliciados ao mesmo tempo?

R. Infelizmente, sim, por desgraça nossa, pois essa visão recíproca é um suplício contínuo, exprobrando-se uns aos outros os seus crimes.

11. Tendes encontrado as vossas vítimas?

R. Vejo-as... são felizes; seus olhares perseguem-me... sinto que me varam o ser e embalde tento fugir-lhes.

P. Que impressão vos causam esses olhares?

R. *Vergonha e remorso. Ocasionei-os voluntariamente e ainda os abomino.*

R. Qual a impressão que lhes causais vós?

R. *Piedade, é sentimento que lhes percebo a meu respeito.*

12. Terão por sua vez o ódio e o desejo de vingança?

R. *Não; os olhares que me lançam me lembram a minha expiação. Vós não podeis avaliar o suplício horrível de tudo devermos àqueles a quem odiamos.*

13. Lamentais a perda da vida corporal?

R. *Apenas lamento os meus crimes. Se o fato ainda dependesse de mim, não mais sucumbiria.*

14. O pendor para o mal estava na vossa natureza, ou fostes ainda influenciado pelo meio em que vivestes?

R. *Sendo eu um Espírito Inferior a tendência para o mal estava na minha própria natureza. Quis elevar-me rapidamente, mas pedi mais do que comportavam as minhas forças. Supondo-me forte, acabei por ceder às tentações do mal.*

15. Se tivésseis recebido sãos princípios de educação. ter-vos-íeis desviado da senda criminosa?

R. *Sim, mas eu havia escolhido a condição do nascimento.*

P. Acaso não vos poderíeis ter tornado homem de bem?

R. *Um homem fraco é incapaz tanto para a prática do bem como para o do mal. Poderia, talvez, corrigir na vida o mal inerente à minha natureza, mas nunca me elevar à prática do bem.*

16. Quando encarnado acreditáveis em Deus?

R. *Não.*

P. Mas falam que à última hora vos arrependestes...

R. *Porque acreditei num Deus vingativo, era natural que o temesse.. .*

17. Parece-vos justo o castigo que vos aplicaram na Terra?

R. *Sim.*

18. Esperais obter o perdão dos vossos crimes?

R. *Não sei.*

P. Como pretendeis repará-los?

R. *Por novas provações, conquanto me pareça que uma eternidade existe entre mim e elas.*

19. Onde vos achais agora?

R. *Estou no meu sofrimento.*

P. Perguntamos qual o lugar em que vos encontreis....

R. *Perto do médium.*

20. Uma vez que assim é, sobre que forma vos veríamos, se isso nos fosse possível?

R. *Ver-me-íeis sob a minha forma corpórea: a cabeça separada do tronco.*

P. Podereis aparecer-nos?

R. *Não; deixai-me.*

21. Podereis dizer-nos como vos evadistes da prisão de Mon didier?

R. *Nada mais sei... é tão grande o meu sofrimento, que apenas guardo a lembrança do crime... Deixai-me.*

22. Poderíamos concorrer para vos aliviar desse sofrimento?

R. *Fazei votos para que sobrevenha a expiação.*

Benoist **(Bordéus, março de 1862)**

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium sobre o nome de Benoist, dizendo ter morrido em 1704 e padecer horríveis sofrimentos.

1. Que fostes na Terra?

R. *Frade sem fé.*

2. Foi a descrença a vossa única falta?

R. *Só ela é bastante para acarretar outras.*

3. Podereis dar-nos alguns pormenores acerca da vossa vida? Ser-vos-á levada em boa conta a sinceridade da confissão.

R. *Pobre e indolente, ordenei-me para ter uma posição, sem pendor aliás para encargo dessa natureza. Inteligente, consegui essa posição; influente, abusei do meu poderio; vicioso, corrompi aqueles que tinha por missão salvar; cruel, persegui aqueles que me pareciam querer verberar os meus excessos; os pacíficos foram por mim inquietados. As torturas da fome de muitas vítimas eram extintas amiúde pela violência. Agora sofro todas as torturas do inferno e as vítimas me atei fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciáveis perseguem-me: abrasa-me a sede os lábios escaldantes sem que uma gota caia neles como refrigerio. Oraí pelo meu Espírito.*

4. As preces feitas pelos finados deverão ser atribuídas a vós como aos outros?

R. *Acreditais que sejam edificantes e no entanto **elas têm para mim o valor daquelas que eu simulava fazer**. Não executei o meu trabalho e, assim, recebo o salário.*

5. Nunca vos arrependestes?

R. *Há muito tempo; mas **ele só veio pelo sofrimento**. E como fui surdo ao clamor de vítimas inocentes, o Senhor também é surdo aos meus clamores. Justiça!*

6. Reconheceis a Justiça do Senhor: pois bem, confiai na sua bondade e socorrei -vos do auxílio dele.

R. Os demônios berram mais do que eu; seus gritos sufocam -me; encham-me a boca de betume fervente!... Eu o fiz, grande... (O Espírito não pode escrever a palavra Deus).

7. Não estais suficientemente liberto das ideias terrenas de modo que essas torturas são todas morais?

R. Sofro-as... sinto-as... vejo os meus carrascos, que tem todos uma cara conhecida, um nome que repercute em meu cérebro.

8. Mas que poderia impelir-vos ao cometimento de tantas infâmias?

R. Os vícios de que me achava saturado, a brutalidade das paixões.

9. Nunca implorastes a assistência dos bons Espíritos para vos ajudarem a sair dessa contingência?

R. Apenas vejo os demônios do inferno.

10. Quando estáveis na Terra temíeis esses demônios?

R. Não, absolutamente, visto que só cria em o nada. Os prazeres a todo transe constituíam o meu culto. E, já que lhes consagrei a vida, as divindades do inferno não mais me abandonaram, nem abandonarão!

11. Então não lobrigais um termo para esses sofrimentos?

R. O infinito não tem termo.

12. Mas Deus é infinito na sua misericórdia e tudo pode ter um fim quando Lhe aprover.

R. Se Ele o quisesse!

13. Por que vos viestes inscrever aqui?

R. Não sei mesmo como, mas eu queria falar e gritar para que me aliviassem.

14. E esses demônios não vos impedem de escrever?

R. Não, mas conservam-se à minha frente, e esperam-me... Também por isso eu desejaria não terminar.

15. É a primeira vez que deste modo escreveis?

R. Sim.

P. E sabíeis que os Espíritos podiam assim aproximar -se dos homens?

R. Não.

P. Como pois o percebestes?

R. Não sei.

16. Que sensações experimentastes ao acercar -vos de mim?

R. Um como entorpecimento dos meus terrores.

17. Como vos apercebestes da vossa presença aqui?

R. Como quando se desperta de um sono.

18. Como procedestes para comunicar comigo?

R. Não posso compreender, mas tu também não sentiste?

19. Não se trata de mim. porém de vós... Procurai assegurar-vos do que fazeis enquanto eu escrevo.

R. És o meu pensamento em tudo, eis tudo.

20. Não tivestes pois o desejo de me fazer escrever?

R. Não, sou eu quem escreve e tu pensas por mim.

21. Procurai assegurar-vos do vosso estado, porque os bons Espíritos que vos cercam vos ajudarão.

R. Não, que os anjos não vêm ao inferno Tu não estás só?

P. Vedes em torno.

R. Sinto que me auxiliam a pensar por ti... tua mão obedece-me... não te toco, aliás, e seguro-te... Como? Não sei...

22. Implorai a assistência dos vossos protetores. Vamos pedir a ambos.

R. Queres deixar-me? Fica comigo, porque vão reapossar-se de mim. Eu te peço... Fica! Fica!...

23. Não posso demorar-me por mais tempo. Voltai diariamente para orarmos juntos e os bons Espíritos vos auxiliarão.

R. Sim, desejo o perdão. Oraí por mim, que não posso fazê-lo.

(O Guia do médium) — *Coragem, meu filho, porque Ihe será concedido o que pedes, se bem que longe esteja ainda o fim da expiação. As atrocidades por ele cometidas não têm número nem conta e maior é a sua culpa porque possuía inteligência, instrução e luzes para guiar -se. Tendo falido com conhecimento de causa, mais terríveis Ihe são os sofrimentos, os quais, não obstante, se suavizarão com o auxílio e o exemplo da prece, de modo que Ihes possa ver o fim, confortado pela esperança. Deus o vê no caminho do arrependimento e já Ihe concedeu a graça **de poder comunicar-se a fim de ser encorajado e confortado**. Pensa nele muitas vezes, pois nós te o entregamos para fortalecer -se nas boas resoluções que Ihe poderão advir dos teus conselhos. Ao seu arrependimento sucederá o desejo da reparação, e pedirá então uma nova existência para praticar o bem como compensação do mal praticado. Quando Deus estiver satisfeito a respeito dele e o vir resolutos e firme, far-lhe-á entrever as divinas luzes que o hão de conduzir à salvação, recebendo-o no Seu seio como pai ao filho pródigo. Tem fé e nós te ajudaremos a completar o teu trabalho.*

Paulino.

Colocamos este Espírito entre os criminosos, posto que não atingido pela justiça humana, porque o crime se contém nos atos e não no castigo infligido pelos homens. O mesmo se dá com o que se segue.

O Espírito de Casteinaudary

Rumores e outras estranhas e várias manifestações ocorridas numa casinha perto de Casteinaudary, faziam-na crer habitada por fantasmas, mal-assombrada, etc. Assim foi dita casa exorcizada em 1848, aliás sem resultado. O proprietário Sr. D., pretendendo habitá-la, faleceu repentinamente alguns anos depois; e seu filho, animado do mesmo desejo, ao penetrar-lhe um dos compartimentos, recebeu de mão desconhecida vigorosa bofetada e, como estivesse só, não teve a menor dúvida de uma origem oculta, razão esta que o levou a abandonar a casa definitivamente. No lugar corria uma versão segundo a qual um grande crime fora cometido ali.

O Espírito que dera a bofetada foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, e manifestou -se por sinais de tamanha violência, que foram improficuos todos os esforços para acalmá-lo. Interrogado S. Luís a respeito do assunto, respondeu: *"É um Espírito da pior espécie, verdadeiro monstro; fizemo-lo comparecer, mas não obstante tudo quanto lhe dissemos não foi possível obrigá-lo a escrever. Ele possui o seu livre-arbítrio, do qual o infeliz tem feito triste uso"*.

P. Este Espírito é passível de melhora?

R. *Por que não? Pois **não o são todos, este como os outros** ? É possível entretanto que haja nisso dificuldades, porém a permuta do bem pelo mal acabará por sensibilizá-lo. Ora em primeiro lugar e, se o evocardes daqui a um mês, vereis a transformação operada.*

Novamente evocado mais tarde, o Espírito mostrou-se mais brando e, pouco a pouco, submisso e arrependido. Explicações posteriores, ministradas não só por ele como por outros Espíritos, deram em resultado ficarmos sabendo que, em 1608, habitando aquela casa, assassinara um irmão por motivos de terrível ciúme, degolando-o durante o sono. Alguns anos decorridos, também assassinara a esposa. O seu falecimento ocorreu em 1659, na idade de 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, que pouca atenção despertaram naquela época de balbúrdias. Depois da morte, jamais cessara de praticar o mal, provocando vários acidentes, ocorridos naquela casa. Um médium vidente que assistiu à primeira evocação o viu no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, quando sacudiu violentamente o braço do médium. De medonha catadura, trajava uma camisa ensanguentada, tendo na mão um punhal.

1. P. (A S. Luís) — Tende a bondade de nos descrever o género de suplício deste Espírito.

R. *É atroz, porque está condenado a habitar a casa em que cometeu o crime, sem poder fixar o pensamento noutra coisa a não ser no crime, tendo-o sempre ante os olhos e acreditando na eternidade dessa tortura. Está como no momento do próprio crime, porque qualquer outra recordação lhe foi retirada e interdita toda comunicação com qualquer outro Espírito. Sobre a Terra, só pode permanecer naquela casa, e no Espaço só lhe restam solidão e trevas.*

2. Haveria um meio de o desalojar dessa casa? Qual seria esse meio?

R. Quando alguém quer ficar livre de obsessões de semelhantes Espíritos, o meio é fácil — orar por eles. Contudo é precisamente isso que se deixa de fazer muitas vezes: prefere -se intimidá-los com exorcismos que, aliás, muito os divertem.

3. Insinuando às pessoas interessadas essa ideia de orar por ele, fazendo-o também nós, conseguiríamos desalojá-lo?

R. Sim, mas reparaí que eu disse para orar e não para mandar orar.

4. Estando em tal situação há dois séculos, apreciará ele todo esse tempo como se fora encarnado, isto é, o tempo parecer-lhe-á tanto ou menos longo do que quando na Terra?

R. Mais longo; o sono não existe para ele.

5. Disseram-nos que o tempo não existe para os Espíritos e que um século, para eles, não passa de um instante na eternidade. Dar-se-á efetivamente esse fato para com todos os Espíritos?

R. Não, por certo, porquanto isso só se dá com os Espíritos que têm atingido elevadíssimo grau de adiantamento; para os inferiores, porém, o tempo é frequentemente moroso, sobretudo quando sofrem.

6. Onde vinha esse Espírito antes da sua encarnação?

R. Tivera uma existência entre tribos das mais ferozes e selvagens e, precedentemente, em planeta inferior à Terra.

7. Severamente punido agora por esse crime, sê-lo-ia igualmente pelos que porventura tivesse cometido, como é de supor, quando vivendo entre selvagens?

R. Sim, porém não tanto, uma vez que, por ser mais ignorante, menos alcançava a extensão do delito.

8. O estado em que se vê esse Espírito é o dos seres vulgarmente designados por danados?

R. Não, em absoluto, pois há condições ainda mais horrorosas. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, variando conforme seja o culpado mais ou menos acessível ao arrependimento. Para este, aquela casa é o seu inferno, outros trazem esse inferno em si mesmos, pelas paixões que os atormentam sem que possam saciá -las.

9. Não obstante a sua inferioridade, este Espírito é sensível aos efeitos da prece, o que também temos verificado com Espíritos da mesma forma perversos e da mais ínfima natureza; entretanto, Espíritos há que, esclarecidos. de inteligência mais desenvolvida, demonstram completa ausência de bons sentimentos e zombam de tudo o que há de mais sagrado: a nada se comovendo e até não dando tréguas ao seu cinismo...

R. A prece só aproveita ao Espírito que se arrepende; para aqueles que. cheios de orgulho, se revoltam contra Deus e que persistem no erro, exagerando -o mesmo, tal como procedem os infelizes: para eles a prece nada adianta nem adiantará senão quando ténue vislumbre de arrependimento começar a germinar-lhes na consciência. A ineficácia da prece também é para eles um castigo. Enfim, ela só alivia os não totalmente endurecidos.

10. Vendo-se um Espírito insensível à ação da prece, será motivo para que se deixe de orar por ele?

R. Não, porquanto, cedo ou tarde, a prece poderá triunfar do seu endurecimento e sugerir -lhe benéficos pensamentos.

O mesmo acontece com determinados doentes nos quais a ação medicamentosa só se torna sensível depois de muito tempo, e vice-versa. Compenetrando-nos bem de que todos os Espíritos são capazes de progresso, e que nenhum é fatal e eternamente condenado, fácil nos será compreender a eficácia da prece em quaisquer circunstâncias. Por mais ineficaz que ela possa parecer -nos à primeira vista, a verdade é que contém germes em si mesma, bastante benéficos, para bem predispor o Espírito, quando o não afetem imediatamente. Erro seria, pois, desanimarmos por não colher dela imediato resultado.

11. Quando esse Espírito for reencarnar. qual será a sua categoria?

R. *Depende dele e do arrependimento que então tiver.*

Muitos colóquios com esse Espírito deram em resultado notável transformação do seu moral. Eis aqui algumas das respostas dele.

12. (Ao Espírito). Por que não pudestes escrever da primeira vez que vos evoca mos?

R. *Porque não queria.*

P. Mas por que?

R. *Ignorância e embrutecimento.*

13. Agora podeis deixar, quando vos apraz, a casa de Casteinaudary?

R. *Permitem-me isso, porque aproveito os vossos conselhos.*

P. Sentis algum alívio?

R. *Começo a ter esperança.*

14. Se nos fosse possível ver -vos, qual a vossa aparência?

R. *Ver-me-íeis com a camisa, mas sem o punhal.*

P. Por que não mais com o punhal? Que sumiço lhe destes?

R. *Amaldiçoando-o. Deus arrebatou-me das vistas.*

15. Se o filho do Sr D. (o da bofetada) tornasse àquela casa, que lhe faríeis?

R. *Nada, porque estou arrependido.*

P. E se ele pretendesse ainda desafiar -vos?

R. *Não me façais essa pergunta! Eu não me dominaria, isso está acima das minhas forças, pois sou um miserável.*

16. Vislumbrais um termo a os vossos padecimentos?

R. Oh! Ainda não. É já muito o saber, graças a vossa intercessão, que esses padecimentos não serão eternos.

17. Tende a bondade de nos descrever a vossa situação antes de vos havermos evocado pela primeira vez. Não é preciso acrescentarmos que este pedido tem por fim sabermos como ser-vos úteis e não a simples e fútil curiosidade.

R. Disse-vos já que nada mais compreendia além do meu crime e que não podia abandonar a casa em que o cometi, a não ser para vagar no Espaço, solitário e desconhecido; disso não poderia eu dar-vos uma ideia, porque nunca pude compreender o que se passava. Desde que me alçava ao Espaço, era tudo negrume e vácuo ou, antes, não sei mesmo o que era... Hoje o meu remorso é muito maior e no entanto não sou constangido a permanecer naquela casa fatal, sendo-me permitido vagar na Terra e orientar-me pela observação de quanto aí vejo; compreendo melhor, assim, a enormidade dos meus crimes e, se menos sofro por um lado, por outro aumentam as torturas do remorso... Mas... ainda bem que tenho esperança.

18. Se tivésseis de reencarnar, que existência preferiríeis?

R. Não tenho meditado suficientemente acerca disso.

19. Durante o vosso longo insulamento—quase podemos dizer cativo— experimentastes algum remorso?

R. Nenhum e por isso sofri tão longamente. Somente quando o senti, foi que ele provocou, sem que disso me apercebesse, as circunstâncias determinantes da vossa evocação ao meu Espírito, para início da libertação. Obrigado, pois, a vós que de mim vos apiedastes e me esclarecestes.

Realmente temos visto avaros sofrerem à vista do ouro, que para eles não passava de verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pelo ciúme das honrarias prestadas a outros e não a eles; homens que dominavam na Terra, humilhados pela potência invisível, constrangidos à obediência, em presença de subordinados, que não mais lhes faziam curvaturas; ateus atónitos pela dúvida em face da imensidade, no mais absoluto insulamento, sem um ser que os esclarecesse. No mundo dos Espíritos há recompensas para todas as virtudes, mas há também penalidades para todas as faltas; destas, aquelas que escaparam às leis dos homens são infalivelmente alcançadas pelas leis de Deus.

Devemos ainda notar que as mesmas faltas, conquanto cometidas em circunstâncias idênticas, são diversamente punidas, conforme o grau de adiantamento do Espírito delinquente. Aos Espíritos mais atrasados, de natureza mais grosseira, como aquele de que acabamos de nos ocupar, são infligidos castigos de algum modo mais materiais que morais, ao passo que o contrário se dá para com aqueles cuja inteligência e sensibilidade estejam mais desenvolvidas. Aos primeiros impõe-se o castigo adequado à rudeza do seu discernimento, para compreenderem o erro e dele se libertarem. Assim é que a vergonha, por exemplo, causando pouca ou nenhuma impressão para estes, torna-se para aqueles intolerável.

No divino código penal, a sabedoria, a bondade, a providência de Deus para com as suas criaturas revelam-se até nas mínimas particularidades, sendo tudo proporcionado e disposto com admirável solicitude para facilitar ao culpado os meios de reabilitação. As mínimas aspirações são consideradas e recolhidas. Pelos dogmas das penas eternas, ao contrário, são no inferno confundidos os grandes e pequenos criminosos, os culpados de momento e os reincidentes contumazes, os endurecidos e os arrependidos. Além disso, nenhuma tábua de salvação lhes é oferecida; a falta momentânea pode

acarretar uma condenação eterna e, o que mais é, qualquer benefício que porventura hajam feito de nada lhes valerá. De que lado, pois, estará a verdadeira justiça, a verdadeira bondade?

Esta evocação nada tem de fortuita e como deveria aproveitara esse infeliz, visto que ele já começava a compreender a enormidade do seu crime, os Espíritos guias julgaram oportuno esse socorro eficaz e facilitaram-lhe as circunstâncias propícias. É este um fato que temos visto reproduzir-se frequentemente.

Perguntar-se-á o que seria desse Espírito se não fosse evocado, o que será de todos os sofredores que o não podem ser, bem como daqueles em quem ninguém pensa... Poderíamos redarguir que os meios de que Deus dispõe para salvar as criaturas são inumeráveis, sendo a evocação um dentre esses meios, porém, não único certamente. Deus não deixa ninguém esquecido, além de que nos Espíritos suscetíveis de arrependimento, as preces coletivas devem exercer alguma influência.

O destino dos Espíritos sofredores não poderia ser por Deus subordinado à boa vontade e aos conhecimentos humanos. Desde que os homens puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, uma das primeiras consequências do Espiritismo foi o ensino dos serviços que por meio dessas relações podem prestar aos seus irmãos desencarnados. Deus patenteia por esse modo a solidariedade existente entre todos os seres do Universo, ao mesmo tempo que dá a lei da natureza por base ao princípio da fraternidade. Deus demonstra-nos a feição verdadeira, útil e séria das evocações, até então desviadas da sua finalidade providencial pela ignorância e pela superstição. Nunca faltaram socorros aos sofredores em qualquer época e, se evocações lhes proporcionam uma nova via de salvação, aproveitam ainda mais, talvez, aos encarnados, por lhes proporcionar novos meios de fazer o benefício e instruir-se ao mesmo tempo acerca das condições da vida futura.

Jaques Latour

(Assassino condenado pelo júri de Foix e executado em setembro de 1864)

Em reunião íntima de sete a oito pessoas, realizada em Bruxelas a 13 de setembro de 1864 e à qual assistíamos, foi pedido a um médium que tomasse do lápis, sem que aliás houvésemos feito qualquer evocação especial. Possuído de extraordinária agitação, ei-lo a traçar caracteres muito grossos, e depois, rasgando o papel, exclama:

"Arrependo-me! Arrependo-me! Latour!"

Surpreendidos com a inesperada comunicação, de modo algum provocada, uma vez que ninguém pensara nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada por uma parte dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e comiseração e lhe fizemos em seguida esta pergunta:

Que motivo vos levou a manifestar-vos aqui, de preferência a outro lugar quando não vos evocamos?

Responde o médium de viva voz:

"Vi que, almas compassivas, teríeis piedade de mim, ao passo que outros ou me evocavam mais por curiosidade, ou de mim se afastavam horrorizados".

Depois começou uma cena indescritível que não durou mais de meia-hora. O médium, juntando os gestos e a expressão da fisionomia à palavra, deixava claro a identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de cruel desespero desenhavam vividamente o sofrimento; o tom da voz era tão compungido, as súplicas tão veementes, que ficávamos profundamente comovidos.

Alguns estavam mesmo aterrorizados com a superexcitação do médium, mas nós sabíamos que a manifestação de um ente arrependido, que implora piedade, nenhum perigo poderia oferecer. Se ele buscou os órgãos do médium, é porque melhor desejava patentear a sua situação, a fim de que mais nos interessássemos pela sua morte, e não como os Espíritos obsessores e possesores, que visam apoderar-se dos médiuns para os dominarem. Essa manifestação lhe fora talvez permitida não só em benefício próprio, mas também para edificação dos circunstantes.

Ei-lo a exclamar:

"Oh! sim, piedade... muito necessito dela... Não sabeis o que sofro... Não o sabeis e não podereis compreendê-lo. É horrível! A guilhotina!... Que vale a guilhotina comparada a este sofrimento de agora? Nada! É um instante. Este fogo que me devora sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem fim!...

"E as minhas vítimas ali estão ao redor, a mostrar-me os ferimentos, a perseguir-me com seus olhares... Aí estão e vejo-as todas...todas...sem poder fugir a elas! E este mar de sangue?! E este ouro manchado de sangue?! Tudo aí está...tudo... e sempre ante meus olhos! E o cheiro de sangue... Não o sentis? Oh! Sangue e sempre sangue! Ei-las que imploram, as pobres vítimas, e eu a feri-las sempre... sempre... impiedosamente!... O sangue inebria-me...

"Acreditava que depois da morte tudo estaria terminado e assim foi que afrontei o suplício e afrontei o próprio Deus, renegando-O!... Entretanto, quando me julgava aniquilado para sempre, que terrível despertar... oh! sim, terrível, cercado de cadáveres, de espectros ameaçadores, os pés atolados em sangue!...

"Acreditava-me morto, e estou vivo! Horrendo! Horrendo! Mais horrendo que todos os suplícios da Terra! Ah! Se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as consequências do mal! Certamente não haveriam mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores! Eu só quisera que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e sofro... "Oh! Então não mais o seriam, porque é horrível este sofrimento!

"Bem sei que o mereci, oh! meu Deus, porque também eu não tive compaixão das minhas vítimas; repelia as mãos súplicas quando imploravam que as poupasse... Sim, fui cruel, decerto, matando-as covardemente para roubá-las! E fui ímpio, e fui blasfemo também, renegando o vosso sacratíssimo nome... *Quis enganar-me, porque eu queria persuadir-me de que Vós não existíeis...* Meu Deus, eu sou grande criminoso! Agora o compreendo. Mas...não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, isto é, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente!

"Piedade, Senhor! Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me destes olhares odiosos, destes espectros horríveis... deste sangue... das minhas vítimas... *olhares que, quais punhaladas, me atravessam o coração.*

Vós outros que aqui estais, que me ouvís, sede bondosos, almas caritativas. Sim, eu o vejo, sei que tendes piedade de mim, não é verdade? Haveis de orar por mim... Oh! Eu vo-lo suplico, não me abandoneis como fiz outrora aos outros. Pedireis a Deus que me tire este horrível espetáculo de ante os olhos, e Ele vos ouvirá porque sois bons... Imploro, orai por mim."

Os assistentes, sensibilizados, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é inflexível; apenas exige do culpado um arrependimento sincero, aliado à vontade de reparar o mal praticado. Uma vez que o vosso coração não está petrificado e que lhe pedis o perdão dos vossos crimes, a Sua misericórdia baixará sobre vós. Preciso é, pois, que perseverais na boa resolução de reparar o mal que fizestes. Certamente não podeis restituir às vítimas as vidas que lhes arrancastes, mas, se o pedirdes com fervor, Deus permitirá que as encontreis em uma nova encarnação, na qual lhes podereis patentear tanto devotamento quanto o mal que lhe causastes. E quando a reparação Lhe parecer suficiente, para logo entrareis na Sua santa graça. Assim, a duração do vosso castigo está nas vossas mãos, dependendo de vós o abreviá-lo. Comprometemo-nos a auxiliar-vos com as nossas preces e invocar para vós a assistência dos bons Espíritos. Vamos pronunciar em vossa intenção a prece que se contém n' **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, referente aos Espíritos sofredores e arrependidos. Não pronunciaremos a que se refere aos maus Espíritos, porque desde que vos arrependeis, que implorais, que renunciáis ao mal, não p assais para nós de um Espírito infeliz, e não mau.

Feita essa prece, o Espírito continua, depois de breves instantes de calma:

"Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandoneis, enviai-me os vossos bons Espíritos para me amparem... Obrigado..."

Depois desta cena o médium fica alquebrado, abatido, os membros lassos por algum tempo. A princípio apenas, tem vaga ideia do que se passou, mas pouco a pouco vai-se lembrando de algumas das palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falara.

No dia seguinte, em nova reunião, o Espírito tornou a manifestar -se, reencetando a cena da véspera, porém por minutos apenas, e isso com a mesma gesticulação expressiva, posto que menos violenta. Depois, tomado de agitação febril, escreveu:

"Agradecido pelas vossas preces. Experimento já uma sensível melhora. Foi tamanho o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei de ver ainda as minhas vítimas... Ei-las! Ei-las! Vedes este sangue?..."

(Repetiu-se a prece da véspera. O Espírito continuou dirigindo -se ao médium).

“Perdoai-me o ter-me apossado de vós. Obrigado pelo alívio que proporcionais aos meus sofrimentos. Perdoai o mal que vos causei, mas eu tenho necessidade de me comunicar, e só vós o podeis...”

Obrigado! Obrigado! Que já sinto algum alívio, se bem não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas, Deus, sede indulgente. Orai todos vós por mim, tende piedade.

Latour. "

Um membro da Sociedade Espírita de Paris que tinha orado por aquele infeliz, evocando -o, obteve intervaladamente as seguintes comunicações.

1

“Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, porém não pude manifestar-me logo, de maneira que muitos Espíritos levianos me tomaram o nome e a vez. Aproveitei a estadia em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e comuniquei -me, com a aquiescência de Espíritos superiores.

Voltarei a manifestar-me na Sociedade, a fim de fazer revelações que serão um começo de reparação às minhas faltas, podendo também servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e meditarem na exposição dos meus sofrimentos.

É somente no espírito dos homens fracos ou das crianças que a narrativa de penas infernais pode produzir efeitos terroristas. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime e o temor de um polícia é para ele mais real que a descrição dos tormentos do inferno. Eis porque todos os que me lerem ficarão comovidos com minhas palavras e com os meus padecimentos, que não são ficções. Não há um só padre que possa dizer que viu o que tenho visto, porque tenho assistido às torturas dos danados. Mas quando eu vier dizer: eis o que se passou após a minha morte, a morte do corpo, qual não foi a minha decepção ao reconhecer -me vivo, ao contrário do que supunha e tinha tomado pelo termo dos suplícios, quando era o começo de outras torturas, aliás indescritíveis, então, mais de um ser estará à borda do precipício em que ia despenhar-me e cada um dos desgraçados, desviados por mim da senda criminosa, concorrerá para o resgate das minhas faltas.

Foi-me permitido que me libertasse do olhar das minhas vítimas transformadas em carrascos, a fim de poder comunicar-me convosco; ao deixar-vos, entretanto, tornarei a vê-las e só esta ideia me causa tal sofrimento que não poderia descrevê-lo. Sou feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes. Orai sempre ao Senhor por mim, pedi-Lhe que me liberte do olhar das minhas vítimas.

Sim; oremos juntos. A prece faz tanto bem... Estou mais aliviado; não sinto tão pesado o fardo que me acabrunha. Vejo um resquício de esperança luzindo -me aos olhos e, contrito, exclamo: bendita a mão do Senhor e que se seja feita a sua vontade!

2

O médium — Em vez de pedir a Deus para vos furtar ao olhar das vossas vítimas, eu vos convido a pedir comigo que vos dê a força necessária a fim de suportardes essa tortura expiatória.

Latour — *Eu preferia livrar-me desses olhares. Se soubésseis o quanto soffro... O homem mais insensível comover-se-ia vendo impressos na minha fisionomia, como que a fogo, os soffrimentos de minha alma. Farei, entretanto, o que me aconselhais, pois compreendo ser esse um meio de expiar um pouco mais rapidamente as minhas faltas. É como uma dolorosa operação, que viesse curar um corpo gravemente adoentado.*

Ah! Pudessem ver-me os culpados da Terra! Ficariam apavorados das consequências de seus crimes, que embora occultos aos olhares dos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal para tantas pessoas!

Que responsabilidade assumem os que recusam instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que podem evitar crimes com polícia e soldados... Que grande erro!

3

Terríveis são os meus soffrimentos; porém depois que por mim orastes, me sinto confortado por bons Espíritos, os quais me dizem que tenha esperança. Avalio a eficácia do remédio heroico que me aconselhastes e peço a Deus me dê forças para suportar esta dura expiação, aliás igual, posso afirmá-lo, ao mal que fiz. Não quero escusar-me das minhas atrocidades; mas o certo é que, para cada uma das minhas vítimas, salvo a precedência de alguns instantes, na morte, a dor não existia, e as que tinham terminado a provação terrena foram receber a recompensa que as aguardava. Para mim, entretanto, ao voltar ao mundo dos Espíritos, só houve padecimento de dores infernais, salvantes os curtos instantes em que me manifestava.

Em que pesem às suas imagens de terror, os padres só têm uma fra ca noção dos verdadeiros soffrimentos que a justiça divina reserva aos infratores da lei do amor e da caridade. Como insinuar a pessoas sensatas que uma alma, isto é, uma coisa imaterial, possa sofrer ao contato do fogo material? É absurdo e por isso tantos e tantos criminosos se riem desses painéis fantásticos do inferno. O mesmo, porém não se dá quanto à dor moral do condenado, após a morte física.

Orai para que o desespero não se aposses de mim.

4

*Muito grato vos sou pela perspectiva que me trouxeste e a cujo fim glorioso sei que devo chegar quando estiver purificado. Sofro muito, mas parece-me que os soffrimentos diminuem. Não posso acreditar que, no mundo dos Espíritos, a dor diminua pouco a pouco à força de hábito. Não. O que eu depreendo é que as vossas preces salutareis me aumentaram as forças, de modo que, **pelas mesmas dores, com mais resignação, eu menos soffro** .*

O pensamento volve então para a minha última existência e vejo as faltas que teria evitado se soubesse orar. Hoje compreendo a eficácia da prece; compreendo o valor dessas mulheres honestas e piedosas, fracas pela carne, porém fortes pela fé; compreendo, enfim, esse mistério ignorado pelos supostos sábios da Terra. Preces! Palavra que por si só provoca o riso dos espíritos fortes. Aqui os espero no mundo espiritual e, quando a venda que a verdade encobre se romper para eles, então por sua vez se prosternarão aos pés do Eterno a quem desprezaram e serão felizes em se humilhar para que seus pecados e crimes sejam relevados! Hão de compreender então a eficácia da prece.

Orar é amar e amar é orar! E eles amarão o Senhor, lhe dirigirão preces de reconhecimento e de amor regenerados pelo sofrimento. E, pois que devem sofrer, pedirão como eu peço a força necessária ao sofrimento e à expiação. Deixando de sofrer, hão de orar ainda para agradecer o perdão obtido, por sua humildade e resignação. Oremos, irmão, para que mais me fortaleça...

Oh! Obrigado pela tua caridade, meu irmão, pois que estou perdoado. Deus me liberta do olhar das minhas vítimas. Oh! Meu Deus! Bendito sejais Vós, por toda a eternidade, pela graça que me concedeis! Oh! Meu Deus! Sinto a enormidade dos meus crimes e curvo -me ante a vossa onipotência. Senhor! Eu Vos amo de todo o meu coração e Vos suplico a graça de me permitirdes, como o julgardes melhor, sofrer novas provações na Terra; voltar a ela como missionário da paz e da caridade, ensinando as crianças a pronunciar com respeito o Vosso nome. Peco-vos que me seja possível ensinar que Vos amem, a Vós, Pai que sois de todas as criaturas. Obrigado, meu Deus! Sou um Espírito arrependido, e sincero é o meu arrependimento. Tanto quanto meu impuro coração pode comportá-lo, eu Vos amo com esse sentimento que é pura emanção da vossa divindade. Irmão, oremos, pois meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, quebrei os grilhões, não sou mais um réprobo. Sou um Espírito sofredor, mas arrependido, a desejar que o meu exemplo pudesse conter nos umbrais do crime todas as mãos criminosas que vejo prestes a se levantarem. Oh! Para trás, recuai, irmãos, pois as torturas que preparais serão atrozés! Não acrediteis que o Senhor se deixará tão prontamente submeter à prece dos seus filhos. São séculos de torturas que vos esperam.

O Guia do médium — *Dizem que não compreendes as palavras do Espírito. Procura ter uma ideia da sua comoção e do seu reconhecimento para com o Senhor, coisas que ele acredita não poder testemunhar melhor do que tentando demover todos esses criminosos por ele vistos, mas que tu não podes ver. Aos ouvidos desses uns, q uereria ele que chegassem as suas palavras; mas o que não te disse ele, porque o ignora ainda, é que lhe será permitido o início de missões reparadoras. Irá para junto daqueles que foram cúmplices inspirando -lhes arrependimento, implantando em seus corações o germe do remorso.*

Frequentemente se veem na Terra pessoas, consideradas como honestas, que se lançam aos pés de um sacerdote para se acusarem de um crime. É o remorso que lhes dita a confissão da culpa. Se o véu que te encobre o mundo invisível se des fizesse, verias muitas vezes o Espírito cúmplice ou instigador de um crime, tal como o fará Jaques Latour, inspirando o remorso ao Espírito encarnado, no afã de reparar a própria falta.

Teu guia protetor.

Mais tarde, o médium de Bruxelas, o mesmo que recebera o primeiro ditado, obteve mais este.

“Nada mais receeis de mim, que estou tranquilo, em que pese ao sofrimento porque estou passando. Vendo o meu arrependimento, Deus teve compaixão de mim. Agora sofro por causa desse arrependimento, que me demonstra a enormidade dos meus crimes.

“Bem aconselhado na vida, eu não teria nunca praticado todo esse mal, mas, sem repressão, obedeci cegamente aos meus instintos. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou, antes, se nele acreditassem, essas faltas não seriam cometidas.

“Falha é, porém, a justiça dos homens; uma falta muita vez passageira leva o homem ao cárcere, que não deixa de ser um foco de perversão. Daí sai ele completamente corrompido pelos maus exemplos e conselhos. Dado porém que a sua índole se ja boa e forte para se não corromper, ainda assim, de lá saído, ele vai encontrar fechadas todas as portas, retraídas todas as mãos, indiferentes todos os corações! Que lhe resta pois? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que o assistem bo as resoluções de se corrigir. Então a miséria o leva aos extremos e é então tomado de desprezo pelo semelhante, vem a odiar e perde a noção do bem e do mal, porque, não obstante as suas boas intenções, se encontra repellido. Para angariar o necessário, rouba, mata às vezes, e depois... depois o executam!

“Meu Deus, ao ser presa novamente das minhas alucinações, sinto que a vossa mão se estende por sobre mim; sinto que a vossa bondade me envolve e protege. Obrigado, meu Deus! Na próxima existência empregarei toda a minha inteligência no socorro aos desgraçados que sucumbiram, a fim de lhes evitar a queda.

“Obrigado a vós que não desdenhais de comunicar comigo; nada receeis, pois bem o vedes, eu não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos figureis o meu traio pelo que de mim vistes, mas o de uma alma angustiada que agradece a vossa indulgência.

“Adeus, evocai-me ainda e orai a Deus por mim.

Latour.”

Estudo sobre o Espírito de Jaques Latour

Não se pode desconhecer a profundidade e a alta significação de algumas das frases encerradas nessa comunicação. Além disso, ela oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos em castigo, pairando ainda assim sobre ele a misericórdia divina. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula como parece, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que as substituem perante as modernas crenças, são menos racionais com seus cornos e forcados, do que essas vítimas que servem elas próprias ao castigo do culpado.

Admitindo-se a identidade desse Espírito, talvez se estranhe tão pronta mudança do seu moral. É o caso da ponderação já feita de que pode um Espírito brutalmente mau ter em si melhores predicados do que o dominado pelo orgulho ou pela hipocrisia. Esta mudança para sentimentos

mais benéficos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual apenas faltava boa direção. Comparando esta linguagem com a de outro Espírito, adiante mencionada sob a epígrafe: castigo pela luz, é fácil concluir qual dos dois seja mais adiantado moralmente, apesar da disparidade de instrução e hierarquia social, obedecendo um ao natural instinto de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro empresta à perpetração dos seus crimes a calma e sangue-frio inerentes às lentas e obstinadas combinações, afrontando ainda depois de morto o castigo, por orgulho. Este sofre e não o confessa, ao passo que aquele prontamente se submete. Também por aí podemos prever qual deles sofrerá por mais ou por menos tempo.

Diz o Espírito de Latour: *"Eu sofro por causa desse arrependimento, que me demonstra a extensão dos meus crimes"*. Aí está um pensamento profundo. O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a tran sição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para se furtarem a isso que os Espíritos perversos se revoltam contra a voz da consciência, como doentes que repelem o remédio que os há de curar. E assim procuram iludir-se, aturdir-se e persistir no mal. Latour chegou a esse período em que se extingue o endurecimento, acabando por ceder, entra-lhe o remorso pelo coração, o arrependimento o assedia e, compreendendo o mal que fez, vê a sua degradação e sofre por ela. Eis porque ele diz: *"Sofro por causa desse arrependimento"*. Na precedente encarnação, ele devia ter sido pior que na última, visto que, se se tivesse arrependido como agora, melhor lhe teria sido a vida subsequente. As resoluções, por ele ora tomadas, influirão sobre sua vida terrestre no futuro; e a encarnação que teve nem por ser criminosa deixou de assinalar -lhe um estágio de progresso. E é muito provável que antes de a iniciar ele fosse na erraticidade um desses muitos Espíritos rebeldes, obstinados no mal.

A muitas pessoas ocorre perguntar qual seja o proveito dessa anterioridade de existência, uma vez que dela nos não lembramos e nem temos ideia daquilo que fomos nem daquilo que fizemos.

Esta questão está sumariamente liquidada pela razão de que a lembrança seria inútil, visto como de todo apagado o mal cometido, sem que dele nos reste um traço no coração, também com ele não nos devemos preocupar. Quanto aos vícios de que porventura não estejamos inteiramente despojados, nós o conhecemos pelas nossas tendências atuais e para elas devemos voltar todas as atenções. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Se considerarmos as dificuldades que há na existência para a reabilitação do Espírito, por maior que seja o seu arrependimento, as reprovações de que se torna objeto, devemos louvar a Deus por ter cerrado esse véu sobre o passado. Condenado a tempo ou absolvido que fosse, os antecedentes de Latour o tornariam um enjeitado da sociedade. Apesar do seu arrependimento, quem o acolheria com intimidade? Entretanto, as intenções que ora patenteia como Espírito, nos dão a esperança de que venha a ser na próxima encarnação um homem honesto e estimado. Suponhamos que soubessem que esse homem honesto fora Latour e a reprovação continuaria a persegui-lo. Esse véu sobre o passado é que lhe franqueia a porta da

reabilitação, porque pode sem receio e sem pejo ombrear -se com os mais honestos. Quantos há que desejariam poder apagar da memória de outrem certas fases da própria vida?

Qual a doutrina que melhor se concilia com a bondade e justiça de Deus? Por outro lado esta doutrina não é uma teoria, porém o resultado de observações. Por certo não foram os Espíritos que a imaginaram, porém eles viram e observaram as situações diferentes que muitos Espíritos apresentam e daí o procurarem explicá-las, originando-se então a doutrina. Aceitaram-na, pois, como resultante dos fatos, e ainda por lhes parecer mais racional que todas as emitidas até hoje relativamente ao futuro da alma.

Não se pode negar a estas comunicações um grande e fundo moral. O Espírito poderia ter sido auxiliado nesses raciocínios e, sobretudo, na escolha das suas expressões, por outros mais adiantados; mas a verdade é que estes apenas influem na forma e não na essência e nunca fazem com que o Espírito inferior esteja em contradição consigo mesmo. Assim é que em Latour poderiam ter feito poesia com a forma do arrependimento, mas não lhe insinuaram contra sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio. Em Latour lobrigaram o germe dos bons sentimentos e por isso o auxiliaram na expressão contribuindo assim para desenvolvê-lo, ao mesmo tempo que em seu favor imploravam comiseração.

Que há de mais digno, mais moralizador, capaz de impressionar mais vivamente do que o espetáculo deste grande criminoso que se exproba a si mesmo o desespero e os remorsos? Desse criminoso que, perseguido pelo incessante olhar das vítimas e torturado, eleva a Deus o pensamento implorando misericórdia? Não será isso um exemplo salutar para os culpados? Se bem que simples e desprovidos de fantasmagóricas encenações, compreende -se a natureza dessa angústia, porque elas, apesar de terríveis, são racionais.

Poder-se-ia talvez estranhar tão grande transformação num homem como Latour... Mas por que havia de ser inacessível ao arrependimento? Por que não possuir também ele a sua corda sensível? O pecador seria, pois, votado ao mal eternamente? Não lhe chegaria, por fim, um momento em que a luz se lhe fizesse n'alma? Era justamente essa hora que chegara para Latour; e ali está precisamente o lado moral dos seus ditados; é a compreensão que ele tem do seu estado, são os seus pesares, os seus planos de reparação, que tornam essas mensagens eminentemente instrutivas. Que haveria de extraordinário se Latour confessasse um arrependimento sincero antes da morte, se dissesse antes da morte o que veio dizer depois? Não há, quanto a isso, numerosos exemplos?

Uma regeneração antes da morte passaria, aos olhos da maioria dos seus iguais, por fraqueza; mas essa voz de além-túmulo é seguramente a revelação daquilo mesmo que os aguarda. Ele está em absoluto com a verdade, quando afirma ser o seu exemplo mais eficaz que a perspectiva das chamas do inferno, e até do cadafalso. Por que não lhes ministrar esses sentimentos no cárcere? Eles nos levariam a reflexões, do que aliás já temos alguns exemplos. Mas como crer nas palavras de um morto, quando ninguém acredita que para além da morte não esteja tudo acabado? Entretanto dia virá em que esta verdade há de ser reconhecida: os mortos podem vir instruir os vivos.

Outras muitas instruções importantes podem ser tiradas dessas comunicações; assim a confirmação deste princípio de eterna justiça, pelo qual ao culpado não basta o arrependimento apenas, sendo este o primeiro passo para a reabilitação que atrai a divina misericórdia. O arrependimento é o prelúdio do perdão, o alívio dos sofrimentos, mas porque Deus não absolve incondicionalmente, se torna mister a expiação e principalmente a reparação. Assim o entende Latour e para tanto se predispõe.

Se compararmos este criminoso àquele de Casteinaudary, veremos ainda uma diferença nos castigos. Naquele o arrependimento foi tardio e, conseqüentemente, mais longa a pena. Além disso, essa pena era quase material, enquanto para Latour o era antes moral, porque, como acima dissemos, havia grande diferença intelectual entre eles. Ao outro impunha-se coisa com que os sentidos obliterados pudessem ser feridos; mas é preciso notar que as penas morais não serão menos pungentes para todo aquele que esteja em condições de cumprê-las. Podemos inferir a assertiva dos clamores do próprio Latour, os quais não são de cólera, porém antes a expressão dos remorsos, de perto seguidos de arrependimento e desejo de reparação, visando o progresso.

CAPITULO VII

ESPÍRITOS ENDURECIDOS

Lapommeray

Castigo pela luz

Em uma das sessões da Sociedade de Paris, durante a qual se discutira a perturbação que geralmente acompanha a morte, um Espírito, a quem ninguém fizera alusão e muito menos se pretendia evocar, se manifestou espontaneamente pela seguinte comunicação que, conquanto não assinada, se reconheceu como sendo de um grande criminoso recentemente atingido pela justiça humana.

*"Que dizeis da perturbação? Para que essas palavras ocas? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais redondamente o assunto de que vos ocupais. Não, senhores, a perturbação não existe, a não ser nos vossos cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível e vejo claro em mim, ao redor de mim, por toda parte!... A vida é uma comédia lúgubre! Insensatos aqueles que se retiram da cena antes que o pano caia. A morte é terror, aspiração ou castigo, conforme a fraqueza ou a força daqueles que a temem, afrontam ou imploram. Mas é também para todos amarga irrisão. **A luz ofusca-me e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser.** Castigaram-me com as trevas do cárcere e acreditavam castigar-me ainda com as trevas do túmulo, senão com as sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem, sois vós que padeceis da obscuridade, enquanto eu, degredado social, me coloco em pla no superior. Eu quero ser o que sou!... Forte pelo pensamento, desdenhando os conselhos que zumbem aos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! É uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando executado pelas massas, glorificam-no e, individualizado, consideram-no infâmia. Absurdo!*

Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, só, contra esta luz odiosa.

Aquele que ontem era um homem."

Analisada a comunicação na assembleia posterior, reconheceu -se no próprio cinismo da sua linguagem um profundo ensinamento, mostrando na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Efetivamente enquanto alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora, ou se creem ainda encarnados. Para estes, a luz brilha, gozando o Espírito, e plenamente, das suas faculdades, sabendo-se morto e não se lastimando, antes repelindo qualquer assistência e afrontando ainda as leis divinas e humanas. Querirá isto dizer que escapasse m à punição? De maneira nenhuma, é porque a justiça de Deus se faz sob todas as formas, e o que a uns causam alegria é para outros um tormento. A luz provoca o suplício desse Espírito e é ele próprio que o confessa, em que pese ao seu orgulho, quando diz q ue lutará por si mesmo, só, contra essa luz odiosa. E ainda nesta frase *"a luz ofusca-me e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser"*. Estas palavras: *"sutileza de meu ser"* são características e dão a

entender que conhece a fluidez do seu corpo penetrável à luz sem que lhe possa escapar, e luz que o penetra como aguda flecha.

Esse Espírito aqui está colocado entre os endurecidos, em razão do muito tempo que levou, antes que manifestasse arrependimento — o que é também um exemplo a mais para provar que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. Entretanto, a pouco e pouco se foi corrigindo, e deu mais tarde ditados instrutivos e sensatos. Hoje ele poderá ser colocado entre os Espíritos arrependidos.

Convidados a fazer a sua apreciação a propósito do assunto os nossos guias espirituais ditaram as três seguintes comunicações, aliás dignas da mais séria atenção.

1

*No ponto de vista das existências, os Espíritos na erraticidade podem considerar -se inativos e na expectativa; mas, ainda assim, podem expiar, uma vez que o orgulho e a tenacidade formidável dos seus erros não os tolhem no momento da progressiva ascensão. Tivestes disso um exemplo terrível, na comunicação desse criminoso impenitente, que se debate com a justiça divina depois de tê-lo feito com a dos homens. Neste caso a expiação ou, antes, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes ser útil, inculcando -lhes a profunda significação de suas penas, os exacerba na rebeldia, e dá azo às murmurações que a Escritura em sua poética eloquência, denomina **ranger de dentes**. Esta frase, simbólica por excelência, é o sinal do sofrimento abatido, porém insubmisso, insulado na própria dor, mas bastante forte ainda para recusar a verdade do castigo e da recompensa!*

Os grandes erros perduram no mundo espiritual quase sempre, assim como as consciências grandemente criminosas. Lutar, apesar de tudo, e desafiar o infinito, pode comparar -se à cegueira do homem que, contemplando as estrelas, as tivesse por arabescos de um teto, tal como acreditavam os gauleses do tempo de Alexandre.

O infinito moral existe! Miserável e mesquinho é quem, a pretexto de continuar as lutas e imposturas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que neste. Para esse a cegueira, o desprezo alheio, o egoístico sentimento da personalidade, são empecilhos ao seu progresso. Homem! É bem verdade que existe um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro, legado à Terra, e a imortalidade realmente conservada pelos Espíritos nas suas sucessivas provações.

Lamennais.

2

*Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Num como noutro caso, esse homem nada vê daquilo que o cerca e se habituará mesmo mais facilmente à sombra do que à monótona claridade elétrica, na qual pode estar submerso. O Espírito manifestado na última sessão exprime bem a verdade quando diz: **"Oh! Eu saberei libertar-me dessa odiosa luz"**. Realmente essa luz é tanto mais terrível, horrorosa, quanto ela o*

penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais recônditos. Aí está uma das circunstâncias mais rudes desse castigo espiritual. O Espírito encontra -se, por assim dizer, na casa de vidro pedida por Sócrates. Disso decorre ainda um ensinamento, uma vez que séria alegria e consolo para o sábio se transforma em punição infamante e contínua para o perverso, para o criminoso, para o parricida, sobressaltado na própria personalidade.

Meus filhos, calculai o sofrimento, o terror dos hipócritas que se compraziam em toda uma existência sinistra a planejar, a combinar os mais hediondos crimes no seu foro íntimo, quais feras refugiadas no seu antro, e que hoje, expulsas desse covil íntimo, não se podem furtar à investigação dos seus pares... Arrancada que lhe seja a máscara da impassibilidade, todos os pensamentos se lhe estampam na fronte!

Sim e além de tudo nenhum repouso, nada de asilo para esse grande criminoso. Todo pensamento mau — e Deus sabe se a sua alma o exprime — se lhe trai por fora e por dentro, como impelido por choque elétrico irresistível. Procura esquivar-se à multidão e a luz odiosa o devassa continuamente; quer fugir e desanda numa carreira desenfreada, desesperada, através dos espaços incomensuráveis, e por toda a parte há luz, olhares que o observam. Corre, voa novamente em busca da sombra, em busca da noite; sombra e noite não mais existem para ele! Chama pela morte... Mas a morte não é mais que palavra sem sentido. E o infeliz a fugir sempre, **a caminho da loucura espiritual**. Castigo tremendo, dor horrível, a debater-se consigo para se desvencilhar de si mesmo, porque essa é a lei suprema para além da Terra, isto é: o culpado busca por si mesmo o seu mais inexorável castigo.

Quando tempo durará esse estado? Até o momento em que a vontade, por fim vencida, se curve estrangida pelo remorso, humilhada a fronte altiva ante os Espíritos de justiça e ante as suas vítimas apaziguadas. Observai a lógica profunda das leis imutáveis; com isso o Espírito realizará o que escrevia naquela importante comunicação tão clara, tão lúcida, tão desconsoladoramente egoística, comunicação que vos deu na sexta-feira passada por um ato da própria vontade.

Erasto.

3

A justiça humana, quando castiga, não faz distinção de individualidades; medindo o crime pelo próprio crime, fere indistintamente os infratores e a mesma pena atinge o paciente sem distinção de sexo, qualquer que seja a sua educação. De maneira diversa procede a justiça divina, **cujas punições correspondem ao progresso dos seres aos quais elas são infligidas**. Igualdade de crimes não quer dizer, de fato, igualdade individual, uma vez que dois homens culpados, sob o mesmo ponto de vista, podem separar -se pela dessemelhança de provações, imergindo um deles na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, enquanto o outro dispõe, por haver ultrapassado esses círculos, da lucidez que isenta o Espírito da perturbação. Nesse caso não são mais as trevas a puni-lo, mas a agudeza da luz espiritual que penetra a inteligência terrena e lhe faz sentir as dores de uma chaga viva.

Os seres desencarnados que presenciam a representação material dos seus crimes, sofrem o choque da eletricidade física e padecem pelos sentidos. Aqueles que pelo espírito estejam desmaterializados sofrem uma dor muito superior que lhes aniquila, por assim dizer, nas suas agruras a lembrança dos fatos, deixando subsistir a noção das suas respectivas causas.

Assim pode o homem possuir um progresso interior a despeito da sua criminalidade e elevar -se acima da espessa atmosfera das camadas inferiores, isto através das faculdades intelectuais despertadas, embora tivesse, sob o jugo das paixões, procedido como um bruto. A ausência de ponderação, o desequilíbrio entre o progresso moral e o intelectual, produzem essas tão frequente anomalias nas épocas de materialismo e transição.

A luz que tortura o Espírito é, portanto e precisamente, o raio espiritual que inunda de claridade os secretos recessos do seu orgulho e lhe descobre a inanidade do seu fragmentário ser. Aí estão os primeiros sintomas, as primeiras angústias da agonia espiritual, os quais, renunciando a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais e materiais da primitiva dualidade humana, devem desaparecer na grandiosa unidade do ser realizado.

João Reynaud.

Além de se completarem mutuamente, estas três comunicações, obtidas a um só tempo, apresentam o castigo debaixo de um novo prisma, aliás eminentemente filosófico e racional. É provável que os Espíritos, querendo tratar do assunto de acordo com um rito, querendo tratar do assunto de acordo com um exemplo, tivessem por ovocado a manifestação do culpado.

Além desse quadro, baseado no fato, convém reproduzir, para um paralelo, este outro apresentado por um empregador de Montreuil sur -Mer, em 1864, por ocasião da quaresma:

*"O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se acaso um dos corpos que lá se queimam, sem se consumirem, fosse lançado ao planeta, o empestá -lo-ia de um a outro extremo! O inferno é vasta e sombria caverna, erizada de agudas pontas de lâminas de espadas aceradas, de lâminas de na valhas afiadíssimas, nas quais são precipitadas as almas dos condenados." (Ver a **Revista Espírita** de julho de 1864)*

Angela
(nulidade na Terra)

(Bordéus,1862)

Com o nome de Angela, um Espírito se apresentou espontaneamente ao médium.

1. Arrependei-vos das vossas faltas?

R. Não.

P. Então por que me procurais?

R. Para experimentar.

P. Acaso não sois feliz?

R. Não.

P. Sofreis?

R. Não.

P. Que vos falta então?

R. A paz.

Alguns Espíritos só consideram sofrimento aquilo que lhes lembram as suas dores físicas, convindo, não obstante, ser intolerável o seu estado moral.

2. Como pode faltar-vos a paz na vida espiritual?

R. Uma mágoa do passado.

P. A mágoa do passado é remorso; estareis pois arrependida?

R. Não; temor do futuro é o que experimento.

P. Que temeis?

R. O desconhecido.

3. Estais disposta a dizer-me o que fizestes na última encarnação? Isso talvez me possa ajudar a orientar-vos.

R. Nada.

4. Qual a vossa posição social?

R. Mediana.

P. Fostes casada?

R. Sim; esposa e mãe.

P. E cumpristes zelosa os deveres decorrentes desse duplo encargo?

R. Não; meu marido entediava-me, bem como meus filhos.

5. Como então preenchestes a existência?

R. Divertindo-me em solteira e enfadando-me como mulher.

P. Quais eram as vossas ocupações?

R. Nenhuma.

P. Quem cuidava da vossa casa?

R. A criada.

6. Não será cabível atribuir a essa inércia a causa dos vossos pesares temores?

R. Talvez tenhais razão. Mas não basta concordar.

P. Quereis reparar a inutilidade dessa existência e auxiliar os Espíritos sofredores que nos cercam?

R. *Como?*

P. Ajudando-os a aperfeiçoarem-se pelos vossos conselhos e pelas vossas preces.

R. *Eu não sei orar.*

P. Fá-lo-emos juntos e aprenderéis. Sim?

R. *Não.*

P. Mas por que?

R. *Cansa.*

Instruções do Guia do Médium

Damos-te instrução, facultando-te o conhecimento prático dos diversos estados de sofrimento, bem como da situação dos Espíritos condenados à expiação das próprias falhas.

*Angela era uma dessas criaturas sem iniciativa, e cuja existência é tão inútil a si como ao próximo. Amando apenas o prazer, incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres domésticos e sociais as únicas satisfações do coração, que fazem o encanto da vida, porque são de todas as épocas, ela não pode empregar a juventude senão em distrações frívolas; e quando deveres mais sérios se lhe impuseram, já **o mundo se lhe havia feito um vácuo, porque vazio também estava o seu coração**. Sem faltas graves, mas também sem méritos, ela fez a infelicidade do marido, comprometendo pela sua incúria e desleixo o futuro dos próprios filhos. Deturpou-lhes o coração e sentimentos, já por seu exemplo, já pelo abandono em que os deixou, entregues a fâmulos, que ela nem sequer se dava ao trabalho de escolher. A sua existência foi improfícua e, por isso mesmo, culposa, visto que **o mal é oriundo da negligência do bem**. Ficai bem certos de que não basta abster-vos de faltas: é preciso praticar as virtudes que lhes são opostas. Estudai os ensinamentos do Senhor: meditai sobre eles e compenetrar-vos de que eles se vos fazem estacar na senda do mal, também vos impõe voltar atrás a fim de retomar novo caminho, que vos conduza ao bem. O mal é a antítese do bem; logo, quem quiser evitar o primeiro deve seguir o segundo, sem o qual a vida se torna nula, mortas as suas obras, além de que o Deus nosso pai, não é o Deus das nulidades, dos mortos, mas dos trabalhadores diligentes, dos vivos.*

P. Ser-me-á permitido saber qual teria sido a penúltima existência de Angela? A última deveria ter sido consequência dela, isto é, da penúltima?

R. *Ela viveu na indolência beatífica, na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa, mas o seu Espírito pouco progrediu. Sempre repeliu a voz íntima que lhe apontava o perigo, e como a propensão era suave, preferiu abandonar-se-lhe, a fazer um esforço para sustá-la em começo. Hoje ainda compreende o perigo dessa neutralidade, mas não se sente com forças para tentar o mínimo esforço. Orai por ela, procurai despertá-la e fazer que seus olhos se abram à luz. É um dever, e dever algum se despreza.*

O homem foi criado para a atividade; a atividade do Espírito é da sua própria essência; e a do corpo uma necessidade. Cumpri, portanto, as prescrições da existência, como Espírito votado à paz eterna. A serviço do Espírito, o corpo mais não é que máquina submetida à inteligência : trabalhai, cultivai, portanto, a inteligência, para que dê salutar impulso ao instrumento que deve auxiliá-la no cumprimento de sua missão. Não lhe concedais tréguas nem repouso, tendo em mente que essa paz a que aspirais não vos será concedida senão pelo trabalho. Assim, quanto mais protelardes este, tanto mais durará para vós a ansiedade expectante.

Trabalhai, trabalhai incessantemente; cumpri todos os deveres sem exceção, isto com zelo, com coragem, com perseverança. A fé vos alentará. Todo aquele que desempenha conscientemente o papel mais ingrato e vil da vossa sociedade, é cem vezes mais elevado aos olhos do Onipotente do que aquele que, impondo esse papel aos outros, despreza o seu. Tudo é degrau que dá acesso ao céu; não quebreis a lápide debaixo dos pés e contai com o concurso de amigos que vos estendem a mão, sustentáculos que são daqueles que vão haurir suas forças na crença do Senhor.

Manoel.

Um Espírito Entediado

(Bordéus,1862)

Este Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, reclamando preces.

1 . Que vos leva a pedir preces?

R. Estou farto de vagar sem fim.

P. Estais há muito nessa situação?

R. Faz cento e oitenta anos mais ou menos.

P. Que fizestes na Terra?

R. Nada de bom.

2. Qual a vossa posição entre os Espíritos?

R. Estou entre os entediados.

P. Mas isso não forma categoria...

R. Entre nós, tudo forma categoria. Cada sensação encontra suas semelhantes, ou suas simpatias que se reúnem.

3. Por que permanecestes tanto tempo estacionário, sem que fosseis condenado a sofrer?

R. É que eu estava votado ao tédio, que entre nós é um sofrimento. Tudo o que não é alegria, é dor.

P. Fostes pois forçado à erraticidade contra a vontade?

R. São coisas sutilíssimas para vossa inteligência material.

P. Procurando explicar-me essas coisas, talvez comeceis a beneficiar-vos a vós mesmos...

R. *Faltando-me termos de comparação, não poderei fazê-lo. Uma vida sem proveito, extinguindo-se, lega ao Espírito, que a encarnou, o mesmo que ao papel pode legar o fogo quando o consome — fagulhas, que lembram às cinzas ainda compactas a sua proveniência, a causa do seu nascimento, ou, se o quiseres, da destruição do papel. Essas fagulhas são a lembrança dos laços terrestres que vinculam o Espírito, até que este disperse as cinzas do seu corpo. Então, e só então, tem ele, essência etérea, o conhecimento de si próprio e deseja o progresso.*

4. Qual poderia ter sido a causa desse tédio de que vos queixais?

R. *Consequências da existência. O tédio é filho da inação; por não ter eu sabido utilizar o longo tempo de encarnação, as consequências vieram refletir-se neste mundo.*

5. Os Espíritos que, como vós, foram tomados de tédio, não podem libertar-se dessa contingência desde que o desejam?

R. *Não, nem sempre, porque o tédio lhes paralisa a vontade. Sofrem as consequências da vida que levaram e, como foram inúteis, desprovidos de iniciativa, assim também não encontram entre si concurso algum. Entregues a si mesmos nesse estado permanecem, até que o cansaço, decorrente de tal neutralidade, os agite em sentido contrário, momento no qual a sua menor vontade vai encontrar apoio e bons conselhos e secundar-lhes o esforço e a perseverança.*

6. Podeis dizer-me algo da vossa existência terrena?

R. *Oh! Deveis compreender que pouco me é dado dizer, visto como o tédio, a nulidade e a inação provêm da preguiça que há, por sua vez, é mãe da ignorância.*

7. Não vos aproveitaram as existências anteriores?

R. *Sim, todas, porém, parcamente, uma vez que eram reflexos umas das outras. O progresso existe sempre, porém tão insensível que nos foge à apreciação.*

8. Enquanto esperais uma nova encarnação, apraz-vos repetir as vossas comunicações?

R. *Evocai-me para me obrigardes a vir, pois com isso me prestareis um benefício.*

9. Podeis dizer-nos por que mudas tão frequentemente a vossa caligrafia?

R. *Porque interrogais muito, o que aliás me cansa, quando tenho necessidade de auxílio.*

O Guia do médium — *O trabalho intelectual é que o cansa e nos obriga a prestar-lhe o nosso concurso para que possa dar resposta às tuas perguntas. Ele é um ocioso no mundo espiritual, assim como o foi no planeta. Trouxemo-lo até ti para que tentasses arrancá-lo dessa apatia, desse tédio que constitui verdadeiro sofrimento, às vezes mais doloroso que os sofrimentos agudos, por se poder prolongar indefinidamente. Imagina a perspectiva de um tédio interminável. A maior parte das vezes são os Espíritos dessa categoria que **buscam as vidas terrestres apenas como passatempo** e para interromper a monotonia da vida espiritual. Assim acontece aí chegarem frequentemente sem resoluções definidas para o bem, obrigados a recomeçarem sucessivamente, até atingirem a compreensão do verdadeiro progresso.*

A Rainha de Oude (64)
(Falecida em França, em 1858)

1. Quais as vossas sensações ao deixardes o mundo terrestre?

R. Ainda perturbada, tornasse-me impossível explicá-las.

P. Sois feliz?

R. Tenho saudades da vida... não sei... experimento acerba dor da qual a vida me libertaria... quisera que o corpo se levantasse do túmulo...

2. Lamentais o ter sido sepultada entre cristãos e não no vosso país?

R. Sim, a terra indiana me pesaria menos no corpo.

P. Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?

R. Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram ante mim... Deixai-me...forçam-me a falar, quando não quero que saibais o que ora sou... Asseguro-vos, eu era rainha...

3. Respeitamos a vossa hierarquia e só insistimos para que nos respondais no propósito de nos instruímos. Acreditais que vosso filho recupere de futuro os Estados do seu genitor?

R. Meu sangue reinará, por certo, visto como é digno disso.

P. Ligais a essa reintegração de vosso filho a mesma importância que lhe dáveis quando encarnada?

R. Meu sangue não pode misturar-se com o do povo.

4. Não se pode fazer constar na respectiva certidão de óbito o lugar do vosso nascimento; podereis dizê-lo agora a nós?

R. Sou oriunda do mais nobre dos sangues da Índia. Penso que nasci em Delhi.

5. Vós, que vivestes nos esplendores do luxo, cercada de honras, que pensais hoje de tudo isso?

R. Que tenho direito.

P. A vossa hierarquia terrestre concorreu para que tivésseis outra mais elevada nesse mundo em que ora estais?

R. Continuo a ser rainha... que se enviem escravas para me servirem!... Mas... não sei... parece-me que pouco se preocupam com a minha pessoa aqui... e contudo eu... sou sempre a mesma...

6. Professáveis a religião muçulmana ou a hindu?

R. Muçulmana; eu, porém, era bastante poderosa para que me ocupasse de Deus.

P. No ponto de vista da felicidade humana, quais as diferenças que assinalais entre a vossa religião e o Cristianismo?

R. A religião cristã é absurda; diz que todos são irmãos.

P. Qual a vossa opinião a respeito de Maomé?

R. *Não era filho de rei.*

P. Acreditais que ele houvesse tido uma missão divina?

R. *Isso que me importa?*

P. Qual a vossa opinião quanto a Cristo?

R. *O filho do carpinteiro não é digno de preocupar meus pensamentos.*

7. Que pensais desse uso pelo qual as mulheres muçulmanas se furtam aos olhos masculinos?

R. *Penso que as mulheres nasceram para dominar: eu era mulher.*

P. Tendes inveja da liberdade de que gozam as europeias?

R. *Que poderia importar-me essa liberdade? Servem-nas acaso, ajoelhados?*

8. Tendes reminiscências de encarnações anteriores a esta que vindes de deixar?

R. *Deveria ter sido sempre rainha.*

9. Por que acudistes tão prontamente ao nosso apelo?

R. *Não queria fazê-lo, mas forçaram-me. Acaso julgarás que eu me dignaria responder-te? Que és tu a meu lado?*

P. E quem vos forçou a vir?

R. *Eu mesma não sei... posto que não deva existir ninguém mais poderoso do que eu.*

10. Sob que forma vos apresentais aqui?

R. *Sempre rainha... e pensais que eu tenha deixado de o ser? És pouco respeitoso... fica sabendo que não é desse modo que se fala a rainhas.*

11. Se nos fosse dado enxergar-vos, ver-vos-íamos com os vossos ornatos e pedrarias?

R. *Certamente...*

P. E como se explica o fato de, despojado de tudo isso, conservar o vosso Espírito tais aparatos, sobretudo os ornamentos?

R. *É que eles me não deixaram. Sou tão bela quanto era e não compreendo o juízo que de mim fazeis! É verdade que nunca me vistes.*

12. Qual a impressão que vos causa em vos achardes entre nós?

R. *Se eu pudesse evitá-lo... Tratam-me com tão pouca cortesia...*

S. Luís — Deixai-a, a pobre perturbada. Tende compaixão da sua cegueira e oxalá vos sirva a ela de exemplo. Não sabeis quanto padece o seu orgulho.

Evocando esta grandeza decaída ao túmulo, não esperávamos respostas de grande alcance; dado o gênero da educação feminina no seu país, julgávamos, porém, encontrar nesse Espírito, não diremos filosofia, mas pelo menos uma noção mais aproximada da realidade e ideias mais sensatas relativas a

vaidades e grandezas terráqueas. Longe disso, vimos que o Espírito conservava, todos os preconceitos terrestres na plenitude da sua força; que o orgulho nada per deu das suas ilusões; que lutava contra a própria fraqueza e, finalmente, que muito devia sofrer pela sua impotência.

Xumene

(Bordéus,1862)

Com esse nome apresenta-se um Espírito ao médium, habituado a este género de manifestações, parecendo que a sua missão se constitui em assistir os Espíritos atrasados conduzidos por seu Guia espiritual com o duplo objetivo de adiantar a um e instruir a outro.

P. Quem sois? Este nome é de homem ou de mulher?

R. *De homem e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do inferno.*

P. Mas se o inferno não existe, como podeis sofrer -lhe as torturas?

R. *Pergunta inútil.*

P. Compreendo, mas outros precisam de explicações...

R. *Isso pouco me incomoda.*

P. O egoísmo não será uma das causas do vosso sofrimento?

R. *Pode ser.*

P. Se quiserdes ser aliviado, começai repudiando as más tendências...

R. *Não te incomodes com o que não é da tua conta; principia orando por mim, como o fazes com os outros, e depois veremos.*

P. A não me auxiliardes com o vosso arrependimento, a p rece pouco valor poderá ter.

R. *Mas falando, em vez de orares, menos ainda me adiantarás.*

P. Então desejais adiantar-vos?

R. *Talvez... não sei. Vejamos o essencial, isto é, se a prece alivia os sofrimentos.*

P. Unamos então os nossos pensamentos com a firme vontade de obter o vosso alívio.

R. *Vá lá.*

P. (Depois da prece). Estais satisfeito?

R. *Não como fora para desejar.*

P. Mas o remédio, aplicado pela primeira vez, não pode curar imediatamente um mal antigo...

R. *É possível...*

P. Quereis voltar?

R. *Se me chamares...*

O Guia do médium. — *Filha, terás muito trabalho com este Espírito endurecido, mas o maior mérito não advém de salvar os não perdidos. Coragem, perseverança, e triunfarás afinal. Não há culpados que se não possam regenerar por meio da persuasão e do exemplo, visto como os Espíritos, por mais perversos, acabam por corrigir-se com o tempo. O fato de muitas vezes ser impossível regenerá-los prontamente, não importa a inutilidade desses esforços. Mesmo a contragosto, as ideias sugeridas a esses Espíritos fazem-nos refletir. São como sementes que, cedo ou tarde, tivessem de frutificar. Não se arreventa a pedra com a primeira marretada.*

Isto que te digo pode aplicar-se também aos encarnados e tu deves compreender a razão porque o Espiritismo não torna imediatamente perfeitos nem mesmo os mais crentes adeptos. A crença é o primeiro passo; vem em seguida a fé e a transformação por sua vez, mas além disso, força é que muitos venham revigorar-se no mundo espiritual.

Entre os Espíritos endurecidos, não há perversos e maus. Grande é o número daqueles que, sem fazer o mal, estacionam por orgulho, indiferença ou apatia. Estes, nem por isso, são menos infelizes, pois tanto mais os aflige a inércia quanto mais se veem privados das mundanas compensações. Intolerável, certamente, se lhes torna a perspectiva do infinito, porém eles não têm a força nem a vontade para romper com essa situação. Queremos referir-nos a esses indivíduos que levam uma existência ociosa, inútil a si como ao próximo, acabando muita vez no suicídio, sem motivos sérios, por enfado da vida.

Em regra, esses Espíritos são menos passíveis de imediata regeneração do que aqueles que são positivamente maus, visto como estes ao menos dispõem de energia e, uma vez doutrinados, votam-se ao bem com o mesmo ardor com que se votavam ao mal. Aos outros, muitas encarnações se fazem necessárias para que progridam, e isto pouco a pouco, domados pelo tédio, procurando para se distraírem qualquer ocupação que mais tarde venha a transformar-se em necessidade.

NOTA:

(64) Oude (ou Ude) foi um reino da Índia, situado entre o rio Ganges e o Himalaia, (N. da E.)

CAPÍTULO VIII

EXPIAÇÕES TERRESTRES

Marcelo — o menino do nº. 4

Num hospital de província havia um menino de 8 a 10 anos, cujo estado era difícil precisar. Designavam-no pelo nº 4. Inteiramente contorcido, já pela sua deformidade inata, já pela doença, as pernas se lhe torciam roçando pelo pescoço num estado de tal magreza, que eram pele e ossos. O corpo, uma chaga; os sofrimentos, atrozes. Era oriundo de uma família israelita. A moléstia dominava aquele organismo, já de oito longos anos, e no entanto demonstrava o enfermo uma inteligência notável, além de candura, paciência e resignação edificantes. O médico que o assistia, cheio de compaixão pelo pobre — um tanto abandonado, visto que seus parentes pouco o visitavam, tomou por ele certo interesse. Achava-lhe um quê de atraente na precocidade intelectual. Assim não só o tratava com bondade, como fazia leituras quando as ocupações lhe permitia e se admirava do seu critério na apreciação de coisas a seu ver superiores à compreensão da sua idade.

Um dia disse-lhe o menino: *"Doutor, tenha a bondade de me dar ainda uma vez aquelas pílulas ultimamente receitadas"*. Para que? replicou-lhe o médico, se já lhe ministrei o suficiente e maior quantidade pode fazer-lhe mal... *"É que eu sofro tanto, que dificilmente posso orar a Deus para que me dê forças, pois não quero incomodar os outros enfermos que aí estão. Essas pílulas fazem-me dormir e, ao menos quando durmo, a ninguém incomodo."*

Aqui está quanto basta para demonstrar a grandeza dessa alma encerrada num corpo informe. Onde teria ido essa criança haurir esses sentimentos? Certamente não foi no meio em que se educou, além de que na idade em que principiou a sofrer não possuía sequer o raciocínio. Tais sentimentos eram-lhe inatos; mas então porque se via condenado ao sofrimento, admitindo-se que Deus houvesse concomitantemente criado uma alma assim tão nobre e aquele mísero corpo — instrumento dos suplícios? É preciso negar a bondade de Deus, ou admitir a anterioridade de causa; isto é, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Os últimos pensamentos daquela criança, ao desencarnar, foram para Deus e para o caridoso médico que dela se condeou.

Decorrido algum tempo foi o seu Espírito evocado na Sociedade de Paris, e deu a seguinte comunicação:

"A vosso chamado, vim fazer com que a minha voz se estenda para além deste círculo, tocando todos os corações. Oxalá seu eco se faça ouvir na solidão, e lhes lembre que as agonias da Terra tem por premissas as alegrias do céu; que o martírio não é mais do que a casca de um fruto deleitável, dando coragem e resignação. Essa voz lhes dirá que, sobre o catre da miséria, estão os enviados do Senhor, cuja missão consiste na exemplificação de que não há dor insuperável, desde que tenhamos o auxílio do Onipotente e dos seus bons Espíritos. Essa voz lhes fará ouvir lamentações de mistura com preces, para que lhes compreendam a harmonia piedosa, bem diferentes da de outros coros de blasfêmias."

Um dos vossos bons Espíritos, grande apóstolo do Espiritismo, cedeu -me o seu lugar por esta noite (65). Por minha vez, também me compete dizer alguma coisa acerca do progresso da vossa Doutrina, que deve auxiliar aqueles que entre vós encarnam, para ensinar a sofrer. O Espiritismo será a pedra de toque; os padecentes terão o exemplo e a palavra e então as imprecações se transformarão em gritos de alegria e lágrimas de contentamento".

P. Pelo que afirmais, parece que os vossos sofrimentos não eram expiação de faltas anteriores...

R. Não seria uma expiação direta, mas asseguro -vos que todo sofrimento tem uma causa justa. Aquele a quem conhecestes tão mísero foi belo, grande, rico e adulado. Eu tivera aduladores e cortesãos, fora fútil e orgulhoso. Anteriormente fui bem culpado; reneguei a Deus, prejudiquei meu semelhante, mas expiei cruelmente, primeiro no mundo espiritual e depois na Terra. Os meus sofrimentos de alguns anos apenas, nesta última encarnação, suportei -os eu anteriormente por toda uma existência que andou pela extrema velhice. Por meu arrependimento reconquistei a graça do Senhor, o qual me confiou muitas missões, inclusive a última, que bem conheceis. E fui eu quem as solicitei, para terminar a minha depuração. Adeus, amigos; tornarei algumas vezes. A minha missão é consolar e não instruir. Há porém aqui muitas pessoas cujas feridas jazem ocultas e essas terão prazer com a minha presença.

Marcelo.

Instruções do Guia do Médium

Pobrezinho sofredor, definhado, ulceroso e disforme! Nesse asilo de misérias e lágrimas, quantos gemidos dados! E como era resignado... e como a sua alma lobrigava já então o termo dos sofrimentos, apesar da tenra idade! No além -túmulo pressentia a recompensa de tantos gemidos abafados, e esperava! E como orava também por aqueles que não tinham resignação no sofrimento, pelos que trocavam preces por blasfêmias!

Foi-lhe lenta a agonia, mas terrível não lhe foi a hora do trespassse; certamente os membros convulsos contorciam-se, oferecendo aos assistentes o espetáculo de um corpo disforme a revoltar-se contra o destino, nessa lei da carne que a todo o custo quer viver; mas, anjo bom lhe pairava por sobre o leito mortuário e lhe cicatrizava o coração. Depois esse anjo arrebatou nas asas brancas essa alma tão bela a escapar-se de tão horripilante corpo, e foram estas as palavras pronunciadas: "Glória a Vós, Senhor, meu Deus!" E a alma subiu ao Todo -Poderoso, feliz e exclamou: Eis-me aqui, Senhor; deste-me por missão exemplificar o sofrimento... terei suportado dignamente a provação?

Hoje, o Espírito da pobre criança sobressai, paira no Espaço, vai do fraco ao humilde, e a todos diz: — Esperança e coragem. Livre de todas as impurezas da matéria, ele aí está junto de vós a falar-vos, a dizer-vos não mais com essa voz fraca e lastimosa, porém agora firme: "Todos que me observaram, viram que a criança não murmurava; hauriram naquele exemplo a calma para os seus males e seus corações se tonificaram na suave confiança em Deus, que outro não era o fim da minha curta passagem pela Terra.

Santo Agostinho".

Szymel Slizgol

Este não passou de um pobre israelita de Vilna, falecido em Maio de 1865. Durante 30 anos mendigou com uma salva nas mãos. Por toda a cidade era bem conhecida aquela voz que dizia: "Lembra-vos dos pobres, das viúvas e dos órfãos!" Por essa longa peregrinação Slizgol juntara 90.000 rublos porém não guardava para si um só copeque. Aliviava e curava os enfermos; pagava o ensino de crianças pobres; distribuía aos necessitados a comida que lhe davam. À noite, destinava-a ele ao preparo do rapé, que vendia a fim de prover às suas necessidades, e o que lhe sobrava era dos pobres. Foi sozinho no mundo e no entanto o seu enterro teve o acompanhamento de grande parte da população de Vilna, cujos armazéns cerraram as portas.

Sociedade de Paris, 15 de Junho de 1865

Evocação. — *Excessivamente feliz, chegado, enfim, à plenitude do que mais ambicionava e bem caro paguei, aqui estou, entre vós, desde o cair da noite. Agradecido pelo interesse que vos desperta o Espírito do pobre mendigo, que, com satisfação, vai procurar responder às vossas perguntas.*

P. Uma carta de Vilna nos deu conhecimento das particularidades mais notáveis da vossa existência e da simpatia que essas particularidades nos inspiram nasceu o desejo de nos comunicar convosco. Agradecemos a vossa presença e, uma vez que quereis responder -nos, principiaremos por vos assegurar que mui felizes seremos se, para nossa orientação, pudermos conhecer a vossa posição espiritual, bem como as causas que determinaram o género de vida que tivestes na última encarnação.

R. *Em primeiro lugar concedei ao meu Espírito, cónscio da sua verdadeira posição, o favor de vos transmitir a sua opinião, com respeito a um pensamento que vos ocorreu quanto à minha personalidade. E reclamo previamente os vossos conselhos, para o caso de ser falsa essa minha opinião.*

Parece-vos singular que as manifestações públicas tomassem tanto vulto, para homenagear a memória do homem insignificante que soube por seu Espírito caridoso atrair essa simpatia. Não me refiro a vós, caro mestre, nem a ti, prezado médium, nem a vós outros verdadeiros e sinceros espíritas; falo, sim, para as pessoas indiferentes à crença, pois, nisso, nada houve de extraordinário. A pressão moral exercida pela prática de bem, sobre a Humanidade, é tamanha que, por mais materializada que esta seja, se inclina sempre, venera o bem, a despeito da sua tendência para o mal.

Agora, as perguntas que, da vossa parte, não são ditadas pela curiosidade, mas simplesmente formuladas no intuito de ampliar o ensino. Uma vez que disponho de liberdade, vou, portanto, dizer-vos, o mais sucintamente possível, quais as causas determinadoras da minha última existência.

Faz muitos séculos vivia eu com o título de rei, ou, pelo menos de príncipe soberano. Dentro da esfera do meu poder relativamente limitado, em confronto com os atuais Estados, era eu, no

entanto, absoluto senhor dos meus vassallos, como dos seus destinos, e governava -os tiranicamente, ou antes — digamos o próprio termo — como algoz. Dotado de caráter impetuoso, violento, além de avaro e sensual, podeis avaliar qual deveria ter sido o destino dos pobres seres sujeitos ao meu domínio. Além de abusar do poder para oprimir o fraco, eu subordinava empregos, trabalhos e dores ao serviço das próprias paixões. Assim é que impunha uma dízima ao produto da mendicidade, e ninguém poderia acumular sem que eu antecipadamente lhe não tomasse uma cota avultada, dessas sobras que a piedade humana deixava resvalar para as sacolas da miséria.

E mais ainda: a fim de que não decrescesse o número de mendigos entre os meus vassallos, proibia aos infelizes darem aos amigos, parentes e fâmulos necessitados a parte insignificante do que ainda lhes restava. Em uma palavra, fui tudo quanto se pode imaginar de mais cruel, em relação ao sofrimento e à miséria alheia. No meio de sofrimentos horrorosos, acabei por perder isso a que chamais — vida, tanto que minha morte era apontada como exemplo aterrador a quantos como eu, posto que em menor escala, tinham o mesmo modo de pensar. Como Espírito, permaneci na erraticidade durante três séculos e meio, e, quando ao fim desse tempo compreendi que a razão de ser da reencarnação era inteiramente outra que não a seguida por meus grosseiros sentidos, obtive à força de preces, de resignação e de pesares a permissão de suportar materialmente os mesmos sofrimentos que infligira, e mais profundamente sensíveis que aqueles por mim ocasionados. Obtida a permissão, Deus concedeu que por meu livre-arbítrio aumentassem os sofrimentos físicos e morais. Graças à assistência dos bons Espíritos, persisti na prática do bem, e sou -lhes agradecido por me terem impedido de sucumbir sob o fardo que tomara aos ombros.

Finalmente preenchi uma existência de abnegação e caridade, que por si resgatou as faltas de outra, cruel e injusta. Nascido de pais pobres e cedo orfanado, aprendi a ganhar o pão numa idade em que muitos consideram incapaz o raciocínio. Vivi sozinho, sem amor, sem afeições, e desde o princípio suportei as brutalidades que para com outros havia exercido. Dizem que as quantias por mim esmoladas foram todas destinadas ao alívio dos meus semelhantes: é um fato inconcusso, ao qual, sem orgulho nem ênfase, devo acrescentar que muitíssimas vezes, com sacrifício de privações relativamente imperiosas, aumentava o benefício que me permitiam fazer a caridade pública.

Desencarnei calmamente, confiando no valor da minha reparação, e sou premiado muito mais do que poderiam ter cogitado as minhas secretas aspirações. Hoje sou feliz, felicíssimo, podendo afirmar-vos que todos quantos se elevam serão humilhados, como elevados serão todos quantos se humilharem.

P. Tende a bondade de dizer-nos em que consistiu a vossa expiação no mundo espiritual e quanto tempo durou, a contar da vossa morte até o momento da atenuação por efeito do arrependimento e das boas resoluções. Dizei -nos também o que foi que provocou a mudança das vossas ideias no estado espiritual.

R. Essa pergunta desperta-me muitas recordações dolorosas! Quanto sofri eu... Mas não, que não me lamento: apenas recordo!... Quereis saber a natureza da minha expiação? Pois eu -la na sua terrível hediondez.

Algoz que fui de todos os bons sentimentos, fiquei por muito, por longo tempo preso pelo perispírito ao corpo em decomposição. Até que esta se realizasse, vi-me corroído pelos vermes, o que muito me torturava! Quando me vi liberto das peias que me prendiam ao instrumento do suplício, mais cruel suplício me esperava!... Depois do sofrimento físico, o sofrimento moral muito mais longo. Fui colocado em presença de todas as minhas vítimas. Periodicamente, constringido por uma força superior, era levado a rever o quadro vivo dos meus crimes. E via física e moralmente todas as dores que a outrem fizera sofrer! Ah! Meus amigos, que terrível é a visão constante daqueles a quem fizemos mal! Entre vós, tendes apenas um fraco exemplo no confronto do acusado com a sua vítima.

Aí tendes, em resumo, o que sofri durante três séculos e meio, até que Deus, compadecido da minha dor e tocado pelo meu arrependimento, solicitado pelos que me assistiam, permitisse ávida de expiação que conheceis.

P. Algum motivo particular vos induziu a escolher a última existência, subordinada à religião israelita?

R. Não escolhi por mim, mas ouvi o conselho dos meus Guias. A religião de Israel era uma pequena humilhação a mais na minha prova, uma vez que como em certos países a maioria dos encarnados menosprezam os judeus e sobretudo os judeus mendicantes.

P. Na Terra, com que idade começastes a vossa obra de expiação? Como vos ocorreu o pensamento de vos desobrigar das resoluções previamente tomadas? Ao exercerdes tão abnegadamente a caridade, teríeis a intuição das causas que a isso vos predispunham?

R. Meus pais eram pobres, porém inteligentes e avaros. Moço ainda fui pri vado da afeição e carinho de minha genitora. A perda desta me causou tanto maior e fundo pesar, quanto meu genitor dominado pela avidez de lucros, me abandonava completamente. Quanto aos meus irmãos, todos mais velhos do que eu, não pareciam aperceber -se das minhas mágoas. Foi um outro judeu quem, movido por sentimento mais egoístico do que caritativo, me recolheu em sua casa e me ensinou a trabalhar. O que isso lhe custara era largamente compensado pelo meu trabalho, que aliás excedia muitas vezes às minhas forças. Mais tarde, liberto desse jugo, trabalhei por conta própria; mas em toda parte, no trabalho como no repouso, perseguia -me a saudade de minha mãe e, à medida que avançava em anos a lembrança desse ser mais fundamente se me gravava na memória, lamentando em demasia a perda do seu amor e do seu zelo.

Não tardou fosse eu o único dos meus, pois a morte em breve, dentro de meses, ceifou -me toda a família. Então, principiou a manifestar -se-me o modo pelo qual havia de passar o resto da vida. Dois dos meus irmãos deixaram órfãos, e eu, comovido pela recordação do que como órfão sofrera, quis preservar os pobrezinhos de uma juventude semelhante à minha. Não produzindo o meu trabalho o suficiente para sustentá -los a todos, comecei a pedir esmolas, não para mim, mas para outros. A Deus não aprazia visse eu o resultado da minha esmolaria, a consolação dos meus esforços, e assim foi que também os pobrezinhos me deixaram para sempre. Eu bem sabia o que lhes faltava — era a mãe. Resolvi, pois, pedir para as viúvas infelizes que, sem poderem trabalhar para si e os filhinhos, se impunham privações fatais, que acabavam por matá-las, legando ao mundo pobres órfãos abandonados e votados aos tormentos que eu mesmo suportara.

A esse tempo contava trinta anos e naquela idade, saudável e vigoroso, viram-me pedir para a viúva e para o órfão. Penosos me foram os primeiros passos, a suportar mais de um epíteto deprimente; quando, porém, se certificaram de que eu realmente distribuía pelos pobres o que recebia; quando souberam que a essa distribuição ainda ajuntava as sobras do meu trabalho; então, adquiri certo conceito que não deixava de me ser grato.

Durante os 60 e alguns anos dessa peregrinação terrena, nunca deixei de atender à tarefa que me impusera. Também jamais a consciência me fez sentir que causas anteriores à existência fossem o móbil do meu proceder. Um dia somente, e antes de começar a pedir, ouvi estas palavras: "Não façais a outrem o que não quiserdes que vos façam." Surpreendido pelos princípios gerais de moralidade contida nessas poucas palavras, muitas vezes parecia-me ouvi-las acrescidas destas outras: "Mas fazei, ao contrário, o que quiserdes que vos façam": Tendo por auxiliares a lembrança de minha mãe e dos meus próprios sofrimentos, continuei a trilhar uma senda que a minha consciência dizia boa.

Vou terminar esta longa comunicação, dizendo: Obrigado! Imperfeito ainda, sei contudo que o mal só acarreta o mal, e de novo, como já o fiz, me dedicarei ao bem para alcançar a felicidade.

Szymel Slizgol.

Juliana Maria, a mendiga

Na comuna de La Vilatte, perto, de Nozai (Loire Inferior), havia uma pobre mulher de nome Juliana Maria, velha, enferma, vivendo da caridade pública. Um dia caiu num poço, do qual foi tirada por um conterrâneo, A..., que habitualmente a socorria. Transportada para casa, aí desencarnou pouco tempo depois, vítima do acidente. Era voz geral que Juliana tentara suicidar-se. Logo no dia do seu enterro, a pessoa que lhe acudira, e que era espírita e médium, sentiu como que um leve contato de pessoa que estivesse próxima, sem que procurasse explicar-se a causa do fenômeno. Ao ter conhecimento do trespassse de Juliana Maria, veio -lhe ao pensamento a visita possível do seu Espírito.

A conselho de um seu amigo da Sociedade de Paris, a quem ti nha informado da ocorrência, fez a evocação com o intuito de ser útil ao Espírito, não sem que pedisse previamente o conselho dos seus protetores, que lhe deram a seguinte comunicação:

"Poderás fazê-lo e com isso lhe darás prazer, conquanto se torne, desnecessário o benefício que tens em mente prestar-lhe. Ela é feliz e inteiramente devotada aos que se lhe mostraram compassivos. Tu és um dos seus bons amigos; ela quase que te não deixa e contigo se comunica muitas vezes sem que o saibas. Cedo ou tarde os seus serviços são recompensados e, quando o não sejam pelo próprio beneficiado, o serão pelos que por ele se interessam, antes e depois da morte. Se acaso o Espírito do beneficiado não tiver ainda reconhecido a sua nova situação, outros Espíritos, a ele simpáticos, vêm dar o testemunho de sua gratidão. Eis aí o que te pode explicar a sensação que tiveste no mesmo dia da passagem de Juliana Maria. Agora, será ela a auxiliar-te na prática do bem. Lembra-te do que disse Jesus: aquele que se humilhar

será exaltado. Tu verás o serviço que esse Espírito poderá prestar -te, desde que lhe peças assistência com o fito de ser útil ao próximo."

Evocação — Boa Juliana, sei que sois feliz e é tudo quanto desejava saber; isso não impede, porém, que de vós me lembre muitas vezes, bem como de não vos esquecer nas minhas preces.

*R. Tem confiança em Deus, procura inspirar aos teus doentes uma fé sincera, porque assim alcançarás sempre o que desejares. Não te preocupes nunca com a recompensa, porque ela será sempre superior ao que podes esperar. Deus sabe recompensar justiceiramente a quem se dedique ao alívio dos seus irmãos, **inspirado por absoluto desinteresse**. A não ser assim, tudo é ilusão, é quimera.*

É preciso ter fé antes de tudo, pois de outro modo nada se conseguirá. Lembra -te deste conselho e ficarás admirado dos seus resultados. Os dois doentes que curastes são a prova do que te afirmo, pois, no estado em que estavam, só com remédios nada terias conseguido.

*Quando implorares permissão a Deus para que os bons Espíritos te transmitam fluidos benéficos, se não sentires um estremecimento involuntário, é que a tua prece não foi bastante fervorosa para ser ouvida. É só nestas condições que a prece pode tornar -se valiosa. Nem outra coisa resulta de dizer: **"Deus Todo-Poderoso, Pai de bondade e misericórdia infinita, permiti que os bons Espíritos me assistam na cura de...Tende piedade dele, Senhor; restitui-lhe a saúde, porque, sem Vós, eu nada posso fazer. Seja feita a vossa vontade"** .*

Tens feito bem em não desdenhar os humildes; a voz daquele que sofreu resignadamente as misérias desse mundo é sempre ouvida e nenhum serviço deixa jamais de ser recompensado.

Agora, uma palavra a meu respeito, confirmativa do que te disse supracitadamente.

O Espiritismo te explica a minha linguagem de Espírito, sem que aliás me seja preciso entrar em minúcias a este respeito. Igualmente, julgo inútil falar-te da minha existência anterior. A situação em que me conhecestes na Terra te fará compreender e julgar as precedentes encarnações, nem sempre isentas de máculas. Condenada a uma existência miserável, enferma, inválida, mendiguei em toda a minha vida. Não acumulei dinheiro, e na velhice as parcas economias não passavam de uma centena de francos, reservados para a hipótese de ficar amarrada no leito entrevada. Deus, julgando suficiente a expiação e a prova, deu -lhes um termo, libertou-me da vida terrestre sem sofrimentos, porquanto não me suicidei, como a princípio julgaram. Desencarnei subitamente à borda do poço, quando a Deus enviara da Terra a minha última prece. Depois, pela declividade do terreno, meu corpo resvalou naturalmente.

Não sofri ao dar-se o meu trespasse, e sou feliz por ter cumprido a minha missão sem vacilações, resignadamente. Tornei-me útil na medida das minhas forças, evitando sempre prejudicar os meus semelhantes. Hoje recebo o prêmio e dou graças a Deus, ao nosso Divino Mestre, que mitiga o travo das provações, fazendo -nos esquecer, quando encarnados, as faltas do passado, ao mesmo tempo que nos põe no caminho almas caridosas, o utros tantos auxiliares que atenuem o peso, o fardo das nossas culpas anteriores.

Persevera tu também que, como eu, serás recompensado. Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Jamais o esquecerei. Um dia nos havemos de tornar a ver e mui tas coisas te serão explicadas, coisas essas cuja explicação hoje seria extemporânea. Fica certo somente da minha dedicação, de que estarei ao teu lado sempre que de mim precisares para aliviar aqueles que sofrem.

*A mendiga velhinha, **Juliana Maria.***

Evocado a 10 de junho de 1864, na Sociedade de Paris, o Espírito de Juliana ditou a mensagem seguinte:

"Caro presidente: obrigada por quererdes admitir -me ao vosso centro. Previstes, sob o ponto de vista social, a superioridade das minhas antecedentes encarnações, pois, se voltei à Terra com a prova de pobreza, foi para punir -me do vão orgulho com que repelia os pobres, os miseráveis. Assim, passei pela pena de talião fazendo -me a mais horrenda mendiga deste país: mas, ainda assim, como que para certificar -me da bondade de Deus. nem por todos fui repelida: e esse era todo o meu temor. Também foi sem queixumes que suportei a provação, pressentindo uma vida melhor, da qual não tornaria ao mundo do exílio e da calamidade.

"Que ventura a desse dia em que a nossa alma rejuvenescida pode franquear a vida espiritual para aí rever os seres amados! Sim, porque também amei e considero -me feliz pelo encontro daqueles que me precederam. Obrigada a A... esse bom amigo que me facultou a expressão do reconhecimento. Sem a sua mediunidade eu não lhe poderia provar, agradecida, que minha alma não se esquece das benéficas influências de um coração bondoso como o seu, recomendando-lhe que procure progredir em sua divina crença. Já que ele tem por missão regenerar as almas transviadas, que fique bem certo do meu auxílio. E eu posso retribuir -lhe pelo cêntuplo o que por mim fez, instruindo -o na senda que percorreis. Agradecei ao Senhor o permitir que os bons Espíritos vos orientem, a fim de animardes o pobre nas suas mágoas e deterdes o rico no seu orgulho. Capacitai -vos de quanto é vergonhosa a repulsa para com os infelizes, servindo -vos o meu exemplo, a fim de evitardes o retorno à Terra na expiação de faltas que vos colocam tão baixo a ponto de serdes socialmente considerado escória da sociedade."

Juliana Maria."

Transmitida a A. esta comunicação, ele por sua vez obteve a que se segue e o que é aliás uma confirmação.

P. Boa Juliana, uma vez que é vosso desejo auxiliar -me com os vossos conselhos, a fim de que me adiante em nossa santa Doutrina, vinde comunicar -vos comigo, certa de que me esforçarei por aproveitar -vos os ensinamentos.

R. Lembra-te da recomendação que vou fazer e não te afastes dela nunca. Procura sempre ser caridoso na medida de tuas forças; compreendes a caridade tal como deve ser praticada em todos os atos da vida. Não tenho necessidade, por conseguinte, de aconselhar -te uma coisa da qual podes tu mesmo ser o juiz; todavia, dir -te-ei que sigas a voz da consciência, a qual jamais te enganará, desde que a consultes sinceramente.

Não te iludas com as missões a cumprir; pequenos e grandes, cada qual tem a sua missão. Penosa foi a minha, porém eu fazia jus a tal punição em consequência das precedentes existências, como confessei ao bom presidente da Sociedade matriz de Paris, que um dia vos há de congregar a todos. Esse dia vem menos longe do que supões, pois o Espiritismo caminha a passos largos, apesar de todos os óbices que se lhe antepõe. Segui, pois, sem temores, fervorosos adeptos; seguí, que os vossos esforços serão coroados por outros tantos êxitos. Que vos importa o que de vós possam dizer? Colocai-vos, acima da crítica irrisória, a qual recairá sobre os próprios adversários do Espiritismo.

Ah! Os orgulhosos! Julgam-se fortes pensando poder aniquilar-vos, mas... bons amigos, tranquilizai-vos e não receeis enfrentá-los, porque são menos invencíveis do que porventura possais supor. Dentre eles, há muitos receosos de que a verdade lhes venha deslumbrar os olhos. Esperai, que acabarão por vir auxiliar a coroação d a obra.

Juliana Maria.

Aqui está um fato repleto de ensinamentos. Quem se dignar meditar sobre estas três comunicações, nelas encontrará condensados todos os grandes princípios do Espiritismo. Logo na primeira comunicação, o Espírito manifesta a sua superioridade pela linguagem; como gênio benfazejo e como que metamorfoseada, esta mulher radiante vem proteger aqueles mesmos que a desprezaram sob os andrajos da miséria. É a aplicação destas máximas evangélicas: *"Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão exaltados; felizes os humildes, felizes os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, porque aquele que vos parece pequeno neste mundo, pode ser bem maior do que julgais"*.

Max, o mendigo

Em 1850, numa vila da Baviera, morreu um velho quase centenário, conhecido por pai Max. Por não possuir família, ninguém lhe determinava a origem. Havia cerca de meio século que se invalidara para ganhar a vida, sem outro recurso além da mendicidade, que ele dissimulara, procurando vender pelas herdades e castelos, almanaques e outras miudezas. Deram -lhe a alcunha de conde Max e as crianças o chamavam somente pelo título, circunstância esta que o fazia rir sem agastamento. Por que esse título? Ninguém saberia dizê -lo. O hábito o sancionara. Talvez tivesse provindo da sua fisionomia, das suas maneiras, cuja distinção fazia contraste com a miserabilidade dos andrajos. Muitos anos depois da morte, Max apareceu em sonho à filha do proprietário de um castelo em cuja estrebaria era outrora hospedado, porqu e não possuía domicílio próprio. Nessa aparição, disse ele: *"Agradeço o terdes vos lembrado do pobre Max nas vossas preces, porque o Senhor as ouviu. Alma caritativa, que vos interessastes pela pobre mendigo, já que quereis saber quem sou, vou satisfazer -vos, ministrando, ao mesmo tempo e a todos, um grande ensinamento"*.

E fez-lhe um grande relato, pouco mais ou menos nestes termos:

"Há cerca de século e meio era eu um dos ricos e poderosos senhores desta região, porém orgulhoso da minha nobreza. A fortuna imensa, além de só me servir aos prazeres, mal chegava para o jogo, para a libertinagem, para as orgias, que eram a minha única preocupação

na vida. Quanto aos vassallos, porque os julgasse animais de trabalho destinados a servir -me, eram espezinhados e oprimidos a fim de que provesses às minhas dissipações. Surdo aos queixumes deles, como em regra também o era com todos os infelizes, julgava eu que eles ainda se deveriam ter por honrados, em satisfazer -me aos caprichos. Morri cedo, exausto pelos excessos, mas sem ter, realmente, experimentado qualquer desgraça real. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, a ponto de passar por um dos seres mais ditosos do mundo. Tive funerais suntuosos e os boémios lamentavam a perda do ricoço, mas a verdade é que sobre o meu túmulo nenhuma lágrima se derramou, nenhuma prece por mim se fez a Deus, de coração, enquanto minha memória era amaldiçoada por todos aqueles para cuja miséria contribuía. Ah! Como é terrível a maldição daqueles que prejudicamos! Pois essa maldição não deixou de ressoar-me aos ouvidos durante longos anos que me pareceram uma eternidade. Depois por morte de cada uma das vítimas, era um novo espectro ameaçador ou sarcástico erguido diante de mim, a perseguir-me sem tréguas, sem que eu pudesse encontrar um vão lugar onde me furtasse às suas vistas! Nem um olhar amigo! Os antigos companheiros de devassidão, infelizes como eu, fugiam, parecendo dizer -me desdenhosos: **"Tu não podes mais custear os nossos prazeres"**. Oh! Então, quanto daria eu por um instante de repouso, por um copo d'água para saciar a sede ardente que me devorava! Entretanto eu nada mais possuía, **e todo o ouro a jorros derramado sobre a Terra não produzia uma só bênção, uma só que fosse... ouviste, minha filha?!**

"Cansado por fim, oprimido, como viajor que não lobra o termo da jornada, exclamei; **"Meu Deus, tende compaixão de mim! Quando terminará esta situação horrível?!"** Então uma voz — primeira que ouvi depois de haver deixado a Terra disse: **"Quando quiseres"**. Que será preciso fazer, grande Deus? — repliquei. Dizei-o, que a tudo me sujeitarei. — **"É preciso o arrependimento, é preciso te humilhares perante os mesmos a quem humilhaste; pedir -lhes que intercedam por ti, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor"**. Humilhei-me, pedi aos meus vassallos e servidores que ali estavam diante de mim, e cujos semblantes, pouco a pouco mais benévolos, acabaram por desaparecer. Isso foi para mim como que uma nova vida; o desespero deu lugar à esperança, enquanto eu agradecia a Deus com todas as forças de minha alma. A voz acrescentou: **"Príncipe..."** ao que respondi: **"Não há aqui outro príncipe senão Deus, o Deus Onipotente que humilha os soberbos. Perdoai-me Senhor, porque pequei; e se tal for da vossa vontade, fazei-me servo dos meus servos"**.

"Alguns anos depois reencarnei numa família de burgueses pobres. Ainda criança perdi meus pais e fiquei só, no mundo, desamparado. Ganhei a vida como pude, ora como operário, ora como trabalhador de campo, mas sempre honestamente, porque já cria em Deus. Aos quarenta anos fiquei inteiramente paralisado, sendo -me preciso daí por diante mendigar por mais de cinquenta anos, por essas mesmas terras de que fora o absoluto senhor. Nas herdades que me haviam pertencido, recebia uma migalha de pão, feliz quando por abrigo me davam a cobertura de uma estrebaria. Ainda por uma acerba ironia do destino, apelidaram -me Sr. Conde... Durante o sono, aprazia-me percorrer esse mesmo castelo onde renei despoticamente, revendo-me no fausto da minha antiga fortuna! Ao despertar, sentia das visões uma impressão de amargura e tristeza, mas nunca uma só queixa se me escapou dos lábios; e quando a Deus aprouve chamar -me, exaltei a sua glória por me haver sustentado com

firmeza e resignação numa prova tão penosa, da qual hoje recebo a recompensa. Quanto a vós, minha filha, eu vos bendigo por terdes orado por mim."

Para este fato pedimos a atenção de todos quantos pretendem que, sem a perspectiva das penas eternas, os homens deixariam de ter um freio às suas paixões. Um castigo como este do pai Max será porventura menos profícuo do que essas penas sem fim, nas quais hoje ninguém acredita?

História de um criado

Servindo a uma família de alta posição, era um moço cujos traços fisionômicos, cujo ar inteligente, surpreendiam por sua distinção. Em suas maneiras nada havia de rústico ou plebeu e, ao mesmo tempo que diligenciava bem servir aos patrões, estava longe de ostentar quaisquer servilismos, aliás muito próprios das pessoas que conhecêramos, e porque não o víssemos, perguntamos se o haviam despedido. Disseram-nos que tinha ido passar alguns dias na sua terra natal, e que lá falecera. Disseram-nos mais, que muito lamentavam a perda de tão excelente moço, possuidor de sentimentos assaz elevados para a sua posição. Acrescentaram que ele lhes era muito dedicado, dando provas de grande afeição.

Mais tarde, veio-nos a ideia de evocar esse rapaz, e eis o que nos disse ele:

"Na penúltima encarnação, havia eu nascido de muito boa família, como se diz na Terra, mas cujos bens estavam arruinados pelas prodigalidades de meu pai. Órfão muito criança, um amigo deste recolheu-me e mandou educar-me excelentemente como um filho, educação essa que me suscitou uma leve vaidade. Meu protetor, de então, é hoje o Sr. G., ao serviço do qual me conhecestes. É que eu quis expiar o orgulho, na última existência, sob a condição de criado, provando ao mesmo tempo a dedicação devida ao meu benfeitor. Cheguei mesmo a salvar-lhe a vida sem que ele o soubesse. Isso constituiu também uma provação da qual saí vitorioso e bastante confortado para não me deixar corromper num meio vicioso. Conservando-me impoluto, a despeito dos maus exemplos, agradeço a Deus a recompensa, na felicidade que hoje gozo."

P. Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?

R. Evitando que fosse esmagado por uma grande árvore enquanto passeava a cavalo. Eu que o seguia só, percebi a iminência do perigo, e com um grito lancinante fi-lo voltar rápido, enquanto o tronco se abatia.

O Sr. G... a quem referimos o fato, dele se lembrou p erfeitamente.

P. Por que desencarnastes tão jovem?

R. Porque Deus julgou suficiente a prova.

P. Como pudestes aproveitar essa provação quando não tínheis noção da sua causa anterior?

R. Na humildade da minha condição ainda me restava um instinto daquele orgulho; fui feliz por tê-la conseguido domar, tornando proveitosa a provação que, a não ser assim, eu teria de começar. Nos seus momentos de liberdade o meu Espírito se lembrava do que fora e ao despertar lhe invadia um desejo intuitivo de resistir às más tendências. Tive mais mérito lutando assim do que se tivesse a lembrança do passado. Com essa lembrança o orgulho de

outros tempos se teria exaltado, perturbando-me, ao passo que deste modo apenas tive que combater as influências nocivas da minha nova condição.

P. De que serviu terdes recebido uma brilhante educação, uma vez que na última encarnação não vos era possível lembrar os conhecimentos adquiridos?

*R. Tais conhecimentos, dada a minha ulterior condição, seriam supérfluos; por isso ficaram num estado latente para que hoje eu os reencontrasse. Mas aqueles conhecimentos não me foram de todo inúteis, uma vez que desenvolvendo-me a inteligência, me incutiram predileção instintiva pelas coisas elevadas e repugnância pelos baixos e ignóbeis exemplos que ti nha à vista. Sem aquela educação, **eu não passaria de um criado.***

P. A abnegação dos criados para com os patrões terá por ascendente o fato de relações anteriores?

R. Sem dúvida, e ao menos é esse o caso comum. Às vezes esses criados são membros da mesma família, ou, como no meu caso, escravos da gratidão e que procuram saldar uma dívida, ao mesmo tempo concorrendo para que progridam por sua dedicação. Vós não compreendeis todos os efeitos da simpatia que a anterioridade de relações produz aí no mundo. A morte em absoluto não interrompe essas relações, que podem perpetuar-se por séculos e séculos.

P. Por que são hoje tão raros esses exemplos de dedicação?

R. Acusai a feição egoística e orgulhosa do vosso século, agravada ainda pela incredulidade das ideias materialistas. À verdadeira fé antepõe-se presentemente a cobiça, a avidez do ganho, em detrimento da abnegação. Induzindo os homens à verdade, o Espiritismo fará reviver igualmente as virtudes esquecidas.

Nada melhor do que este exemplo para evidenciar o benefício do esquecimento em relação às existências anteriores. Se G. tivesse ciência do que havia dito o seu criado, ficaria para com ele numa posição embaraçosa, nem o conservaria como criado, obstando, por conseguinte a uma provação proveitosa para ambos.

António B...

(Enterrado vivo — Pena de talião)

António B..., escritor de estimadíssimo merecimento, que exercera com distinção e integridade muitos cargos públicos na Lombardia, pelo ano de 1850 caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético. Como algumas vezes sucede em casos dessa natureza, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita determinou a exumação, a pedido da família. Tratava-se de um medalhão por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir este, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e — coisa horrível — que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto. Ficou então patente que o infeliz António B... fora enterrado vivo e deveria ter sucumbido de desespero e por fome.

Evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, a pedido de parentes, deu as seguintes explicações:

1. Evocação.

Que quereis?

2. A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quiserdes responder-nos.

R. Sim, desejo fazê-lo.

3. Lembrai-vos dos incidentes da vossa morte?

R. Ah! Certamente que me lembro; mas por que avivar essa lembrança do castigo?

4. Efetivamente fostes enterrado por descuido?

R. Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os característicos da morte real; eu estava quase exangue (66). Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava reservado desde que nasci.

5. Incomodam-vos essas perguntas? Será mister lhe darmos fim?

R. Não. Podeis continuar.

6. Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos que fosseis feliz.

R. Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder e, se não o puder fazer, o fará um dos vossos Guias por mim.

7. Podeis descrever-nos as vossas sensações daquele momento?

R. Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido! Gritar! Impossível! A voz, por falta de ar, não tinha eco! Ah! Que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar num ambiente limitado! Eu era como um condenado à boca de um forno, abstração feita do calor. A ninguém desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim assim! Oh! Cruel punição de cruel e feroz existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8. Dissestes — cruel punição de feroz existência... Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada?

R. Que vale uma existência diante da eternidade? Certamente procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal epílogo previamente, isto é, antes de encarnar. Ah! Por que interrogar-me sobre esse passado doloroso que só eu e os bons Espíritos enviados do Senhor conhecíamos? Mas, visto que assim é preciso, dir -vos-ei que numa existência anterior eu enterrara viva uma mulher — a minha mulher, e por sinal que num fosso! A pena de talião devia ser -me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9. Agradecemos essas respostas e pedimos a Deus vos perdoe o passado, em atenção ao mérito da vossa última encarnação.

R. Voltarei mais tarde, mas, não obstante, o Espírito de Erasto completará esta minha comunicação.

Instruções do Guia do Médiun — *Por essa comunicação podeis inferir a correlatividade e dependência imediata das vossas existências entre si; as tribulações, as vicissitudes, as dificuldades e dores humanas são sempre as consequências de uma vida anterior, culposa ou mal aproveitada. Devo todavia dizer-vos que desfechos como este de António B... são raros, visto como se assim terminou uma existência correia, foi por tê-lo solicitado ele próprio, com o objetivo de abreviar a sua erraticidade e atingir mais rápido as esferas superiores. Efetivamente, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, inerente à expiação do hediondo crime, ser-lhe-á perdoado este, e ele se alçará a um mundo mel hor, onde o espera a vítima que há muito lhe perdoou. Aproveitai este exemplo cruel, queridos espíritos, a fim de suportardes, com paciência, os sofrimentos morais e físicos, todas as pequenas misérias da Terra.*

P. Que proveito pode a Humanidade auferir de semelhantes punições?

R. *As penas não existem para desenvolver a Humanidade, porém para punição daqueles que erram. De fato, a Humanidade não pode ter interesse algum no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que morrem estes queimados, enquanto aqueles padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! Crede-me; respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem. Erasto.*

Esse fato não encerra ensinamento terrível? A justiça de Deus às vezes tardia, nem por isso deixa de atingir o culpado, prosseguindo em seu aviso. É altamente moralizador o saber -se que, se grandes culpados acabam pacificamente na abundância de bens terrenos, nem por isso deixará de soar cedo ou tarde, para eles, a hora da expiação. Penas tais são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, mas também por serem lógicas. Cremos, porque a razão o admite.

Uma existência honrosa não exclui, portanto, as provações da vida, que são escolhidas e aceitas como complemento de expiação —o restante do pagamento de uma dívida saldada antes de receber o preço do progresso realizado.

Considerando quanto nos séculos passados eram frequentes, mesmo nas classes mais elevadas e esclarecidas, os atos de barbárie que hoje repugnam; quantos assassínios cometidos naqueles tempos de menosprezo pela vida de outrem, esmagado o fraco pelos poderosos sem escrúpulos; então compreenderemos que muitos dos nossos contemporâneos têm de expungir máculas passadas, e tampouco nos admiraremos do número considerável de pessoas que sucumbem vitimadas por acidentes isolados ou por catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos na Idade Média e dos séculos que se seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida enorme, que ainda não está saldada. Muitas desgraças nos parecem imerecidas, somente porque apenas vemos o momento atual.

O senhor Letil

Esse industrial, que residiu nos arredores de Paris, morreu em abril de 1864, de modo horroroso. Incendiando-se uma caldeira de verniz fervente, foi num abrir e fechar de olhos que o seu corpo se cobriu de matéria candente, pelo que logo compreendeu ele que e stava

perdido. Achando-se na oficina apenas com um rapaz aprendiz, ainda teve ânimo de dirigir -se ao seu domicílio, à distância de mais de 300 metros. Quando lhe puderam prestar os primeiros socorros, já as carnes dilaceradas caíam aos pedaços, desnudos os ossos de uma parte do corpo e da face. Ainda assim, sobreviveu doze horas a cruciantes sofrimentos, mas conservando toda a presença de espírito até o último momento, predispondo os seus negócios com perfeita lucidez. Em toda a cruel agonia não lhe ouviram um só gemido, um só queixume, e morreu orando a Deus. Era um homem honradíssimo, de caráter meigo e afetuoso, amado, prezado de todos os que o conheciam. Também acatara com entusiasmo, porém pouco refletidamente, as ideias espiritas, e assim foi que, médi um, não lhe faltaram inúmeras mistificações, as quais, seja dito, em nada lhe abalaram a crença. Em certos casos, a confiança no que os Espíritos lhe diziam, ia até à ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris, a 29 de abril de 1864, poucos dias após a morte e ainda sob a impressão da cena terrível que o vitimou, deu a seguinte comunicação:

"Profunda tristeza me acabrunha! Aterrado ainda pela minha trágica morte, julgo -me sob os ferros de um algoz. Quanto sofri!... Oh! Quanto sofri! Estou trémulo, como qu e sentindo o cheiro nauseante de carnes queimadas. Agonia de 12 horas, essa que padeceste, oh! Espírito culpado! Mas ele a sofreu sem murmurações e por isso vai receber de Deus o seu perdão.

Esposa minha muito amada, não chore, que em breve estas dores se acalmarão. Eu não mais sofro na realidade. Auxilia-me muito a noção do Espiritismo e agora vejo que, sem essa consoladora crença, teria permanecido no delírio da morte horrível que padecei.

*Há, porém, um Espírito consolador que não me deixa, desde que exalei o último suspiro. Eu ainda falava, e já o tinha a meu lado... Parecia -me ser um reflexo das minhas dores a produzir em mim vertigens, que me fizessem ver fantasmas... Mas não; era o meu anjo de guarda que, silencioso e mudamente, me consolava pelo coração. Logo que me despedi da Terra, disse -me ele; **"Vem, meu filho, torna a ver o dia"**. Então respirei mais livremente, julgando-me livre de medonho pesadelo; perguntei pela esposa e ele me disse ; **"Estão todos na Terra, e tu, filho, estás entre nós"**. Eu procurava o lar, onde, sempre em companhia do anjo, vi todos banhados de pranto. A tristeza e o luto haviam invadido aquela habitação outrora pacífica. Não pude por mais tempo tolerar o espetáculo e, comovidíssimo, disse ao meu Guia: Oh! Meu bom anjo, saiamos daqui. Sim, saiamos, respondeu-me, e procuremos repouso.*

Daí para cá tenho sofrido menos e, se não tivesse visto inconsoláveis a esposa e os filhos e tristes os amigos, seria quase feliz.

O meu bom Guia fez-me ver a causa da morte horrível que tive, e eu, a fim de vos instruir, vou contá-la para vós,

Vai para dois séculos mandei queimar uma rapariga, inocente como se pode ser na sua idade —12 a 14 anos. Qual a acusação que lhe pesava? A cumplicidade em uma conspiração contra a política clerical. Eu era então italiano e juiz inquisidor; como os algozes não ousassem tocar o corpo da pobre criança, fui eu mesmo o juiz e o carrasco. Oh! Quanto és grande, justiça divina! A ti submetido, prometi a mim mesmo não vacilar no dia do combate, e ainda bem que tive

força para manter o compromisso. Não murmurei, e Vós me perdoastes, oh! Deus! Quando, porém, se me apagará da memória a lembrança da pobre vítima inocente? Essa lembrança é que me faz sofrer! É mister, portanto, que ela me perdoe.

Oh! Vós, adeptos da nova doutrina, que frequentemente dizeis não poder evitar os males pela ignorância do passado! Oh! Irmãos meus! Bendizei antes o Pai, porque se essa lembrança vos acompanhasse à Terra, não mais haveria aí repouso em vossos corações. Como poderíeis vós, constantemente assediados pela vergonha, pelo remorso, fruir um só momento de paz?

O esquecimento aí é um benefício, porque a lembrança aqui é uma tortura. Mais alguns dias e, como recompensa à resignação com que suportei as minhas dores, Deus me concederá o esquecimento da falta. Eis a promessa que acaba de fazer -me o meu bom anjo."

O caráter do Sr. Letil, na última encarnação, prova quanto o seu Espírito se aperfeiçoou. A conduta que teve seria o resultado do arrependimento como das boas resoluções previamente tomadas, mas isso por si só não bastava: era preciso coroar essas resoluções com uma grande expiação; era mister que suportasse como homem o suplício a outrem infligido e mais ainda; a resignação que, felizmente, não o abandonou nessa terrível contingência. Naturalmente o conhecimento do Espiritismo contribuiu grandemente para sustentar-lhe a fé, a coragem oriunda da esperança de um futuro. Ciente de que as dores físicas são provas e expiações, submeteu-se a elas resignado, dizendo: Deus é justo; logo, é porque as mereci.

Um Sábio Ambicioso

Posto nunca tivesse provado as cruciantes angústias da miséria, a Sra. B..., de Bordéus, teve uma vida de martírios físicos, em consequência de incontável série de moléstias mais ou menos graves, a partir da idade de 5 meses. Vivendo 70 anos, quase que anualmente batia às portas do túmulo. Três vezes envenenada pela terapêutica de uma ciência experimental e duvidosa, em ensaios feitos no seu organismo e temperamento, arruinada, ao demais, pelos remédios tanto quanto pela doença, assim viveu entregue a sofrimentos intoleráveis, que nada podia atenuar. Uma sua filha, espírita cristã e médium, pedia sempre a Deus que lhe suavizasse as cruéis provações. Foi porém aconselhada pelo seu Guia a pedir simplesmente a fortaleza, a calma, a resignação para as suportar, fazendo acompanhar esse conselho das seguintes instruções:

*"Nessa vida tudo tem sua razão de ser: **não há um só dos vossos sofrimentos que não corresponda aos sofrimentos por vós causados**; não há um só dos vossos excessos que não tenha por consequência uma privação; não há uma só lágrima a destilar dos olhos, que não seja destinada a lavar uma falta, um crime qualquer. Suportai, portanto, com paciência e resignação as dores físicas e morais, por mais cruéis que elas se vos possam figurar. Imaginai o trabalhador que, amortecidos os membros pela fadiga, prossegue no trabalho, porque tem diante de si a dourada espiga, outros tantos frutos da sua perseverança. Assim, o destino do infeliz que sofre nesse mundo; a aspiração da felicidade, que deve constituir-se em fruto de sua paciência, o tornará resistente às dores efêmeras da Humanidade.*

*Eis o que se dá com tua mãe. Cada uma das suas dores acolhidas como expiação, corresponde à extinção de uma nódoa do passado; e quanto mais cedo as nódoas todas se extinguirem, tanto mais breve ela será feliz. **A falta de resignação esteriliza o sofrimento** que, por isso mesmo, teria de ser recomeçado. Convém -lhe, pois, a coragem e a resignação, e o que se faz preciso é pedir a Deus e aos bons Espíritos que lhe concedam.*

Tua mãe foi outrora um bom médico, vivendo num meio em que fácil se lhe tornava o bem-estar, e no qual não lhe faltaram dons nem homenagens. Sem ser filantropo, e, por conseguinte, sem visar o alívio dos seus irmãos, mas cioso de glória e fortuna, quis atingir o apogeu da Ciência, para aumentar a reputação e a clientela. E na consecução desse propósito não havia consideração que o detivesse. Porque previa um estudo nas convulsões que investigava, sua mãe era martirizada no leito de sofrimentos, enquanto o filho se submetia a experiências que deveriam explicar uns tantos fenômenos; aos velhos abreviava os dias e aos homens vigorosos enfraquecia com ensaios tendentes a comprovar a ação desse ou daquele medicamento. Todas as experiências eram tentadas sem que o infeliz paciente delas soubesse ou sequer desconfiasse. A satisfação da cupidez e do orgulho, a sede de ouro e de renome, foram os móveis da sua conduta. Foram precisos séculos de provações terríveis para domar esse Espírito ambicioso e cheio de orgulho, até que o arrependimento iniciasse a obra de regeneração. Agora termina a reparação, visto como as provas dessa última encarnação podem dizer-se suaves relativamente àquelas que já suportou. Coragem, pois, porque se o castigo foi longo e cruel, grande será a recompensa à resignação, à paciência, à humildade.

Coragem, todos vós que sofreis: considerai a brevidade da existência material, pensai nas alegrias eternas. Invocai a esperança, a dedicada amiga dos sofredores: a fé, sua irmã, que vos mostra o céu, onde com aquela podeis penetrar antecipadamente. Atraí também a vós esses amigos que o Senhor vos faculta, amigos que vos cercam, que vos sustentam e amam, e cuja solicitude constante vos reconduz, para junto d'Aquele a quem haveis ofendido, transgredindo as suas leis."

Depois de haver desencarnado, a Sra. B... veio dar tanto por intermédio de sua filha como na Sociedade de Paris, muitas comunicações, nas quais se refletem as qualidades mais elevadas, e se confirmam os seus antecedentes.

Carlos de Saint-G... (idiota)

(Sociedade Espírita de Paris, 1860)

Era um rapaz de 13 anos, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram nulas a ponto de não reconhecer os próprios pais, mal podendo tomar por si mesmo o alimento. Dava -se nele a completa suspensão de desenvolvimento em todo o sistema orgânico.

1. (A S. Luís) Poderemos evocar o Espírito deste menino?

R. *Sim, é como se o fizésseis ao de um desencarnado.*

2. Essa resposta faz-nos supor que a evocação se pode fazer a qualquer hora...

R. *Sim, visto como presa ao corpo por laços materiais, que não espirituais, sua alma pode desligar-se a qualquer hora.*

3. (Evocação de Carlos).

R. Sou um pobre Espírito preso a Terra por um pé como se passarinho fosse.

4. Presentemente, isto é, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade neste mundo?

R. Decerto que sinto o cativo.

5. Quando o corpo adormece e o vosso Espírito se desprende, tendes as ideias tão lúcidas como se estivésseis em estado normal?

R. Quando o corpo infeliz repousa, fico um pouco mais livre para alçar -me ao céu a que aspiro.

6. Experimentais no estado espiritual qualquer sensação dolorosa oriunda do vosso estado corpóreo?

R. Sim, por isso que é uma punição.

7. Lembrai-vos da precedente encarnação?

R. Oh! Sim, e ela é a causa do meu exílio de hoje.

8. Que existência era essa?

R. A de um jovem libertino no reinado de Henrique III.

9. Dizeis ser uma punição a vossa condição atual... acaso não a escolhestes?

R. Não.

10. Como pode vossa existência atual servir ao vosso adiantamento no estado de nulidade em que vos achais?

R. Para mim não há nulidade, pois foi Deus quem me impôs esta contingência.

11. Podeis prever o tempo de duração da existência atual?

R. Não, porém, mais ano menos ano, reentrarei na minha pátria.

12. Que fizestes durante o tempo que mediou entre a vossa última desencarnação e a encarnação atual?

R. Deus encarcerou-me; logo, era eu um Espírito leviano.

13. Tendes, quando acordado, a consciência do que se passa, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?

R. Vejo e ouço, mas meu corpo nada vê nem percebe.

14. Poderemos fazer alguma coisa de proveitoso por vós?

R. Nada.

15. (A S. Luís) Tratando-se de Espírito encarnado, as preces tem a mesma eficácia que para os desencarnados?

R. As preces, além de sempre úteis agradam a Deus. No caso deste Espírito, elas de nada lhe servem imediatamente, porém mais tarde Deus as levará em conta.

Esta evocação ratifica o que sempre se disse dos idiotas. A nulidade moral não importa nulidade do Espírito, que com exceção dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos. É, pois, o caso de um homem vigoroso, que fosse momentaneamente manietado.

Instrução de um Espírito acerca de idiotas e loucos, dada na Sociedade de Paris.

*Os idiotas são os seres castigados pelo mau uso de poderosas faculdades; almas encarceradas em corpos cujos órgãos impotentes não podem exprimir os próprios pensamentos. Esse mutismo moral e físico constitui uma das mais cruéis punições terrenas, muitas vezes escolhida por Espíritos arrependidos e desejosos de resgatar suas faltas. A provação nem por isso é improfícua, porque o Espírito não fica estacionário na prisão carnal; esses olhos estúpidos veem, esses cérebros deprimidos concebem, conquanto nada possam traduzir pela palavra e pelo olhar. Excetuada a mobilidade, o seu estado é o de letárgicos ou catalépticos, que veem e ouvem, sem contudo poderem exprimir-se. Quando tendes esses horríveis pesadelos, durante os quais procurais fugir de um perigo, gritando, clamando, não obstante a imobilidade do vosso corpo como da vossa língua; quando isso sucede, dizemos, a vossa sensação é idêntica à dos idiotas. É **a paralisia do corpo anexa à vida do Espírito**.*

Assim se explicam quase todas as enfermidades, pois nada ocorre sem causa, e o que chamais injustiça do destino é apenas a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é punição ao abuso das mais elevadas faculdades; o louco tem duas personalidades - a que delira e a que tem consciência dos seus atos sem poder guiá-los. Quanto aos idiotas, a vida contemplativa, insulada, da sua alma, sem os prazeres e gozos do corpo, pode igualmente tornar-se agitada pelos acontecimentos, como qualquer das existências mais complicadas; revoltam-se alguns contra o suplício voluntário e, lamentando a escolha feita, sentem violento desejo de tornar à outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação do presente e o remorso do passado, do qual tem a consciência, visto como, embora idiotas e loucos, sabem mais que vós, ocultando sob a impotência física uma potência moral de que não tendes ideia alguma. Os atos de fúria, como de imbecilidade a que se entregam, são no íntimo julgados pelo seu ser, que deles sofre e se vexa. Escarnecê-los, injuriá-los, mesmo maltratá-los, como por vezes se faz, é aumentar-lhes o sofrimento, fazendo-lhes sentir mais cruamente a sua fraqueza e abjeção. Pudessem eles e acusariam de covardia aqueles que assim procedem, sabendo que a vítima não pode defender-se.

A loucura não é das leis divinas; resultando materialmente da ignorância, da sordidez e da miséria, pode o homem debelá-la. Os modernos recursos da higiene, que a Ciência modernamente executa e a todos facultada, tende a destruí-la. Sendo o progresso condição expressa da Humanidade, as provações tendem a modificar-se, acompanhando a evolução dos séculos. Dia virá em que as provações devam ser todas morais; e quando a Terra, nova ainda, houver preenchido todas as fases da sua existência, então se transformará em morada de felicidade, como se dá com os planetas mais adiantados.

Pedro Jouty (pai do médium)

Houve tempo em que se punha em dúvida a existência da alma dos idiotas e se chegava a perguntar se realmente eles pertenciam à espécie humana. O modo por que o Espiritismo encara os fatos não é realmente muito moralizador e instrutivo? Considerando que esses corpos encerram almas que já tivessem brilhado na Terra; almas tão presentes e lúcidas como as nossas a despeito do pesado invólucro que lhes abafa as manifestações; considerando que o mesmo pode acontecer conosco se abusarmos das faculdades que a Providência nos concedeu; considerando tudo isso, não teremos assunto para sérias reflexões?

Sem admitirmos a pluralidade de existências, como poderemos conciliar imbecilidade com a justiça e bondade de Deus? Se a alma não viveu anteriormente, então é porque foi criada ao mesmo tempo que o corpo, e, nesse caso, como explicar a criação de almas tão precárias da parte de um Deus justo e bom? É bem de ver que aqui não se trata da loucura, por exemplo, que se pode prevenir ou curar. Os idiotas nascem e morrem assim, sem a noção do bem e do mal. Qual portanto, o seu destino na vida eterna? Serão felizes ao lado dos homens inteligentes e laboriosos. Mas porque o fa voritismo se nada fizeram de bom? Ficarão no que chamam limbo, isto é, um estado misto que não é feliz nem infeliz? Mas por que essa eterna inferioridade? Terão eles a culpa de serem por Deus criados idiotas? Desafiamos para que saiam, desse impasse, a todos quantos negam a reencarnação. Pela reencarnação, ao contrário, o que se afigura injustiça se torna admiravelmente justo, o que parece inexplicável se explica racionalmente.

Ademais, sabemos que os nossos adversários, que os antagonistas desta doutrina não tem argumentos para combatê-la senão o receio de terem de voltar à Terra. Respondemos -lhes: para que volteis não vos é pedida a vossa permissão, pois o juiz não consulta a vontade do réu para mandá -lo ao cárcere. Todos tem a possibilidade de não reen carnar, desde que se aperfeiçoem o bastante para se alçarem a uma esfera mais elevada. O egoísmo e o orgulho não se compadecem, porém, com essas esferas felizes e daí a necessidade de todos se despojarem dessas enfermidades morais, graduando -se pelo trabalho e próprio esforço.

Sabemos que em determinados países, longe de serem objeto de desprezo, os idiotas são assistidos de benéficos cuidados. Essa comiserção não se filiará numa intuição do verdadeiro estado desses infelizes, tanto mais dignos de atenção quanto, por se verem repudiados na sociedade, seus Espíritos compreendem essa contingência?

Considera-se mesmo como favor e ação graciosa a presença de um desses seres no seio da família. Será isso superstição? Talvez, porque nos ignorantes a superstição se confunde com as ideias mais santas, por lhe não apreenderem o alcance. Mas seja como for, aos parentes se oferece ocasião de exercerem a caridade, tanto mais meritória quanto mais pesado lhes seja esse encargo, de nenhuma compensação material. Há maior mérito na cuidadosa assistência de um filho desgraçado do que na de um filho cujas qualidades ofereçam qualquer compensação. Sendo a caridade desinteressada uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre a sua bênção aqueles que a praticam. Esse sentimento inato e espontâneo vale por esta prece: *"Obrigado, meu Deus, por nos terdes dado um ser fraco a sustentar, um aflito a consolar."*

Adelaide Margarida Gosse

Era uma humilde e pobre criada, de Harfleur, Normandia. Aos 11 anos entrou para o serviço de uns horticultores ricos, seus patrícios. Um ano depois, uma inundação do Senna arrebatava -lhes, afogando-os, todos os animais! Ainda por outras desgraças que se sucederam, os patrões da rapariga caíram na miséria! Adelaide reuniu -se-lhes no infortúnio, abafou a voz do egoísmo e, só ouvindo o generoso coração, obrigou -os a aceitarem quinhentos francos de suas

economias, continuando a servi-los independentemente de salário. Depois da morte dos patrões, passou a dedicar-se a uma filha que deixaram, viúva e sem recursos. Mourejava pelos campos, recolhia o produto, e, casando-se, reuniu os seus esforços aos do marido, para manterem juntos a pobre mulher, a quem continuou a chamar de patroa! Cerca de meio século durou esta abnegação sublime.

A Sociedade de Emulação, de Ruão, não deixou no esquecimento mulher digna de tanto respeito e admiração, porquanto lhe decretou uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro; a este testemunho associaram-se as lojas maçónicas do Havre, oferecendo-lhe uma pequena soma destinada ao seu bem-estar. Finalmente, a administração local também se interessou por ela, delicadamente, de modo que lhe não ferisse a suscetibilidade.

Este anjo de bondade foi arrebatado da Terra instantânea e suavemente, em consequência de um ataque de paralisia. Singelas, porém decentes, foram as últimas homenagens que lhe prestaram à memória. O secretário da Municipalidade foi à frente do cortejo fúnebre.

(Sociedade de Paris —27 de dezembro de 1861)

Evocação. — Ao Deus Onipotente rogamos nos permita a comunicação do Espírito de Margarida Gosse.

P. Felizes nos consideramos em poder testemunhar -vos a nossa admiração pela vossa conduta na Terra e esperamos que tanta abnegação tenha recebido a sua recompensa.

R. Sim, Deus foi bom e misericordioso para com a sua serva. Tudo quanto fiz, e que vos parece louvável, era natural.

P. Podereis dizer-nos, para edificação nossa, qual a causa da humildade de vossa condição terrena?

R. Em duas encarnações sucessivas ocupei posição assaz elevada, sendo -me fácil a prática do bem, que fazia sem sacrifício, sendo, como era, rica. Pareceu -me, porém, que me adiantava lentamente, e por isso pedi para voltar em condições humildes, nas quais houvesse mesmo de lutar com as privações. Para isso me preparei durante longo tempo e Deus manteve-me a coragem, de modo que pudesse atingir o fim que me propusera.

P. Já tornaste a ver os antigos patrões? Dizei-nos qual a vossa posição perante eles, e se ainda vos considerais como empregada deles?

R. Vi-os, pois quando cheguei a este mundo, já aqui estavam. Humildemente vos confesso que me consideram como sendo superior a eles.

P. Tíneis qualquer motivo de afeição para com eles, de preferência a outros quaisquer?

R. Obrigatório, nenhum, visto que em qualquer parte conseguiria meu objectivo. Escolhi-os, no entanto, para retribuir uma dívida de reconhecimento. É que outrora haviam sido benévolos para comigo, prestando-me serviços.

P. Que futuro julgais que vos aguarde?

R. Espero que a reencarnação em um mundo onde se não conheçam dores. Ta lvez me julgueis muito presunçosa, porém eu vos falo com a vivacidade própria do meu caráter. Além disso, submeto-me à vontade de Deus.

P. Agradecidos pela vossa presença, não duvidamos que Deus vos cumule de benefícios.

R. Obrigada. Assim Deus vos abençoe e a todos, para que possais, desencarnados, gozar das puras alegrias que a mim me foram concedidas.

Clara Rivier

Era uma menina dos seus 10 anos, filha de uma família de camponeses do Sul da França. Havia já 4 anos que se achava profundamente enferma. Durante a vida nunca lhe foi ouvido um queixume, um sinal de impaciência e, se bem que desprovida de instrução, consolava a família nas suas aflições e comentava a vida futura e a felicidade que dessa vida deveria correr. Desencarnou em setembro de 1862, após 4 dias de convulsivas torturas, durante as quais não cessava de orar. *"Não temo a morte, dizia, por isso que depois dela me está reservada uma vida feliz"*. A seu pai, que chorava, dizia: *"Console-se, porque virei visitá-lo; sinto que a hora se aproxima e, quando ela chegar, saberei preveni-lo."* Efetivamente, quando era iminente o momento do desenlace, chamou por todos os seus e lhes disse: *"Apenas tenho cinco minutos de vida; deem-me as mãos"*. E expirou como previra.

Daí por diante um Espírito batedor principiou a visitar a casa dos Rivier: quebra tudo, bate na mesa, agita as roupas, as cortinas, a louça... Sob a forma de Clara ele apareceu à irmã mais moça, que apenas contava 5 anos. Segundo afirmou essa criança, a irmã lhe aparecia frequentemente e essas aparições provocavam-lhe exclamações de alegria como esta: *"Mas veja como Clara é bonita!"*

1. Evocação.

R. Aqui estou, disposta a responder -vos.

2. Tão jovem quando encarnada, donde vos vinham as elevadas ideias sobre a vida futura, manifestadas neste mundo?

R. Do pouco tempo que me cumpria passar no vosso planeta e da minha precedente encarnação. Eu era médium tanto ao deixar como ao voltar à Terra; predestinada, sentia e via o que dizia.

3. Como se explica que uma criança da vossa idade não desse um só gemido durante quatro anos de sofrimento?

R. Porque esse sofrimento físico era dominado por maior potência — a do meu Guia, continuamente visível ao meu lado. Ele, ao mesmo tempo que me aliviava, sabia incutir -me uma força de vontade superior aos sofrimentos.

4. Como vos apercebestes do momento decisivo da morte?

R. Por influxo do meu anjo de guarda, que jamais me iludiu.

5. Dissestes a vosso pai que se resignasse porque viríeis visitá -lo. Como se explica, pois, que, animada de tão bons sentimentos para com vossos pais, viésseis perturbá -los depois com arruídos em sua casa?

R. É que eu tenho indubitavelmente uma provação, ou antes uma missão a realizar. Acreditais que venha ver meus pais sem objetivo algum? Esses rumores, essas lutas derivadas da minha presença são um aviso. Nisso sou também auxiliada por outros Espíritos cuja turbulência tem sua razão de ser, como razão de ser tem a minha aparição à irmãzinha... Graças a nós, muitas convicções vão despontar. Meus pais haviam de passar por uma provação. B em cedo isso passará, mas não antes de terem convencido uma multidão de pessoas.

6. Então não sois vós, individualmente, o autor desses rumores?

R. Sou, porém ajudada por Espíritos ao serviço da provação reservada aos meus genitores.

7. Como se explica, então, que a irmãzinha só vos reconhecesse, não sendo vós a autora exclusiva das manifestações?

R. É que ela apenas viu a mim. Agora dispõe de dupla vista e ainda terei de confortá -la muitas vezes com a minha presença.

8. Qual a razão dos vossos sofrimentos mortificantes numa idade tão infantil?

*R. Faltas anteriores, expiação. Na precedente existência eu abusara da saúde, como da posição brilhante que ocupara. Eis porque Deus me disse: "— **Gozaste demasiada e desmesuradamente; portanto, pagarás a diferença; eras orgulhosa, logo, serás humilde; vaidosa da tua beleza, importa que dela decaias, esforçando -te antes por adquirir a caridade e a bondade**". Procedi consoante a vontade divina e o meu Guia me auxiliou.*

9. Quereis que digamos alguma coisa aos vossos pais?

R. A pedido de um médium, eles já tiveram ensejo de praticar a caridade, de não orarem só com os lábios, e fizeram bem, porque cumpre fazê -lo também na prática, pelo coração. Socorrer os que sofrem e orar, é ser espírita.

*A todas as almas Deus concedeu livre-arbítrio, isto é, faculdade de progresso, como lhes deu a todas a mesma aspiração e, por isso, mais do que geralmente se pensa, **o avental da roça tem tanta relação como a toga bordada**. Aproximai as distâncias pela caridade, dai guarida ao pobre em vossa casa, reanimai -o, não o humilheis. Se esta grande lei da consciência fosse geralmente praticada, o mundo não assistiria periodicamente a essas grandes penúrias que desonram a civilização dos povos e que por Deus são enviadas para castigá -los e abrir -lhes os olhos.*

Queridos pais, orai. Amai -vos, praticai a lei do Cristo: não façais a outrem o que não quisedes que nos façam. Apelai para o Deus que vos experimenta, mostrando que a Sua bondade é santa e infinita como Ele. Como previsão do futuro, armai -vos de coragem e perseverança, já que sois chamados a sofrer ainda. Cumpre fazer jus à boa colocação em mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se torna a punição dos maus Espíritos.

Queridos pais, estarei sempre perto de vós. Adeus, ou antes, até à vista. Tende resignação, caridade, amor por vossos semelhantes, e um dia sereis felizes.

"Mais do que geralmente se pensa o avental da roça tem tanta relação como a toga bordada..." Esta imagem belíssima é alusão aos Espíritos que, de uma a outra existência, passam de brilhantes a humílimas condições, expiando muitas vezes o abuso em relação aos dons que Deus lhe concedeu. É uma justiça essa que está ao alcance de todos.

Profundo pensamento é também esse que atribui as calamidades coletivas à infração das leis divinas, porque Deus castiga-o; povos tanto quanto os indivíduos. Realmente, pela prática da caridade, as guerras e as misérias acabariam por ser eliminadas. Pois bem a prática dessa lei conduz ao Espiritismo e, quem sabe, será essa razão de ter ele tantos e tão acérrimos inimigos? As exortações desta filha, aos pais, serão acaso as de um demônio?

Francisco Vernhes

Ela era cega de nascimento e filha de um rendeiro das cercanias de Tolosa. Faleceu em 1855, aos 45 anos. Ocupava-se constantemente com o ensino do catecismo aos meninos preparando-os para a primeira comunhão. Mudado o catecismo, nenhuma dificuldade lhe sobreveio em ensinar o novo, por conhecê-los ambos de cor. De regresso de longa excursão em tarde invernal, na companhia de uma tia, era-lhe preciso atravessar sombria floresta por caminhos lamacentos. Fazia-se mister a maior precaução para que as duas mulheres se não despenhassem nos fossos. Nesta contingência, querendo a tia dar-lhe a mão, ela disse: "*Não vos incomodeis comigo, não corro risco algum, uma vez que tenho aos ombros uma luz que me guia. Segui-me, pois, que serei eu a conduzir-vos.*" Assim terminaram a jornada impunemente, conduzindo a cega à tia que não o era.

(Evocação em Paris — maio de 1865)

P. Quereis dizer-nos que luz seria essa a guiar-vos naquela noite trevo; e só vista por vós?

R. *Que! Pois as pessoas como vós, em contínuas relações com os Espíritos, tem necessidade de explicação acerca de um fato como esse? E o meu anjo de guarda quem me guiava.*

P. Essa era também a nossa opinião, mas desejávamos vê-la conformada. Mas sabíeis naquela ocasião que era o vosso anjo de guarda quem vi conduzia?

R. *Confesso que não, posto acreditasse numa intervenção de céu. E orara por tanto tempo para que o Pai celestial se apiedasse de mim... É ti cruel a cegueira... Sim, ela é bem cruel, mas também reconheço ser justo. **"Aqueles que pecam pelos olhos, por eles devem ser punidos; e assim deve suceder relativamente a todas as outras faculdades do homem, que o levem ao abuso. Não procureis, portanto, nos inúmeros sofrimentos humanos, outra causa que não seja aquela que lhes é própria e natural a expiação."** Esta, contudo, só é meritória quando suportada com humildade, podendo ser suavizada por meio da prece, pela atração de influências espirituais que, protegendo os réus **da penitenciária humana**, lhes infundam esperança e conforto.*

P. Dedicada ao ensino das crianças pobres, tivestes dificuldades em adquirir os conhecimentos do catecismo, quando o mudaram?

R. Ordinariamente, os cegos têm outros sentidos duplos, se assim se pode dizer. A observação não é uma das menores faculdades da sua natureza. **"A memória é para eles como um armário onde se colocam coordenados e, para sempre, os ensinamentos respectivos às suas aptidões e tendências. Uma vez que nada do exterior pode perturbar essa faculdade, o seu desenvolvimento pode ser notável, pela educação.** Quanto a mim, agradeço a Deus o haver-me concedido que essa faculdade me permitisse preencher a missão que levava, junto dessas crianças, e que constituía também uma reparação do mau exemplo que lhes dera em anterior existência. **Tudo é assunto sério para os espíritos; basta, para afirmá-lo, olhar ao redor deles.** Os meus ensinamentos lhes seriam porventura mais úteis do que se deixassem levar pelas sutilezas filosóficas de certos espíritos, que se divertem com lisonjear-lhes o orgulho em frases tão bombásticas quanto vazias de sentido."

P. Pelo vosso procedimento tivemos uma prova do vosso adiantamento moral, e agora, pela vossa linguagem, temos que esse adiantamento também é intelectual.

R. Muito me resta por adquirir; há, porém, muita gente que na Terra passa por ignorante, só porque tem a inteligência embotada pela expiação. Com a morte se rasga o véu e frequentemente os ignorantes são mais instruídos do que aqueles que lhes desdenham a ignorância. Crede que o orgulho é a pedra de toque para conhecimento dos homens. **Todos aqueles que possuírem coração acessível à lisonja, demasiado confiantes na sua ciência, estão no mau caminho;** em geral são hipócritas e, portanto, desconfiai deles. **Sede humildes** como o foi o Cristo, e como ele, **com amor carregai a vossa cruz,** a fim de subirdes ao reino dos céus."

Francisco Vernhes.

Ana Bitter

A perda de um filho adorado é motivo de acerbo pesar; ver, porém, o filho único, alvo de todas as esperanças, depositário de todas as afeições, definhar a olhos vistos e sem sofrimentos, por causas desconhecidas, por um desses caprichos da Natureza que zombam da Ciência e, depois de esgotar todos os recursos, não haver por compensação, uma esperança sequer; suportar essa angústia de todos os momentos por longos anos sem lhe prever o termo, é um suplício cruel que a riqueza agrava em vez de suavizar, dada a impossibilidade de vê-la fruída pelo ente adorado.

Esta era a situação do pai de Ana Bitter, que por isso se entregou a um íntimo desespero. O caráter se lhe exasperava ante o espetáculo, que lhe cortava o coração, e cujas consequências não poderiam deixar de ser fatais, ainda que indeterminadas. Um amigo da família, adepto do Espiritismo, julgou dever interrogar a respeito do assunto o seu protetor espiritual, e obteve a seguinte resposta:

"Muito desejo explicar-lhe o caso que ora o preocupa, mesmo porque sei que a mim não recorre por curiosidade indiscreta mas pelo interesse que lhe merece aquela pobre criança, e ainda porque, crente na justiça divina V. só terá a ganhar com isso. Todos aqueles que acarretam sobre si a justiça do Senhor devem curvar a fronte sem maldições nem revoltas, porque não há castigo sem causa. A pobre criança, cuja sentença de morte fora suspensa por

Deus, em breve deverá regressar ao nosso meio, uma vez que mereceu a divina compaixão; quanto ao pai, esse homem infeliz, tem de ser punido na sua única afeição mundana, visto haver zombado da confiança e dos sentimentos daqueles que o rodeiam. Por momentos o seu arrependimento tocou o Onipotente e a morte sustou o golpe sobre o ente que lhe é tão caro; mas para logo veio a revolta e o castigo sempre acompanha a revolta. Em tais condições, é felicidade ainda o ser punido nesse mundo! Meus amigos, orai por essa pobre criança, cuja juventude vai dificultar-lhe os últimos momentos. Nesse ser a seiva é tão abundante, que, apesar do seu depauperamento orgânico, a alma terá dificuldade em se lhe desprender. Oh! Oraí... Mais tarde ela também vos auxiliará e consolará, pois o seu Espírito é mais adiantado do que aqueles que a rodeiam.

Para que o seu desprendimento seja auxiliado, coube -me, como graça especial do Senhor, o poder orientar-vos a respeito do assunto."

Depois de haver expiado o insulamento, morreu o pai de Ana Bitter. Em seguida damos de um e outro as primeiras comunicações imediatas às respectivas desencarnações.

Da filha — *"Obrigada meu amigo, pela vossa intercessão por esta criança, bem como por terdes seguido os conselhos do vosso bom Guia. Sim. Graças às vossas preces, mais fácil me foi deixar o invólucro terrestre, porque meu pai... Ah! Esse não orava, maldizia! Entretanto, não lhe quero mal por isso: consequência da grande ternura que me votava. A Deus rogo que lhe conceda luzes antes de morrer; e, quanto a mim, o incito, e animo, porque me assiste a missão de lhe suavizar os últimos momentos. Vezes há nas quais parece que um raio de luz divina baixa até ele e o comove. Então, contudo, isso não passa de fugaz clarão que para logo o deixa entregue às primitivas ideias. Ele tem consigo um germe de fé, mas tão sufocado pelos mundanos interesses, que só poderá vingar por meio de novas e mais cruéis provações, Pelo que me diz respeito, apenas cumpria suportar um resto de prova, de expiação, e assim é que não foi nem muito dolorosa nem muito difícil. A minha singular enfermidade não acarretava sofrimentos; eu era como que instrumento da provação de meu pai, o qual, por me ver naquele estado, sofria mais do que eu mesma. Além disso, eu tinha resignação e ele não. Hoje sou recompensada. Deus, bondosamente abreviou-me a estada na Terra — o que aliás lhe agradeço. Feliz entre os bons Espíritos que me cercam, todos cumprimos satisfeitos as nossas obrigações, mesmo porque a inatividade seria um cruel suplício."*

O Pai (um mês depois da morte). — Evocando-vos temos por fim, nos informarmos da vossa situação no mundo dos Espíritos e ser -vos úteis na medida das nossas forças.

R. O mundo dos Espíritos? Não o vejo... O que vejo são homens conhecidos, que comigo não se preocupam e tampouco me deploram a sorte, antes parecendo -me contentes de se verem livres de mim.

P. Mas fazeis uma ideia exata da vossa condição?

R. Perfeitamente, por algum tempo julguei-me ainda no vosso mundo, mas hoje sei muito bem que não mais pertenço a ele.

P. Por que, então não podeis divisar outros Espíritos que vos rodeiam?

R. Não o sei, apesar de tudo estar bem claro em torno de mim.

P. Ainda não vistes a vossa filha?

R. Não, ela está morta; procuro-a, chamo por ela inutilmente. Que vácuo horrível que a sua morte me deixou na Terra! Morrendo, julgava encontrá-la, mas nada! O insulamento sempre e sempre! Ninguém que me dirija uma palavra de consolação e esperança. Adeus, vou procurar minha filha.

O Guia do médium. — *Este homem não era ateu nem materialista, mas daqueles que creem vagamente sem se preocuparem de Deus e do futuro, empolgados como são pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, tudo sacrificaria para salvar a filha, mas tam bém sem o mínimo escrúpulo sacrificaria os interesses de terceiros em seu proveito pessoal. Por ninguém se interessava a não ser pela própria filha. Deus o puniu da forma como o vistes, arrebatando -lhe da Terra a consolação única; e como ele se não arrepen desse, o sequestro subsiste no mundo espiritual. Não se interessando por ninguém aí, também aqui ninguém por ele se interessa. Permanece só, insulado, abandonado, e nisso consiste a sua punição. Mas que faz ele nessas conjunturas? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não, murmurava sempre, blasfema, até faz, em uma palavra, o que fazia na Terra. Ajudai -o, pois, pela prece como pelo conselho, para que se desanuvie da sua cegueira.*

Joseph Maitre — O cego

Pertencia à classe mediana da sociedade e gozava de modesta abundância, ao amparo de quaisquer privações. Os pais o destinavam à indústria e deram -lhe boa educação, porém, aos 20 anos, ele perdeu a vista. Com perto de 50 anos, veio finalmente a falecer, isto em 1845. Dez anos antes fora acometido por outra enfermidade que o deixou surdo, de modo que só pelo tato mantinha relações com o mundo dos encarnados. Ora, não ver, já é um suplício; não ver e não ouvir é duplicado suplício, principalmente para quem depois de fruir as faculdades desses sentidos tiver de suportar essa dupla privação. Qual a causa de sorte tão cruel? Naturalmente não era a sua última existência, sempre moldada numa conduta exemplar. Assim é que sempre foi bom filho, possuidor de caráter meigo e benévolo e, quando por cúmulo de infelicidade, se viu privado da audição, aceitou resignado sem um queixume, esta prova. Pela sua conversação pressentia-se na lucidez do seu Espírito uma inteligência pouco comum.

Uma pessoa que o conhecera, na presunção de que poderia receber instruções úteis, evocou -lhe o Espírito e obteve a seguinte mensagem, em resposta às perguntas que lhe dirigira.

(Paris — 1863)

"Agradeço, meus amigos, o terdes vos lembrado de mim. Pode ser que isso se não fosse independente da suposição de proveito da minha comunicação, mas, ainda assim, estou certo de que motivos sérios vos animam e eis porque com prazer atendo ao chamado, uma vez que, por feliz, me é permitido orientar-vos. Assim possa o meu exemplo avolumar as provas assaz numerosas que os Espíritos vos dão da justiça de Deus.

Cego e surdo me conhecestes e para logo vos propusestes saber a causa desse destino. Eu vo-lo digo: antes de tudo, importa dizer que era a segunda vez que eu expiava a privação da

vista. Na minha precedente existência, em princípios do último século, fui uei cego aos 30 anos, consecutivamente a excessos de todo o género que, arruinando -me a saúde, me enfraqueceram o organismo. Note-se que era já isso uma punição por abuso dos dons providenciais de que fora largamente cumulado. Em vez porém, de me atribuir a causa original dessa enfermidade, entrei de acusar a Providência, na qual, aliás, pouco cria. Anatematizei Deus, reneguei-O, acusei-O, acrescentando que, se acaso existisse, devia ser injusto e mau, por deixar assim penar as criaturas. Entretanto, eu dev eria dar-me ainda por feliz, isento como estava de mendigar o pão, à feição de tantos outros míseros cegos como eu. Mas é que eu só pensava em mim, na privação de gozos que me impunham. Influenciado por ideias assim, que o ceticismo mais exaltava, tornei-me nervoso, exigente, numa palavra, insuportável aos que comigo privavam. Além disso, a vida era -me um moto-contínuo, pois que eu não pensava no futuro, uma quimera. Depois de esgotar embalde os recursos da Ciência e considerada impossível a cura, resolvi antecipar a morte: suicidei-me.

Que despertar, então, que foi o meu, imerso nas mesmas trevas da vida! Contudo, não tardou muito o reconhecimento da minha situação, da minha transferência para o mundo espiritual. Era um Espírito, sim, porém cego. A vida de além-túmulo tornava-se-me, pois, a realidade! Procurei fugir-lhes, mas em vão... Envolvia -me o vácuo. Pelo que ouvia dizer, essa vida deveria ser eterna e com ela a minha situação. Ideia horrenda! Eu não sofria, mas impossível é descrever as angústias e tormentos espirituais experimentados. Quanto tempo teriam eles durado? Ignoro-o... Mas quão longo me pareceu esse tempo!

Extenuado, fatigado, pude finalmente analisar -me a mim próprio; compreendi o ascendente de um poder superior, que sobre mim aluava e considerei que se essa potência podia oprimir -me, também poderia dar-me alívio. E implorei piedade. À medida que orava e o fervor ia aumentando, alguém me dizia que a minha situação teria um termo. Por fim se fez a luz e extremo foi o meu arroubo de alegria ao entrever as claridades celestes, distinguindo os Espíritos que me rodeavam, sorrindo, benévolos, bem como aqueles que, radiosos, flutuavam no Espaço. Ao querer seguir-lhes os passos, força invisível me reteve. Foi então que um deles me disse: **"O Deus que negaste teve consideração do teu arrependimento e permitiu -nos te déssemos a luz, mas tu só cedeste pelo sofrimento, pelo cansaço. Se queres participar desta felicidade aqui fruída, forçoso é provares a sinceridade do teu arrependimento, as boas disposições, recomeçando a prova terrestre em condições que te predisponham às mesmas faltas, porque esta nova provação deverá ser mais rude que a outra"**. Aceitei pressuroso e prometi não mais falir.

Assim voltei à Terra nas condições que sabeis. Não me foi difícil compreender a situação, porque eu não era mau por índole; revoltara -me contra Deus e Deus me puniu. Reencarnei trazendo a fé inata, razão porque não murmurei, antes aceitei a dupla enfermidade, resignado, como expiação que era, oriunda da soberana justiça. O insulamento dos meus derradeiros anos nada tinha de desesperador, porque me bafejava a fé no futuro e a misericórdia de Deus. Demais, esse insulamento me foi proveitoso, pois que durante a longa noite silenciosa a minha alma mais livremente se alçava ao Eterno, entrevendo o infinito pelo pensamento. Quando, por fim, terminou o exílio, o mundo espiritual só me proporcionou esplendores, inefáveis gozos.

*O retrospecto ao passado faz que me julgue muito feliz, relativamente, pelo que dou graças a Deus; quando, porém, olho para o futuro, vejo a grande distância que ainda me separa da completa felicidade. **Tendo já expiado, ainda me faltava reparar. A última encarnação só a mim aproveitou**, pelo que espero recomeçar brevemente por existência que me permita ser útil ao próximo, reparando por esse meio a inutilidade anterior. Só assim me adiantarei na boa senda, sempre franqueada aos Espíritos possuídos de boa vontade.*

Amigos, eis aí a minha história; e se o meu exemplo puder esclarecer quaisquer dos meus irmãos encarnados, de modo que evitem a má ação que pratiquei, terei por principiado o resgate da minha dívida.

José. "

NOTAS:

(65) Santo Agostinho, pelo médium com o qual habitualmente se comunica na Sociedade.

(66) Privado de circulação do sangue. Descoloração da pele: privação do sangue.

FIM